

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL – PPGMS**

ISABELLA TRINDADE MENEZES

**Entre a Fúria e a Loucura
Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e
Regatas**

Rio de Janeiro

2010

ISABELLA TRINDADE MENEZES

Entre a Fúria e a Loucura
Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e
Regatas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Memória Social.

Orientador: Prof^a Dra^a DIANA PINTO

Rio de Janeiro

2010

ISABELLA TRINDADE MENEZES

Entre a Fúria e a Loucura
Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e
Regatas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Memória Social.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Diana Pinto – Orientadora
Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Professora Doutora Edilaine de Campos Gomes
Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Professor Doutor Marcos Alvito
Universidade Federal Fluminense – UFF

Professor Doutor Bernardo Buarque de Hollanda
Fundação Getúlio Vargas – FGV

Rio de Janeiro
2010

Agradecimentos

A produção desta dissertação é resultado de um esforço coletivo e, como tal, gostaria de agradecer a todos que, de alguma forma, auxiliaram-me neste percurso.

Primeiramente, agradeço a minha orientadora, Diana Pinto, por sua confiança em meu trabalho, estímulo intelectual e apoio.

Os professores que formaram a banca avaliadora possibilitaram que o trabalho tomasse rumos novos e contribuíram com importantes e estimulantes considerações. Agradeço ao professor Marcos Alvito por ter me acompanhado meus passos no campo durante todo o processo de pesquisa e pelas contribuições intelectuais. Ao professor Bernardo Buarque de Hollanda que se fez presente, mesmo em terras distantes, durante seu pós-doutorado, contribuindo para a elaboração das minhas ideias iniciais. A professora Edilaine de Campos Gomes, que, mesmo sem conhecer meu trabalho, aceitou participar da produção deste trabalho.

Professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Unirio foram deveras importantes durante essa caminhada. Os amigos André, Lívia, Renata e Ednamaria tornaram esse jogo mais prazeroso com sua amizade e apoio. Dividimos angústias, discussões acadêmicas e a experiência do mestrado.

À Helena que revisou e comentou o texto final, leitora e amiga atenta, sempre esteve presente durante a elaboração deste trabalho. A Cristiane, companheira com quem dividi horas de angústia, aflição e felicidade durante todo o processo de escrita. As amigas Luciana e Katiuscia, por fazerem parte da minha vida desde os primeiros passos na graduação.

A todos os amigos do NEPESS que dividiram suas experiências e conhecimentos, contribuindo sistematicamente para minha experiência acadêmica. Aos amigos Luis Guilherme e Francisco Rodrigues pela amizade e paciência.

Aos familiares e amigos que acreditaram sempre nesse trabalho e estiveram na torcida por mim. Em especial, aos meus pais.

A todos os torcedores que tornaram esse trabalho possível, com sua paixão e emoção pelo futebol. Principalmente aqueles que foram entrevistados, compartilhando sua experiência com uma desconhecida e com todos leitores deste trabalho.

Agradeço à Capes pelo financiamento que possibilitou que eu me dedicasse a esse estudo.

Sumário

Introdução	9
1. Futebol, memória e clubismo	14
1.1. Clubismo e botafoguismo.....	15
1.1.2. A mística do Botafoguismo: superstição e paixão	18
1.2. Espetacularização, globalização e normatização através da FIFA (Federação Internacional de Futebol)	27
1.2.2. Modernidade e espetacularização no futebol: de torcedores a consumidores	32
1.3. Trajetória do torcedor na cidade do Rio de Janeiro.....	36
1.4. Metodologia e descrição dos dados.....	43
1.4.1. Etnografia.....	46
1.4.1.1. Pesquisadora em campo	50
1.4.2. Fotos.....	54
1.4.3. Entrevistas.....	55
1.4.4. Outros materiais	56
2. Modos de torcer, modos de fazer, modos de ser Botafogo	58
2.1. Mudanças na forma de torcer	59
2.1.1. Construindo cenários e diferenciações.....	66
2.1.2. Recebendo os jogadores em campo.....	73
2.2. Modos de fazer: individualização, ritual e <i>habitus</i> de ser torcedor	76
2.2.1. O <i>habitus</i> na prática.....	80
2.3. Modos de ser Botafogo	83
2.3.1. Fúria Jovem do Botafogo – Torcida organizada	84
2.3.2. Loucos pelo Botafogo - “Movimento” Popular.....	96
3. Torcedores pelas práticas discursivas.....	111
3.1. Análise dos discursos na perspectiva da SI.....	112
3.1.1. Metodologia de coleta de entrevistas	117
3.1.2. O empresário	118
3.1.3. A mulher mãe e torcedora.....	122
3.1.4. Entre a lua de mel e o Botafogo: enquadres e alinhamentos de Dênis.....	127
3.1.5. O líder.....	131
3.2. Memória e narrativa: a diferenciação como argumento.....	133

3.2.1. Uma escolha do indivíduo.....	135
3.2.2. Construindo laços de solidariedade.....	141
Conclusão.....	146
Referências Bibliográficas.....	152
Sites consultados.....	160
Anexos.....	161

Resumo

O objetivo desse trabalho, que está inserido no campo da Memória Social, na interface com os estudos da linguagem, da Antropologia, da Sociologia e da História Social, é apontar em que medida o processo de modernização e espetacularização do futebol possibilitou ou, até mesmo, impulsionou o surgimento de novas formas de torcer. Nesse sentido, investigamos dois grupos de torcedores do clube carioca Botafogo Futebol e Regatas, quais sejam: a torcida organizada Fúria Jovem do Botafogo e o “movimento” Loucos pelo Botafogo. Como subsídio para ancorar nossas análises, utilizamos a etnografia dos dois grupos em momentos de torcer e quatro entrevistas individuais com integrantes dos grupos estudados. Diante disso, analisamos as diferentes identidades produzidas por esses grupos, a partir do arcabouço da Sociolinguística Interacional com os conceitos de enquadre, alinhamento e pistas de contextualização (GUMPERZ, GOFFMAN; 2002), de *habitus* (BOURDIEU, 2007), individualização (ELIAS, 1994) e clubismo (DAMO, 2007), em relação às transformações do futebol e, conseqüentemente, do torcedor. À título de conclusão podemos apontar que o *habitus* dos torcedores estudados tem acompanhado as mudanças da matriz espetacularizada do futebol, assim como as identidades dos dois grupos são relacionais.

Palavras-chave: torcidas organizadas, espetacularização do futebol, memória social, *habitus*

ABSTRACT

The aim of this paper is to determine to what extent the fact that football has become a spectacle – the ‘spectacularization’ of football – and its process of modernization have enabled or even encouraged the emergence of new ways of supporting football teams. The scope of this paper includes the fields of Social Memory in its interface with languages studies, Anthropology, Sociology and Social History. We studied two groups of Botafogo Futebol e Regatas (a Rio de Janeiro team) fans: Fúria Jovem do Botafogo, a group of organized supporters, and the “movement” Loucos pelo Botafogo. Our analyses were based on the ethnography of individual interviews with four of their members. In view of these, we analyzed the different identities generated by these groups, taking as a starting point the framework of Interacional Sociolinguistics – with the concept of frame, alignment and contextualization cues (GUMPERZ, GOFFMAN; 2002), *habitus* (BOURDIEU, 2007), individualization (ELIAS, 1994) and clubism (DAMO, 2007) – in relation to the changes undergone by football and consequently by football supporters. We have concluded that the *habitus* of the supporters we studied followed the changes that took place in the framework of football, i.e., football becoming a spectacle, and that the identities of two groups are relational.

Key words: group of organized supporters, the ‘spectacularization’ of football, *habitus*, social memory

Introdução

Este trabalho se enquadra no campo dos estudos sobre futebol e as relações sociais presentes no campo esportivo, mais especificamente, a relação entre as diferentes representações acerca de ser torcedor do **Botafogo Futebol e Regatas**. O recorte realizado para análise é o estudo de caso de duas torcidas, ou grupos de torcedores do já referido time, a torcida organizada **Fúria Jovem do Botafogo** e o movimento **Loucos pelo Botafogo**.

A abordagem do objeto de estudo tem como pressuposto uma análise multidisciplinar, ou seja, far-se-á uma análise das questões propostas a partir da interface com várias áreas do conhecimento: História, Ciências Sociais, Antropologia, Memória Social e os Estudos da Linguagem.

Quando chegamos a um estádio de futebol notamos na arquibancada, de qualquer que seja o time, uma divisão espacial entre os diferentes grupos que ali estão. Esta organização dos torcedores não tem nada de natural, ela é produzida, apropriada e reapropriada em práticas quotidianas das torcidas. Ou seja, os indivíduos se agrupam de acordo com concepções e sentidos de pertencimento relacionados ao que significa ser torcedor.

Sob um primeiro olhar, todos os torcedores dentro do estádio são semelhantes, porém, após uma análise mais atenta, é possível observar algumas diferenças nos símbolos apropriados por cada um, as camisas, bandeiras, tipos de música, letras e ritmo, ou seja, formas de agrupamento que são pistas que ancoram uma investigação desses grupos. Analisar práticas e ideais de pertencimento são estratégias para identificar como se dá a construção de identidade nesses grupos de torcedores e, investigar em que medida o processo de modernização e espetacularização do futebol possibilita ou estimula mudanças na forma de torcer. Acreditamos que as formas de torcer são, em parte, alinhadas com as práticas atuais do campo esportivo.

Minha aproximação com o tema teve início no ano de 2007, ainda na graduação, quando fui bolsista de iniciação científica, sob orientação do prof. Marcos Alvito na Universidade Federal Fluminense (UFF). O projeto de pesquisa se chamava “Paixão Vigada - O policiamento de torcidas organizadas no Rio de Janeiro e na Inglaterra”,

financiada pela Rede CEDES¹-UFF. Éramos uma equipe de quatro componentes, três estudantes da graduação do curso de História e o professor. Cada um de nós ficou responsável pela torcida “considerada a mais problemática e violenta pelo comando da Unidade de Policiamento dos Estádios”² de cada um dos quatro grandes times cariocas, Torcida Jovem do Flamengo, Força Jovem do Vasco, **Fúria (Botafogo)** e Young Flu (Fluminense); eu fui responsável pela torcida do **Botafogo**. A pesquisa durou o período de um ano, de janeiro a dezembro de 2007 e teve como resultado final a produção de nossos relatórios de pesquisa³.

Acompanhei os jogos do **Botafogo** na **Torcida Fúria Jovem**. A etnografia foi composta de idas a todos os jogos no Rio de Janeiro⁴, durante o ano da pesquisa, a festas, locais de concentração, conversas informais com os torcedores e realização de duas entrevistas. Tal trabalho nos permitiu observar a violência e os enfrentamentos entre grupos rivais e ainda, entre torcidas do **Botafogo**, **Torcida Fúria Jovem** e **Torcida Jovem do Botafogo**. Porém, o campo não mostrou somente aspectos negativos, pude observar toda a paixão torcedora em seu lado positivo, o lado da festa, do deboche, da brincadeira e do crescimento de relações interpessoais e de associativismo que atraem milhares de pessoas de todas as idades.

Essa primeira entrada no campo, ainda durante a graduação, trouxe-me algumas questões acerca das torcidas e das formas de torcer, ao mesmo tempo em que me instigou reflexões na interface com a Memória Social, ou seja, como são produzidos sentidos no campo esportivo e qual a relação que é construída entre clube e a identidade dos grupos torcedores.

A segunda parte da pesquisa teve como objetivo o acompanhamento dos jogos do Botafogo no “movimento”⁵ Loucos pelo Botafogo e foi compreendida no período de junho de 2008 a julho de 2009. Ao retornar ao campo tinha o interesse em investigar as duas torcidas em uma perspectiva comparativa e relacional, já que pude perceber que alguns pontos dos dois grupo se tocavam e outros, repeliam-se.

¹ Centro do Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer

² Justificativa apontada no projeto de pesquisa apresentado pelo Prof. Marcos Alvito à Rede CEDES-UFF no ano de 2006.

³ MENEZES, Isabella Trindade. A paixão vigiada. Relatório de Pesquisa: UFF, 2007.

⁴ Os jogos assistidos foram do Campeonato Estadual, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro.

⁵ O termo “movimento” será tratado entre aspas ao longo do trabalho, por ser uma expressão nativa, ou seja, uma denominação criada pelos participantes do grupo, que adquire um sentido próprio no campo. Outros termos aparecem entre aspas sob essa mesma perspectiva.

A aproximação e o acompanhamento de dois grupos do mesmo time possibilitaram algumas reflexões acerca da questão da produção de algo novo a partir de uma forma de torcer diferenciada, representada pelo “movimento” **Loucos pelo Botafogo**, fundado em 2006, e da convivência com algo já existente, a **Fúria Jovem do Botafogo**, fundada em 2001. Percebi então que, ao passo que esses grupos vão se transformando e se (re)criando em relação ao outro, outros atores sociais participam do processo, como no caso da mídia e da diretoria do clube, em apoiar ou censurar esses agrupamentos.

Tem-se, então, a produção da memória em sua maior dinâmica, já que ao mesmo tempo em que há uma relação com o já existente, evocando uma memória do já ocorrido e conhecido, é perceptível a relação com algo que se forja no momento estudado. Essa perspectiva é ampliada na medida em que busco analisar os ideais de pertencimento das torcidas do **Botafogo**, o botafoguismo, com o objetivo de analisar as relações intra e inter grupais entre torcedores, e da forma como algumas práticas são valorizadas, em detrimento de outras.

A partir dessas formas de torcer diferenciadas, resultantes de momentos históricos distintos, construímos a análise de nossa questão de pesquisa, observando que a construção identitária da Fúria está alinhada com práticas de torcidas organizadas tradicionais, enquanto as configurações do “movimento” Loucos pelo Botafogo apontam para uma tentativa de controle e racionalização do torcer. Dessa forma, a relação que se constrói no presente vai fixando suas estruturas, de tal forma que a memória passa a ser evocada e produzida simultaneamente. Adotar uma postura de ruptura com determinado *status quo* e lançar alternativas em um determinado campo é o que o “movimento” **Loucos pelo Botafogo** tenta fazer. Porém, ao realizar essa empreitada, está atuando com sentidos que estão disseminados na sociedade e imprime uma marca e tentando construir novos.

O *corpus* da pesquisa é composto de anotações de diários de campo de ida a jogos, conversas informais com os diferentes tipos de torcedores nos jogos, nas filas de compra de ingresso, concentrações, jornais impresso e online, entrevistas gravadas em áudio com informantes-chaves.

No total, foram assistidos 35 jogos no ano de 2007, de observação da Fúria Jovem, a maioria do **Botafogo** e alguns clássicos para observar as diferenças existentes

no comportamento, totalizando aproximadamente 150 horas de trabalho de campo, entre entrevistas, jogos, filas para comprar ingresso, conversas de telefone e a ida a festa.

O trabalho de campo com o “movimento” **Loucos pelo Botafogo** inclui, até o momento, 15 jogos, sendo 5 no ano de 2008 e 10 em 2009, durante o campeonato carioca, o que totalizou em média 56 horas de etnografia, incluindo conversas online, telefonemas e idas aos jogos. No total geral, juntando o trabalho realizado durante os anos de 2007 (período da pesquisa de iniciação científica na graduação, com duração de 12 meses), 2008 (período compreendido entre agosto e dezembro) e 2009 (período compreendido entre janeiro e abril), foram 50 jogos assistidos, totalizando 206 horas de trabalho de campo.

Foram realizadas quatro entrevistas com torcedores, sendo duas da **Torcida Fúria Jovem** e duas do “movimento” **Loucos pelo Botafogo**, que serão analisadas no terceiro capítulo. Essas entrevistas foram realizadas tendo como base um roteiro⁶ de perguntas semi-abertas, dividido por eixos temáticos. Todas as entrevistas utilizadas possuem carta de cessão de direitos, que autoriza sua utilização em trabalhos acadêmicos. Vale ressaltar, que os nomes foram trocados para preservação dos informantes, de acordo com indicações do conselho de ética da Unirio (Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro)⁷. A análise e coleta do material das entrevistas foi apoiado no arcabouço teórico da História Oral e da Análise do Discurso da Sociolinguística Interacional.

Esta dissertação se organiza em três capítulos, divididos da seguinte forma:

O primeiro capítulo da dissertação apresenta o processo de modernização da gestão do futebol carioca, juntamente com a dinâmica do clubismo, a partir da qual, pertencer a uma agremiação torcedora toma sentido. Levando em consideração os sentidos envolvidos em ser botafogo, discutimos algumas implicações do “botafoguismo”, ou seja, das configurações constituintes do torcedor do Botafogo, que se relacionam diretamente com a história do clube. Ainda nesse capítulo, apresentamos o corpus do trabalho e a metodologia para a análise dos dados.

No segundo capítulo, concentrar-me-ei na análise das diferenças entre as duas torcidas, a partir dos dados colhidos no trabalho de campo, entrevistas e todo material colhido sobre o assunto. É o capítulo de apresentação e análise dos grupos e seus

⁶ O roteiro encontra-se em anexo.

⁷ Esse projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Unirio.

principais ideais de pertencimento, considerações ancoradas em leituras teóricas acerca do assunto e em categorias dos próprios torcedores.

No terceiro capítulo, será apresentada a análise do *corpus* das entrevistas, com o objetivo de aprofundar as análises realizadas no segundo a respeito das configurações. Porém, nesse capítulo analisamos a construção discursiva dos envolvidos nas torcidas.

1. Futebol, memória e clubismo

O objetivo deste capítulo é apontar algumas características identitárias constituintes do perfil dos torcedores do Botafogo, o que aqui será chamado de “botafoguismo”, ou seja, discutiremos o que significa ser torcedor deste time. Após traçar o perfil do “botafoguense”, concentraremos-nos na relação entre a dinâmica do clubismo na matriz espetacularizada do futebol e da mercantilização do esporte, tendo como marco de tal processo a década de 1980, levando em consideração as mudanças que tal panorama econômico imprimiu ao futebol e as conseqüências no tratamento dos torcedores, com a culminância de seu tratamento na atualidade como consumidores, vide a existência de um estatuto do torcedor⁸, que lhe garante direitos como quaisquer outros consumidores. Acreditamos que o investimento emocional por parte de um torcedor engajado forneça subsídios significativos para a construção de um mercado consumidor - adotamos o conceito de Arlei Damo, como uma terminologia para a nomeação dos torcedores que participam de uma comunidade de pertencimento, desenvolvendo algum tipo de participação nas torcidas, mais que somente assistir aos jogos, convertendo assim, esse engajamento emocional em investimento econômico. Passaremos ainda pela história da figura do torcedor no Rio de Janeiro, de seu surgimento até o presente momento.

O capítulo se divide em duas partes: na primeira, serão discutidas as questões acerca da identidade do Botafogo e os aspectos referentes ao processo de modernização. Já na segunda parte será apresentada nossa metodologia de trabalho.

O objetivo central desse trabalho é analisar em que medida a modernização e mercantilização do futebol possibilitaram/impulsionaram o surgimento de novas formas de torcer, relacionando-as à adoção de práticas mais individualizadas, que causaram, inclusive, mudanças no comportamento dos torcedores em geral, até mesmo das torcidas organizadas. Dessa forma, nesta primeira parte do primeiro capítulo, serão discutidas as características do clubismo, dinâmica de pertencimento a um clube - no caso, o Botafogo - enquanto parte constituinte da identidade torcedora, alvo de disputas entre os dois grupos estudados: o “movimento” Loucos pelo Botafogo e a torcida organizada Fúria Jovem do Botafogo. Em seguida, serão discutidos os desdobramentos dessa dinâmica em escala global, a partir do agenciamento da FIFA, enquanto

⁸ Lei N° 10.671, de 15 de maio de 2003. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/noticias/>

instituição codificadora. E, por último, abordaremos os aspectos relativos ao modelo de gestão do futebol brasileiro, a partir de uma demanda modernizante e seus desdobramentos.

1.1. Clubismo e botafoguismo

O futebol é o esporte que acreditamos despertar mais paixões em nosso país, sempre presente em metáforas do nosso cotidiano, até mesmo na política e, como mostram muitos estudos⁹, foi utilizado em diferentes momentos de nossa história com fins políticos. Podemos afirmar que é um traço identitário incrustado em nossa cultura e, por isso, a escolha de um clube de adoração não é uma tarefa simples e isenta de significações. É algo que dramatiza a vivência futebolística, principalmente entre os indivíduos do gênero masculino¹⁰.

Todo time tem uma história própria, resultante de um longo processo histórico e das condições de sua criação, de seus personagens e de todo um conjunto de símbolos que são constituintes da alma torcedora. Essa história abarca narrativas de feitos de jogadores, de grandes jogos e outros decepcionantes, os melhores lances, brincadeiras, piadas particulares e uma identidade disputada, resultante de todos esses fatores correlatos. Pertencer a um time não representa uma simples escolha; representa a adoção de determinado estilo de vida, de uma vivência em conjunto com outros torcedores que compartilham essa paixão pelo objeto adorado, é uma vivência em comum, um amor partilhado.

Um dos objetivos desse capítulo é problematizar a identidade botafoguense, partindo da premissa de que há uma competição pelo status de torcida no interior de um grupo mais abrangente, que é a torcida do Botafogo. Porém, acreditamos na existência de traços de uma identidade partilhada, que é valorizada pela memória, através de sua atualização no presente, ou seja, alguns traços extrapolam a representação de uma ou de

⁹ Chagas, Lívia dos Santos. *Brasil, modelo 70 - Futebol e política no discurso da revista Veja*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010. SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008. SOUZA, Denaldo Alchorne de. *Futebol e resistência cultural no Primeiro Governo Vargas (1930-1945)*. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 14 - Nº 131 - Abril de 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd131/futebol-e-resistencia-cultural-no-primeiro-governo-vargas.htm>, Acesso em 20 de junho de 2009.

¹⁰ A questão de gênero será trabalhada na seção pesquisadora em campo.

outra torcida, representam o “ser botafoguense”, ao passo que outras representações são construídas visando a diferenciação dos torcedores. São releituras de um *ethos* de torcedor muito próprias, mas que dialogam entre si. Daí a necessidade de discutirmos, neste capítulo, os traços identitários de ser Botafogo de modo geral, atrelada, ainda, à discussão da modernização do esporte e sua mercantilização.

A principal forma de diferenciação desses grupos é pela execução dos rituais, através das músicas, dos gestos, da apropriação das imagens e dos símbolos do clube, transformação dessas representações em representações próprias, enfim, das diferentes formas de representarem a si mesmos em relação ao clube. Na medida em que todas essas práticas são mediadas pela memória, ao serem passadas por meio das narrativas, tanto os rituais quanto as faladas fazem parte de um aprendizado engajado, ou seja, que ocorre no momento de torcer. Portanto, a memória é traço constituinte do objeto pesquisado.

A produção da memória aqui analisada leva em consideração não somente o momento da fala, mas também as diferentes ações verbais e não-verbais. Por exemplo, inserir uma nova forma de torcer, ocupar determinados espaços e adotar certa postura frente ao time são atitudes que ficam cristalizadas entre os frequentadores de estádios. Ao chegar e optar sentar em determinada arquibancada ou lado do estádio, o torcedor vai mobilizar tudo que foi produzido até então, é a memória em curso, vista “como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.”¹¹ Se, conforme afirma Maurice Halbbwachs, em seu livro intitulado: A memória coletiva, “cada consciência individual, as imagens e pensamentos são diferenciadas na medida em que resultam dos diversos ambientes e que assumem uma ordem para nós, assim, cada um tem a sua história”, buscamos investigar a construção dessa história de cada torcida em seu ambiente.

A existência de uma disputa de dois projetos de torcida nos sinaliza a existência de dois projetos de memória, já que a identidade que está sendo construída no presente compete pela memória em dois sentidos. No primeiro, podemos apontar a utilização da memória do já ocorrido, através da narrativa de feitos do clube, da própria vivência em grupo e da apropriação de forma diversa, como por exemplo, o uso do cachorro pela

¹¹ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, N° 10, 1992. Pag. 201.

Fúria, um símbolo animal, o que sinaliza uma postura irracional e mais agressiva. Em contrapartida, temos a adoção do número 22 pelo “movimento” Loucos pelo Botafogo, como a tentativa de racionalização de um símbolo, objeto de paixão. No segundo, é possível perceber a tentativa de legitimação das práticas do presente e a afirmação de um *modus operandi*¹², ou seja, de certa forma de executar os rituais. E, na verdade, essas duas premissas se relacionam.

Observamos várias formas de torcer e significados atribuídos para elas, como xingar, defender seu clube ou torcida através de enfrentamentos físicos ou simbólicos, o canto de diferentes músicas em variados ritmos, e a utilização de maneiras de enfeitar os estádios, todas formas de demonstrar seu pertencimento clubístico. Essas escolhas não são desprovidas de sentido, já que o torcedor, ao adotar determinada postura, está adotando uma forma de atuação e interação, uma forma de percepção do mundo. Pretendemos incluir na análise os atravessamentos do campo esportivo¹³, local autônomo e produtor de sentidos, como lugar social no qual os agentes procuram se ajustar a suas especificidades, simultaneamente à interiorização das estruturas do campo pelos agentes, esses que vão desde os torcedores, jogadores, meios de comunicação, corpo policial¹⁴, patrocinadores, sujeitos determinantes para a autonomização do campo esportivo.

A partir da perspectiva de que a memória não é só pensamento e sim construção social, categorias em ação, demonstraremos as práticas torcedoras como matéria viva e determinada pela experiência, sendo resultado de si mesma. São representações coletivas que sofrem influência e agem influenciando ações coletivas no presente, uma memória sendo construída e disputada na atualidade, por dois grupos distintos e no interior desses. Ao abordar a memória e os sentidos disputados, faremos um breve histórico do surgimento dos quatro grandes clubes cariocas e o início do futebol no Rio de Janeiro, uma vez que o Botafogo está entre eles. Tal reconstituição se fundamenta na prerrogativa de que os símbolos identitários do Botafogo são construídos dialogicamente, em relação à sua história e a dos outros clubes.

¹² Cf. BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

¹³ Cf. BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 2007.

¹⁴ Existe um grupamento de policiamento especificamente para estádios no Rio de Janeiro, o GEPE: Grupamento Especial de Policiamento de Estádios. A partir desse grupo é realizado um trabalho de acompanhamento junto às lideranças das torcidas organizadas de acompanhamento antes, durante e depois dos jogos.

1.1.2. A mística do Botafoguismo: superstição e paixão

O primeiro clube a surgir no Rio de Janeiro, em 1902, foi o Fluminense *Football Club*, fundado por Oscar Cox, carioca descendente de ingleses. A fundação do Fluminense *Football Club* foi o forjamento de um clube requintado, o qual as boas famílias podiam freqüentar. Foi o primeiro clube carioca a se voltar apenas para a prática do futebol, tido à época como um esporte de elite¹⁵.

Em 1904, nasceu o **Botafogo** *Football Club*, clube fundado por rapazes habituados a jogar bola no Largo dos Leões, no Humaitá¹⁶. O nome foi contribuição de Dona Francisca Teixeira de Oliveira, dona Chiquitola, avó de um dos rapazes, Flávio, que sugeriu o nome do próprio bairro como alternativa. Seu neto, em parceria com Emanuel Sodré, ambos estudantes do quarto ano do Colégio Alfredo Gomes, impressionados com o esporte visto no dia anterior, em um desafio de brasileiros contra ingleses, propuseram a criação de um clube de origem brasileira. Na tarde de 12 de agosto de 1904, na casa de Dona Chiquitola, oito jovens, filhos de algumas famílias ricas e distintas da cidade, fundaram um novo clube de futebol.

Outros clubes nasceram de clubes de remo, como foi o caso do Clube de Regatas Flamengo, que se transformou em 1911 em clube de futebol, causando expressivo impacto na sociedade da época. Outro caso foi o do Vasco da Gama, fundado em 1888, por comerciantes e assalariados portugueses, residentes na zona Norte ou nos subúrbios da cidade. A origem do Vasco da Gama também foi ligada ao remo até 1916, ano no qual teve início o investimento no futebol.

Quando chegou ao Rio de Janeiro no início do século XX, o futebol era uma grande novidade como uma grande novidade, já que a principal atividade esportiva eram os esportes náuticos - conforme podemos observar pela origem de três dos quatro aqui enunciados - praticados ao ar livre e apreciados pela elite. Os passos iniciais do futebol no Rio de Janeiro foram marcados por um ideal cosmopolita e elitista, embasados em um discurso higienista, que possuía lugar de destaque na defesa da ordem e domesticação das classes populares durante a primeira república. Ideais em sintonia com os discursos do século XIX no Brasil, nos quais se discutia a necessidade

¹⁵ Cf. PEREIRA, Leonardo Afonso De Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000. Nesse trabalho o autor se concentra na história social do futebol e seu início cosmopolita.

¹⁶ Bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Geograficamente próximo ao bairro de Botafogo.

de atividades físicas nos currículos escolares e do desenvolvimento físico dos brasileiros. Desta forma, Leonardo Pereira em “Footballmania”¹⁷ ressalta que a higiene tornou-se uma grande propaganda dos *sports* no século XIX, concomitantemente com o argumento de elitização de tal prática.

Há uma mística que envolve o *ethos* botafoguense: todo torcedor botafoguense é um sofredor nato. Não que isso o desvalorize, na verdade, o engrandece, conforme a célebre frase de Sérgio Porto “Torcer por time de massa é como ler apenas best seller”¹⁸. Torcer por um time como o Botafogo é como fazer parte de um processo de diferenciação que o distancia de todos os outros simples torcedores. Os torcedores do Botafogo são marcados por um sofrimento escolhido, todos possuem em comum a sina para o sofrimento e se orgulham dessa escolha.

Nascido em 1904, o Botafogo é, de longe, o time mais supersticioso do Rio de Janeiro. Há quem diga que possui um comportamento amadorístico, justificado por ser o menor dos grandes. Em seu livro “Botafogo: entre o céu e o inferno” sobre o time alvinegro, Sérgio Augusto chama o Botafogo de “time rapaz”, por ter nascido já rapaz, da união de jovens do Largo do Humaitá. Parece que essa alma jovem, no sentido de amadorismo, está presente, ainda hoje, nas representações populares sobre o time. E de fato muitos acontecimentos reiteram a marca da exemplaridade e da singularidade do *ethos* botafoguense. As listras brancas e pretas são também marca da zebra, animal conhecido como azarão. Mesmo que essa marca não seja evocada pela memória dos torcedores, está presente de alguma forma no imaginário popular. Se pensarmos na mais conhecida frase definidora do clube: “tudo acontece com o Botafogo”, sempre repetida nos comentários esportivos e pelos próprios torcedores¹⁹, pode ser possível pensar a respeito dessa zebra alvinegra, como uma característica de sua singularidade impressa no uniforme.

As listras brancas e pretas foram propostas por Itamar - um dos fundadores e o primeiro vice-presidente do clube - como modelo de uniforme para o clube recém-criado, inspirado no uniforme do Juventus, time pelo qual torcia quando morava na Itália. O primeiro escudo, em estilo suíço, com as iniciais BFC entrelaçadas num fundo

¹⁷ PEREIRA, Leonardo Afonso De Miranda. **Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000.

¹⁸ Citado em: AUGUSTO, Sérgio. **Botafogo: entre o céu e o inferno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

¹⁹ Tal afirmativa tem como base as observações etnográficas e o acompanhamento da crônica esportiva durante o período da pesquisa. As etnografias serão analisadas no capítulo 2 e 3.

branco contornado de preto, foi desenhado a nanquim por Basílio Viana Jr. O Botafogo foi o primeiro time a usar listras verticais em branco e preto, uma dicotomia rica em simbolismos, segundo Sérgio Augusto²⁰, na qual estavam presentes as oposições entre bem e mal, dia e noite, sol e lua, razão e instinto, diluídas em uma vocação para o dualismo, pela inclinação dos botafoguenses a assimilar valores contraditórios e aparentemente irreduzíveis: bons e maus; cerebrais e supersticiosos, racionais e passionais, eufóricos e deprimidos, fanáticos e blasés, apolínios e dionisíacos.

O torcedor botafoguense tem como marca principal a singularidade, a diferenciação de seus pares do esporte: “sua falta de sintonia com os preferidos das multidões é fruto de uma necessidade orgânica de ir contra a corrente, de repelir o gregarismo e, em última análise, esquivar-se do populismo²¹.” Essa singularidade, mais que o dualismo das listras de que fala Sérgio Augusto, está presente no principal símbolo do time, a estrela solitária. A solidão e o isolamento de um sentimento único, de quem, simultaneamente, vivencia a paixão pelo futebol, traço característico de todos os torcedores, porém, de uma forma isolada, única, da maneira botafoguense de ser, representada pela estrela solitária estampada em camisas, bonés, no uniforme e nas bandeiras do time, o sentimento de ser único e ter o conhecimento de sua maneira exemplar, no sentido da diferença de torcer.

Se fizermos uma análise acerca das construções identitárias que permeiam a história dos quatro grandes clubes cariocas, percebemos que as identidades se constroem em pares de oposição, nos quais o Flamengo ocupa um papel central no Rio de Janeiro. Sigamos os exemplos. O primeiro par oposto que podemos evocar é a dupla Flamengo e Fluminense. A oposição se fundamenta na tradição do Fluminense, em sua ascendência nobre e no caráter elitista de seus torcedores, contrária ao apelo popular e simples do Flamengo. Se o primeiro é reconhecido pelo seu apelo aristocrático, o segundo tem como característica ser o time das massas, sem distinção social e, por isso, o time com a maior torcida, que agrega um número maior de torcedores. Outro par de opostos que gostaríamos de mencionar é o Flamengo e Vasco. Nesse caso, o primeiro representaria o brasileiro, o de casa, enquanto o Vasco representaria o estrangeiro e oportunista, o português. E o Botafogo, quem seria seu par oposto? Não há, o Botafogo é a estrela solitária, não se contrapõe, nem se compara a ninguém. É o caso exemplar,

²⁰ Idem. 2004.

²¹ Idem. Pag. 29.

sem precedentes. Se pensarmos que toda a identidade é construída na relação com o outro, a partir de sua negação ou aproximação, podemos entender melhor a alma do Botafogo, ao se distanciar, não elege nenhum adversário a sua altura, apenas se isola, em sua vivência diferente, não é o maior, nem o menor, nem o mais aristocrático, mais tradicional, é apenas o diferente, o que não se iguala, o qual possui uma maneira própria de ser, que imprime sua marca de destaque.

Mário Filho, famoso cronista esportivo, interpretou o torcedor do Botafogo como um sofredor nato, como quem, quando compra um ingresso, adquire o direito “que lhe parece sagrado e inalienável, de sofrer”, sentindo-se feliz e realizado “quando arranca os cabelos e chora lágrimas de esguicho.”²² Que outro torcedor pode sentir prazer no sofrimento, no choro? É essa diferenciação que estamos tentando definir nessa seção, a singularidade como identidade partilhada e disputada entre as torcidas.

Algumas histórias auxiliaram na construção desse mito “sofredor”, como algumas que seguem. O reconhecimento do primeiro campeonato vencido pelo time só ocorreu 89 anos após sua conquista em 1996, com a proclamação dos dois times campeões, Botafogo e Fluminense. A confusão ocorreu por ocasião do empate entre os dois times ao final do estadual do ano. Faltava um jogo contra a Associação Atlética Internacional para o Botafogo, porém o time não compareceu ao jogo e perdeu por WO, o que fez com que o Botafogo não alcançasse o saldo de gols necessário para ganhar ou alcançar o saldo de gols suficiente que ultrapassasse o Fluminense, seu concorrente direto no impasse. Com tal configuração, o título foi do Fluminense. Assim, o primeiro título oficialmente reconhecido, até 1996, era o campeonato de 1910.

Em 1911, uma série crise afetou o time, pois as coisas já não iam bem dentro de campo, devido às seguidas derrotas e o campo da rua Voluntários da Pátria que foi perdido, sendo vendido à prefeitura. Os botafoguenses ficaram sem campo e sem sócios, o quadro social foi reduzido a “12 gatos pingados”²³. Os jogadores continuaram no clube, ou no que restava dele. Esse isolamento, segundo Sérgio Augusto, foi o que possibilitou o Botafogo ser o Botafogo, uma das condições de sua exemplaridade.

Outro acontecimento igualmente mítico foi a transformação, em 1942, aos 38 anos de idade do Botafogo, em Botafogo de Futebol e Regatas. O fato ocorreu após um jogo de basquete disputado por duas equipes botafoguenses: O Estrela Solitária (com

²² Idem. Pag. 39

²³ Idem. Pag. 90.

atletas do clube de regatas) e o Glorioso (representado pelo Botafogo Futebol Clube). Quando o time BFR estava vencendo, um dos defensores, Armando Albano morreu no meio da quadra, de síncope. Seu cortejo fúnebre saiu de General Severiano e, ao passar em frente ao Pavilhão de Regatas, foi brindado com uma elegia do presidente dos remadores botafoguenses, Augusto Frederico Schmidt, que, emocionado, anunciou a fusão dos dois Botafogos, sacramentada em 8 de dezembro, em General Severiano. A fusão dos dois clubes e o “nascimento” do Botafogo tal como o conhecemos, nasceu de uma grande tragédia.

A adoção de um cachorro vira-lata como mascote, Biriba, em 1948, é outra façanha da superstição alvinegra. A história de sua adoção foi graças a sua invasão ao gramado de General Severiano em jogo entre Botafogo e Madureira, para festejar o último gol do Botafogo no jogo vencido por 10 x 2. Carlito Rocha, então presidente do Botafogo, resolveu adotar o cachorro como mascote, ainda mais pelo fato de que o animal era todo branco com quatro manchas pretas, o que demonstrava que já era botafoguense, para os alvinegros, Botafogo de nascimento. A partir de então, o Botafogo passou a entrar em campo sempre com seu mascote, ao lado do capitão ou do goleiro do time, como amuleto de sorte. Na atualidade, esse símbolo é revisitado. Durante o intervalo dos jogos do Botafogo no Engenho,²⁴ há um homem vestido de cachorro Biriba, que faz embaixadinhas e brinca com os torcedores, antes e no intervalo dos jogos, mais um exemplo dos possíveis usos da memória.

Mais um drama teria espaço na vida do Glorioso, em 1976, quando o Botafogo perdeu sua sede em General Severiano e teve que se mudar para o subúrbio, em Marechal Hermes, em um campo herdado de um time chamado União. Somente anos depois, o Botafogo conseguiu recuperar sua sede histórica através de um tombamento. A Companhia Vale do Rio Doce, dona do terreno, ficou impossibilitada de construir qualquer coisa ali. A revitalização da sede histórica só foi concretizada na década de 1990.

E, para encerrar a série de desventuras, o Botafogo enfrentou um jejum histórico de títulos que perpassou também a década de 1980, quando já fazia 21 anos que o Botafogo não ganhava um Campeonato. Somente em junho de 1989 acabou o sofrimento, com a conquista do campeonato Estadual. Esses acontecimentos são

²⁴ Estádio Olímpico João Havelange, localizado no bairro Engenho Novo, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

marcantes e foram mencionados porque contribuíram para a construção do que é ser botafoguense, com todas suas alegrias e tristezas misturadas à superstição. Podemos analisá-los como “lugares de memória²⁵” na medida em que são sempre revisitados, tanto por sua existência concreta, quanto pela carga simbólica de que são revestidos. Ou ainda, nos dirigirmos à memória herdada e à memória por tabela abordadas por Pollak²⁶, já que esses fatos são formadores da identidade alvinegra e do que chamamos “botafoguismo”, mesmo que não tenham sido vivenciados pelas gerações mais recentes. É fato que essas histórias são contadas e recontadas ao longo da história do clube, permeada por diferentes apropriações e ainda pela existência de uma memória oficial. Por isso, é recorrente ouvirmos que “tudo acontece com o Botafogo”, indício indiscutível da construção identitária do Glorioso.

Como já dito anteriormente, não há racionalidade na escolha de um time para ser torcedor. Quando pensamos em clubes de futebol, a idéia é de uma paixão e um sentido criado a partir desse sentimento de pertencimento, o que, nesse trabalho, será analisado como pertencimento clubístico. Nesse sentido, o conceito de “totemismo moderno” como uma trama social e cultural, desenvolvido por Arlei Damo²⁷, nos possibilita um avanço considerável na discussão acerca dessa dinâmica de emoções do universo do futebol na atualidade. Já que, para o autor, a matriz espetacularizada funciona em consonância com a dinâmica do clubismo, que seria “uma espécie de totemismo moderno no espectro do qual ser palmeirense, flamenguista ou cruzeirense adquire sentido”. Dessa forma, a dimensão da emoção que possibilita a venda do espetáculo é a mesma que gere a formação/ produção de atletas nos moldes tal qual conhecemos, porque há uma matriz comum, a FIFA, gerindo todo o sistema clubístico. Porém, essa dinâmica do clubismo não extrapola toda a questão acerca dos torcedores. O autor destaca que há outras interpretações a serem utilizadas e desenvolvidas, mas a que melhor se aplica no objeto aqui estudado é essa dinâmica das emoções, vide a matriz espetacularizada e as condições sociais do futebol geradoras dos diferentes grupos analisados nos próximos capítulos.

²⁵ Cf. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.

²⁶ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, N° 10, 1992.

²⁷ DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007. Pag. 34.

Abordar a questão do torcedor a partir desse ponto de vista permite o apontamento de alguns traços da trama que se desenrola a partir do envolvimento com questões financeiras e no que tange à organização espacial das arquibancadas, com a construção de cenários. Levar em consideração a espetacularização significa considerar a comercialização desse espetáculo para um grupo de torcedores simultaneamente à sua produção. O torcedor, ao abrir faixas e bandeiras, entoar cantos de diversas formas, está intervindo na construção do espetáculo, não é mero torcedor passivo, mas sujeito social de sua produção. E, simultaneamente a essa paixão levada a cabo pelo time, forma-se um mercado consumidor de produtos do time e dos jogos, um sistema de relações, no qual o sentido de ser botafoguense é o que os impulsiona. Daí a necessidade da abordagem da dinâmica do clubismo na formação de um mercado consumidor de futebol como espetáculo e dos produtos esportivos derivados do clube.

Porém, há deslizamentos na posição dos torcedores, já que, conforme destacado por Luiz Henrique Toledo²⁸, o futebol para os torcedores organizados, não consiste em um momento tão somente de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um estilo de vida próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de torcidas organizadas, estes indivíduos referendam condutas específicas diante dos outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano. São torcedores militantes, experimentando uma forma própria de gostar de futebol. As torcidas organizadas impõem limites, hierarquias, vestem-se de maneiras diferenciadas, criam padrões estéticos de como se torcer, gostos e comportamentos, que se traduzem em intervenções coletivas no meio urbano: uma maneira de gostar do futebol, traduzida em estilo de vida.

A contrapartida da fidelidade clubística é a liberdade com que cada torcedor constrói e vivencia seu pertencimento, já que cada clube possui a sua história marcada por altos e baixos, freqüentemente atualizados nas narrativas dos torcedores. Segundo Arlei Damo²⁹, a opção clubística transcende o próprio futebol, já que há casos em que as pessoas possuem um time, mesmo não entendendo do esporte. Destaca o fato de que Miller, ao trazer duas bolas oficiais, um livro de regras oficiais e de ter realizado um

²⁸TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ ANPOCS, 1996. Pag. 114.

²⁹DAMO, Arlei. **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre/ UFRGS: Ed. Universidade. Pag. 35.

meeting oficial, com a divisão dos cavalheiros em times e as damas na assistência, ele não trouxe apenas uma prática esportiva, mas um modelo de sociabilidade, de associativismo e pertencimento.

No caso brasileiro, os pertencimentos parentais e, particularmente, os laços de sangue, culturalmente vistos como inquebráveis, ocupam lugar de destaque no clubismo. Para Arlei Damo, essa afirmativa implica dizer que a maioria dos meninos escolheram o time dos pais, o que possibilita a eles compartilharem o drama de empenharem juntos as emoções em um clube. Da mesma forma, representa um vínculo exclusivo e imutável com o clube, já que mesmo diante de uma performance ruim, um torcedor engajado não abandona seu time, porque há mais que uma simples escolha, há um pertencimento acima de uma escolha individual, como parte de um “sistema articulado de crenças e de práticas que, numa perspectiva arrojada, pode ser definido como totemismo moderno”³⁰. Esse sistema opera de forma relativamente autônoma, estabelecendo correspondências entre as partes e fazendo circular um conjunto extenso de dádivas, afetos, jocosidades, insultos, códigos de honra e outras ideais de pertencimento.

É importante demarcar uma diferença entre torcedores e torcedores engajados, já que este último é a figura chave para compreensão do clubismo, diferentemente do torcedor comum. Torcer e pertencer não significam a mesma coisa e, por isso, o uso do conceito de pertencimento clubístico, para diferenciar o simples ato de torcer do sentimento de pertencimento a uma comunidade maior, em termos afetivos e, às vezes, até mesmo físicos, como no caso das torcidas organizadas. São casos de uma paixão militante, de torcedores que acompanham verdadeiramente seu clube, expondo-se a perigos, a privações e à doação de um amor incondicional a seu clube. Como afirma Arlei Damo “ela especifica, no espectro de torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional³¹”. Ao se utilizar do conceito de “comunitas” da obra de antropologia de Turner, como uma experiência coletiva que transcende o próprio indivíduo em diálogo com a transcendência da esfera religiosa de Durkheim, o autor afirma que há uma sobreposição do “eu” e do “nós” nesses

³⁰ DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007. Pag. 66.

³¹ Idem. Pag. 53

momentos de torcer. Inclusive, o que ocorre nos estádios nos períodos anteriores e posteriores ao jogo, é analisado como o resultado do afloramento dos sentimentos que são a base desse engajamento militante, o pertencimento clubístico. Há uma sobreposição do “eu” e do “nós”, ou seja, o pertencimento a uma comunidade de sentimento que é responsável pela construção dos “ismos” do futebol. Ser Botafogo, por exemplo, significa ser supersticioso, distinto dos demais, par oposto do Flamengo, torcida amiga do Vasco da Gama: todos esses são sentidos construídos nessa dinâmica relacional, sem a qual não existiriam.

Temos que considerar o apreço como uma forma de capital afetivo e/ ou simbólico. Para Pierre Bourdieu, o capital simbólico é qualquer tipo de capital - podendo ser econômico, cultura, escolar ou social - percebido de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e divisão e os sistemas de classificação, que são, em parte, produtos da incorporação das estruturas objetivas do campo considerado, isto é, de estruturas de distribuição do capital do campo considerado: “o capital simbólico é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento”³². Nesse caso, o capital simbólico é social, já que os times concorrem entre si, entre iguais. É difícil fazer uma comparação entre quem possui a maior torcida, um time da série A ou da série C, visto que as séries são divididas de acordo com o capital acumulado em cada um dos times, seja ele afetivo, econômico ou simbólico. Portanto, é fácil perceber que quanto maior a rivalidade, maior o grau de igualdade nas competições, seja em nível do número de torcedores ou financeiro. “De qualquer sorte, as escolhas clubísticas não são jamais aleatórias. O sistema de pertenças, no conjunto, funciona à maneira do totemismo, de modo que a tendência, para o caso daqueles cujos totens da cidade ou do estado não fazem parte da elite, é escolher entre os que dela participam.”³³

Acerca da rivalidade clubística, Arlei Damo afirma que tais traços de pertencimento foram construídos em sua maioria a nível regional, são clubes adversários a níveis locais que, segundo ele, tal processo se deu porque “essas rivalidades se constituíram em um período em que preponderavam as disputas pelas

³² BOURDIEU, Pierre. O novo capital. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1997. Pag. 150.

³³ DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007. Pag. 64.

ligas metropolitanas, sob a égide do amadorismo”³⁴. Fato ainda reforçado porque o jogo é um ritual disjuntivo³⁵, causando assim, um comportamento antagônico, situação construída por uma simetria ordenada que objetiva o desenvolvimento de um desfecho entre perdedores e vencedores.

Para compreensão dessa dinâmica das emoções, partimos da análise de Arlei Damo, segundo a qual existem quatro matrizes futebolísticas: a espetacularizada, a bricolada, a comunitária e a escolar. Sendo a primeira referida a que recebeu maior destaque em sua análise e da qual nos utilizamos para a explicação da relação existente entre o “botafoguismo”, a dinâmica das emoções, a formação de um mercado consumidor e o controle dos torcedores, a partir de um projeto generalizante de torcedor agenciado pela FIFA, assim como outras características do futebol globalizado, conforme abordaremos na próxima seção.

1.2. Espetacularização, globalização e normatização através da FIFA (Federação Internacional de Futebol)

A matriz espetacularizada da qual tratamos até o momento apresenta a configuração atual como resultado do agenciamento da FIFA e de sua monopolização, resultado de um processo de codificação do futebol em escala global. A partir do objetivo de desconexão parcial das influências locais e regionais, o domínio da matriz espetacularizada pela FIFA pode ser apontado como decisivo para a constituição de uma cultura esportiva globalizada, da qual fazem parte uma cultura de torcer, de jogar e de organização da estrutura dos clubes. Porém, essa codificação não pode ser responsabilizada pela eliminação total das existências locais. Mas há de se reconhecer que tal prática possibilitou a emergência de uma agência de controle sobre o esporte em escala global com poder de coerção tal qual o estado. Essa agência tem como principal representante a FIFA – IB (International Board), formada por um conjunto compreendido por seis confederações continentais, mais de duzentas confederações

³⁴DAMO, Arlei. **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre/ UFRGS: Ed. Universidade. Pag. 54 e 55.

³⁵ Acerca da análise do futebol como um ritual disjuntivo, Cf. DAMO, Arlei. “Futebol e estética”. São Paulo, **Perspectiva** (online), vol. 15, n. 3. PP. 82- 91, 2001.

nacionais, responsável pelo monopólio do futebol que é “praticado e apreciado em forma de espetáculo, como um bem simbólico, como valor econômico”³⁶. Dessa forma, as outras matrizes estariam fora desse controle de agência a nível governamental, mesmo que sua existência seja real.

A FIFA pode ser enquadrada no perfil de um empreendimento capitalista, cujo lucro se faz possível através da organização do espetáculo futebolístico, moldado de acordo com os estados modernos e suas agências transnacionais. Assim, o estado como uma instituição englobante, também se reproduziria ao menos em parte, em outras instituições sociais, como é o caso do futebol espetáculo. Portanto, essas instituições, representantes da FIFA-IB, seriam a representação do capitalismo, organizando e estabelecendo normas para os campeonatos estaduais, mundiais e normas para os clubes, “controlando o mercado de pés-de-obras e de imagens, duas das principais fontes de renda desse futebol midiático”³⁷. Por isso, todas as agências de futebol seriam resultantes de um mesmo padrão de regras e regulamentos: traço que possibilitaria a facilidade de circulação de atletas em todo o mundo, através da existência de um padrão, ou seja, de uma codificação das regras de forma geral, controlado pela FIFA-IB.

Outra característica também presente no capitalismo é a divisão social do trabalho, dentro e fora do campo, entre profissionais, especialistas, torcedores e dirigentes. A terceira característica é o sucesso performático exigido dos praticantes. Uma vez que estamos diante de um mercado, há a exigência da qualidade das mercadorias mais valorizadas neste campo, os pés-de-obra. Essas duas características apresentadas apenas reiteram o caráter comercial da matriz espetacularizada, primeiro com a existência de um campo de trabalho bem delimitado, com subdivisões, inclusive, que competem entre si, tanto por capital simbólico como por capital econômico, já que, quando falamos das relações entre os indivíduos do campo econômico e das disputas ocorridas no mundo dos negócios, o capital econômico obtém prevalência nas estratégias de distinção e nas disputas entre estruturas e agentes³⁸. E em segundo lugar, a exigência mercadológica de um espetáculo com qualidade, levando em consideração a

³⁶DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007. Pag. 38.

³⁷ Idem. Pag. 42.

³⁸ Cf. Bourdieu, Pierre. **A Distinção: Crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

qualidades dos pés-de-obra, garantindo a satisfação dos torcedores – consumidores. Há, ainda, os interesses dos patrocinadores, críticos e dirigentes, com o interesse comum na boa performance de jogadores e dos times escolhidos, com vistas a garantir o sucesso econômico dos investimentos: “os espetáculos futebolísticos são uma variante dos futebolis, um bem simbólico como outro qualquer, porém, peculiar, pois apreciado em larga escala mediante contraprestação econômica.³⁹”

. A exibição em forma de um confronto espetacularizado, com a separação entre vencedores e perdedores, é fundamental para a manutenção da circulação das emoções dos torcedores e de garantia de um mercado: “como em outras modalidades artísticas ou esportivas, o gosto do público e os interesses da indústria do espetáculo classificam alguns artistas como dignos de compensação e outros como muito dignos de dinheiro e de outras dádivas”⁴⁰.

O sistema de enfrentamento na esfera do espetáculo é organizado em forma de divisões hierárquicas: A, B, C ou 1, 2, 3, de tal modo a forçar o cruzamento entre os clubes mais poderosos, aqueles que detêm as preferências dos torcedores e o poder econômico para formar equipes com profissionais no mercado e evitar o enfrentamento entre desiguais, dando subsídios, assim, para a fruição na esfera do espetáculo.

Ao abordarmos a nova configuração do futebol brasileiro a partir de uma perspectiva globalizada, interligada com a situação mundial em um mercado globalizado de pés de obra e afins em um campo esportivo, é importante ressaltar a cronologia proposta por Luiz Henrique Toledo⁴¹, na qual o terceiro e atual momento teria como marco inaugural a primeira metade da década de 90, na qual são apontadas como características principais a diminuição da burocratização e a ampliação dos processos de profissionalização, no que se refere aos jogadores e ao gerenciamento de clubes, federações e confederações, fase que passou a contar ainda com a presença de capital privado “patrocinando e condicionando” os negócios esportivos.

Ao abordar a matriz espetacularizada conjugada com a discussão sobre pertencimento clubístico, temos por objetivo correlacionar os interesses comerciais em jogo no cenário esportivo. Se ser Botafogo ou Flamengo adquire sentido, podemos

³⁹ DAMO, Arlei. Senso de jogo. **Esporte e sociedade**. N 1, Nov 2005/ Fev 2005. Disponível em: [HTTP://www.lazer.eefd.ufr.br/epsoc/](http://www.lazer.eefd.ufr.br/epsoc/). Pag. 3.

⁴⁰ DAMO. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007. Pag. 44.

⁴¹ TOLEDO, Luiz Henrique. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

afirmar que este não é um sentido a priori, mas sim resultado de uma construção identitária atravessada por diversos fatores, tal como foi descrito acima com o caso do Botafogo. Há uma construção em torno da figura do torcedor que só adquire sentido se estiver inserida nessa matriz espetacularizada e com envolvimento engajado, a partir do qual é necessário o pertencimento clubístico. As diferentes identidades dos torcedores são construídas em relação de competição com o outro.

Esse engajamento garante boa parcela de espectadores e co-autores do espetáculo, na medida em que só é possível encher um estádio com a existência de um grupo de torcedores fiéis. São esses que viabilizam boa parte do lucro dos clubes, já que representam um mercado consumidor de produtos esportivos em primeira instância, ingressos, camisas do próprio time e, em segunda instância, da comercialização dos produtos deste espetáculo para a TV. Desta forma, o torcedor é mais que uma figura de audiência.

O futebol espetáculo é caracterizado principalmente pela presença de público. Porém, esse público não está na assistência meramente para observar uma partida dividida em ganhar ou perder; na verdade, há um grande investimento em termos afetivos. O torcedor que se dirige a um estádio faz parte de uma comunidade afetiva que é o seu time. Para compreensão dessas emoções é necessário entender o que significa ser torcedor do Botafogo e qual o drama que essa escolha representa. Ir a um jogo para um torcedor é mais que desejar a vitória.

Para tanto, devemos analisar esse espetáculo também como uma produção do “campo esportivo”⁴² já que não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes. A história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica, formando, assim, um campo autônomo.

Acerca do debate sobre as torcidas organizadas, por exemplo, Luiz Henrique Toledo⁴³ afirma que, para alguns, as torcidas organizadas constituem-se em verdadeiros braços armados de dirigentes de clubes de futebol, de onde teriam se originado. Ou

⁴² Bourdieu, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. Pag.137.

⁴³ Toledo, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ ANPOCS, 1996. Pag. 28.

então, constituem-se em eficazes cabos eleitorais de políticos. Para outros, entretanto, o movimento de emergência das primeiras torcidas fez parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período da ditadura militar vivido no país, o que seria uma válvula de escape diante da ausência de canais de participação populares. O autor destaca ainda que, dependendo do lugar de onde se situa a fala, seja do ponto de vista dos torcedores, dos dirigentes e da imprensa, várias são as versões sobre o surgimento das torcidas organizadas. Acreditamos ainda que, além da explicação para o surgimento de tais grupos, a própria permanência e conduta desses no futebol são motivo de descompasso entre as várias opiniões do campo, conforme as próprias falas discordantes neste trabalho analisadas.

Se o futebol é uma paixão nacional, há um vasto mercado a ser explorado, tanto no que diz respeito a materiais esportivos, como camisas, chuteiras, camisas promocionais de aniversário, venda de ingressos, venda de títulos do clube, e ainda, a venda das partidas de futebol para as transmissoras de TV, como por exemplo, a TV Globo, que detém a exclusividade do Campeonato Brasileiro da série A⁴⁴. A compra dos direitos de exibição do Campeonato Brasileiro pela TV Globo, implica, por exemplo, no horário de realização dos jogos, que devem ter início somente após a novela das nove, fato que evidencia a interferência e a importância do capital econômico no futebol.

Ao debruçarmos o olhar sobre a construção das performances públicas como um espetáculo a ser consumido, e se isso é possível, devemos, então, prestar atenção na produção de sentidos na atualidade, a partir da cobertura da mídia, através dos cronistas esportivos, sobre os novos grupos torcedores. Através da condenação ou do estímulo, é possível evidenciar e valorizar certo tipo de comportamento em detrimento de outro. Porém, assim como o evento esportivo radializado foi uma invenção dos cronistas esportivos, o futebol também foi alvo de investimentos e transformações até a configuração atual. Para tanto, a próxima seção tem por objetivo discutir a especialização dessa matriz espetacularizada até sua transformação em futebol “*business*”.

⁴⁴ A rede Globo pagou o equivalente a R\$ 1,4 bilhões, para transmissão do Campeonato Brasileiro de 2009, 2010 e 2011. Com a assinatura do contrato, a Globo passou a ser a detentora dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro em TV aberta, fechada, pay-per-view e das placas de publicidade em torno no campo. Notícia retirada do site: planetaboleiros.wordpress.com. Visita em 16/10/2009.

1.2.2. Modernidade e espetacularização no futebol: de torcedores a consumidores

A abordagem do clubismo como uma dinâmica de sentido presente somente nos torcedores engajados, ou seja, os que se envolvem emocionalmente com time, possibilitou a discussão do Botafoguismo em termos mais amplos. Pensemos agora no futebol como uma mercadoria. Se há tantos torcedores e sentidos em se filiar a um determinado clube, como um ideal de nação ou família, é fácil percebermos um mercado consumidor em potencial, a partir de uma autonomização crescente do campo esportivo, com uma mídia cada vez mais especializada, com a fabricação de produtos esportivos, patrocinadores, venda de direitos federativos de jogadores, venda de direito de imagem, de transmissão dos jogos, espaço de marketing nas camisas e outras formas de explorar economicamente a existência desse público apaixonado por futebol. É fácil perceber a possibilidade de lucros diante das muitas facetas desse esporte e, assim, apontamos a existência de uma mercadorização do futebol, através de uma matriz espetacularizada, que foi analisada na seção anterior. Nessa seção, faremos uma breve reconstituição da transformação do futebol no Brasil para essa conjuntura hoje presentificada através do futebol negócio globalizado.

Para definição do processo de modernização elegemos o trabalho de Ronaldo Helal, “Passes e Impasses”, para o uso do conceito de “comercialização do espetáculo”. Ao indagar sobre o processo de modernização, o autor analisa as transformações impressas ao futebol a partir da década de 80, com uma sistematização da venda do espetáculo. Sua motivação para o estudo era a hipótese de que a transformação do futebol em um espetáculo comercial maculava a instância sagrada que existia no esporte e em sua representação para o brasileiro. Porém, ao final do trabalho, realizada a análise minuciosa dos dados, o autor demonstra que sua hipótese inicial era falha e, que na verdade, esse processo de modernização foi resignificado pelo esporte, que permaneceu como o mais popular do Brasil. Cabe aqui destacar algumas mudanças apontadas nesse trabalho na medida em que os efeitos são parte do processo aqui estudado e contribui para a construção de uma das hipóteses de que as autoridades e a mídia tendem a valorizar determinadas formas de torcer, de modo a garantir a transmissão de um espetáculo que agrade ao público.

A demanda de modernização teve início no fim dos anos 70 e cresceu durante os anos 80, a partir de uma tendência à profissionalização dos dirigentes dos clubes e à

adoção do modelo de gestão do clube-empresa, que foi vista, à época, como a mais promissora saída para a crise, atrelada à necessidade de manutenção de certos padrões tradicionais. Durante as décadas de 1970 a 1990, vivemos um período conturbado no esporte, marcado pela diminuição do público nos estádios e a ida de jogadores para o exterior. Fatos agravados, ainda, pela ausência de conquista de títulos pela seleção brasileira.

Essa crise da gestão do futebol brasileiro era tratada na mídia como resultado de uma situação “inoperante”, “falida”, que já não dava conta do processo de modernização administrativa que se desenvolvia em outros países. Os artigos apontados por Ronaldo Helal⁴⁵ se referem aos seguintes fatores como causadores da crise do futebol brasileiro: a) crise financeira dos clubes; b) desorganização administrativa; c) queda de público; d) êxodo de jogadores; e) fracasso da seleção brasileira na década de 70. Havia, ainda, uma forte pressão para que o futebol cedesse à introdução de publicidade.

A hipótese explicativa do autor para a crise seria o uso da teoria da dramatização brasileira de Roberto da Matta para explicar o sucesso do futebol no Brasil, a suspensão da hierarquia social. Essa hierarquia e a combinação entre tradição e modernidade na gestão dos clubes, seria o ponto central da crise. O sucesso do futebol no país se daria pela inexistência da hierarquia social simbólica da vida cotidiana, existente no jogo, já que este teria início com os adversários em pé de igualdade, de uma forma democrática. O futebol simbolizaria a quebra dessa hierarquia e a possibilidade de ascensão, daí a inversão do drama⁴⁶ da sociedade brasileira, marcadamente hierárquica. A existência dessa hierarquia diferenciadora no Brasil seria, ainda, a causa da crise, por conjugar o amadorismo em nível organizacional, baseado na troca de favores entre dirigentes e na política de troca de favores entre clubes e federações, com a profissionalização dos jogadores. Daí a existência de uma tensão no campo entre o moderno e o tradicional, onde o moderno significaria a exigência de um alto grau de profissionalização e comercialização, com vistas a lucrar com o espetáculo futebolístico. E o tradicional significaria uma administração baseada mais na paixão, no relacionamento pessoal, na

⁴⁵ HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. Pag. 59.

⁴⁶ Conceito trabalhado por Da Matta. Cf:Universo do futebol. “Introdução”. In: **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. RJ: Pinakothke, 1982.

troca de favores e na proibição da profissionalização dos dirigentes. Daí a existência de uma pressão pelos meios de comunicação no sentido da necessidade de abertura do esporte para o modelo mais racionalizado e mercantilizado, assim como na organização de gestão aos moldes dos clubes europeus.

Até maio de 1982, o patrocínio de empresas nos uniformes de futebol era proibido pela lei, e até 1987, não havia transmissões ao vivo de partidas de futebol na TV, sob o medo de perda de público dos estádios, uma vez que os consumidores do espetáculo futebolístico poderiam assistir ao jogo em casa. Era um fenômeno que não era explorado por marketing e pelos meios de comunicação, o que se dava com o objetivo de não “profanar” o esporte que representava o drama dos brasileiros, como anteriormente descrito. O futebol teria uma alma especial a ser respeitada e mantida, não podendo ser maculada pela mercantilização, sob o risco de perder sua essência. Como tentativa de sanar as dívidas e salvar os clubes, houve a venda dos direitos de imagem e propaganda, o que até gerou um aumento na receita dos clubes, porém, não foi suficiente para dar fim à crise pela qual passava o futebol, inclusive não trouxe mais torcedores para o estádio, que continuaram ausentes por ocasião da desorganização das datas dos campeonatos e da confederação.

Segundo Ronaldo Helal, em 1987, outro acontecimento marcaria a fase de mudanças do futebol, a formação do “clube dos 13”, movimento dos 13 maiores times do país, de cinco estados diferentes: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul. Formado por São Paulo, Flamengo Corinthians, Vasco, Palmeiras, Fluminense, Santos, Botafogo, Cruzeiro, Atlético, Grêmio, Internacional e Bahia, o que representou um marco de materialidade da tensão existente entre o modelo moderno e o tradicional no modelo de gestão do futebol brasileiro. Foi um passo considerável dos clubes na tentativa de sinalizar a necessidade de mudanças e organização. Os treze clubes reivindicavam uma organização mais autônoma, independente e profissional com os grandes clubes do país no comando, caso contrário, retirar-se-iam do campeonato. Essas demandas, somadas aos problemas enfrentados pelo futebol - como o esvaziamento dos estádios e a saída de jogadores do país, em busca de melhores condições de trabalho - desde meados da década 70 e aos argumentos do clube dos treze em direção a uma racionalização e profissionalização do futebol foram suficientes para sensibilizar as massas e forçar a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) a negociar com os grandes clubes, já que um grande impasse se colocava: um campeonato sem os

grandes clubes seria impossível, porém, esses clubes sofreriam grandes sanções da CBF, como por exemplo, o não reconhecimento de sua existência, o que impossibilitaria a participação em campeonatos oficiais. Porém, um campeonato oficial sem os maiores times também não interessava aos órgãos administrativos. Em setembro, foi finalmente fechado um acordo dando início à copa União, a qual teve como característica principal a introdução do marketing no futebol profissional.

Em 1983 os clubes já haviam utilizado publicidade na tentativa de sanar a crise que afligia o futebol, mas, mesmo assim, a inclusão dessa prática no sistema não foi suficiente para o saneamento das dívidas. Os torcedores estavam desacreditados da administração do futebol e o público era cada vez menor. Nesse sentido, a Copa União foi ao encontro dos objetivos de mercantilização, na medida em que introduziu algumas mudanças modernizantes e geradoras de renda, inclusive possibilitou a assinatura de um contrato lucrativo com a Rede Globo de TV e outras empresas interessadas em patrocinar o evento. Essa negociação evidencia uma tentativa de reconstrução do futebol como um produto lucrativo e confiável para os torcedores. Para convencimento da credibilidade do campeonato, foi organizada uma tabela racionalizada com antecedência e planejamento.

Sob o âmbito comercial, foram registradas as marcas dos clubes e passou-se a cobrar seu uso. Tal fato, em conjunto com a assinatura do contrato com a televisão e a parceria com empresas, representou um marco histórico na organização do esporte, dando um passo importante em direção à profissionalização administrativa e à transformação da legislação vigente. O sucesso dessa racionalização do esporte fez com que até mesmo os setores contrários à comercialização do futebol para manutenção de sua aura sagrada e simbolismo fossem a favor de um Campeonato Brasileiro com uma tabela pré-definida e bem planejada e com apenas dezesseis clubes participantes, prerrogativas mantidas ainda hoje.

A comercialização do esporte iniciada a partir de uma tentativa de remodelamento do futebol brasileiro, discutida nesta seção, deu conta da inserção do mesmo em uma perspectiva mais globalizada e, para muitos, moderna. Discutimos o início desse projeto com o objetivo de demonstrar que a partir dessa modernização foi possível perceber a construção de um olhar para os torcedores sob o ponto de vista mercadológico, ou seja, como mercado potencial. Da mesma forma que buscamos apontar as transformações na administração do futebol não somente circunscritas nessa

esfera, mas sim, como que foram propagadas para outras, como por exemplo, na imagem dos torcedores, figura central a ser explorada na próxima seção.

1.3. Trajetória do torcedor na cidade do Rio de Janeiro

Ao abordar a matriz espetacularizada e comercializada nas seções anteriores tivemos como objetivo demonstrar a importância do torcedor no campo esportivo e sua passagem ao status de consumidor. Simultaneamente a esse projeto que existe no futebol, é interessante percebermos o torcedor como um figura passível de investimentos, tanto no nível financeiro, como no comportamental. Mais que um mercado consumidor, essas figuras também são parte constituinte do espetáculo televisionado ou vivenciado, montando cenários coreografados, cenários com materiais, musicais ou em seus rituais específicos. Conforme já foi dito anteriormente, fazer parte de um time é partilhar de um amor com outros em diversos tipos de manifestação. Dessa forma, o torcedor, na atualidade, vem ganhando um papel de destaque, por seu comportamento e participação nos jogos. Nesta sessão será discutida a figura do torcedor no processo histórico e as implicações dos diferentes tipos de comportamentos adotados ao longo de sua existência, atrelados, ainda, a uma memória do torcer.

Para uma abordagem histórico-conceitual da trajetória do torcedor recorreremos ao trabalho de Bernardo Buarque de Hollanda, “O clube como vontade e representação”, particularmente no segundo capítulo no qual o autor faz uma reconstituição do desenvolvimento dessa figura na história do futebol, recorrendo aos teóricos do teatro que se debruçaram sobre o tema das audiências para tratar da intervenção ou não da audiência do espetáculo, até a formação de um público cativo do futebol, com a sua propagação e sucesso pelo mundo. Aponta a consagração de dois termos específicos na Inglaterra do século XIX para se fazer menção ao espectador de futebol, dada a popularização do esporte e a formação de uma crônica esportiva especializada⁴⁷: o primeiro seria o vocábulo *fan*, abreviação de *fanatic*, terminologia com forte conotação religiosa que consiste, por um lado “na idéia de devoção e adoção”; e, por outro, à de exaltação e idolatria; e, em segundo lugar, o vocábulo *supporter*, derivado do verbo *to support*, verbo que significa apoiar, defender e

⁴⁷Para saber sobre a dinamização do futebol narrado nos rádios dos estádios, ou seja, a popularização do futebol nos rádios e a formação de um campo esportivo, ver: LOPES, J. S. L. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. In: **Revista USP**. São Paulo: s. e, 1994, n. 22.

incentivar. O historiador realiza, ainda, uma rápida contextualização do termo em outros países. No Brasil, foi utilizado o termo assistência nas primeiras décadas do futebol, quando o esporte ainda era amador, até sua substituição pelo termo torcida com o advento do profissionalismo. A mudança no uso das terminologias indica uma mudança também no comportamento dos observadores, já que o vocábulo torcedor contém outra carga simbólica, a de alguém que escolhe torcer por um determinado clube, a partir de uma postura ativa, não mais somente de quem assiste. A partir de então, “a neutralidade do indivíduo isolado era substituída pelo bloco homogêneo e compacto que designava o conjunto entusiasta de torcedores de um time⁴⁸”.

Bernardo Buarque de Hollanda analisa a figura do torcedor sob o prisma de duas instâncias de produção intelectual. A primeira seria representada por pensadores de projeção internacional e Brecht, a partir da centralidade do fenômeno da catarse, confrontando os planos da alienação e da consciência, da moderação e da exaltação no comportamento do torcedor moderno. A segunda perspectiva se daria a partir da análise dos letrados pertencentes ao campo específico da crônica esportiva, que trataria a questão do reconhecimento das massas no futebol profissional, simultaneamente à necessidade de controle do comportamento e das emoções desse grupo.

A discussão do paradigma do torcedor como mera audiência ou como parte do espetáculo, frente à adoção de uma postura ativa de participação nos interessa porque ainda hoje existe um embate acerca do real papel do torcedor, seja em nível de torcidas, como os dois estudos de caso que serviram de base para a construção desse trabalho, seja em nível da crônica esportiva, dos dirigentes ou dos jogadores. O fato é que podemos apontar a existência de vários tipos de torcida e de “torcer”, para aqueles que não se identificam como torcida, ao longo do tempo e ainda hoje. Dessa forma, realizaremos uma breve passagem por essa figura no futebol do Rio de Janeiro, desde os primórdios da implantação do esporte à atualidade.

As primeiras agremiações torcedoras são apontadas a partir da década de 1940, as chamadas Torcidas Uniformizadas, Torcidas Organizadas ou Charangas⁴⁹, que eram

⁴⁸ HOLLANDA, Bernardo. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras. 2010. Pag. 99

⁴⁹ Importante contribuição sobre o tema é o artigo sobre Jaime de Carvalho, escrito por Bernardo Buarque de Hollanda, no qual são discutidas as principais características da Charanga do Flamengo, modelo que pode ser facilmente comparado aos dos outros times no momento. Cf: Hollanda, Bernardo Buarque.

caracterizadas por seu caráter musical com o objetivo de animar a partida, ocupando as arquibancadas sob os comandos de um líder. A associação possuía vínculo estreito com o time e com os meios de comunicação. Esses grupos são apontados por Bernardo Buarque de Hollanda em sua tese de doutoramento sobre Torcidas Jovens, como resultantes da conformação de uma cultura de massas no Rio de Janeiro nas décadas de 1930, 1940 e 1950 e seus efeitos na área de desportos nacional. Uma das transformações ocorridas no bojo dos esportes apontada pelo autor é a estruturação de um campo autônomo na área de comunicação, no jornal e no rádio, que são incumbidos da tarefa de constituir uma assistência e um público ordeiro nos estádios. Esses setores vão contribuir significativamente para a construção do modelo de Torcidas Organizadas/Uniformizadas acima mencionado, por meio, por exemplo, da promoção de concursos, dos quais se destaca a competição de Torcidas, instituída por Mário Filho em 1936, o que contribuiu para a modelagem de “uma forma de conduta no espetáculo então almejado para o ascendente futebol profissional”⁵⁰.

As Torcidas Organizadas no Rio de Janeiro, durante a década de 40 principalmente, tinham como principal figura os chefes de torcida, que possuíam legitimidade junto a outros segmentos esportivos, apoiados pelos resultados alcançados que eram autodeterminados: “uniformidade, os torcedores assemelhavam-se em nível interno, porém, diferenciavam em nível externo face aos demais espectadores; e a organização, o grupo funciona por cooperação entre si e por subordinação a uma liderança única consensual.”⁵¹

Tais grupos possuíam pequenas orquestras musicais, com instrumentos de sopro e de percussão, com o uso de camisas bordadas dos times nas arquibancadas, assim como os jogadores em campo, o que simbolizava uma condição ativa e participante, que os diferenciava de um torcedor comum. Postura essa complementada pela confecção de faixas dispostas sobre o alambrado a indicar o território ocupado pela agremiação no estádio, marcando o território e delimitando espacialmente o comportamento seguido em cada parte, torcedor comum e torcedor uniformizado. Alguns chefes de torcida dos

“Jaime de Carvalho. Apontamentos biográficos”. **Revista Esporte e Sociedade**. Ano 2, N. 4, Nov/2006/Fev2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>

⁵⁰ Hollanda, Bernardo Buarque. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras. 2010. Pag. 49.

⁵¹ Idem. Pag. 106.

grandes clubes do Rio de Janeiro alcançaram repercussão além da esfera meramente esportiva entre as décadas de 1940, 1950 e 1960. O exemplo mais notório foi a Charanga, de Jaime de Carvalho, do Flamengo, criada em 1942. Na esteira, foi fundada em 1944 a Torcida Organizada do Vasco (TOV), por Aída de Almeida e um grupo de amigas que nos anos de 1950 passariam o controle para Dulce Rosalina; em 1946 foi a vez do Fluminense, com a Torcida Organizada do Fluminense (TOF), fundada por Paulista; em 1952, foi criada a Torcida Organizada do Bangu, liderada por Juarez; e, em 1957, a Torcida Organizada do Botafogo (TOB) que tinha como chefe Tarzan, assumindo o posto no lugar de Salvador Peixoto.

A figura de maior popularidade certamente foi Jaime de Carvalho⁵², por seu estilo conciliador e cordial, em consonância com o projeto de torcedor que se queria no momento. Ficou conhecido por atos simbólicos como a oferenda de flores à equipe adversária e os encontros com os chefes rivais antes dos jogos em sinal de confraternização. Seu comportamento pacificador ganhou destaque a tal ponto de Jaime de Carvalho ser mandado para a Copa do Mundo da Suíça, em 1945 patrocinado pelo *Jornal dos Sports*, a pedido do jogador Didi, no cargo de embaixador da torcida brasileira, fato também ocorrido em 1950, na Copa no Mundo. Sua participação em Copas do Mundo terminou na Alemanha, em 1974, antes de seu falecimento, dois anos depois. Sua importância no controle dos torcedores foi reconhecida, inclusive, pela polícia, ao ser condecorado pela instituição como “torcedor número 1” do Maracanã em 1958, em reconhecimento a sua responsabilidade de coordenação de campanhas de educação esportiva nos estádios, através da qual condenava práticas inconvenientes, como a queima de fogos de artifício e o uso de xingamentos e palavras de baixo-calão.

Outro grupo de torcedores, as Torcidas Jovens, tem início na virada dos anos 1960 para os 1970, quando são formados os embriões das torcidas organizadas propriamente ditas que perduram até hoje. Esses grupos romperam com a organização anterior subordinada ao clube, instalando um novo modelo de dissidências, dotando-se de uma estrutura com maior autonomia face aos clubes. Sobre o fenômeno da passagem das charangas para as Torcidas Jovens, Bernardo Buarque chama “de passagem da

⁵² Hollanda, Bernardo Buarque. “Jaime de Carvalho. Apontamentos biográficos”. **Revista Esporte e Sociedade**. Ano 2, N. 4, Nov/2006/Fev2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>

carnavalização para a juvenilização das torcidas organizadas⁵³.” Essas mudanças da forma de organização das torcidas teriam como mola propulsora alguns desdobramentos da cultura de massa iniciada na década de 30, quando o esporte foi ampliado e sua ressonância passou a ser em nível nacional a partir, principalmente, da criação de uma rede clubística nacional proporcionada pelo Campeonato Brasileiro. A principal mudança nas torcidas foi o fim do apoio incondicional ao clube como único desígnio associativo, com a inclusão de formas de intervenção no repertório das organizadas como a contestação, pressão e o protesto.

Ao analisar o fenômeno de transformação das Torcidas Uniformizadas em Torcidas Jovens, Bernardo Buarque se utiliza do argumento central de que essa foi uma ruptura marcada por um processo de formação de uma identidade juvenil, através da subversão da dependência clubística e comunicativa forjada nos anos de 1940. Fatos que estavam em contínuo intercâmbio com o contexto econômico, político e cultural da época. Como referência pontual de análise, o autor faz referência a quatro associações: a Torcida Jovem do Flamengo, fundada em 06/12/1969, embora já existisse informalmente desde 1967; a Torcida Jovem do Botafogo, criada em 09/09/1969, também já conhecida como Poder Jovem há pelo menos um ano; a Força Jovem do Vasco, criada em 1969, mas fundada oficialmente em 12/12/1970, mas antecedida pela Jovem Flu, de 1967.

Para o autor, o surgimento dessas Torcidas marcadas pela emergência de um poder juvenil e/ ou “Jovem” demonstrou estar em sintonia com um novo projeto jornalístico esportivo, a incorporar em sua retórica comercial a invenção de um estilo e de um modo de ser jovem, tal qual operada em escala nacional. Tais torcidas teriam surgido no seio da inconformidade, quer no que tange à diretoria do clube quer no que tange aos veteranos chefes de torcida, com o favorecimento também da dramatização de um conflito de gerações, então em cena com as revoltas estudantis no Ocidente e no Leste Europeu, no plano futebolístico. O autor aponta algumas mudanças no perfil das torcidas organizadas no primeiro quinquênio da década de 1970, processo desencadeado ainda nos últimos decênios da década de 1960. A emergência do poder Jovem nas Torcidas apontava para a demarcação de um ponto físico e simbólico de acomodação

⁵³ Hollanda, Bernardo Buarque. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras. 2010. Pag. 49.

nas arquibancadas, em oposição ao comprometimento das torcidas oficiais com os clubes.

A partir da hipótese de que existia um caráter mais geral, resultante da ação do contexto externo ao esporte, na criação dessas agremiações Jovens, Bernardo Buarque narra uma série de acontecimentos dramáticos que extravasavam o cotidiano da crônica esportiva, invertendo o papel tradicional de espectadores e convertendo-os a atores sociais, conforme ocorrido na onda de protestos ocorrida entre 1981 e 1984, promovida pela recém-criada ASTORJ (Associação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro), com a reivindicação da diminuição do preço dos ingressos nas arquibancadas. Dessa forma, as torcidas oficiais dos clubes teriam que dividir espaço nas arquibancadas com essas Torcidas Jovens, que se singularizavam “pela incorporação de um controvertido valor ao ato de torcer: o protesto⁵⁴”. Esse tipo de dissidência se expressava de duas formas distintas: primeiro, pelo não reconhecimento dos líderes de torcida e suas formas de controle e, ainda, pela capacidade de pressionar o clube externamente, uma força de fora para dentro, das arquibancadas para o campo. O autor destaca que o Jornal dos Sports teve papel fundamental no apoio dessa forma de torcer e na garantia de canais que possibilitassem a fala dessas vozes na cena social do período.

Já na década de 80, as Torcidas Organizadas tomam outros rumos, influenciadas principalmente pelas possibilidades abertas pelas condições estruturais do esporte na contemporaneidade e pela integração esportiva efetuada pela televisão. A partir dessa influência, as torcidas buscam criar suas próprias técnicas corporais com base em categorias nativas tradicionais, que atribuem valor e instituem parâmetros nas formas de torcer mediante uma leitura particular do espetáculo esportivo. Por vezes, são valorizados os atributos físicos – virilidade, a beleza ritualística, por meio da expressividade coreográfica, plástica e performática de cânticos coletivos entoados nos estádios.

Através do processo de globalização do futebol com a existência de uma rede de campeonatos mundiais televisionados e comentados diariamente, vários estilos de torcer são partilhados e formulados pelos torcedores. Até o momento, as torcidas inglesas, italianas e argentinas têm sido consideradas as matrizes fundadoras e difusoras da exortação de estilos nacionais de torcer, “transpassando fronteiras e irradiando seus

⁵⁴Idem. Pag. 188.

modelos para diversos países da Europa e da América Latina”. Esses diversos tipos de torcer, tão divulgados na atualidade, possuem relação direta com o objeto de estudo principal dessa dissertação, a disputa por uma memória e identidade de ser botafoguense através da análise de duas formas de torcer: representadas pela Fúria Jovem do Botafogo e pelo “movimento” Loucos pelo Botafogo, dois grupos que representam distintas formas de torcer.

Para realização do trabalho de comparação dos dois grupos, foram utilizados diferentes tipos de informações, conforme veremos na discussão metodológica das próximas seções.

1.4. Metodologia e descrição dos dados

Nesta seção serão apresentados os dados a partir dos quais foi realizada a análise de todo o trabalho. Trabalhamos com 3 tipos de materiais na construção de nosso *corpus* de análise: dados etnográficos, entrevistas e clipping de jornais esportivos na internet.

A escolha da torcida organizada Fúria e do “movimento” Loucos pelo Botafogo se deu a partir de questões surgidas no campo. O trabalho de campo foi compreendido por duas etapas. Minha primeira aproximação com o tema teve início no ano de 2007, ainda na graduação, quando fui bolsista de iniciação científica, sob orientação do prof. Marcos Alvito na Universidade Federal Fluminense (UFF). O projeto de pesquisa se chamava “Paixão Viglada - O policiamento de torcidas organizadas no Rio de Janeiro e na Inglaterra”, financiada pela Rede CEDES⁵⁵-UFF. Éramos uma equipe de quatro componentes, três estudantes da graduação do curso de História e o professor. Cada um de nós ficou responsável pela torcida “considerada a mais problemática e violenta pelo comando da Unidade de Policiamento dos Estádios⁵⁶” de cada um dos quatro grandes times cariocas, Torcida Jovem do Flamengo, Força Jovem do Vasco, **Fúria (Botafogo)** e Young Flu (Fluminense); eu fui responsável pela torcida do mesmo time. A pesquisa durou um ano, de janeiro a dezembro de 2007 e teve como resultado final a produção de nossos relatórios de pesquisa.⁵⁷

Fiz trabalho de campo nos jogos do **Botafogo**, na **Torcida Fúria Jovem**, considerada a mais violenta do time. A etnografia foi composta de idas a todos os jogos no Rio de Janeiro⁵⁸, durante o ano da pesquisa, a festas, locais de concentração, conversas informais com os torcedores e realização de duas entrevistas: com um dirigente e com uma torcedora. Tal trabalho nos permitiu observar a violência e os enfrentamentos entre grupos rivais e ainda entre torcidas do **Botafogo**, **Torcida Fúria Jovem** e **Torcida Jovem do Botafogo**. Porém, não ficou limitado a isso, pois pude observar toda a paixão torcedora em seu lado positivo, o lado da festa, do deboche, da

⁵⁵ Centro do Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

⁵⁶ Justificativa apontada no projeto de pesquisa apresentado pelo Prof. Marcos Alvito à Rede CEDES-UFF no ano de 2006.

⁵⁷ Menezes, Isabella Trindade. Relatório de pesquisa “observatório do torcedor”: A Paixão viglada, UFF. 2007

⁵⁸ Os jogos assistidos foram do Campeonato Estadual, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro durante o ano de 2007.

brincadeira e do crescimento de relações interpessoais e de associativismo que atraem milhares de pessoas de todas as idades.

Essa primeira entrada no campo, ainda durante a graduação, trouxe-me algumas questões acerca das torcidas e das formas de torcer, ao mesmo tempo em que me instigou reflexões na interface com a Memória Social, a respeito de como são produzidos sentidos nesse campo e qual a relação que é construída entre clube e a identidade dos grupos torcedores.

A aproximação e o acompanhamento de dois grupos do mesmo time me possibilitaram algumas reflexões acerca da questão da produção de algo novo a partir de uma forma de torcer diferenciada, representada pelo “movimento” **Loucos pelo Botafogo**⁵⁹ e da convivência com algo já existente, a **Fúria Jovem do Botafogo**⁶⁰. Percebi então que, ao passo que esses grupos vão se transformando e se (re)criando em relação ao outro, outros atores sociais têm participação no processo, como no caso na mídia e da diretoria do clube, ao apoiarem ou censurarem esses agrupamentos.

Resolvi investigar dois segmentos da torcida do Botafogo. O primeiro é uma torcida organizada já estabelecida, institucionalizada, com sede e com o maior número de torcedores em torno de si: a Fúria. O segundo segmento, a Loucos foi um agrupamento surgido em meados de 2006, que se apresenta como outra forma de torcer. É uma torcida de alento, ou seja, torcem durante todo o jogo, ganhando ou perdendo, cantando músicas de incentivo. Nas próximas seções, as práticas rituais das duas torcidas serão analisadas em conjunto com as características que aproximam e repelem ambos os grupos, ora construindo semelhanças, ora construindo diferenças em torno de um objetivo comum, que é ser botafoguense.

A partir da etnografia e da vivência em campo surgiram alguns questionamentos acerca da construção e da afirmação da identidade desses grupos. Pude observar, por exemplo, que os códigos que norteiam esses agrupamentos são ao mesmo tempo partilhados e alvo de distinção entre eles. A existência de divisões no interior do mesmo grupo, os torcedores do **Botafogo**, faz com que existam diferentes ideais de pertencimento, já que cada um dos grupos se relaciona com o time, com o futebol e com o ato de torcer, ora de maneira similar, ora diferenciada.

⁵⁹ Fundada em 2006.

⁶⁰ Fundada em 2001.

Os dados coletados serão utilizados com o objetivo de analisar os rituais diferenciadores observados durante a etnografia, buscando investigar os significados atribuídos pelos torcedores em sua própria dinâmica, através da utilização e apropriação dos espaços, a partir de um olhar antropológico, já que “o que importa ao olhar antropológico não é apenas o registro e reconhecimento da diversidade cultural, mas também a busca pelo significado dos comportamentos – da experiência humana⁶¹”.

A etnografia consistiu no acompanhamento dos agrupamentos investigados em dias de jogos, festas, locais de concentrações, locais de encontros para realização de entrevistas, acompanhamento dos sites de relacionamento e bate-papos online. Somadas as horas gastas em termos genéricos com a torcida totalizam-se aproximadamente 206 horas de trabalho de campo. Isto me permitiu ter acesso a informações importantes e às formas de organização desses torcedores.

O material coletado forma o *corpus* de análise desse trabalho. Entendo por *corpus* todos os materiais coletados até o momento, mesmo os materiais que não serão trabalhados, por motivos os mais diversos possíveis. A noção de *corpora de linguagem* trabalhada por Bauer me parece estar em consonância com a perspectiva aqui adotada de coleta e análise de dados:

Os *corpora* são estruturados a partir de vários parâmetros, tais como o canal (falado ou escrito, escrito para ser falado, etc.), temática (arte, família, religião, educação, etc.), função (persuadir, expressar, informar, etc.). Combinações destas categorias podem formar uma tipologia hierárquica de registros.⁶²

As questões aqui levantadas partiram da observação dos diferentes materiais, em maior ou menor escala. Dessa forma, mesmo que a análise principal se concentre nos dados etnográficos e nas entrevistas, todo o material já coletado também serviu de instrumento para reflexão e construção de pesquisa, o que possibilitou um trabalho articulando as diferentes frentes de pesquisa. Trabalhar com esses registros foi o resultado de escolhas que ao mesmo tempo construíram e foram construídas pelo objeto, tendo em vista que qualquer forma de seleção já é uma análise.

⁶¹ Magnani, José Guilherme Cantor. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) **Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana**. EDUSP, São Paulo, 1996. Pag. 18.

⁶² BAUER, Martin W & ARTS, Bas. A construção do corpus de pesquisa. In: Bauer, Martin W. & Gaskell, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 39-63, 2004. Pag. 45.

Dessa forma, as seções que seguem buscam explorar, justificar e explicar as diferentes categorias do *corpus* trabalhado. Serão explicitadas as formas de coleta, catalogação e análise das fontes trabalhadas.

1.4.1. Etnografia

O trabalho de campo realizado exigiu grandes esforços, pois não era suficiente estar apenas nos jogos. Era fundamental chegar antes das partidas, em média uma hora antes do início da partida, em jogos normais, e no mínimo duas horas antes em dias de clássico⁶³. A diferença apontada na observação é reflexo da mudança de postura dos torcedores, o que se dá pelo fato de que em dias de clássico as emoções estão mais afloradas e os preparativos exigem uma maior organização: os estádios ficam cheios e as expectativas acompanham o número de torcedores; quanto mais cheio o estádio, maior a tensão e o show das torcidas. Os preparativos começam bem antes do jogo, com a organização de materiais, faixas, bandeirões e outros paramentos que possam tornar o torcer mais rico. No caso das organizadas, esses preparativos podem incluir agendamentos de brigas e anúncio de enfrentamentos.

Ao entrar no campo de pesquisa, tinha como objetivo entender o funcionamento do objeto estudado e conseguir conquistar a confiança de contatos que me auxiliassem na pesquisa, seja com entrevistas, ou simplesmente para esclarecimento de questões, premissa para a realização de uma pesquisa qualitativa, paradigma aqui adotado. O pesquisador tem que estar consciente de sua posição, pois estamos sempre intervindo socialmente na pesquisa, segundo Flick⁶⁴: “A pesquisa perturba, desorganiza rotinas, sem trazer compensação perceptível ou imediata ou a longo prazo para a instituição e seus membros.”

No caso das torcidas organizadas a aproximação se configurou em um desafio, já que além de serem grupos fechados e estigmatizados pela mídia como violentos e desordeiros, o que aumentava a desconfiança em relação a minha pesquisa, pela possibilidade de ser uma repórter, ainda existia a barreira de gênero, por este ser um

⁶³Clássico é o termo utilizado quando duas equipes grandes da mesma cidade de enfrentam.

⁶⁴FLICK. U. Questões de pesquisa. In: **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 63-75, 2005. Pag. 72.

ambiente formado predominantemente por ideais de masculinidade. Ao mesmo tempo, enquanto pesquisadora, eu tentava enunciar a importância desse trabalho como uma possibilidade de se contar uma versão a partir da própria narrativa torcedora, uma abordagem para além de preconceitos e estigmas.

Uma maneira de tentar mitigar as desconfianças e construir uma relação entre pesquisador e sujeitos pesquisados, foi fornecer o máximo possível de informações acerca da pesquisa, seus fins, objetivos, procedimentos, resultados, intenções, enfim, garantir ao pesquisado meios de compreensão do trabalho acadêmico e sua utilidade. É necessário e crucial para uma pesquisa qualitativa com dados etnográficos o estabelecimento de uma relação de confiança e respeito. Realizei o trabalho de campo com base nessas prerrogativas, conforme explicitado em uma de minhas notas de campo:

E20070207 – Visita à sede da Fúria Jovem do Botafogo – Centro do Rio de Janeiro

Quando cheguei ao campo em 2007, minha primeira atitude, antes mesmo de ir a qualquer jogo, foi visitar a sede da torcida **Fúria Jovem do Botafogo**, com o objetivo de me apresentar e conseguir autorização dos participantes da torcida, ou seja, estabelecer uma relação de confiança, demonstrando primeiro meus interesses e me apresentando. Era uma semana que antecedia um jogo do **Botafogo** contra o Flamengo pelo campeonato carioca e a sede estava bem movimentada, havia muitos torcedores em busca de ingressos. Logo que cheguei me dirigi ao balcão e me apresentei a um rapaz que estava no balcão de vendas. Foi uma situação um pouco desconfortável, pelo fato de eu ser a única mulher ali no ambiente e pela forma como ele me tratou deixando claro que eu não era bem vinda. Primeiro pensou que eu era jornalista e, nem mesmo com todas as explicações sobre a pesquisa e o trabalho que estava sendo desenvolvido, senti que estava seguro ao falar comigo. Lembro-me de que quando estava indo embora ele fez a seguinte fala “Então ta bom, da próxima vez que vier, já traz as perguntas prontas, porque ai a gente acaba logo com isso”.

Esse episódio ilustra uma característica formadora das torcidas organizadas que será detalhada nas próximas seções, a desconfiança em relação ao outro. O clima de suspeição é reforçado no universo das torcidas organizadas, no qual existe a possibilidade de um informante de outra torcida, ou até mesmo da polícia, tentar se infiltrar e buscar informações.

Após essa tentativa de entrada no campo, resolvi buscar a aproximação de outra maneira, fui até um amigo que já havia participado da Torcida Jovem do Vasco, torcida aliada do **Botafogo**. Através de sua indicação, cheguei ao líder de uma das torcidas do Vasco, a Força Jovem, que me deu o contato de um torcedor da **Fúria**, um dos

diretores. Essa pessoa me ajudou muito, sempre ficava com ele nos jogos e aos poucos fui conhecendo outras pessoas e me socializando com o restante da torcida.

O interesse na aproximação com o presidente da torcida era por ele ser uma figura central, portadora de algumas prerrogativas da torcida, de informações privilegiadas, que poderia contribuir sistematicamente para a pesquisa, tanto por sua autorização, quanto pela contribuição. Porém, não consegui acesso à sua pessoa, o que significa que não cheguei a conquistar a confiança total da torcida. Mesmo com a permissão para a realização da pesquisa, minha presença parece não ter sido confortável para ele.

A etnografia foi parte fundamental desta pesquisa porque permitiu acompanhar de perto estes grupos e vivenciar suas práticas, cotidiano, rituais, linguagem, outras características e, acima de tudo, compreender o pesquisador dentro dessa dinâmica:

El punto de partida de la reflexividad implica considerar así al hombre como parte del mundo social, interactuando, observando y participando con otros hombres em um contexto y em uma situación espacio-temporal determinada y, desde allí, considerar al próprio investigador como parte del mundo que estudia⁶⁵.

Entre as atividades que merecem destaque estão a ida à concentração antes de um jogo contra o Flamengo, maior rival para os botafoguenses e a participação em uma “marcha”, que significa ir da Leopoldina⁶⁶ até o Maracanã, todos juntos andando, cantando e escoltados pela polícia. Fui à festa de aniversário da **Fúria Jovem do Botafogo**, no mesmo ano, onde pude observar as relações por todo o país com outras torcidas. Havia torcedores de outros estados, que representavam torcidas aliadas⁶⁷ e foram homenageadas na cerimônia. Havia ainda policiais do GEPE (Grupo Especial de Policiamento de Estádios), que também foram homenageados. Foi uma festa muito interessante, com funks “proibidos” e muitas músicas da torcida, onde pude observar outras formas de interação, além do torcer.

⁶⁵AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. El abordaje etnográfico en la investigación social. In: **Estrategias de investigación cualitativa**. GIALDINO, I. V. (coord) Gedisa Editorial, Barcelona, 107-152, 20062006. Pag. 115.

⁶⁶ Antiga Estação de trem, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, na Av. Francisco Bicalho. Local central por sua localização, o que faz com que haja um fluxo numeroso de pessoas e carros, visto que dali partem e passam ônibus para os diferentes locais da cidade.

⁶⁷Torcidas aliadas são as torcidas amigas, ou seja, as que possuem laços de amizade, proteção e responsabilidade de anfitriões, quando recebem visitantes. Por exemplo, em jogos fora do seu estado, a Fúria é recebida por outras torcidas responsáveis por levar os torcedores ao estádio do jogo e a outros lugares durante a estadia, é o caso da Gaviões da Fiel em São Paulo. Geralmente, há uma festa de recepção, um churrasco, na maior parte das vezes, oferta dos “donos da casa”.

Em 2008, foi minha chegada no “movimento” **Loucos pelo Botafogo**, processo muito diferente da entrada na **Fúria**. Optei por assistir aos jogos com o “movimento” por já ter material sobre a **Fúria** de um ano de pesquisa, que ocorreu no período de 2007. Meu interesse principal era contrastar os rituais de torcer e a “ideologia⁶⁸” desenvolvidos por ambos. Minha entrada na **Loucos** pode ser dividida em dois momentos. Em um primeiro, com contato com os torcedores de Niterói, e em um segundo, já em 2009, quando conheci os torcedores do Rio de Janeiro e comecei todo o processo de socialização novamente.

Como primeiro passo, passei a fazer parte da comunidade no Orkut dos **Loucos** de Niterói, na qual combinavam-se o transporte e idas a jogos. O primeiro contato foi uma ida com eles até o Estádio Olímpico João Havelange, Engenhão⁶⁹, após colocar meu nome na lista pela internet. Encontramo-nos no ponto combinado, quando me apresentei como pesquisadora, falei sobre a pesquisa e meus objetivos. Em outra ocasião, tive a oportunidade de ir a um jogo em Mesquita, bairro localizado na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. As pessoas foram conversando, sentadas na van, falando sobre assuntos em geral, não necessariamente em futebol, sem cantorias ou batucadas, como ocorre nas torcidas organizadas.

No total, assisti a 35 jogos no ano de 2007, de observação da Fúria Jovem. Alguns clássicos de outros times foram também assistidos com o objetivo de comparação dos comportamentos existentes. Totalizando, assim, aproximadamente 150 horas de trabalho de campo, entre entrevistas, jogos, filas para comprar ingresso, conversas de telefone e via internet e ida a festa.

Tudo que eu ouvi e vi nesse período foi anotado em diários de campo, codificados com data, local do jogo, adversário e placar. Todos os contatos com integrantes e torcedores foram devidamente registrados, até mesmo conversas em salas de bate-papo virtuais ou pelo telefone. Essa entrada no campo possibilitou-me o acesso a outras fontes, tais como registro fotográfico, registro das músicas cantadas nos estádios, entrevistas com torcedores de ambos os grupos e vivenciar as rotinas deles.

⁶⁸ Ideologia aqui é uma referência a um conceito nativo, utilizado pela Loucos pelo Botafogo para designar uma espécie de código de conduta e aqui está sendo alargado em diálogo com o conceito de filosofia de torcer proposto por Rosana da Câmara Teixeira. **Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003. Pag. 136.

⁶⁹ Localizado no bairro do Engenho de Dentro, Zona Norte da cidade.

Em conjunto com os jogos, acompanhei as notícias do clube em sites esportivos, enumerados ao final desse projeto.

Ao longo deste trabalho optei por codificar meus diários de campo e entrevistas para apresentação do *corpus* da seguinte maneira: OE 20090212, por exemplo, representa observação etnográfica realizada em 12 de fevereiro de 2009. Tal mapeamento permitiu a organização e sistematização do material coletado de forma mais precisa. O mesmo tipo de codificação foi adotado para a organização das entrevistas: torcida, ordem da entrevista, dia, mês e ano, como no exemplo, ELPB001 20090212: Entrevistado Loucos pelo Botafogo 001, em 12 de fevereiro de 2009; ou EFJB001 20090212: Entrevistado Fúria Jovem do Botafogo 001 em 12 de fevereiro de 2009. As fotos seguem a mesma lógica: foram catalogadas por ano, mês e dia.

Todos os diários de campo seguem um modelo único de armazenamento de dados, separados por data, contendo resumo, pessoas com quem falei e a descrição de toda observação, levando em consideração a importância do armazenamento dos dados e sua sistematização na pesquisa:

El registro de la información constituye uno de los elementos claves de la OP. Es con dichos registros con los que el etnógrafo trabaja. Constituye la fuente imprescindible para el análisis y el desarrollo de la investigación⁷⁰.

1.4.1.1. Pesquisadora em campo

Há muito eu estava tentando participar de uma “concentração” da Fúria, mesmo que somente a nível local. Porém, sempre havia algum motivo pelo qual Guilherme⁷¹ justificava não me informar sobre os locais combinados. O que pode explicado por três características desse universo: o primeiro deles, o risco existente, parte constituinte da metáfora bélica, já que os enfrentamentos com torcedores rivais se configura como uma possibilidade; o segundo seria relacionado à minha posição enquanto mulher, o que na verdade se relaciona com o primeiro: dados os riscos existentes, nenhuma mulher

⁷⁰ AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. El abordaje etnográfico en la investigación social. In: **Estrategias de investigación cualitativa**. GIALDINO, I. V. (coord) Gedisa Editorial, Barcelona, 107-152, 2006. Pag. 130.

⁷¹ Guilherme foi meu principal contato na Fúria Jovem do Botafogo. O verdadeiro nome do colaborador foi mantido em sigilo seguindo as normas do Comitê de ética da Unirio.

participa desses eventos, e, o terceiro, pelo fato de que nunca fui considerada uma torcedora pelas lideranças do grupo, já que desde o começo eles tinham conhecimento da pesquisa e do lugar que ocupava ali.

Os três postulados estão relacionados, uma vez que, por ser um ambiente no qual o perigo é uma característica, não é comum haver mulheres em momentos como a “concentração” e a “marcha”, por serem eventos nos quais as características da violência são ainda mais pungentes. O perigo e a ausência de mulheres na torcida reforçaram minha posição enquanto membro exterior ao grupo, já que são necessários confiança e o apoio mútuo.

Uma das minhas visitas à sede da torcida diz muito a respeito do tratamento que recebi durante o trabalho de campo e das impressões dos torcedores que entraram em contato comigo:

Visita a sede da Fúria – OE20070207

Desde o momento em que cheguei, até o fim dos 20 minutos que estive na sede, os dois funcionários que lá estavam falavam que não eram violentos, que a torcida não gostava de brigar. Contudo, repetiam: “o jogo de domingo⁷² é de risco, o bicho vai pegar” em uma clara referência ao fato de que eu havia afirmado que estaria presente no clássico e gostaria de ficar próxima a eles, na arquibancada verde. Durante a conversa, houve um comentário que ilustra esse comportamento dos funcionários da sede, quando eles riram e falaram para eu desistir “Você? Vai ao Maracanã Domingo? De arquibancada?”. Segundo eles, seria muito perigoso, já que um clássico não era local apropriado para uma mulher desavisada. Perguntaram-me, ainda, se eu sabia o que era clássico.

Este episódio é apenas um entre tantos outros, nos quais a minha posição enquanto mulher era colocada em xeque. Havia, ainda, o fato de não pertencer à torcida, por ser mulher e por não ser torcedora. O que está relacionado à necessidade de segurança e auto-preservação deles, já que há algumas questões que envolviam assuntos ilícitos, como, por exemplo, a venda de ingresso da torcida ou, até mesmo o agendamento de brigas. Dessa forma, a torcida Fúria se mostrou um ambiente marcadamente masculino. A respeito da masculinidade no futebol, Luiz Henrique Toledo faz uma observação muito importante:

⁷² O jogo de domingo em questão era o primeiro clássico que teria do Campeonato Carioca daquele ano: Flamengo e Botafogo. Minha visita à sede, inclusive, foi uma tentativa de conseguir ingresso, porque estes já haviam esgotado nas bilheterias.

O futebol toma parte da construção de um mundo e ordem masculinos. (...) Essa afirmação masculina se desenvolve embasada em valores como virilidade e masculinidade, em um pólo ideológico no qual se afirma a força, a imponência, a violência e a ruptura da identidade do outro. O que não é classificado nesses níveis é classificado como débil, feminino. Desqualificação do outro e tomam para si o monopólio da paixão e da festa⁷³.

Pude perceber que, na Fúria, as relações de amizade e confiança eram fundamentais, conforme será detalhado na próxima seção, tendo em vista o perigo dos enfrentamentos, pois um precisa proteger o outro, construindo, assim, uma necessidade de coletivo. Nesse sentido, como não havia grau de igualdade suficiente na forma como me encaravam ou, pelo menos, o suficiente para possibilitar o estabelecimento de uma relação de confiança, havia sempre uma desconfiança sobre mim e meu trabalho, o que era reforçado pela desconfiança existente em relação à mídia. Foi recorrente ouvir torcedores reclamarem da abordagem da mídia sobre eles e confundir meu trabalho com o de jornalista.

Durante todo o trabalho de campo sempre tiveram uma posição muito clara sobre mim. Eu era alguém de fora e que gerava desconfianças. Tal comportamento pode ser, em parte, explicado sobre a perturbação que a etnografia causa nas rotinas dos nativos. O pesquisador tem que estar consciente de sua posição, pois estamos sempre intervindo socialmente na pesquisa. Minha presença enquanto mulher, no universo do futebol e das torcidas organizadas, era perturbador, visto não serem objetos legítimos de interesse para mim, aos olhos dos torcedores.

Embora recusada, a violência foi parte constituinte das narrativas da Fúria, às vezes como um lamento de um mal necessário “as coisas acabam acontecendo” e, às vezes, tratada como capital simbólico, quando os torcedores estavam entre iguais. Eram, então, narradas as brigas com a maior riqueza de detalhes e orgulho. Havia uma diferença entre seu comportamento comigo e entre “eles”, já que era clara a inexistência de um constrangimento quando estavam entre “eles”, torcedores organizados, momento em que deixavam aflorar os sentidos masculinos construídos coletivamente. Em contrapartida às conversas comigo, enquanto mulher e pesquisadora, portanto, isenta desses códigos de masculinidade.

⁷³ Toledo, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ ANPOCS, 1996. Pag. 136.

Outro ponto que marcou o estranhamento em relação a minha presença enquanto pesquisadora foi a resistência do meu contato em me levar à marcha e à concentração. Ao tentar diversas vezes a permissão para ir aos locais, deparei-me com seu telefone desligado na semana de jogos importantes ou, simplesmente, com a negação do conhecimento do local de concentração. E, na hora do jogo, eu presenciava a chegada dos canis, o que demonstrava a ocorrência de uma concentração. Portanto, a autorização à concentração em um domingo, no jogo final do Campeonato Estadual, Botafogo e Flamengo, foi um importante passo na construção da relação pesquisadora e torcedores e no processo de conhecimento do grupo. Por isso, elegemos esse dado como a fonte que guiará a análise acerca dos rituais da Fúria.

O trabalho de entrada no campo é importante para considerarmos os aspectos da relação de gênero construída ao longo dos 35 jogos observados. A postura dos dois grupos, tanto a Fúria, quanto a Loucos, em relação à posição da mulher foi diferenciada, já que na Fúria, as mulheres eram vistas apenas como acompanhantes, sem ocuparem cargos ou participação de fato nas atividades da torcida. Em contrapartida na Loucos pelo Botafogo, as mulheres ocupavam as mesmas funções que homens, carregando inclusive, materiais da torcida. Porém, não há como não fazer referência a essa questão, posto que a masculinidade, uma das questões tratadas em trabalhos sobre gênero, parece ser um traço constitutivo e assimilado na “ideologia”, ou que o Rosana da Câmara Teixeira⁷⁴ chama de “filosofia” da torcida: os parâmetros reguladores das atividades torcedoras, o que cada grupo toma para si como certo e se relaciona com o time e com as outras torcidas a partir de tais prerrogativas. Porém, é importante salientar que, mesmo a partir de uma participação efetiva das mulheres na Loucos pelo Botafogo, minha posição enquanto pesquisadora era também motivo de desconfiança e desconforto. Afinal de contas, eu ainda era parte exterior ao grupo.

As torcidas organizadas são grupos socialmente reconhecidos como violentos, imagem, em boa parte construída pela mídia. Em parte, também são concebidos como grupos arruaceiros, que transitam entre a legalidade dos estádios e a ilegalidade de suas práticas, brigas, depredação, arrastões, venda de ingressos, entre outras. Por essas razões, são grupos fechados, nos quais a lógica de lealdade e da confiança é fato

⁷⁴TEIXEIRA, Rosana Câmara. **Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas.** São Paulo: Annablume, 2003. Pag. 136.

indiscutível, tendo em vista a realização e o envolvimento desses grupos com atividades ilícitas.

Vêm com muita desconfiança pessoas de fora, ou seja, não socializadas. Nesse caso, por exemplo, para fazer parte de uma torcida organizada é necessária a realização de um rito de passagem, o “batismo”, ritual pelo qual o torcedor é socializado na torcida, tornando-se, assim, um membro oficial. A partir desse rito, o torcedor é considerado apto a participar das atividades do grupo. Em entrevista⁷⁵ à pesquisadora, o torcedor Guilherme⁷⁶ fala sobre algumas tarefas realizadas em um batismo, tais como subir em cima do ônibus ou viajar trancado no banheiro do ônibus. Pode-se afirmar que são ações que possuem relação com a disposição física de agüentar algum tipo de dor ou privação. O fato desse tipo de iniciação ocorrer, na maioria das vezes, em viagens tem relação com a especificidade destas, na medida em que representam um distanciamento maior da realidade e, simultaneamente, possibilitam uma maior aproximação e convivência entre as pessoas envolvidas, o que foge aos parâmetros do cotidiano.

Os apontamentos sobre o trabalho de campo estão diretamente relacionados à lógica constituinte de cada um dos grupos, conforme veremos no próximo capítulo, a partir da análise dos rituais torcedores e das viagens.

1.4.2. Fotos

Durante o trabalho de campo realizado, foram tiradas fotografias das torcidas, durante o período de observação delas. As fotos foram tiradas por mim em jogos, concentrações, locais de encontro e outras ocasiões. Os momentos fotografados são os mais diversos, desde comemorações de gol, reclamações com o juiz, realização de coreografias com as mãos e com o corpo, momento do gol adversário, bandeirões abertos, bandeiras, faixas, símbolo das camisas, chegada de canis e outras situações possíveis nas situações de torcer.

As várias fotos tiradas possibilitaram o registro das diversas atividades acompanhadas, possibilitando a catalogação dos diferentes símbolos da torcida: contidos em camisas, bandeiras, faixas e outros adereços e expressões gestuais com o

⁷⁵ A análise das entrevistas será realizada no capítulo 3.

⁷⁶ Os nomes adotados na descrição dos dados são pseudônimos, que foram utilizados com o interesse de preservar a identidade dos colaboradores.

próprio corpo do torcedor. Foi construído um acervo de aproximadamente 200 fotos de torcedores, que é parte integrante do *corpus* de análise.

1.4.3. Entrevistas

Durante o ano de 2007, foram realizadas duas entrevistas com integrantes da **Fúria Jovem**, dada a dificuldade de conseguir um entrevistado disposto a falar e que permitisse a gravação do áudio. Foram duas entrevistas bastante significativas. A primeira foi realizada com um diretor da torcida. A segunda entrevista foi fundamental para a pesquisa porque mostrou a percepção de uma pessoa que está no grupo e acompanha tudo, mas, segundo seu discurso, não possui comprometimento com as atividades, mesmo que se alinhe positivamente em relação às ações da torcida, ao longo da entrevista, como observaremos no capítulo 3. Essas duas entrevistas foram realizadas e transcritas por mim.

Já na segunda etapa da pesquisa, entrevistei dois membros do movimento **Loucos pelo Botafogo**, moradores da cidade de Niterói. As entrevistas foram embasadas pelo paradigma qualitativo de coleta de dados, História Oral e pela abordagem da análise do discurso da Sociolinguística Interacional⁷⁷, perspectiva teórica que será apresentada em outra seção. Foram realizadas algumas mudanças no roteiro utilizado anteriormente, com a retirada de questões específicas acerca de policiamento e história de brigas e uma nova redação, com perguntas abertas, com o objetivo de estimular as narrativas dos entrevistados⁷⁸. As entrevistas foram realizadas por mim e transcritas por um profissional.

O primeiro membro entrevistado foi um participante que não possui implicações com o grupo, apenas frequenta os jogos, sem ocupar alguma função ou cargo. O segundo entrevistado foi uma das lideranças do movimento em Niterói, um dos precursores.

Essas entrevistas formam um conjunto que se completa e serão analisadas no capítulo 3. É evidente que cada um dos torcedores possui uma vivência e impressão da torcida distintas dos outros. Porém, essas impressões se tocam em diversos pontos e

⁷⁷ Gofman, 1981. Gumperz, 1982;

⁷⁸ BAUER, Martin W & ARTS, Bas. A construção do *corpus* de pesquisa. In: Bauer, Martin W. & Gaskell, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis**. RJ: Vozes, 39-63, 2004.

permitem a compreensão do processo de formação desses grupos e de sua identidade, como indica Alessandro Porteli sobre a representatividade da fonte histórica,

(...) em que medida estas narrativas constituem matéria não exclusivamente literária, mas históricas: ou seja, em que medida a subjetividade de seus narradores pode ajudar a delinear uma subjetividade mais ampla⁷⁹.

O que torna um informante representativo é sua narrativa, ou seja, os meios e argumentos que utiliza para traçar sua construção discursiva, os procedimentos simbólicos e os códigos partilhados pelo grupo de que faz parte. Ao organizar as informações, procedimentos e idéias que são compartilhados socialmente, os entrevistados sugerem a sua construção enquanto indivíduo pertencente a uma determinada visão de mundo, aqui no caso, a uma determinada forma de torcer. Por isso, os dados foram analisados a luz da própria lógica dos torcedores, como veremos a seguir.

1.4.4. Outros materiais

Foram realizados clippings de notícias sobre as torcidas do **Botafogo** ao longo dos anos de 2007, 2008 e 2009. Ao lidar com a análise da mídia sobre as torcidas, foi possível construir uma visão abrangente de todo o processo. Essa análise das notícias é importante para notabilizarmos o apoio a novas formas de torcer, que estejam inseridas em um projeto de domesticação dos torcedores, que será objeto de discussão na análise dos dados.

Outro tipo de material coletado foram as músicas, inventariadas após serem ouvidas nos estádios, através das quais ficam evidentes as diferenças existentes entre os grupos, tanto no que tange ao ritmo quanto à melodia e letras. Tais músicas foram gravadas em dias de jogo e suas letras foram transcritas posteriormente.

Foi realizado ainda o acompanhamento das comunidades do site de relacionamentos orkut, sites oficiais e bate-papos com torcedores do **Botafogo** e das

⁷⁹ PORTELLI, Alessandro. “A Filosofia e os fatos”. Tempo Nº02. **Dossiê teoria e metodologia**. V.01. Rio de Janeiro, 1996. Pag. 70.

respectivas torcidas, assim, pude acompanhar as diferentes discussões e desdobramentos de ambos agrupamentos. Essas informações se complementam de maneira geral e formam um mosaico que permite um conhecimento mais aprofundado sobre o tema.

Ao abordarmos o tema torcida, logo pensamos em identidades contrastivas, nas brincadeiras e deboches entre amigos ao resultado final dos jogos, ou então, nas comemorações que seguem após uma vitória sobre o adversário. Enfim, falar em futebol e torcida significa agregar valor a uma determinada identidade de grupo, que surge sempre em relação à outra. E quando falamos de torcidas de um mesmo time? Podemos falar em uma identidade genérica ou devemos levar em consideração as especificidades dos grupos?

Para a análise das distintas formas de torcer do **Botafogo**, elegemos o estudo de caso de dois grupos torcedores do **Botafogo de Futebol e Regatas**. A escolha dos grupos se deu a partir de questões surgidas no campo. Resolvemos investigar dois pólos da torcida, o primeiro é uma torcida organizada já estabelecida, institucionalizada, com sede e com maior número de torcedores em torno de si. O segundo extremo foi um agrupamento surgido em meados de 2006, que nos apresenta uma outra forma de torcer. É uma torcida de alento, ou seja, torcem o jogo, ganhando ou perdendo. Pensar na formação e relação entre esses grupos, assim como contextualizá-los em seu momento histórico, é o objetivo principal a ser explorado no próximo capítulo.

2. Modos de torcer, modos de fazer, modos de ser Botafogo

O objetivo deste capítulo é analisar as práticas rituais dos dois grupos estudados, visando a investigar uma lógica “individualizante” presente na matriz espetacularizada do futebol, responsável por algumas transformações no comportamento torcedor. Partimos do pressuposto do processo de individualização a partir de Nobert Elias, em *A Sociedade dos indivíduos*, para afirmação de que as modificações geradas por essa lógica individualizada são produtoras de um novo *habitus* torcedor, levando em consideração que

“o futebol do espetáculo constituiu-se paralelamente ao seu público, uma modalidade de apreciadores muito peculiar, na medida em que seus interesses são, via de regra, dados pela adesão a uma agremiação tradicional que se faz representar dentro de campo por uma equipe com onze jogadores⁸⁰”.

Dessa forma, as práticas torcedoras devem ser também analisadas na perspectiva de modernização do esporte.

O argumento central é de que as práticas da Loucos pelo Botafogo estão mais alinhadas como práticas individualizadas, na medida em que são portadoras de discurso de construção e manutenção da ordem, no qual estão presentes traços de impessoalidade nas relações sociais, uma vez que seus investimentos afetivos são dirigidos ao clube enquanto instituição, a partir da narrativa de uma doação missionária ao clube. A análise dos elementos rituais se concentrará nos significados atribuídos a eles pelos dois grupos estudados.

Parto do pressuposto de que a modernização do futebol possibilita/ estimula o surgimento de transformações nas formas de torcer, aqui representadas pela Loucos pelo Botafogo. Para a discussão desse argumento, utilizarei o conceito de individualização de Nobert Elias⁸¹, em *A sociedade dos indivíduos*, levando em consideração que tal abordagem não examina este processo como uma necessidade de evolução da sociedade ou como etapa necessária à civilização, mas como uma dos desdobramentos do processo modernizante do esporte atrelado às mudanças na forma de torcer nos últimos tempos.

⁸⁰DAMO, Arlei. “Senso de jogo”. **Esporte e sociedade**. N 1, Nov2005/Fev2006. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>

⁸¹ Cf. Elias, Nobert. **Sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

Conforme foi discutido anteriormente, há um processo de modernização do futebol em escala global controlado pela FIFA.

2.1. Mudanças na forma de torcer

Conforme será discutido ao longo deste capítulo, apontaremos a existência de uma polarização entre a individualidade, ou melhor, um ideal de individualização, representado pela Loucos pelo Botafogo e um ideal de grupo ou coletividade representado pela Fúria. Tanto a coletividade quanto a individualização estão presentes como traços constitutivos da identidade de ambos, porém, são vivenciados de forma distinta.

Nos últimos anos, presenciamos o surgimento e o crescimento de torcidas de alento, que aos poucos foram tomando parte cada vez maior na co-construção do espetáculo nos estádios, seja na elaboração de novas formas de torcer, seja na construção de cenários⁸² colaborativos. No Rio de Janeiro, podemos apontar os casos da torcida Urubuzada do Flamengo, da Guerreiros do Almirante do Vasco da Gama e da Legião Tricolor no Fluminense, representativas desse novo modelo de torcer, no qual a Loucos pelo Botafogo, aqui estudada, se encaixa. São agrupamentos torcedores que buscam um distanciamento da violência, atribuída às torcidas organizadas pelos meios de comunicação. Com o objetivo de diferenciação das torcidas organizadas e, logo, das práticas violentas institucionalizadas, esse grupos adotaram modelos de torcer que incluem práticas cada vez mais racionalizadas e organizadas, conforme ocorrido no episódio relatado a seguir:

OE 20091122 - Penúltima rodada do Campeonato brasileiro: Flamengo 0 x O Goiás

A Urubuzada (torcida do Flamengo semelhante a Loucos do Botafogo) organizou um mosaico gigante que, pela primeira vez, incluía todos os setores do Maracanã, arquibancadas branca, verdes e amarelas e cadeiras azuis. A “obra” foi construída de forma colaborativa entre todos os torcedores com papel ofício. Quando chegamos ao estádio, mesmo antes da partida, já havia, em cada cadeira, um papel ofício que, de um lado, possuía uma cor e, do outro, as instruções para sua utilização e o desenho que seria formado a partir do uso do papel de cada um. As instruções indicavam que deveríamos aguardar a entrada dos jogadores do Flamengo em campo para virar a parte colorida para cima e levantá-la, construindo, assim, um mosaico

⁸² Na próxima sessão nos concentraremos na análise da construção desses cenários.

gigante, no qual torcedor seria uma peça. Ao final de tudo, havia o sítio da torcida organizada e a marca do patrocinador, no caso, a Olimpikus.

A escolha da descrição desse evento para iniciar essa seção tem como objetivo apontar os principais traços constituintes dos ideais de pertencimento de novos grupos torcedores, como a Loucos pelo Botafogo. É possível perceber o investimento em visibilidade, a aproximação com o clube, ou, como nesse caso, com o patrocinador - uma das instituições formais de poder ligadas ao clube - a manifestação de músicas de incentivo ao time e um nível organizacional desenvolvido, como o detalhamento do que cada torcedor deveria fazer e quais os objetivos descritos nos papéis distribuídos. Tal prática tratou todos os torcedores como indivíduos formadores de um contínuo, ser flamenguista. Devemos guardar as devidas proporções e diferenças entre os dois grupos, a Loucos pelo Botafogo e a Urubuzada do Flamengo, uma vez que cada time possui suas próprias representações, que, certamente, repercutem nas manifestações torcedoras.

No caso do Flamengo, por ser um time de reconhecida popularidade e pelo grande número de integrantes de sua torcida, os desdobramentos de novas práticas torcedoras têm implicações a partir da apropriação e releitura desse traço do clube, como por exemplo, a construção do maior mosaico de torcidas. No caso da Loucos pelo Botafogo, nosso principal foco de análise, estas manifestações possuem outra particularidade: a diferenciação, levada a sério até mesmo na escolha do nome adotado “movimento”, em um gesto de contraposição às torcidas organizadas, uma vez que os “loucos” negam veemente a participação em torcidas, mesmo que suas práticas estejam alinhadas como tais ou sejam releitura destas. Podemos confirmar essas novas formas de torcidas como lugares de memória⁸³, na medida em que representam apropriações da história e identidade dos clubes, trazidas à tona através dos rituais torcedores, construindo significados próprios para estas, ou seja, a partir de uma existência simbólica e concreta, respectivamente.

A adoção de um comportamento pacífico e de uma postura de colaboradores do espetáculo foram características fundamentais para a visibilidade e estímulo desses grupos em escala nacional, visto que há um claro e amplo apoio dos meios de comunicação a esses tipos de ações. Essas torcidas são retratadas como a materialização

⁸³ NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. **Proj. História**: São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.

de paz no futebol e a volta da família aos estádios. Podemos identificar esse tipo de comportamento como parte de uma mudança das torcidas. O estímulo da mídia, por exemplo, ajudou bastante nessa construção. Marshall Salhins fala de um domínio inconsciente da vida dos havaianos, na medida em que a estrutura social é assimilada sem ser regulada, mas regulando a vida⁸⁴.

O mesmo ocorre nesse caso, pois as estruturas são incorporadas, ou seja, a modernização de outros setores do futebol, como por exemplo, a adoção de paradigmas de gestão dos clubes racionalizados - conforme foi visto no primeiro capítulo – atrelado a uma mercantilização crescente desse esporte, provoca a mudança no enfoque do público, que passa a ser relacionado a um mercado consumidor em potencial no campo esportivo. É um efeito em cadeia, já que, mesmo que inconscientemente, o comportamento dos torcedores tende a corresponder a esse estímulo, parte de um processo global, gerenciado pela FIFA. Esse efeito pode ser relacionado principalmente à valorização da imprensa esportiva.

A violência presente nas torcidas organizadas foi tomada como base de argumento para o controle dos torcedores e a necessidade de um novo modelo comportamental, sempre referidas por autoridades envolvidas em debates esportivos e veiculadas nos meios de comunicação, conforme podemos observar nas declarações do ministro dos esportes acerca de necessidade de controle dos torcedores através de uma carteirinha de identificação⁸⁵:

Ministro diz que carteira vai banir torcedor violento dos estádios

O ministro do Esporte, Orlando Silva, afirmou que a carteira de identificação vai permitir que o torcedor violento seja banido dos estádios. "Eu trabalho com a lógica de banir do estádio quem vai provocar tumulto. Para isso, nós precisamos saber quem está assistindo aos jogos naquele momento", afirmou ele.

A localização desses torcedores (já identificados na entrada dos estádios) seria feita por câmeras. Segundo o ministro, o monitoramento por câmeras já é feito com sucesso nos estádios do Pacaembu e do Morumbi, em São Paulo, e pelo Beira Rio, em Porto Alegre.

⁸⁴ SAHLINS, Marshall David. Outras Épocas, Outros Costumes: A antropologia da História. In: **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Pag. 75.

⁸⁵ Notícias retiradas do site JusBrasil Notícias: <http://www.jusbrasil.com.br/> Visitado em 29/06/2010.

Carteira de torcedor é uma preparação para a Copa, diz ministro

O ministro do Esporte, Orlando Silva, defendeu há pouco na Câmara a proposta de criação da carteira de torcedor, que provocou polêmica nos meios esportivos. Ele afirmou que o projeto não é uma medida isolada - faz parte de uma estratégia que envolve não só o Congresso e o Ministério do Esporte, mas também o Ministério da Justiça, o Conselho Nacional da Justiça, o Ministério Público e a CBF, para ampliar a segurança e o conforto do torcedor nos espetáculos esportivos e preparar o Brasil para a Copa de 2014.

Segundo o ministro, o objetivo da carteira é aumentar o vínculo do torcedor com o clube, pois cria a figura do sócio-torcedor, que teria facilidade na aquisição de ingresso, desde que se submetesse a um cadastramento prévio. Os clubes poderiam inclusive utilizar o cadastro em estratégias de marketing. O ministro afirmou que a segurança seria uma consequência, porque o cadastro seria um mecanismo de identificação do torcedor no estádio, pois ele poderia ser monitorado. Além disso, o cadastro pode ser um instrumento para facilitar o controle de acesso do torcedor ao estádio.

O ministro citou a Inglaterra como exemplo. Disse que lá os torcedores com histórico de comportamento violento são impedidos de entrar nos estádios.

Sua argumentação é construída a partir da afirmação de controle e preparação para os eventos esportivos a serem realizados no Rio de Janeiro e Brasil, Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016. Para tratar da questão da violência presente nas torcidas organizadas e nos desdobramentos dessa realidade, elegemos um acontecimento que marcou os confrontos entre torcidas organizadas e, ainda hoje, serve como referência na discussão sobre esses grupos e a justificação de uma demanda de novas formas de torcer: a batalha campal do Pacaembu, ocorrida em 1995, no estado de São Paulo.

A batalha campal do Pacaembu pode ser considerada um acontecimento que marcou consideravelmente a condenação das torcidas organizadas e deu início a medidas de controle dos torcedores e o debate acerca delas. Transmitida pela TV, a invasão de campo por torcedores da torcida Independente⁸⁶ e da torcida Mancha Verde⁸⁷ resultante do enfrentamento entre os dois grupos foi transmitida ao vivo em rede nacional. O conflito resultou na morte de um adolescente e centenas de feridos. As cenas chocaram pela violência e pelo fato de que o espancamento foi também televisionado. Esse acontecimento é simbólico porque incitou um debate em nível nacional que abarca a legalidade dos torcedores organizados e, as relações nebulosas existentes entre torcedores e a diretoria dos clubes. Enfim, serviu como disparador de ações que vinham sendo discutidas que incluíram desde medidas policiais, como o cadastramento de torcedores, à proibição de existência de torcidas organizadas,

⁸⁶ Independente é a principal torcida organizada do São Paulo Futebol Clube.

⁸⁷ Mancha Verde é a principal torcida organizada do Palmeiras Futebol Clube.

seguidas, ainda, pela proibição da entrada de certos tipos de materiais nos estádios de São Paulo.

Esse evento marcou o início da demanda por um projeto que possibilitasse a existência de um público fã nas audiências, garantindo rentabilidade aos clubes e que, ao mesmo tempo, estivesse sob o controle das autoridades policiais. Observamos o aumento dos preços dos ingressos e da pressão sobre esses grupos, tidos como desordeiros. O surgimento de uma demanda por reformas no tratamento dos torcedores necessita ser discutida em sua relação com as modificações no cenário das transformações do futebol de maneira geral, conforme apontamos no primeiro capítulo. A necessidade de mudanças na forma de torcer reflete algumas características do próprio gerenciamento do esporte, favorável à adoção de uma lógica mais empresarial e modernizante do futebol. A partir dessa visão moderna do futebol espetacularizado como um negócio lucrativo a ser explorado, essas novas formas de torcer estão alinhadas como um modelo a ser estimulado, já que garantem a paz e a rentabilidade do esporte.

A construção de um modelo tido como seguro pelas autoridades envolvidas no gerenciamento do futebol apresenta medidas como o aumento da vigilância e do controle das torcidas dentro dos estádios, que podem ser encontradas na própria organização dos espaços físicos dos estádios, materialização de um processo de pacificação dos torcedores, conforme apontado por Gafney e Mascarenhas em artigo sobre as mudanças nos estádios:

Stadiums filled to capacity become less necessary, not only because of the new sources of revenue, but also because large crowds put at risk the very product that is being sold: conflicts between fans are a threat to the physical safety of the players, making them valuable stars of the new football economy⁸⁸.

Tendo em vista a necessidade de proteção dos jogadores, valiosas mercadorias no mercado da bola e a manutenção da estrutura física dos estádios cada vez mais modernos, os autores apontam a diminuição da capacidade de torcedores. O que ainda é acompanhado de aumento no preço dos ingressos, com o objetivo de maximizar os

⁸⁸GAFNEY, Christopher e MASCARENHAS, Gilmar. “The soccer stadium as a disciplinary space”. **Esporte e sociedade**. Nov/ 2005. NOV/2006. Nº01. Pag.07

lucros, pois diminui-se o público, aumenta-se a renda. Partindo de uma lógica mercantil e capitalista, é mais rentável a manutenção de um espetáculo pacífico, no qual os torcedores manipulam os símbolos do time sem confrontos, nem físicos, nem simbólicos e se mantêm como mercado consumidor.

Acerca da diferença entre os rituais da Loucos e da Fúria, ou seja, de uma forma de torcer mais alinhada a uma lógica mercantil e de uma torcida organizada, as considerações serão tecidas na próxima sessão, a respeito da formação de um novo *habitus* torcedor.

Essa mudança na postura dos torcedores é incentivada pela mídia, conforme já apontamos anteriormente, a exemplo da rede Globo, principal emissora de TV aberta do país, que apresenta as letras das músicas de incentivo aos times cariocas antes dos jogos. Entendemos por músicas de incentivo, seguindo os próprios torcedores do “movimento”, canções que entoam somente amor ao clube e ao seu passado glorioso. Não há insultos a jogadores e torcedores do time adversário, juízes ou dirigentes, nem mesmo referência a xingamentos, agressões verbais e simbólicas, como é comum observar nas torcidas organizadas. Assim que as primeiras versões de músicas de alento surgiram, como é o caso da “E ninguém cala” do Botafogo, a rede de TV passou a exibir legendas animadas promovendo as novas letras. Ao exibir as letras, a emissora de TV valoriza essa forma de torcer, contribuindo para a construção de sentidos a respeito de um espetáculo pacífico, o que vem acompanhado de uma série de comentários sobre o retorno da família aos estádios e da grande valia dos torcedores para o time.

A valorização de tais atitudes, representada pelo estímulo aos cânticos de alento, está intimamente relacionada à tentativa de diminuição de distúrbios nos estádios, que coloquem em risco o show vendido - o espetáculo futebolístico - os jogadores e as instalações físicas, o patrimônio dos clubes. O próprio som pode representar uma interferência na transmissão do jogo, ao chegar às casas com gritos de palavrão ou manifestações violentas. Comportamentos desviados que comprometem a transformação da figura dos torcedores em consumidores, no contexto de mundialização do esporte, conforme apontado por Marcos Alvito⁸⁹ acerca do controle do espetáculo:

As autoridades procuram garantir um futebol higienizado, um produto televisivo não perturbado por quaisquer distúrbios, onde a torcida e suas

⁸⁹ ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe nesse latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização.” **Revista Análise Social**, Lisboa. Vol. 41, n. 179, 2006

manifestações mais extremadas aparecem como aquilo que em teoria da comunicação é chamado de “ruído”. O projeto de transformação do torcedor em consumidor é explícito: no mesmo capítulo XI (Estatuto do Torcedor), o artigo 40 afirma que os direitos dos torcedores seguirão na “mesma disciplina da defesa dos consumidores”.

Essa nova configuração esportiva atinge todos os níveis do futebol, e, principalmente, os torcedores. Pode-se assim perceber o incentivo e entusiasmo da mídia na reportagem a seguir, frente a esses novos grupos torcedores, como na notícia a seguir a respeito da **Loucos pelo Botafogo**:

Torcedores fazem mutirão para pintar General Severiano

Não basta ser torcedor, é preciso participar. Com este lema, um grupo de botafoguenses se reuniu nesta terça-feira para iniciar uma reforma de General Severiano. De forma voluntária, eles juntaram baldes de tinta e rolos para pintar as paredes da sede do clube. Uma iniciativa, que, segundo eles, se estenderá.- Conversamos com a nova diretoria, que nos autorizou e forneceu o material. Ainda vamos pintar outras partes de General Severiano. Nossa ideia é ajudar, e pode ter certeza de que esse apoio se refletirá no Engenhão - prometeu Rafael Moisés, presidente da torcida que se prontificou a dar uma cara nova à sede do clube. Um outro grupo ficou responsável por consertar os tetos de gesso. Este mesmo grupo já havia, desde o ano passado, pintado alguns muros do Engenhão com o símbolo do **Botafogo**, mas sem qualquer ajuda da diretoria. Eles agora têm novos planos para o estádio alvinegro: - Vamos fazer painéis com imagens dos grandes ídolos do **Botafogo** para decorar os muros do Engenhão - disse Rafael Moisés.

Com apoio da diretoria, grupo de botafoguenses realiza trabalho voluntário para dar cara nova à sede alvinegra. (Notícia retirada do site www.globoesporte.com em 06/01/2009)

A notícia acima transcrita relata a participação do grupo na vida do clube, pintando o muro e tomando frente em um assunto que, a priori, é responsabilidade do clube, a manutenção da sede. O espaço dado a eles nos jornais é bem grande em proporção ao reduzido número de torcedores dessa categoria.

A experiência fora dos estádios, conforme mencionado acima, é de significativa importância, porém, só podemos tomá-la como eficaz a partir da ação conjunta do torcer, as práticas constitutivas do cenário no momento do jogo. Nesse caso, as estratégias de construção de cenários será analisada na próxima sessão, como estratégias diferenciadoras.

2.1.1. Construindo cenários e diferenciações

A construção dos cenários leva em consideração o desenvolvimento de estratégias de diferenciação em uma competição por bens simbólicos, na medida em que para Pierre Bourdieu⁹⁰ os bens representativos são referências de uma categoria de “distinções simbólicas” que transmuta os bens em signos, as diferenças de fato em distinções significantes, que devem o essencial de seu “valor” à sua posição em uma estrutura social, definida como um sistema de oposições e posições.

Dessa forma, os gestos torcedores são transmutados em distinções significantes, mais que uma diferenciação empírica, a competição pelos bens simbólicos está na base das diferentes estratégias de diferenciação, desde a ocupação dos espaços físicos a sua construção enquanto estrutura significativa e produtora de sentido, como veremos a seguir com a análise das notas de campo.

A divisão das torcidas tem início na ocupação da própria arquibancada, uma vez que cada grupo possui seu próprio espaço, o qual é determinante para as ações desenvolvidas. Por exemplo, no Maracanã, principal estádio do Rio de Janeiro, essa delimitação passa pelo controle da polícia: nas arquibancadas verdes ficam as torcidas organizadas, nas arquibancadas amarelas ficam os torcedores comuns, o chamado “povão”, torcedores que não pertencem a nenhum grupo organizado. Anteriormente, o “movimento” Loucos pelo Botafogo ficava na arquibancada amarela, em um gesto de diferenciação espacial das torcidas organizadas⁹¹. Já as cadeiras especiais, que margeiam o campo - a antiga geral - não possuem essa divisão, é um setor no qual fica o “povão”, sem organizadas. Veja as ilustrações⁹² abaixo com o esquema das arquibancadas do Maracanã:

⁹⁰ 2001. Pag. 16

⁹¹ Cabe ressaltar que em outros times, tal situação ainda persiste, como no Flamengo. A Urubuzada fica nas cadeiras amarelas.

⁹² Adaptado de: TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003. Pag. 91. A legenda da ilustração foi modificada, tendo em vista que o Estádio do Maracanã passou por reformas em 2007 para os jogos Pan-Americanos e a Geral foi substituída pelas cadeiras azuis. A figura 2 está invertida em relação à figura 1, porém, serve para possibilitar uma melhor visualização do esquema.

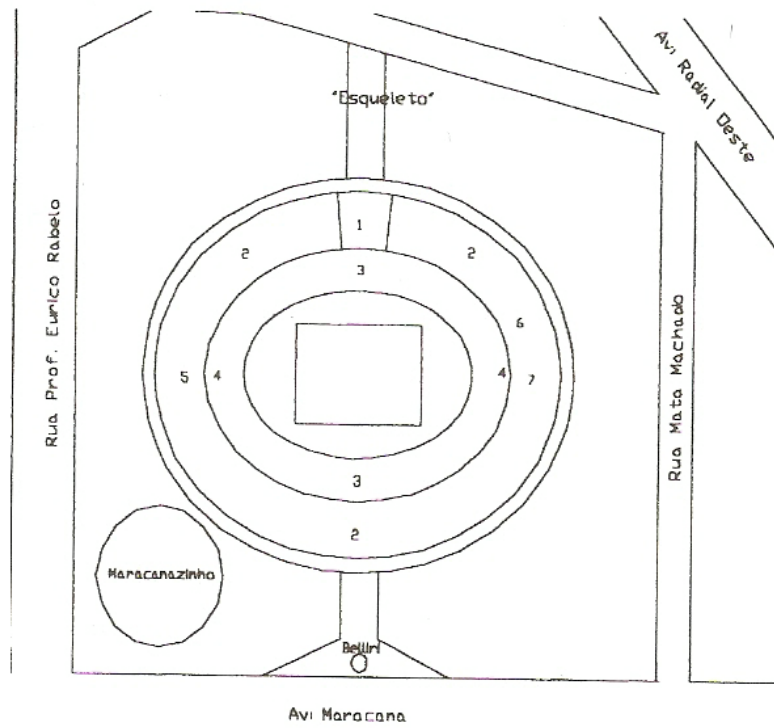


Figura 1

Legenda

- 1- Tribuna de honra
- 2- Arquibancadas verde, amarela e branca
- 3- Cadeiras azuis
- 4- Placar



Figura 2

Tal divisão é construída pela realização de ritos distintos e pela organização da forma de torcer. Cada grupo constrói seu espaço colaborativamente, de modo que essa diferença é perceptível, mesmo que não haja uma divisão concreta. No caso estudado, a Loucos pelo Botafogo torna essa fronteira material, ao utilizar grandes faixas verticais, denominadas “barras”, delimitando o espaço ocupado. Esse gesto é referência às torcidas de alento argentinas, segundo os próprios torcedores, que torcem o tempo todo, incondicionalmente.

Esses cenários são decorados com camisas, símbolos, bonés, bandeirões, bandeiras, bandeirinhas e vêm acompanhados de cânticos, gritos de guerra, palmas, movimentos corporais e do uso de outros instrumentos que possam colaborar para a festa. Porém, cabe ressaltar, que o uso desses signos é distinto nos dois grupos estudados, como por exemplo, nos símbolos adotados nas bandeiras. Enquanto a Fúria estampa suas bandeiras com cachorros fortes, os mesmo analisados nas fotos das camisas, o “movimento” estampa suas bandeiras com os ídolos do passado, em oposição aos jogadores da atualidade.

Logo, podemos apontar a disputa pelo capital simbólico, já que, diferentemente das outras modalidades de capital, este não é imediatamente perceptível como tal, por ser uma espécie de poder ligado à propriedade de "fazer ver" e "fazer crer". O capital simbólico é, a grosso modo, uma medida do prestígio e/ou do carisma que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo. O sistema de bens simbólicos para Bourdieu⁹³ refere-se a bens representativos de uma categoria de "distinções simbólicas" que transmuta os bens em signos, as diferenças de fato em distinções significantes, que devem o essencial de seu "valor" à sua posição em uma estrutura social, definida como um sistema de posições e oposições. Deste modo, a partir de uma marca de distinção, o capital simbólico permite que um indivíduo desfrute de uma posição de proeminência frente a um campo, e tal proeminência é reforçada pelos signos distintivos que reafirmam a posse deste capital.

Nesse sentido, acreditamos que dois elementos constitutivos da composição desses cenários acrescentem contribuições na discussão da diferença na forma de manipulação do capital simbólico ou na tentativa de adquiri-lo. A primeira delas é a

⁹³ BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre, Editora Zouk, 2001. Pag.16.

oposição entre o “bandeirão” das torcidas organizadas e as bandeirinhas do “movimento” ou torcidas de alento. A segunda característica seria a oposição entre a recepção dos jogadores em campo pelos dois grupos, auxiliando na construção desses cenários, seja com os gestos corporais, ou com representações iconográficas.

O “bandeirão” das torcidas organizadas, também utilizado pela Fúria, torcida aqui estudada, é uma bandeira enorme, de aproximadamente 40 metros de largura por 4 metros de altura e tem estampado em si o símbolo ou nome da torcida. Ela é carregada como um dos mais valiosos, se não o mais valioso, símbolo da torcida, já que contém em si a representação da espacialidade, por ser grande e, visível a todos no estádio, representativa de força e poder. Esse “bandeirão” é levado somente a jogos muito importantes, como clássicos, jogos decisivos ou jogos com público de elevado número, nos quais a torcida seja suficiente para protegê-lo, já que é alvo de investidas das torcidas dos times adversários. Dessa forma, o “bandeirão” é convertido em capital simbólico por seu significado, relacionado à imponência do tamanho e espaço ocupado, ideais de pertencimento do grupo, como é possível observar nas fotos abaixo:



F20070429



FGEPE 2557



F20070429

O “bandeirão” é levado enrolado até a arquibancada e desenrolado em momentos chave, quando vai sendo passado de mão a mão e cada torcedor puxa uma ponta e passa para o torcedor da frente ou de trás, dependendo do local de onde está saindo, embaixo ou em cima das arquibancadas. Nesse movimento do “bandeirão”,

todos os torcedores são encobertos por ele e sacodem de um lado para o outro. Aqui, o bandeirão é importante capital simbólico, uma vez que funciona como traço distintivo em relação às outras torcidas, por sua opulência e tamanho. Tais valores são importantes na representação da Fúria, porque têm como objetivo uma manifestação de força, tanto física quanto numérica.

Essa cobertura do bandeirão sobre todos os torcedores pode ser interpretada como a representação do ideal do grupo se sobrepondo aos indivíduos. É a cobertura do “nós”, da coletividade sobre o grupo, já que é esta que se sobressai. Observamos a supressão da individualidade de cada um em prol do “bandeirão”, já que, ao passarem o paramento por cima de suas cabeças, os torcedores ficam impossibilitados de assistirem ao jogo. Constroem, assim, um cenário imponente, baseado na grandeza territorial e visibilidade, bens simbólicos que funcionam como traços distintivos nesse caso.

Em contrapartida, o “movimento” Loucos pelo Botafogo faz uso de pequenas bandeiras com 60 cm de largura por 40 cm de altura de extensão, que são acenadas durante o jogo todo, em um movimento cadente, junto ao movimento do corpo e representa o esforço individual de cada torcedor. Nesse caso, a individualidade é a principal representação, já que cada um é responsável por acenar sua própria bandeira, conseqüentemente, temos a formação do grupo, representado visualmente pelo esforço individual de cada um, como na foto a seguir:



F20070923

O traço distintivo, aqui convertido em capital simbólico, é a longa duração da ação e o esforço de cada um. É a representação da participação controlada de cada participante. Controlada em dois sentidos, no sentido que todos exercem a mesma função, o mesmo movimento cadente e, ainda, no sentido de que não há uma explosão de energia, de emoções. É um constante de emoções cadenciadas ao longo da partida.

A força do indivíduo, ou seja, da identidade-eu, parece se sobressair em um, e a força do coletivo, a identidade-nós, em outro. Acerca dos cenários construídos, acreditamos que a diferença entre a adoção do bandeirão pelas torcidas organizadas e das bandeirinhas individuais pelo “movimento” Loucos pelo Botafogo auxilie na problematização das configurações de ambos os grupos, nos quais a relação entre o nós e o indivíduo é tensionada na construção dos cenários nos jogos. Ambos os casos nos remetem à coletividade, porém, essa coletividade é ritualizada de forma distinta na construção dos cenários. Ao falar da construção dos cenários temos por objetivo abordar as torcidas como uma festa espetacular⁹⁴,

onde o desenrolar do rito desvela extraordinária sofisticação artística, as fronteiras entre participantes e espectadores são fluídas e intercambiáveis, existência de diversas linguagens expressivas.

Há uma fronteira delimitada que permite a diferenciação de quem é jogador e quem é espectador. Quando falamos que as fronteiras são fluídas e intercambiáveis entre esses papéis sociais, o objetivo é inserir o espectador como parte do espetáculo do jogo, ou melhor, como produtor de um espetáculo a parte, por isso, a discussão sobre a construção dos cenários. Na mesma linha interpretativa, Bernardo Buarque de Hollanda fala de uma “inversão dos dois elos na sociedade do espetáculo: estrutura binária ator – espectador⁹⁵”, quando o espectador deixa de ter uma postura passiva - só de admiração e observação – para adotar certos tipos de comportamento, ocorre sua passagem de espectador para ator e produtor do espetáculo. Essa postura de ator produtor pode variar, conforme demonstrado a partir da problematização das bandeiras e a partir do recebimento dos jogadores em campo.

⁹⁴ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “Os sentidos no espetáculo”. **Revista de Antropologia**, vol. 45, São Paulo, 2002. Pag. 06.

⁹⁵ HOLLANDA, Bernardo. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras. 2010. Pag. 206.

2.1.2. Recebendo os jogadores em campo

O segundo ponto de distinção entre os grupos é o ritual de recepção dos jogadores no estádio, o que possui implicações à relação entre torcedores e jogadores, traços que auxiliam na composição dos cenários. Os jogadores são as figuras principais do time. Na maioria das vezes, a derrota ou vitória da partida é tomada como sua responsabilidade. Portanto, são responsáveis por despertar emoções das mais variadas naturezas.

As torcidas organizadas, por exemplo, possuem uma relação de amor e ódio com essas figuras. Os jogadores são louvados e recebidos com cantos próprios, gritos de guerra personalizados para os mais queridos, como por exemplo, “Diguinho, guerreiro⁹⁶”, “Zé Roberto, é nós, é nós⁹⁷” e, em caso de jogadores que não possuem a mesma aceitação, essa adoração passa ao escárnio público: são xingados e ameaçados nos estádios, treinos e até mesmo nas ruas.

Em contrapartida, não existe uma relação afetiva do “movimento” Loucos pelo Botafogo com os jogadores, pois segundo os torcedores, a relação estabelecida é profissional. Esses afirmam que há uma impossibilidade da criação de vínculos afetivos já que esses jogadores transitam entre os clubes, não construindo afinidades, por serem apenas profissionais, como quaisquer outros, pagos para realização de uma tarefa e, portanto, não devem ser idolatrados ou amados, já que sua passagem pelo clube é temporária. Todo o amor deve ser devotado ao clube Botafogo e Regatas, esse sim um “bem eterno”:

E20081206

Isabella: E a relação com os jogadores?

Davi: (...) Nossa idolatria é com o clube; jogadores, eles tem que entrar em campo e fazer o papel deles. Tanto que num sei se você percebeu, mas a Loucos num faz isso, por que? Porque tão ali pra passar o tempo, ou pra conseguir uma ponte pra Europa, o que eu num deixo de tirar a razão deles, porque todo mundo quer ganhar bem... só que o jogador é passageiro, e o clube é eterno. Então a gente num idolatra jogador.

As duas posturas distintas descritas acima estão diretamente relacionadas à festa produzida no momento de entrada dos atletas em campo, já que o espaço social nada

⁹⁶ OE200070301. Grito em homenagem ao jogador Diguinho do Botafogo.

⁹⁷ OE20070311. Grito em homenagem ao jogador Zé Roberto.

mais é que uma “representação abstrata, mediante um trabalho específico de construção”⁹⁸. No caso da Fúria Jovem do Botafogo, esses jogadores são recebidos com cânticos de incentivo, bandeiras de homenagens e faixas, algumas vezes, acompanhados de gestos corporais específicos. Já no caso do “movimento” esses jogadores são recepcionados quando entram em campo com o canto do hino oficial do Botafogo, como se a partida estivesse sendo preparada para a vestimenta de uma aura do time enquanto instituição, não como a exaltação das figuras individuais.

A respeito desses dois comportamentos podemos apontar a existência do dilema analisado por Jorge Helal⁹⁹ a respeito da direção dos clubes: a tensão existente entre uma estrutura profissionalizada e racionalizada de gerenciamento do futebol e a necessidade de envolvimento emocional dos dirigentes com o clube. A mesma tensão é analisada no trabalho de Arlei Damo¹⁰⁰ em relação à lógica impulsionadora no comércio de jogadores. O antropólogo desmistifica que os jogadores que nascem nas categorias de base do clube sejam mais valorizados, por possuírem um vínculo afetivo com o clube. Ao contrário, segundo sua análise, esses jogadores são julgados em igualdade com outros no mercado de “pés de obra,” de acordo com seu talento e competência esportiva. Ao contrário da opinião da maior parte dos torcedores, para quem o pertencimento clubístico deve ser o fator motivador para os jogadores, e não a recompensa econômica. Em contrapartida, a existência de um sentimento afetivo por parte do jogador em relação ao clube deve ser valorizada. Forma-se, assim, a oposição entre a mercantilização racionalizada dos dirigentes e a paixão clubística dos torcedores.

Nesses termos, a postura da Loucos pelo Botafogo desliza entre a diacronia e a sincronia com a comercialização do futebol, na medida em que se adapta tanto à lógica mercadológica do sistema – ao reconhecer que esses jogadores são passageiros - quanto a renega, ao menosprezar a importância dos jogadores no futebol, parte importante do processo de mercadorização. Essa postura deslizante, que ora está alinhada com a construção de ídolos, ora está alinhada com a tentativa de contenção das emoções, é constituinte do processo histórico enquanto transformação, já que quando “os significados culturais, sobrecarregados pelo mundo, são assim alterados, segue-se,

⁹⁸ Bourdieu, Pierre. **A Distinção: Crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. Pag. 162.

⁹⁹ HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

¹⁰⁰ DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

então, que se as relações entre as categorias mudam, a estrutura é transformada¹⁰¹.” Percebemos que a Loucos tem por objetivo um distanciamento das torcidas organizadas, forjando novas categorias de vivência do futebol e, simultaneamente, apropriando-se de outras já existentes, transformando-as. Portanto, os dois grupos constroem cenários diferenciados, de acordo com seus ideais de pertencimento; no caso da Fúria, uma ordem numérica e visível, e, no caso da Loucos, uma tentativa de diferenciação que impulse sua visibilidade.

Nesta seção escolhemos tratar da construção dos cenários nos estádios a partir de uma lógica modernizante, na qual os dois grupos oscilam entre a aceitação e adequação às novas demandas e entre o pertencimento clubístico, alvo de investidas apaixonadas e emotivas. Ocorre o embate entre racionalidade e emoção ou controle e desmedimento. A tensão existente entre a coletividade e a individualidade nesses dois grupos é o cerne da problematização da diferença dos rituais entre elas.

Podemos perceber que na Loucos há uma lógica ou, pelo menos, um esforço objetivo de construção de uma lógica mais racionalizada, alinhada com as demandas mercadológicas e modernizantes do futebol na atualidade. Ronaldo Helal¹⁰² afirma que há uma dicotomia na gestão do futebol brasileiro, que seria a oposição entre um modelo amador, no qual os dirigentes são envolvidos com questões afetivas do clube e um modelo modernizado e racionalizado, cujo objetivo é a transformação do futebol em negócio. Fazendo uso de sua hipótese, poderíamos afirmar que essa oposição também se faz presente na relação desses dois grupos aqui analisados, que mais do que modelos de torcidas do Botafogo, são modelos de torcidas, estudadas isoladamente por motivos metodológicos.

Dessa forma, o dilema que marca o futebol brasileiro, o modelo da modernidade em oposição ao modelo tradicional, seria também uma marca das torcidas, não tanto como uma oposição, já que há claros deslizamentos entre os grupos, porém, podemos apontar uma distinção entre os dois modelos. O modelo tradicional estaria representado na Fúria Jovem, uma torcida na qual os rituais e as formas de sociabilidade expõe mais as emoções, conforme os símbolos analisados a seguir, em oposição a Loucos pelo Botafogo, a partir de uma proposta de torcer, com parâmetros mais racionalizados. A

¹⁰¹ SAHLINS, Marshall David. Outras Épocas, Outros Costumes: A antropologia da História. In: **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Pag. 174.

¹⁰² HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

recepção dos jogadores e a diferença entre o “bandeirão” e a bandeirinha são ritos que tensionam a lógica da identidade-nós e da identidade-eu, já que apontam posturas frente a uma lógica mercadológica, ora indivíduos, ora grupo.

2.2. Modos de fazer: individualização, ritual e *habitus* de ser torcedor

O objetivo proposto deste estudo é investigar em que medida a espetacularização do futebol e as questões inerentes à modernização do esporte como um negócio permitiram, ou até mesmo impulsionaram, o surgimento de novas formas de torcer, dentre as quais elegemos o grupo autodenominado “movimento” Loucos pelo Botafogo como estudo de caso em relação à torcida organizada Fúria Jovem do Botafogo. Para isso, é necessário discutirmos algumas referências sobre a relação entre indivíduo e sociedade. Ademais, ao abordarmos a tensão existente entre indivíduo e sociedade, discutiremos a formação de um novo *habitus* torcedor, a partir das mudanças na forma de torcer observadas durante o trabalho de campo: mais especificamente, nos rituais torcedores.

Percebemos que esses rituais torcedores estão em um movimento de alinhamento com práticas cada vez mais homogeneizadoras e reguladas, com um crescente nível de racionalização das práticas ou, ao menos, uma tentativa. Consideramos que a eficácia do ritual está atrelada a uma performance e não apenas da palavra em si, já que para que o “ritual funcione e opere, primeiro é preciso que ele se apresente e seja percebido como legítimo¹⁰³”. Os rituais aqui trabalhados são compreendidos como produções de sentido, desde a escolha de um nome, do gestual e das canções. São os chamados ritos de instituição, que não são puros e desprovidos de sentido, mas ao contrário, servem para colocar limites e separar. Mesmo que essa diferença já esteja instituída, tem a função de afirmá-la e reforçá-la como tal, é “a imposição de uma essência social”¹⁰⁴.

Abordaremos as mudanças e nuances na relação da identidade-nós com a identidade-eu, a partir do trabalho de Nobert Elias¹⁰⁵, para tratar do processo

¹⁰³BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. Pag. 93.

¹⁰⁴ Idem. Pag. 101.

¹⁰⁵ Elias, Nobert. **Sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

diferenciação e individualização em curso no mundo das torcidas. Para o autor, tal processo é característico de sociedades em desenvolvimento e com alto grau de diferenciação, que ultrapassam o controle do indivíduo.

O processo de individualização crescente imposto por essa mudança social resultante dessa diferenciação impõe o respeito às pessoas e às diferenças, não mais como algo natural, mas algo necessário. Resultado de uma era em que as funções relativas à proteção e ao controle dos indivíduos - previamente exercidas por pequenos grupos, como as antigas organizações sociais, o povoado, a tribo, ou seja, os grupos sociais mais próximos - vão sendo transferidas para um estado centralizado e cada vez mais urbanizado, processo estudado pelo sociólogo, na França dos séculos XIV e XV¹⁰⁶.

A partir dessas mudanças, os laços de consangüinidade e solidariedade entre os grupos locais, antes existentes, são substituídos por relações mais atomizadas em relação ao grupo e, simultaneamente, passam a sofrer maior controle por parte do estado¹⁰⁷. É um movimento duplo de afastamento físico e espacial, tendo em vista as condições de urbanização que transforma as sociedades, em conjunto à aproximação de um comportamento mais controlado pelas leis gerais do estado.

Ao fazer uso dessa teoria, temos como objetivo apontar a passagem da forma de organização de um grupo, as torcidas organizadas, para outro, o “movimento” Loucos pelo Botafogo, em parte como resultado de um processo de individualização vivido atualmente no futebol.

Há um conflito no indivíduo, a privatização de que fala Nobeit Elias¹⁰⁸, como “a exclusão de certas esferas da vida do intercâmbio social e sua associação com uma angústia socialmente instalada, como os sentimentos de vergonha ou embaraço”, que desperta a idéia de ser separado do resto e possuir uma relação apenas com os que estão fora dele, esse é o dilema da relação entre a identidade-nós e a identidade-eu. É uma ilusão acreditar na possibilidade de uma estrutura individual e autêntica, uma vez que estamos todos imersos no tecido social. Porém, é possível perceber os diferentes esforços de diferenciação nos dois grupos, apontando estágios distintos no processo de

¹⁰⁶ Elias, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Tradução brasileira de Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol. 1, 1990.

¹⁰⁷ Um bom exemplo do aumento deste controle está em um capítulo do livro *A busca da excitação*, no qual os autores mostram que a existência de éditos de lei do rei demonstra a necessidade ou, pelo menos a tentativa de controle e legislação do esporte, com vistas a controlar a violência existente nas partidas.

¹⁰⁸ Elias, Norbert. **Sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Pag. 103.

individualização, ou representações distintas de tal processo, para não assumir uma postura cronológica ou evolutiva.

Como acompanhamento dessas mudanças, o homem consegue controlar cada vez mais os fenômenos naturais e desvendar os mistérios da natureza, o que lhe garante uma capa de segurança e confiança na razão, criando, assim, uma oposição entre racionalidade/ controle e emoção/ descontrole. O que nos leva, novamente, ao processo civilizador, ao autocontrole e controle das emoções. Dessa forma,

O controle da natureza, o controle social e o autocontrole compõem uma espécie de anel concatenado: forma um triângulo de funções interligadas que pode servir de padrão básico para a observação das questões humanas.¹⁰⁹

O processo de “individualização” aqui abordado é inseparável de outros processos, como a crescente diferenciação das funções sociais e o controle crescente das forças naturais não-humanas. Dito isso, podemos afirmar que quanto mais os atos das pessoas são regidos pelas forças naturais, mais diferem entre si em seu comportamento, em contraposição ao controle dos instintos, que provoca uma diminuição da diferenciação entre os indivíduos. Dessa forma, quanto mais individualizada a sociedade, maior a necessidade de diferenciação de seus componentes, de distinguir-se do outro, o que Nöber Elias chama de ideal de ego do indivíduo,¹¹⁰ ou seja, suas aptidões, propriedade ou realizações, sem as quais o indivíduo não seria o que é. Porém, essas formações não são inatas. Ao contrário, são resultantes do aprendizado social. Em outras palavras, “esse ideal faz parte de uma estrutura de personalidade que só se forma em conjunto com situações humanas específicas, com sociedades dotadas de uma estrutura particular¹¹¹.” Ela é o ideal individual socialmente exigido e inculcado na grande maioria das sociedades diferenciadas.

As diferenças entre os dois grupos aqui estudados fazem parte do ideal social altamente exigido e inculcado de acordo com seus movimentos históricos de formação. Mesmo a Fúria sendo recente, já que data de 2001, seus ideais são próximos da formação da antiga Torcida Jovem do Botafogo, criada em meados dos anos 60, o que

¹⁰⁹ Idem. Pag. 116.

¹¹⁰ Idem. Pag. 118.

¹¹¹ Idem. Pag.118.

demonstra a existência de tensão e embates entre o que se foi e o que se é, a identidade do grupo e a identidade do Botafogo.

Dessa forma, a análise do “movimento” a partir de um ideal de controle das emoções e individualizante, atrelado à homogeneização das práticas torcedoras presentes no futebol, podem ser tomados como impulsionadores de um novo *habitus*, então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas e estruturantes, adquirido nas e pelas experiências práticas, orientado para funções e ações do agir cotidiano.

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *habitus* implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. Visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, em simultâneo às conjunturas de um campo que o estimulam. Levando em consideração o conceito de campo seguido por Pierre Bourdieu¹¹²: como um espaço de relações entre grupos com distintos posicionamentos sociais, espaço de disputa e jogo de poder.

A relação de interdependência entre os conceitos de *habitus* e campo é condição para seu pleno entendimento. A relação dialética entre sujeito e sociedade se configura uma relação de mão dupla entre *habitus* individual e a estrutura de um campo, socialmente determinado. Segundo esse ponto de vista, as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais não derivam de cálculos ou planejamentos; são antes produtos da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos de uma conjuntura. Podemos aproximar essa teoria à tensão existente na relação entre a identidade- nós e a identidade- eu de Nobeit Elias, utilizada em referência ao processo de individualização, postulado que seguimos.

Percebemos, então, que os interesses contidos no campo social nos momentos de surgimento das duas torcidas são distintos e, portanto, geradores de práticas torcedoras também distintas. Daí a importância de redimensionamento desses dois grupos no tempo histórico. O primeiro capítulo, ao tratar da questão da modernização do futebol na atualidade e sua perspectiva global, aponta os traços existentes em relação ao futebol como um negócio mercadológico, a ser explorado. Porém, cabe ainda realizar uma breve retrospectiva acerca do surgimento das torcidas organizadas, organizações

¹¹² BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. Pag. 102.

surgidas em fins da década de 60. Afinal, a diferença entre as formas de torcer de ambos os grupos e nos princípios geradores de *habitus* estão intimamente relacionadas a esse contexto nos dois sentidos e, por isso, a importância de trabalharmos com o processo de individualização de Nobert Elias e os conceitos de campo e *habitus* de Bourdieu, ao discutirmos as tensões entre individualidade e coletividade.

2.2.1. O *habitus* na prática

As torcidas organizadas e as torcidas de incentivo, aqui no Brasil, são grupos que surgiram em situações históricas diferenciadas e diferenciadoras. Os estudos de Rosana Câmara Teixeira, Bernardo Buarque de Hollanda e Luis Henrique Toledo demonstram a existência de um ideal jovem ou coletivo, com o efeito de reproduzir a cultura com a qual foram constituídos. Já os movimentos de incentivo, surgidos em meados dos anos 2000, adquirem outra conotação, visto o processo de modernização em curso, ou seja, percebemos algumas mudanças no *habitus*¹¹³, entendido como as disposições dos agentes, isto é, como as estruturas mentais através das quais o mundo social é apreendido. Os rituais dos torcedores são resultantes do aprendizado corporal e determinados por uma série de regras, intrínsecas e extrínsecas a eles, como por exemplo, a condenação de algumas práticas pela mídia, a delimitação do espaço físico, a regulamentação da polícia, a “ideologia” do próprio grupo e outros fatores que lapidam o *habitus* torcedor.

É importante percebermos esses grupos a partir da vivência em duas formas de sociabilidade distintas. À primeira vista, seguindo um curso cronológico, temos a Fúria Jovem do Botafogo, uma torcida organizada, que traz consigo as características dessa marca, já estudadas por outros pesquisadores¹¹⁴, entre as quais podemos destacar a existência de uma cultura jovem conforme apontada por Rosana Câmara Teixeira e Luís Henrique Toledo. Essas características são construções que se fizeram ao longo do tempo

¹¹³ BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas. Espaço social e poder simbólico**. São Paulo, Brasiliense, 2004. Pag. 158.

¹¹⁴ MIRANDA, Leonardo Afonso de. **Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2000. Pag. 124. MOREIRA, Maria Verônica. “Acerca de las alianzas futbolísticas y de como se consolidan: um caso paradigmático en Argentina”. *Esporte e Sociedade*. Mai2006/Jun2006. N°2. HOLLANDA, Bernardo Buarque. **O descobrimento do futebol: Modernismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

e pertencem a determinada época, como é o caso das agremiações que surgiram em fins da década de 60 no seio de manifestações políticas¹¹⁵. As torcidas organizadas já passaram por muitas transformações até o dado momento, porém ainda conservam uma característica muito importante, a construção do coletivo como um grupo, premissa que será melhor explorada e analisada a partir da caminhada da Leopoldina ao Maracanã.

Ao abordarmos esse processo de individualização em dois grupos diferentes há que se considerar a estrutura como processual, já que há comportamentos desviantes dentro de um mesmo grupo, um desenvolvimento das categorias de forma diferenciada, conforme é possível observar, inclusive, a partir de novas categorias no universo torcedor, como o “movimento”.

É no encontro com outros times que as características inter grupais da Loucos e da Fúria se tornam mais visíveis, pela existência de uma interseção nelas e uma estrutura básica comum, que permite que ambas sejam portadoras de uma identidade botafoguense, fazendo com que existam praticas que transitam entre os dois grupos. Podemos citar o exemplo de um jogo entre Flamengo e Botafogo¹¹⁶, no qual os torcedores da Loucos xingaram os torcedores do Flamengo, cantaram os costumeiros xingamentos em coro com a Fúria e ainda levaram placas com as inscrições “mulambada¹¹⁷” fedorenta:

¹¹⁵ A tese de doutorado de Bernardo Buarque faz uma análise desses grupos no seio das manifestações políticas da época, Torcidas organizadas como nação, família, sinônimo de coletividade

¹¹⁶OE20090426.

¹¹⁷ Termo pelo qual são chamados os torcedores do Flamengo. O significado da palavra molambo no dicionário brasileiro da Língua Portuguesa é: farrapo, roupa velha, esfarradapa, suja. Esse termo é utilizado pejorativamente em referência à torcida do Flamengo, em alusão ao nível social dos flamenguistas.



F20090426

Essa atitude contrariou os princípios básicos da “ideologia” da torcida de não provocar o adversário, nem xingá-lo. Nesse caso, os traços contrastantes com a torcida do Flamengo foram mais fortes que a própria “ideologia” da torcida, o que nos leva à afirmação de Marshall Sahlins:

A experiência social humana consiste da apropriação de objetos de percepção por conceitos gerais: uma ordenação de homens e dos objetos de sua existência que nunca será a única possível, mas que, nesse sentido, é arbitrária e histórica¹¹⁸.

No episódio acima relatado e fotografado houve uma conduta diferente da esperada em relação ao comportamento ritual assumido pela Loucos pelo Botafogo como legítimo. A respeito do ritual, enquanto comportamento consagrado¹¹⁹ e forma cerimonial das disposições e motivações induzidas pelos símbolos nos homens, pode-se afirmar que notificam a identidade do grupo, no sentido de mostrar a todos o que se é e, ao mesmo tempo, notifica seus componentes do que devem ser, como se comportar, do seu devir ser. Nesse momento a função da distinção social, de construir uma linha classificatória entre a Fúria (a torcida violenta que xinga) e a Loucos (o “movimento”

¹¹⁸ SAHLINS, Marshall David. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Pag. 181.

¹¹⁹ GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: **A interpretação das culturas**. Zahar Editores, Rio de Janeiro: 1978. Pag. 128.

que se concentra somente na adoração do time) é colocada de lado, por uma outra classificação: a de ser contra o Flamengo. Em alguns momentos, o devir ser Botafogo é mais forte que o devir ser Loucos ou Fúria. Em outros, há uma delimitação clara de diferenciação de ambos, conforme veremos na sessão a seguir.

2.3. Modos de ser Botafogo

Com o objetivo de aprofundar o processo analítico nos estudos de caso, tomaremos como base duas “viagens”, ou melhor, duas idas minhas ao estádio junto com os torcedores de ambas as torcidas e para diferenciação dos postulados dos dois grupos. Chamamos de viagens por serem ocasiões específicas que colocaram a ordem em suspenso e fugiram dos momentos do dia a dia. Tal escolha se justifica pelo fato de que, através da descrição dessas viagens, pretendemos apontar as configurações dos rituais dos dois grupos. Ao nos referirmos às viagens como momentos de suspensão da ordem, partimos do pressuposto de que os acontecimentos, nesse momento, exacerbem as emoções e comportamentos já existentes no cotidiano.

A primeira viagem foi o acompanhamento da Fúria em um jogo que marcava a final do Campeonato Carioca de 2007, jogo esse em que o Botafogo enfrentaria o Flamengo, seu maior rival no Estado do Rio de Janeiro, no estádio do Maracanã. Já a segunda “viagem” se deu com o “movimento” Loucos pelo Botafogo, na qual a saída foi de General Severiano, em Botafogo, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro, com destino à Mesquita, município da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

2.3.1. Fúria Jovem do Botafogo – Torcida organizada

A **Fúria Jovem do Botafogo** surgiu em 21 de junho de 2001¹²⁰ de uma dissidência da **Torcida Jovem do Botafogo** e foi ganhando adeptos até se tornar a principal torcida do time, a que possui um número maior de torcedores. A descrição contida no sítio eletrônico da torcida relata esse processo de transformação, a partir do apontamento dos motivos que levaram à fundação de outra torcida e o abandono da TJB. É relatado que o **Botafogo** estava vivendo um mau momento e a torcida estava acomodada com os resultados obtidos, atitude que acabava resultando no afastamento dos estádios. Ao mesmo tempo, a **Fúria** chama para si a responsabilidade de protesto e negociação frente ao time, já que, em sua própria definição, esses são os papéis de uma torcida organizada:

(...) Sempre que isso aconteceu quem, literalmente, segurou a onda, e se manteve fiel ao time foram as torcidas organizadas. Também sempre coube a elas protestar e cobrar resultados e times compatíveis com a nossa grandeza. (Informações retiradas da comunidade do site de relacionamentos Orkut “Fúria Jovem do Botafogo”. Visitada em 10/01/2009.)

OE 20070506 - Emoção e coletividade na “marcha” da Leopoldina ao Maracanã: “concentração” com a Fúria Jovem do Botafogo

Após longo período de negociação com Guilherme¹²¹, consegui autorização para acompanhá-lo na concentração do jogo que marcava a final do Campeonato Carioca, Botafogo e Flamengo. O termo nativo “concentração” significa, neste contexto, um encontro marcado momentos antes do jogo, no qual todos os torcedores se reuniram e “marcharam” em conjunto pelas ruas de bairros em direção ao local do jogo, o estádio Maracanã. Dada a dificuldade de organização e presença de um grande número de torcedores, eventos desse tipo ocorrem apenas em jogos de muita importância, como a final de um título importante ou o enfrentamento de um grande rival, como foi o caso do jogo aqui descrito contra o Flamengo. Este episódio será narrado a seguir.

O ponto de encontro marcado foi a antiga estação Leopoldina às 12 horas. Cheguei ao local marcado na hora. Já avistei uma pequena concentração de pessoas, cerca de 200 homens; não havia nenhuma mulher ali. Como meu contato ainda não havia chegado, fiquei afastada do grupo, porém, tive o cuidado de escolher um lugar que possibilitasse a observação.

Enquanto esperava por Guilherme, percebi a presença de alguns rostos conhecidos da torcida ali, porém, esses rapazes não estavam vestindo a camisa da Fúria, esta estava enrolada em suas mãos. Estavam destacados do grupo, no ponto de ônibus e próximos à rua, vigiavam quem passava. O

¹²⁰ Informações retiradas da comunidade do site de relacionamentos Orkut “Fúria Jovem do Botafogo”. Visitada em 10/01/2009. Endereço: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=11836968>

¹²¹ Guilherme é o codinome do meu principal informante. Sua identidade foi preservada de acordo com o comprimento das normas do Comitê de Ética da Unirio em projeto aprovado.

trânsito foi ficando mais movimentado e começaram a passar carros com a bandeira do Flamengo pendurada para o lado de fora, ou amarrada em antenas, no teto do carro ou, simplesmente, seguradas do lado de fora pelas mãos. Enquanto o trânsito fluía rápido, corria tudo bem, sem enfrentamentos. Porém, alguns minutos depois, frente ao aumento da adrenalina do grupo de botafoguenses, que a essa altura era bastante numeroso, conjugada à aproximação do jogo e ao aumento de provocações flamenguistas, teve início uma série de gestos violentos por parte dos torcedores da Fúria. Os rapazes que estavam no ponto de ônibus começaram a transitar em meio aos carros e puxar as bandeiras do Flamengo, de quem passava e fazia algum tipo de provocação, que poderia ser, simplesmente, balançar a bandeira.

Os ânimos foram se exaltando e estes mesmos torcedores começaram a arremessar pedras, chutar e socar os carros que passavam. Presenciei, então, uma elevação do nível da violência a partir da participação dos outros integrantes, inclusive, os que estavam mais afastados, até a chegada da polícia. Esta chegou e agiu energicamente no controle das agressões, com direito a “varridas¹²²” de cacete. Após a chegada da polícia, os ânimos foram acalmados.

Ficamos ali ainda por um longo período, aguardando a liberação do início da “marcha”, já que esta só se dá após a autorização e chegada de todos os policiais envolvidos na escolta, pois, em jogos desse tipo, a polícia faz a escolta dos torcedores dos dois times, de um local previamente combinado até o Maracanã. Tal medida tem como objetivo impedir o enfrentamento dos grupos rivais e a “invasão¹²³” de uma torcida pela outra. Essa “invasão” se dá pela entrada no território alheio, que pode ser a sede da torcida ou, até mesmo uma ida ao outro lado do Maracanã, já que, em dias de clássico, a polícia divide o estádio tanto interna, quanto externamente.

Outros “canis” chegaram e se juntaram ao grupo, ora em pequenos grupos, ora chegavam de ônibus, como foi o caso do canil da Baixada Fluminense, que chegou em um ônibus de linha fretado e que estava lotado de torcedores, tanto que alguns saltavam pelas janelas. A excitação dentro do ônibus era visível: os torcedores cantavam gritos de ordem, exaltando sua localidade e, por conseguinte, seu “canil”, atrelado aos atributos da Fúria Jovem enquanto torcida. Chegaram soltando morteiros e pulando, em um clima de festa que contagiou a todos os outros que aguardavam. Foram recebidos com gritos de guerra, unindo a torcida em um só grupo. Alguns rapazes portavam barras de metal, pedaços de pau e pedras, recolhidos pela polícia assim que desceram do ônibus. Nesse momento, os policiais “varreram” novamente o grupo, com o objetivo de acalmar os ânimos.

Durante a espera pela liberação, observei alguns torcedores que chegaram machucados. Houve um que chegou carregado por outros dois, e, na mesma hora, eles o cumprimentaram, passaram a mão na sua cabeça, como que se estivessem o parabenizando. Todos se aglomeravam em sua volta para saber os detalhes. Acredito que eram torcedores que se envolveram em brigas. Depois chegaram outros e despertaram o mesmo comportamento dos outros, curiosidade e bajulação, já que eram tratados como figuras importantes. Sobre outras brigas, ouvi um homem que se comunicava com rádio, sendo informado de pontos de briga e, a partir disso, saíam pequenos grupos, como se fossem prestar ajuda aos outros. A espera permitiu a observação de alguns torcedores que chegavam feridos e recebiam apoio dos

¹²² “Varrida” é o termo utilizado para identificar o gesto do policial ao bater em alguém com o cacete, em um movimento semicircular, como se varresse o ar, pois, assim, é possível atingir um número máximo de pessoas. O policial segura o cacete na altura da cintura deitado, em linha reta, perpendicular ao corpo.

¹²³ “Invasão” é o termo utilizado para definir a situação em que um grupo de torcedores vai ao local de encontro do adversário para brigar. Geralmente, tal situação ocorre quando um grupo numeroso de torcedores bons de briga conseguem fugir do controle da polícia e burlar a separação.

outros. Estes ficavam em um grupo mais distante dos outros e recebiam água e cuidado dos companheiros. Alguns chegavam carregados, sangrando e recebiam ajuda dos companheiros, como em um acampamento de guerra, no qual são tratados os feridos em batalhas.

O ritual de chegada do ônibus da Baixada, conforme a descrição anterior, foi também de partida. Com a euforia da chegada, os torcedores logo se juntaram e partiram em direção ao Maracanã. A “marcha” foi escoltada pela polícia e por torcedores, já que havia vários homens de rádio que se comunicavam e controlavam o fluxo, como se fossem chefes de pequenos pelotões. Estes gritavam para acelerar ou avisavam quando iríamos atravessar a rua, fazendo uma espécie de barreira humana em volta do grupo, de modo que as pessoas não ultrapassassem aquele limite da rua, permitindo, assim, a passagem de carros e ônibus e evitando transtornos ao trânsito. Havia, também, policiais que faziam o cerco a nossa volta, impedindo que os torcedores se desviassem do cerco, evitando, assim, possíveis “invasões.”

Fui no final da multidão. Alguns integrantes foram de carro, abrindo a “marcha”, devagar, acompanhados pelo fluxo de pessoas. Na frente, junto aos carros, estavam os integrantes de maior participação na torcida, mais tempo de convivência e os bons de briga, os chamados de “linha de frente”.

No começo, o ritmo era como o de uma marcha militar, preciso e regulado, sem ser devagar ou rápido demais. Porém, à altura de São Cristóvão, teve início uma gritaria para nos apressarmos: era a torcida Jovem do Flamengo que havia conseguido chegar do lado¹²⁴ do Botafogo, transformando a frente do Maracanã em uma praça de guerra. Ao receberem tal notícia pelo rádio, os organizadores da “marcha” correram para chegar mais rápido. Ao chegarmos à rampa da UERJ, o tumulto já havia acabado e restavam somente as marcas deixadas: pedras e garrafas quebradas. Ao chegarmos, fomos recebidos calorosamente pelos torcedores que ali estavam. Quem estava na frente do Maracanã parou para ver a multidão, que tomava a rua, chegar cantando “quem for da Fúria, pode se ajuntar, quem não for, vamos quebrar,” era um ritual de chegada que chamava a união de todos e, ao mesmo tempo, anulava o outro através do uso da violência.

Pode-se dizer que a “concentração” se desdobrou na “marcha”, o que se apresenta como a possibilidade de tratamento dos dois eventos como partes distintas de um evento maior, ritualizado. Em ambos celebrou-se a união dos companheiros, negou-se os adversários e ostentou-se a força. Comportamento que materializa configurações da construção do grupo, sua forma de agir e valores contidos nela: o *habitus* torcedor. A partir das músicas cantadas, a organização das pessoas, os encontros marcados por rituais de recepção, enfim, do tipo de comportamento, percebemos a “internalização de disposições para a prática com certa regularidade dos agentes¹²⁵”, de uma forma ritual codificada, sem que exista um código formal escrito. O que aqui mostrou ser essencial

¹²⁴ Em dias de clássicos como esse, nos quais há possibilidade de enfrentamentos, a polícia militar divide o Maracanã em dois, isolando seus torcedores em um dos lados para evitar que as torcidas se encontrem. No caso do Botafogo e Flamengo, o primeiro entra pelo portão localizado ao lado da UERJ, do lado da estação de metrô Maracanã. E o segundo, entra pelo portão localizado no lado oposto do estádio, no qual é localizada a estátua do Bellini.

¹²⁵ Cf. BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

para a coesão do grupo é sua coletividade. Digamos que a tensão é maior na relação da identidade-nós, na medida em que todas as ações são pautadas pensando na construção de um coletivo, conforme veremos a partir dos elementos contidos nesse episódio.

O funcionamento dessa “concentração” é importante subsídio de análise da organização desses grupos e de suas regras de sociabilidade: do companheirismo existente e amizade, como uma necessidade de sobrevivência. Podemos afirmar que o mesmo fator motivador da violência, em oposição ao adversário, é fator de aglutinação do grupo entre seus iguais. Os torcedores se organizam em grupos menores em nível local e já vão para o estádio em grupos que se juntarão ao grupo maior: há uma lógica explícita de companheirismo e auto-proteção. Dessa forma, a metáfora bélica deve ser considerada enquanto efeito catalisador da coletividade, ideal norteador das práticas.

Percebemos a construção de pequenos grupos, já que as “concentrações” podem ser menores, em nível local. Cada “líder de canil¹²⁶” reúne as pessoas do seu bairro ou sua localidade e as leva para o estádio, ficando responsável pela comunicação com os “líderes” de outros “canis” e pelo controle daqueles que lidera. Assim como nos desfiles das escolas de samba, que recebe o mesmo nome, concentração, os torcedores se encontram antes do jogo em um local marcado que, geralmente, já é conhecido de todos - mesmo os torcedores não organizados – em uma espécie de aquecimento. Aqui, o local escolhido pelos botafoguenses foi a antiga estação da Leopoldina.

Os grupos se dividem nos chamados “canis“, que são divisões territoriais de acordo com os bairros e regiões. O motivo para a escolha do cachorro como símbolo é justificado pelo fato de que a torcida já era conhecida como cachorrada, exemplo de que os torcedores de determinados times “formam um macrossistema classificatório através das afinidades e adesões às cores, aos símbolos, às bandeiras e aos distintivos¹²⁷”, como afirma Luiz Henrique Toledo. Através da adesão e escolha pelos diferentes símbolos, formam-se redes de sociabilidade que nos colocam possibilidade infinitas de vivência no espaço urbano. Dessa forma, os torcedores da Fúria utilizaram um elemento do

¹²⁶ Líder de canil é o termo nativo que designa uma autoridade local, encarregada de “levar” os torcedores de seu bairro e adjacências ao estádio. Em caso de brigas, emboscadas ou envolvimento com a polícia, são esses líderes que tomam partido e mantêm a diretoria informada.

¹²⁷ TOLEDO, Luis Henrique. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: J.G. Magnani e L.L. Torres (orgs.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP: 124-155. Pag. 132.

botafoguismo, já conhecido, para sua auto – identificação, conforme observamos na passagem a seguir retirada do site oficial em uma comunidade de relacionamentos:

A escolha do cachorro como nosso símbolo foi unânime, já que somos conhecidos como a cachorrada, e naturalmente, não deixaríamos isso se perder. Seguindo a analogia canina, nossas divisões são chamadas de "Canis", que, divididos por bairros e cidades vão permitir uma maior proximidade dos componentes com a organização da torcida.
(http://www.furiajovem.com.br/site_novo/page/furia.asp)

O segmento acima demonstra a preocupação com a união dos componentes, ao afirmar que permitem “uma maior proximidade dos componentes com a organização da torcida.” A divisão desses grupos em “canis” pode ser comparada à divisão em pelotões do exército. Assim como a “concentração” à concentração de guerra, na medida em que o imaginário das torcidas organizadas possui muito elementos desse universo, conforme apontado por Rosana Câmara Teixeira¹²⁸ acerca da construção desses símbolos como marcas identitárias na década de 80. Outros termos referentes à guerra podem ser identificados nesse universo, como a denominação da caminhada até o local, a “marcha”, mais uma referência ao universo militar.

Se uma guerra representa o confronto entre dois adversários, podemos utilizar a metáfora da guerra no enfrentamento entre as torcidas rivais, já que são dois opostos tentando a anulação do outro, em um enfrentamento simbólico, que pode chegar às vias de fato como veremos a seguir. Cabe ressaltar que esse enfrentamento ocorre dentro e fora das arquibancadas. O episódio relatado nesta seção é um exemplo do enfrentamento real, físico.

Os integrantes que são chamados “linhas de frente” são os que seguem na frente na organização da “marcha”, são os maiores em massa muscular e os que brigam melhor, de acordo com avaliação do próprio grupo. Junto a eles, seguem as pessoas de maior confiança, integrantes da diretoria, que vão nos carros. São essas pessoas que puxam as músicas e guiam a multidão: são a apresentação da torcida, a primeira impressão, devem conter os traços aqui valorizados. Ir na frente, seja em um carro ou mesmo a pé representa status, uma espécie de recompensa pela militância¹²⁹ de ser

¹²⁸ TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003. Pag. 79.

¹²⁹ O conceito de torcedores militantes aqui mencionado foi utilizado no primeiro capítulo, a partir da análise de Arlei Damo. Cf. DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

torcedor e ocupar um lugar no qual a visibilidade é garantida, tanto por seus adversários quanto pelos seus iguais. E, ainda, por ser guardião do *habitus* em duas vias, primeiro por ser um reconhecimento, daí sua escolha, e segundo, por ser o guia das práticas legítimas nesse momento importante. Os “linhas de frente” são seguidos pela comitiva, como se fossem um grupo de elite dentro do próprio exército, tanto que as figuras mais importantes, os membros da diretoria, seguem como que escoltados por esse grupo. Quando não são eles mesmos, membros da diretoria, participantes desse grupo.

Ao fazer menção a esse episódio temos por objetivo apontar a existência da violência, atrelada a um imaginário de guerra, como traço identitário desse grupo, não só a violência física como a simbólica. Era possível perceber a existência de uma delimitação entre os torcedores do Flamengo e Botafogo. O local de concentração da torcida Fúria era um local público e socialmente conhecido por ser o ponto de encontro antes dos jogos. Dessa forma, a passagem de flamenguistas acenando bandeiras ou fazendo referência ao time era motivo de represália, indício de existência física e simbólica, sendo a segunda justificada pela primeira. A partir de provocações flamenguistas em território alvinegro, deu-se a justificativa para o ataque, uma vez que o comportamento dos flamenguistas é considerado inaceitável, por estarem no limite territorial deles: a Leopoldina. Os botafoguenses se mostraram atentos à defesa do que consideravam seu território, assim como na guerra.

Primeiramente, dentro do campo, no jogo de futebol propriamente dito, os dois adversários se enfrentam em um ritual mimético¹³⁰ ou disjuntivo. A partir de uma igualdade inicial dos adversários, objetiva-se alcançar com o jogo, a partir de um enfrentamento, a produção de uma desigualdade. Enfrentamento reproduzido entre as torcidas dos dois times, tanto no nível simbólico - através de músicas e provocações - quanto nos enfrentamentos reais, podendo ser estendido até as ruas. Esse ritual mimético é também impulsionador de traços do universo da guerra, já que, simultaneamente ao reconhecimento do adversário como igual, existe a intenção de sua negação e superação, formando, assim, um mercado de bens simbólicos nos quais os ideais de força, virilidade e espírito de grupo estão presentes, principalmente relacionados à guerra.

¹³⁰ Damo, Arlei. “Futebol e estética”. São Paulo, *Perspectiva* (online), vol. 15, n. 3. PP. 82- 91, 2001.

Rosana da Câmara Teixeira analisa símbolos das principais torcidas organizadas do Rio de Janeiro a respeito das características bélicas no sistema de pertencimentos desses grupos. Vejamos as figuras da Fúria Jovem do Botafogo a seguir:



Figura 2 (Foto retirada da comunidade do Orkut “FJB”)



Figura 3 F20070301

Nas duas imagens há a estilização da figura do cachorro, símbolo da torcida apropriado do imaginário do próprio botafoguismo. Porém não são simples cachorros, ambos apresentam os músculos desenvolvidos (corpos malhados) em uma representação de força, que é ainda complementada pela postura: um gesto de opulência, na primeira, pelos punhos cerrados em guarda para a briga e, na segunda, um soco no meio do mapa do Brasil com um punho, enquanto o outro ostenta um pomposo troféu. A face raivosa,

como se rosnasse é, também, parte constituinte desses símbolos. Há o texto escrito que demarca esse comportamento agressivo e de oposição pela força, na figura 1: “para cima deles cachorrada” e na figura 2 “É tudo nosso”. Temos a composição de uma teia de significados a partir dos elementos acima levantados.

A respeito do uso dos símbolos, seguindo uma linha interpretativa Geertziana, devemos tomá-los como significados da realidade e de uma visão de mundo. Clifford Geertz, em sua abordagem do estudo da religião afirma que

“como uma tentativa de conservar a profusão de significados gerais em torno dos quais o indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta. Entretanto, os significados só podem ser armazenados através de símbolos (...)”¹³¹.

Para o autor, um sistema religioso pode ser lido como um sistema cultural. Dessa forma, podemos apontar a existência de um sistema cultural (torcidas) à luz das reflexões de um sistema religioso.

Os símbolos estão contidos nas representações das visões de mundo dos torcedores e, através de sua ritualização, demonstram seu significado. Um cachorro, como é o caso acima, só adquire uma postura ofensiva e opulenta em relação à força, porque no universo das torcidas organizadas – este lido como um sistema cultural- esses são valores importantes, em um sistema no qual a amálgama da experiência é a guerra/violência. Estes valores somente adquirem sentido nesse universo permeado pelo belicismo, mesmo que seja nos símbolos das torcidas ou no enfrentamento simbólico desses grupos, como já foi dito anteriormente.

Os símbolos selecionados da Fúria remetem à esfera do incontrolável, do imprevisível. Domínios que estão aquém (no caso, a natureza dos animais selvagens), ou além (atributos e qualidade excêntricos dos santos, dos vilões e dos heróis fictícios) do domínio da cultura, das regras e da ordem estabelecida. Símbolos que escapam à racionalidade e à normalidade, carregados de ambiguidade e, no caso dos animais selvagens, espécies que não se encontram sob o domínio humano. Os significados são dramatizados em rituais e são, para quem os manipula, tudo que se conhece da forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que suporta, e a maneira como deve

¹³¹ GEERTZ, Clifford. “Ethos”, Visão de mundo e a Análise de símbolos sagrados. In: **A interpretação das culturas**. Pag. 144.

comportar-se quem está nele. Seu poder repousa claramente em sua abrangência, em sua produtividade ao ordenar a experiência.

A representação do cachorro é um exemplo de manipulação diferenciada dos símbolos e dos significados construídos. O cachorro passou a ser mascote do clube por conta de um jogo ganho com a presença de um vira-lata apelidado de Biriba. A partir de então, o cachorro passou a entrar em campo com os jogadores e virou uma figura importante no Botafogo. Na atualidade, foi relido pela Fúria e transformado em um símbolo identitário. São cachorros estilizados, personificando lutadores, fortes e com em posições agressivas, o que representa os ideais de masculinidade e belicismo presentes nesse grupo: força, virilidade, coragem e imponência frente ao outro, são elementos que estão relacionados à esfera do incontrolável, do imprevisível, no conjunto das emoções.

Outro elemento constituinte desse imaginário bélico é a territorialidade, ou seja, a demarcação de fronteiras físicas limitando o espaço dos grupos. Assim, como em uma guerra, onde cada adversário tem seu território que deve ser protegido e é passível de invasão, há uma definição dos espaços em que cada uma das torcidas pode transitar. E a passagem dessas fronteiras demarca a desmoralização, no caso de quem é atacado, ou, o orgulho, no caso de quem consegue “invadir”. Por exemplo, no caso da “marcha” existia essa delimitação, já que a Leopoldina era território reconhecidamente botafoguense. O que exigia que os flamenguistas que ali passassem tivessem um comportamento que respeitasse as regras do adversário, ou seja, não manifestassem os símbolos do Flamengo. Ao cruzar essa fronteira, no momento em que cantaram músicas e acenaram bandeiras do time, os torcedores flamenguistas quebraram as regras do sistema simbólico, daí iniciou-se o confronto corpo a corpo.

No que diz respeito às práticas enquanto torcida, ou seja, as formas de torcer, a **Fúria** se posiciona como as torcidas organizadas tradicionais. Durante o jogo entoam músicas com forte apelo à violência, narrando casos já ocorridos de confronto com outros grupos ou enumerando características de superioridade em relação às outras organizadas dos times adversários, como a música abaixo, adaptação da música *Já sei namorar*, sucesso dos Tribalistas:

Já sei espancar,
A raça rubro-negra¹³² não deu nem para começar
A Young¹³³ correu
Lá fora do Maraca
A Jovem Fla que se fudeu
Não tenho paciência para essa Força Flu¹³⁴,
Torcida de veado que só dá o cu
Eu sou de ninguém,
Eu sou da Fúria Jovem,
A torcida nota 100

A música transcrita contém tanto a narrativa de brigas já ocorridas - parte da memória da torcida - um dos principais meios de manutenção da memória do grupo, quanto a exaltação desses feitos, já que todos os episódios são narrados com a superioridade da Fúria. Percebe-se, assim, a transmissão desses fatos pela oralidade, seja pelas narrativas torcedoras ou pela memória cantada nas músicas.

No trecho escolhido, percebemos a exaltação da força e virilidade, atributos necessários aos componentes das torcidas organizadas de modo geral, o que Pierre Bourdieu denomina de política masculina¹³⁵. Destinada “a circular como signos fiduciários e a instituir assim, relações entre os homens, elas ficam reduzidas à condição de instrumentos de produção ou reprodução do capital simbólico e social”. Nesse caso, o capital simbólico em jogo são os traços de virilidade, entendidos como capacidade reprodutiva, social e sexual, que é negada aos adversários, os quais são colocados em uma postura passiva, aí está a oposição na construção dos gêneros feminino e masculino para esse grupo, “a dissimetria entre sujeito e objeto, agente e instrumento.”¹³⁶ Ao negar os atributos, tidos como do sexo masculino, ao grupo oposto, o objetivo é sua desmoralização, a sua anulação enquanto sujeito masculino, características essas reforçadoras do belicismo.

Há um esforço de legitimação da Fúria junto à sociedade, no momento em que outras características colaboram na construção de um discurso legitimador e as características relacionadas à violência são negadas, conforme veremos a seguir.

¹³² Torcida organizada do Flamengo.

¹³³ Young Flu, torcida Jovem do Fluminense.

¹³⁴ Torcida organizada do Fluminense.

¹³⁵ Bourdieu, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Pag. 56

¹³⁶ Idem. Pag. 55.

Outra figura de identificação é o triângulo com as inscrições de ética, respeito e atitude, ideais estampados nas camisetas e bandeiras:

Figura 3



F 20070322

Esses ideais estampados nas camisetas dizem respeito à antiga torcida, a Torcida Jovem do Botafogo que, segundo os torcedores narram, apresentou problemas na administração de ingressos¹³⁷ e da própria torcida. A Fúria surgiu, então, com uma proposta de gestão comercial da torcida. No que tange à estrutura da torcida, a **Fúria** é uma instituição comercial registrada com CNPJ. Sua sede é no Centro do Rio, próximo a Praça Mauá. Funciona em um uma sala comercial alugada, onde há um pequeno balcão com produtos à venda, tais como camisetas, bonés, adesivos, camisas femininas, casacos e outras peças com os símbolos da torcida estampados, e em uma sala à parte, funciona a sala da diretoria. Possui presidente e vice-presidente eleitos pelos

¹³⁷ Uma questão sempre presente no debate sobre as torcidas organizadas é a distribuição de ingressos por parte dos clubes. Tais grupos recebem determinada quantidade de ingressos pela diretoria para distribuição entre os torcedores e, em alguns grupos, os ingressos são vendidos e não distribuídos gratuitamente. Em outros casos, os ingressos são repassados pela diretoria do clube a preços mais baixos. A imprensa esportiva, de maneira geral, critica a existência dessa relação entre torcedores e diretoria.

contribuintes, sendo que o primeiro presidente foi eleito pelo fato de que não havia outra chapa concorrendo.

A relação entre o nome da torcida e uma instituição comercial, de certa forma, serve como justificativa para legitimação da entidade, como em conversa com um dos funcionários da sede em 2007, que justificou o registro da torcida em um CNPJ, fato que, segundo o torcedor da sede, garante uma maior idoneidade ao grupo:

OE 20070530 – Sede da torcida localizada à Rua Acre, Centro do Rio de Janeiro

Um dos funcionários afirmou que a Fúria Jovem é uma empresa formal, registrada e com CNPJ. Afirmou que não é interessante para a torcida, enquanto instituição, ser atrelada a uma imagem de baderneiros, porque tem uma estrutura de empresa e nome a zelar. Segundo ele, a imagem de vândalos pela sociedade não é interessante para o grupo e não representa a realidade. Falou a respeito da relação com a mídia, que só veicula imagens negativas sobre as torcidas. Porém, ressaltou que há atividades que ninguém tem conhecimento, como alguns trabalhos sociais desenvolvidos pela Fúria, citados por ele, tais como a ajuda em uma creche em Marechal Hermes, ou a doação de cestas básicas no final ano. Porém, segundo ele, não há interesse em mostrar esse tipo de comportamento.

Essa justificativa foi dada objetivando a negação de uma imagem de baderneira e violenta, conforme a propagada pela mídia, segundo a fala do próprio torcedor.

Conforme vimos nessa seção, há um imaginário formado de traços referentes diretamente à guerra e à violência que, mesmo que seja negado pelos torcedores, é parte constituinte desse universo. Podemos afirmar que a metáfora da guerra causa um efeito de união, e pode ser compreendida como um dos fatores que motivam a existência de um ideal de grupo, conforme foi possível perceber na “marcha” e nos elementos analisados.

2.3.2. Loucos pelo Botafogo - “Movimento” Popular

Loucos pelo Botafogo é um grupo que se denomina “movimento popular” e faz questão de se identificar como não sendo uma torcida organizada, sob o argumento de oposição à violência. Foi criado em 23 de fevereiro de 2006, com uma proposta de torcer pelo seu time acima de tudo, na derrota ou na vitória, características de uma torcida de alento, conforme descrição da comunidade no Orkut “Loucos pelo Botafogo¹³⁸”:

Os **loucos** notabilizam-se por não parar de cantar em nenhum momento dos jogos, a não ser para comemorar os gols do **Botafogo**. Não paramos nem quando o time leva gol, pois este é o momento em que ele mais precisa da nossa força. Todos os cânticos do movimento são voltados exclusivamente para o **Botafogo** de Futebol e Regatas, sem auto-referenciar o movimento ou mencionar outras torcidas.

No trecho acima, retirado do sítio de relacionamentos, o grupo ressalta a importância de uma participação contínua “por não parar de cantar em nenhum momento dos jogos”, argumento central de sua diferenciação. Outro ponto é utilizado como parâmetro de diferenciação, que é o fato de que todos os cânticos são voltados ao Botafogo e, não em auto-referência ao próprio grupo. Esse argumento é construído em oposição às torcidas organizadas.

Um grupo correspondente no caso brasileiro é a torcida Geral do Grêmio, movimento surgido em 2001 nas arquibancadas do Estádio Olímpico de Porto Alegre¹³⁹, no qual os torcedores cantam o jogo inteiro, acenam bandeiras pequenas individuais e denominam as bandeiras de “trapos”, ressaltando a origem popular do grupo, já que a Geral é o local mais barato. É importante ressaltar que a Geral do Grêmio teve um início similar ao da **Loucos pelo Botafogo**, com características que apontavam para uma não institucionalização do grupo e o afastamento da vida política

¹³⁸ Comunidade visitada em 14/12/2008.

¹³⁹ Informações retiradas da monografia de conclusão de curso de História da UFF, do ano de 2007, na qual são tratadas as características gerais da torcida e as condições que tornaram possível o surgimento de tal agremiação. Ver: RODRIGUES, Francisco. Amizade, trago e alento: A torcida Geral do Grêmio e o surgimento de uma nova tradição nas arquibancadas do Estádio Olímpico. UFF, 2007.

do clube. Porém, o grupo ganhou grandes proporções, inclusive pela cobertura da mídia esportiva¹⁴⁰ e, na atualidade, transformou-se na principal torcida do Grêmio.

A ascensão da Geral do Grêmio modificou, inclusive, a relação espacial dentro do estádio e a relação com a polícia. Anteriormente, havia grades que separavam a geral, áreas atrás dos gols, do resto das arquibancadas. A geral era a parte com o ingresso mais barato. Atualmente, há um grande número de sócios torcedores que, ao pagarem uma mensalidade adquirem o direito de ver determinado número de jogos do Grêmio nas arquibancadas, local no qual os ingressos são mais caros que na Geral. Dado o sucesso da Geral, essas grades divisórias foram retiradas em acordo com a polícia e é permitido que os sócios torcedores assistam ao jogo na geral, mesmo tendo o ingresso que lhes garante acesso ao setor mais caro.

Tais medidas modificaram toda a dinâmica do clube, mostrando a importância e a força política do grupo frente à diretoria. Percebemos que, a partir de um ideal de desinstitucionalização, a Geral do Grêmio adquiriu visibilidade junto ao campo esportivo, por sua força nas arquibancadas, ou seja, por seu poder de aglutinar pessoas. É importante destacar essas características referendadas pela Geral do Grêmio, primeiro, por sua inspiração nas torcidas argentinas, as *hinchadas* ou *barrabravas* e, segundo, por ser uma torcida de alento, movimento similar ocorrido na Loucos pelo Botafogo, conforme veremos a seguir.

No caso da Loucos pelo Botafogo, ao contrário do ocorrido com a Geral do Grêmio, a força política adquirida junto ao clube não se dá pela força numérica das arquibancadas, já que o “movimento” não atrai um número grande de participantes¹⁴¹. O reconhecimento da diretoria se dá a partir da aprovação das ações adotadas em duas vias, a primeira, em relação à condenação da violência e, a segunda, por capital econômico. Como no caso analisado da Fúria, elegemos uma etnografia para servir de base de análise dos referidos pontos do “movimento” Loucos pelo Botafogo.

OE 20090504 Racionalização e individualização do *ethos* torcedor: bate-papo na van de General Severiano a Mesquita com os loucos

Essa experiência se deu em um jogo contra o Mesquita, pelo Campeonato Carioca, na Baixada Fluminense, no estádio Edson Passos.

¹⁴⁰ Um dos principais destaques do grupo é a avalanche, momento ritual onde os torcedores descem em direção à mureta inferior da arquibancada a cada gol do Grêmio

¹⁴¹ Segundo dados estimados por um dos líderes do grupo, há cerca de 200 componentes freqüentando regularmente o “movimento”.

Como é um lugar afastado do Centro do Rio de Janeiro, os torcedores da Loucos pelo Botafogo contrataram uma van para buscá-los em General Severiano e levá-los até o Estádio na Baixada. Esse episódio foi escolhido por ser o maior intervalo de tempo que permaneci com eles e no qual pude observar a organização do grupo para um jogo distante, o que possibilitou a observação do comportamento do grupo. Mesmo em clássicos, não há concentração ou algum ritual parecido com o da Fúria, cada um vai por sua conta ao estádio e se encontram na arquibancada. Porém, o fato de haver uma organização dos torcedores, mesmo para jogos tidos como menos importantes – por ser contra um time pequeno – demonstra o grau de organização e engajamento do grupo, que acompanha treinos, jogos das categorias de base e outros esportes competitivos do clube.

Fui convidada a acompanhar a torcida, por seu líder principal, quando tentava agendar uma entrevista¹⁴² por telefone na manhã do dia do jogo. Cheguei à sede do Botafogo por volta de 12h e 30 min., assim como combinamos e não havia quase ninguém. Aos poucos, as pessoas foram chegando, umas de taxi, outras de carona com os pais, uma menina foi acompanhada do pai e da mãe, o pai de um dos líderes do movimento também foi conosco, e os outros chegaram sozinhos. Era um clima familiar, já que todos se conheciam e pelo número reduzido de pessoas. Enquanto esperávamos, percebi a intimidade dos que chegavam com os funcionários do clube. Enquanto aguardávamos em uma pequena sala localizada na entrada da sede, os torcedores da Loucos pareciam à vontade cumprimentando e conversando com os funcionários que por ali passavam e com o segurança que estava ali.

Ainda na mesma sala, havia duas pequenas janelas, nas quais eram vendidos ingressos para alguns jogos, quando não eram vendidos na loja do clube que fica na parte externa da sede, local utilizado para jogos mais procurados, para evitar tumulto na entrada da sede. Alguns torcedores entraram na sede, como foi o caso do líder com o pai. Posteriormente, descobri que a maior parte das pessoas presentes nesse dia são sócios do clube ou praticam alguma atividade esportiva lá, o que explica a intimidade com os funcionários e o trânsito livre na sede.

Os organizadores do Rio haviam combinado duas vans, porém, só havia chegado uma até a hora da saída. O número de pessoas que estava lá não era suficiente para encher duas vans, mas também era maior do que caberia em uma. Houve uma discussão para decidir o que fariam e, no fim das contas, saímos em uma van só e os outros quatro que sobraram, pegaram um taxi.

A viagem durou cerca de quarenta minutos e nesse tempo, fomos conversando sobre vários assuntos. Havia três mulheres jovens, contando comigo, dois senhores de meia idade, na faixa etária de cinquenta anos, sendo que um formava um casal com uma senhora que foi junto conosco e o restante eram jovens do sexo masculino. Havia, ainda, dois meninos, moradores da Mangueira, um de 10 e o outro de 12 anos. O mais velho era “afilhado” do Montenegro¹⁴³ e havia levado seu amigo para ver o jogo. A conversa não ficou restrita apenas ao futebol e não houve cantorias ou batuques, já que os paramentos foram guardados no bagageiro e, de lá, só saíram quando chegamos a Edson Passos. Parecia uma roda de amigos conversando, poderia até mesmo ser em um bar. Não havia um papo generalizado, as pessoas conversavam em pequenos grupos, de dois em dois, outras estavam quietas.

Chegando ao estádio, um dos líderes comprou ingresso para todos nós. Dois rapazes entraram para colocar as faixas e reservar um lugar na arquibancada, enquanto os outros ficaram na rua em frente ao estádio. Uns

¹⁴²A entrevista não foi realizada.

¹⁴³Montenegro foi presidente do clube por um longo período e parece ser ainda uma figura influente no clube.

tomando cerveja e outros comendo, mas ficaram todos juntos conversando, mais uma vez sobre coisas genéricas. Quando finalmente entramos, as faixas já estavam penduradas e ficamos na arquibancada, junto ao meio de campo. Todo mundo fez muita festa, foram levadas as bandeiras individuais e balões de ar, que foram distribuídos pelo “movimento”. Durante o jogo, um dos líderes e sua namorada, que também fica à frente das resoluções do grupo, passaram um saquinho de dinheiro para arrecadar dinheiro para comprar materiais para a torcida. Os outros cantaram o tempo todo e acenaram as bandeiras.

No final do jogo, houve um incidente que contrariou, em parte, a “ideologia” do movimento: um torcedor mais exaltado xingou um jogador que estava sendo entrevistado na beira do campo. Ele rapidamente foi repreendido pelo grupo por estar xingando enquanto retirava uma faixa do “movimento”, o que facilmente o identificaria. O líder principal foi bem ríspido com ele e falou que sua atitude seria um problema, se fosse filmada, já que poderia ser confundida com uma postura da Loucos, afetando a imagem do grupo. O rapaz que desrespeitou as normas, foi repreendido em público por um colega e condenado pelos outros. Ao optar integrar o grupo, o indivíduo deve obedecer ao comportamento proposto, conforme afirmavam os próprios torcedores, “quem estava dentro das barras tinha por obrigação participar do “movimento” com as bandeiras, cantando e obedecendo as normas”.

Na volta, o líder falou a respeito da “caixinha” que havia sido arrecadada. Segundo ele, o dinheiro era para aquisição de uma Kombi para carregar o material do “movimento”. Entretanto, o assunto dominante foi outro: discutia-se futebol, a partida que tínhamos acabado de ver. Antes de deixar todos na sede do clube, conforme havia sido combinado, passamos na casa de um dos integrantes do “movimento” em Copacabana¹⁴⁴ para deixar os materiais da torcida.

Mais que torcedores do clube, os “loucos” possuem o capital simbólico de serem sócios, conforme foi descrito na observação acima, o que pode ser convertido em capital econômico, na medida em que possuir um título de um clube tradicional do Rio de Janeiro, e ainda arcar com os custos mensais de sua manutenção é, certamente, demonstração de poder aquisitivo. Essa hipótese do reconhecimento pelo capital simbólico serve ainda para explicar os atletas do clube, já que ao fazerem parte do dia a dia do clube, mesmo que não sejam profissionais do futebol, faz deles também parte do clube, assim como os sócios.

A viagem com a Loucos pelo Botafogo até Mesquita pode ser compreendida como um acontecimento resultante do processo de individualização dos torcedores, porém, ainda em um contexto coletivo. A relação entre os dois grupos nos coloca questões sobre as formas de organização na contemporaneidade e seus significados, ou seja, de novas formas de sociabilidade e organização e as relações tecidas com o clube.

¹⁴⁴ Bairro localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro.

O trabalho de Maurício Mileo¹⁴⁵ aponta para o fato de que, no início, a “ideologia” do grupo **Loucos pelo Botafogo** tinha como pressuposto o não envolvimento com questões políticas do clube e com a diretoria. Ao optarem por uma postura de não envolvimento com o clube, esses torcedores almejavam a manutenção da independência frente a ele. Em contraposição à proximidade existente entre diretoria e torcidas organizadas. Atualmente, ao contrário desses primeiros pressupostos, esse grupo apresenta laços cada vez mais estreitos com a diretoria. A venda de camisas oficiais do time, com trechos das músicas mais famosas da Loucos, como a “E ninguém cala” e a estampa de frases do “movimento” como “paixão e loucura”, anteriormente usadas em faixas nas arquibancadas pelo “movimento”, em camisas oficiais vendidas na loja do clube, é um ponto importante da relação que se estabelece entre os torcedores e a diretoria do clube.

O ponto de referência simbólico dos torcedores do “movimento” são os *Barrabrava Argentinas* - conforme apontado pelo líder de Niterói:

OE003 20081019.

Meu primeiro contato com o “movimento” foi o líder de Niterói. Encontramo-nos momentos antes da saída da van para o Maracanã e ficamos conversando. Ele falou que é um dos fundadores da Loucos de Niterói e que eles possuem uma proposta diferente: não pregam a violência e são inspirados nos *Barrabravas* argentinos. Reconheceu, ainda, que os *barrabravas* são violentos, ao contrário do que os “loucos” pregam.

Essas torcidas argentinas se delimitam nos estádios usando faixas (as barras), que dividem as arquibancadas verticalmente e não param de cantar, sempre em um ritmo marcial; são torcidas de incentivo. A respeito das torcidas argentinas, as *hinchadas*, Daniel Salerno¹⁴⁶ afirma que tais agremiações desenvolvem três papéis: 1) observam, atuam e fazem o espetáculo; 2) observam o desenvolvimento da partida; 3) intervém alentando sua equipe e enfrentando a rival através de um amplo repertório de práticas altamente codificadas. Por último, convertem-se também em objeto de espetáculo para quem assiste à partida ao vivo na TV, portanto, os espectadores são também atores do drama.

¹⁴⁵Trabalho apresentado na disciplina de conclusão de curso do Prof. Bernardo Buarque de Hollanda, sobre futebol, no curso de graduação em História na UFRJ. Maurício acompanhou o surgimento do grupo.

¹⁴⁶ Salerno Daniel. Apologia, estigma y represión-Los hinchas televisados del fútbol. In: ALABARCÉS, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005. Pag. 138.

Podemos afirmar que o “movimento” desenvolve esses três papéis e possui conhecimento disso, como podemos observar no caso relatado, o torcedor que xinga o jogador do Botafogo é duramente repreendido, pela possibilidade de ser fotografado como um “louco” ao desempenhar um comportamento desviante.

Ainda segundo Daniel Salermo, o uso do termo *barrabrava* foi forjado em um contexto de aumento da violência dos estádios na década de 80, no interior do campo esportivo, que designa alguns sujeitos e um conjunto de práticas violentas que devem ser excluídas. Logo, foi incorporado como um termo que designa uma prática “violenta e mafiosa”¹⁴⁷, violenta pelos enfrentamentos com a polícia e mafiosa pelo envolvimento com os dirigentes do clube, características essas presentes nas torcidas organizadas e duramente criticadas pelo “movimento”. Porém, ao ser um referencial simbólico, o grupo argentino ganha uma releitura, a partir da qual sua característica ressaltada é o aspecto estético, ou seja, a construção de cenários, com as barras atravessadas na arquibancada, com as bandeirinhas, com os cantos de alento e com o movimento do corpo do torcedor. Todos esses itens são importantes na construção do espetáculo, tanto físico, nos estádios, quanto televisivo.

Outra categoria utilizada para identificação de torcidas argentinas é o termo *aguante*, que significa, em um primeiro momento, um vínculo diretamente com o alento e com o apoio moral à equipe, referências ao compromisso e a fidelidade dos que estão incondicionalmente presentes: “alentar sempre, ir até a Antártida apoiar a equipe mesmo que não se jogue nada”¹⁴⁸. Sua máxima expressão é na entonação das músicas, particularmente antes e durante o jogo, através das quais se anima os jogadores e busca-se a vitória. À medida que desenvolvem o canto ao compasso do ritmo, os torcedores realizam uma performance física que inclui aplausos, saltos, movimentos acompanhados dos braços e que também denominam “*pogo*” (dança na qual se golpeiam os ombros uns contra os outros). Esse amor incondicional ao time, apoiá-lo sempre, mesmo que não ganhe e mesmo em jogos que não são importantes, são também características presentes no ideal da Loucos, como nos versos a seguir

¹⁴⁷ Cf: Conde, Mariana Conde. La invención Del hincha em la prensa periódica. In: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005. Pag. 31.

¹⁴⁸ MOREIRA, Maria Verônica. Trofeos de guerra y hombre de honor In: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005. Pag. 79.

Eu sou um louco e nada vai me abalar
Seja onde for, onde for jogar
Seja na Vila, seja no Mineirão
Vamos meu Fogão, vamos meu fogão

XXX

Oh, Fogo olê olê olê
Fogo olê olê olê
Oh, momentos ruins
Eu já vivi,
Mas nunca parei de cantar
E esse fogo no meu peito
Que nunca vai se apagar¹⁴⁹

XXX

E ninguém cala,
Esse nosso amor
E é por isso
Que eu canto assim
É por ti Fogo
Fogooo, Fogooo, Fogoo, Fogooo, Fogooo¹⁵⁰

É possível observar, nos versos acima, as mesmas características destacada por Maria Verônica nos versos dos *barrabravas*: o alento torcedor, a solidariedade ao time, não importa o lugar. Daí a terminologia *aguante*. Porém, posteriormente, esta terminologia vai ser atrelada aos “*barrabravas*” e a uma estética violenta e mafiosa, como bem destacou Mariana Conde e como afirma Pablo Alabarces¹⁵¹ no trecho abaixo citado:

El aguante es un término aparecido en la cultura futbolística argentina hacia comienzos de los 80. Etimológicamente, la explicación es simple: agüentar remite a ser soporte, a apoyar, a ser solidario. De allí que aparezca inicialmente como hacer el aguante: esa expresión denominaba el apoyo que grupos periféricos o hinchadas amigas brindaron en enfrentamientos específicos. E así, en La cultura futbolística de los últimos diez años comienza a cagarse de significados muy duros, decididamente vinculados con la puesta en acción del cuerpo. Aguanter es poner el cuerpo. básicamente, en la violencia física.

Atualmente os *barrabravas* possuem alto grau de criminalização, ligados a muitos casos de violência. Segundo a classificação do autor, o movimento possui

¹⁴⁹ Letra 1.

¹⁵⁰ Letra 2.

¹⁵¹ ALABARCES, Pablo. “Fútbol, violencia y política en la Argentina: ética y retórica del aguante”. *Esporte e Sociedade*. Mai2006/Jun2006. N°2. Pag. 01.

associação com a cultura argentina do futebol de começos dos anos 80. Ser um *aguante* é uma categoria moral, uma forma de entender o mundo, uma ética da violência, a partir da qual são tecidas as relações. Ao contrário da apropriação que o “movimento” faz, a partir da participação na construção do espetáculo, fidelidade e apoio ao clube. As três músicas acima demonstram o ideal de incentivo e alento.

A construção da identidade em simetria com os *barrabruvas* argentinos nos indica a direção das torcidas de alento, de um amor cantado, materializado no gestual do corpo e, principalmente, vivido de maneira intensa, sem limites, pois só interessa o amor ao time. Em contrapartida, observamos o processo inverso face às torcidas organizadas. Essas são tomadas como oposto, principalmente no que tange à presença da violência em suas práticas, que é totalmente negada.

Ao abordar a temática da violência, não ocorre apenas a negação da violência física, mas também da violência simbólica. Xingamentos ao outro time, aos jogadores do time adversário, aos jogadores do próprio **Botafogo**, caso apresentem um desempenho ruim, são reprimidos. Tais práticas não ocorrem no “movimento”. O que os torcedores fazem é incentivar o time o tempo todo, sem implicar ou xingar o adversário. Ideal refletido nas composições do agrupamento, assim como as transcritas acima, com letras de músicas que exaltam a história do clube, desde os jogadores ídolos, aos campeonatos conquistados e a paixão clubística, como evidencia a letra da segunda música que, após receber estímulos dos meios de comunicação por não fazer referência nem a palavras, nem a violência, passou a ser cantada por todas as torcidas, inclusive a Fúria.

Nas músicas entoadas pela Loucos pelo Botafogo, nem mesmo o juiz é xingado frente a erros de arbitragem. Outra forma diferenciada de manifestação musical é a lembrança dos heróis do passado, os grandes ídolos do time, estampados também em faixas e bandeiras, como a música 3 e a foto das bandeiras abaixo:

Os seus ídolos são tantos
De Garrincha a Newton Santos
Já vestiram esse manto,
Oitenta e nove, foi o começo de uma era
Acabando com a espera¹⁵²
É Maurício pra galera
Noventa e cinco, mais um ano de alegria
A sua estrela brilha,

¹⁵² Referência à espera de 21 anos sem conquistar títulos.

É gol de Túlio Maravilha
Oh dá-lhe fogo
Dá-lhe, dá-lhe fogo¹⁵³



A exaltação dos heróis do passado é interessante visto que os jogadores atuais não são alvo de homenagem, como ter seu nome gritado pelo grupo, de acordo com a “ideologia” da torcida, por não possuírem mais amor ao time como antigamente. Simultaneamente, percebe-se a valorização dos ídolos do passado, tanto na música quanto nas bandeiras: Nilton Santos, Didi, Garrincha. Esses são considerados jogadores de verdade, em uma visão romantizada do futebol do passado. É interessante a relação com o passado e a construção de uma memória que legitima determinado tipo de jogador. Ao elegerem esses ídolos como representantes legítimos do clube até nossos dias, esses torcedores fabricam um sentido para essa prática. Na verdade, a crítica aos jogadores da atualidade, acusados de estarem sempre mudando de time, está intimamente relacionada ao momento atual do futebol globalizado, no qual os jogadores

¹⁵³ Letra 3.

são negociados entre os clubes, de acordo com a melhor proposta econômica, é o famoso mercado milionário da bola, sempre propagado pela mídia esportiva¹⁵⁴.

Aqui está a base do dilema entre a modernização e a paixão dos torcedores, tema abordado por Ronaldo Helal¹⁵⁵ em relação à transformação da estrutura administrativa dos clubes do Rio de Janeiro, em meados da década de 70. Como resultado para superação desse dilema, a Loucos pelo Botafogo busca construir uma forma racionalizada de torcer, ao eleger, por exemplo, os jogadores - por muito tempo adorados - meros empregados, como quaisquer outros, afastando assim, a adoração a eles. Porém, tal atitude se dá pela negação da comercialização do futebol nessa via modernizante, já que, ao afirmarem que os jogadores atuais não são dignos de devoção, os torcedores do “movimento” demonstram resignação em relação ao futebol comercial e elegendos os ídolos como signatários dessa devoção.

Como os princípios de classificação e hierarquização são sempre diacríticos, a partir da construção de pares opostos, o que percebemos é a oposição entre ídolos - jogadores que jogaram por amor verdadeiro ao time, já que não faziam parte desse futebol milionário - em oposição aos jogadores-mercadoria da atualidade, que são vendidos em transações milionárias para clubes europeus. A objetivação operada pela codificação introduz a possibilidade de um controle lógico da coerência, de uma formalização, como veremos no próximo traço identitário analisado, a informalidade do “movimento”.

No início, os “loucos” reivindicavam a marca da informalidade, por não possuírem sala ou sede física, apenas realizavam reuniões ou encontros organizacionais em um ambiente virtual, uma comunidade do site de relacionamentos Orkut. Porém, a partir da inauguração do Engenhão, em 2009, o “movimento” conseguiu, junto à diretoria do clube, uma sala para armazenamento do material. Como o grupo não é uma instituição formalizada, há uma comunidade chamada “louco militante”, a partir da qual são geridas as práticas do “movimento” e só podem participar dessa comunidade os torcedores que contribuem financeiramente todo mês. Com relação a tais processos, como não há uma diretoria delimitada, as principais decisões ficam a cargo de algumas lideranças que, mesmo não existindo formalmente, são bem delimitadas. São pessoas

¹⁵⁴ A mercantilização do futebol foi discutida no capítulo 1.

¹⁵⁵ HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

que tomam à frente na organização e resolução de questões pertinentes ao grupo e são sempre consultadas frente a alguma tomada de decisão, conforme pude observar durante o trabalho de campo. Dessa forma, mesmo que reivindicuem uma identidade contrastante à das torcidas organizadas, daí a negação da institucionalização, os “loucos” possuem traços claros desse processo, como a figura do líder de torcida, a existência de um ambiente, mesmo que virtual, para tomada de decisões e a existência de um local de armazenamento do material.

A figura do “líder” ou “chefe” do “movimento” é criada em oposição à do presidente das organizadas, que possuem um organograma mais complexo, estruturado em cargos, presidência, conselho deliberativo, diretorias. Observamos o uso de uma denominação, a de líder¹⁵⁶ - que foi negada no momento de surgimento das torcidas organizadas - em um contexto de sociabilidade muito distinto, com o objetivo de negar a figura do presidente. Observamos uma bricolagem de práticas das torcidas organizadas e de grupos torcedores anteriores.

A Loucos, ao adotar primeiramente o uso do uniforme do Botafogo, se faz similar aos torcedores uniformizados¹⁵⁷, primeiras agremiações a surgir, que apenas incentivavam o clube. Seria, talvez, a tentativa de resgatar o romantismo do torcedor-símbolo, identificado com o clube. Contudo, essa identificação se daria a partir de um ajuste às novas formas do capitalismo no futebol, uma matriz espetacularizada, construindo assim, uma matriz bricolada de torcida, na qual percebemos a apropriação de algo já conhecido em uma forma própria de torcer, com deslizamentos entre a tradição e o romantismo com que era tratado o futebol de antigamente, e a modernidade e o negócio do futebol, enquanto instância racionalizada.

Ao codificar as práticas de cada grupo, os líderes têm em vista objetivá-las em um mercado de bens simbólicos. No caso da Loucos pelo Botafogo, tal postura está alinhada com as demandas modernizantes de torcedores, espetáculo e pacificação. No caso da Fúria, essas práticas também estão presentes, porém, de forma menos explícita; nesse caso o que constrói o grupo são as relações de amizade e os ideais masculinos.

¹⁵⁶ Cf. HOLLANDA, Bernardo. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras. 2010.

¹⁵⁷ Cf. TEIXEIRA, Rosana Câmara. **Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003. Pag. 136.

Esses dois grupos competem no mercado de bens simbólicos, o campo esportivo, no qual há opinião dos jornais, dos dirigentes.

Em relação aos símbolos, os “loucos” iniciaram as atividades tendo em mente a não adoção de nenhum símbolo. Sua presença era marcada apenas pelas camisas, faixas e outros objetos estampados com o símbolo do **Botafogo**, a estrela solitária. Porém, no desenvolvimento da pesquisa, pude observar algumas modificações nessas prerrogativas. Atualmente, o “movimento” possui camisas com o número 22 estampado¹⁵⁸, referência à representação de louco¹⁵⁹, acompanhado das inscrições “paixão e loucura”. O número em si não possui significado. No entanto, a adoção de um número é representativo quando relacionado à construção histórica do louco como carta do tarô e como representação de um amor desmedido, por isso, louco. São vendidos materiais, camisas, adesivos e CDs com as composições do movimento, como na foto abaixo:



F20090426

¹⁵⁸ O uso de um número como símbolo será problematizado mais à frente.

¹⁵⁹ O número 22 corresponde à carta do Tarot Louco, daí a apropriação dos torcedores.

A adoção de um número como símbolo, demonstra uma tentativa de racionalização da experiência e controle das emoções, já que esse grupo se organiza em oposição à Fúria, uma torcida organizada, da qual não fazem parte o controle das emoções, ao contrário, essas são representadas exageradamente, enquanto ideal de pertencimento. O cachorro adotado é símbolo dessa emoção, já que os animais estão inseridos em uma esfera do incontrolável, como afirma Luiz Henrique Toledo. Os símbolos das torcidas organizadas são inúmeros e são escolhidos geralmente, entre três categorias ou séries classificatórias básicas¹⁶⁰: animais, personagens dos gibis ou ainda entidades fantásticas e divindades: dragões, serpentes, santos, seres antropomórficos. Nesse caso, são adotados cachorros estilizados, com corpos malhados e face sisuda.

Podemos afirmar que a Fúria é um grupo que se baseia na emoção, na exaltação das emoções, sejam positivas ou negativas, uma construção emotiva. O uso de cachorros para auto-representação é significativo disso, na medida em que os cachorros são animais. Esse tipo de construção discursiva tem valor no mercado de bens simbólicos no qual está inserido, as torcidas organizadas, a começar pelo uso do nome Fúria para denominação do grupo. O sentido atribuído, somado às representações de cachorro, reforçam as idéias já disseminadas sobre torcidas organizadas e a relação com a violência.

Em contraposição, a Loucos se denomina “movimento”, estratégia já de diferenciação. É o reconhecimento simbólico, adquirido pela diferenciação dos outros. Aqui o conceito de distinção, de Pierre Bourdieu, nos parece adequado:

Maneira como uma manifestação simbólica, cujo sentido e valor dependem tanto daqueles que a percebem quanto daqueles que a produzem, compreende-se que a maneira de usar bens simbólicos e, em particular, daqueles que são considerados como atributos de excelência, constitui um dos marcadores privilegiados da “classe”, ao mesmo tempo que o instrumento de estratégias de distinção¹⁶¹.

Ao fazer uso da representação que existe acerca da identidade do botafoguense, discutida no primeiro capítulo, a filosofia do exagero e sofrimento, os “loucos” constroem seus argumentos de diferenciação tendo como base diacrítica a Fúria Jovem

¹⁶⁰ Cf: Toledo, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996. Pag. 54 e 55.

¹⁶¹ BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo, EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. Pag. 65.

do Botafogo. Utiliza-se o número 22 como símbolo do grupo em parceria com as inscrições paixão e loucura. Parece um paradoxo falar em racionalização e utilizar esse símbolo para representação do grupo, porém, a paixão e a loucura, traços constituintes do “botafoguismo”, são racionalizados a ponto de serem representadas por um número, em comparação a cachorros lutadores, que são animais, carregados de simbolismo em suas estilizações.

A respeito da denominação, Pierre Bourdieu afirma que os nomes constroem realidade social, tanto quanto a exprimem. Desta forma, a denominação “movimento” Loucos pelo Botafogo é uma estratégia de diferenciação do que é socialmente condenado e, conseqüentemente, de construção de sentido. Ao se distanciarem das torcidas organizadas como grupos violentos, reafirmam o senso comum. Como trabalhamos a partir de uma perspectiva relacional, o que está em jogo é o capital simbólico entre os torcedores, o reconhecimento do grupo pelo clube e por outras entidades do campo esportivo.

Acerca da utilização das diferentes categorias, “movimento” e torcida organizada, é importante recuperarmos o momento da criação de tais grupos. As torcidas organizadas possuem base em uma época de efervescência política. Enquanto torcidas de alento, como a Loucos pelo Botafogo, surgem em um momento de proeminência de uma ética modernizante no futebol brasileiro, conforme discutimos no primeiro capítulo. Demanda essa iniciada em meados da década de 80, a partir da modernização das estruturas de gestão dos clubes e dos campeonatos. Enquanto a sociedade brasileira vivia um período de reorganização política, face a suas demandas sociais e políticas frente à constituição de 1988, conhecida como constituição cidadã, marco após os anos da ditadura militar.

Nas análises construídas ao longo deste capítulo, foi possível perceber a existência de uma série de regras, cantos e movimentos corporais que são realizados pelas duas torcidas, mas não há um manual que os explique. Essas práticas são aprendidas nos estádios e codificadas, já que, através de sua observação, podemos identificar perfeitamente qual grupo estamos observando, mesmo que estivessem todos usando a mesma roupa. É certo que as bandeiras e as camisas são também alvo de distinção e, por isso, cada grupo tem a sua, porém, os gestos corporais são também investidos dessa caracterização diferenciadora. E, para distinguir essas práticas, é necessário a compreensão dos esquemas operacionais dos grupos que lhes permitam

produzir pensamentos e práticas, mesmo sem uma obediência a regras colocadas como tal:¹⁶² o *habitus* torcedor escapa a normas expressas ou escritas. O chamado “sentido do jogo”, algo que faz com que as coisas ocorram não está explicitamente codificado, o que não significa dizer que não existe um código de conduta a ser adotado, dominado pelos envolvidos e produtor das diferenciações vistas.

¹⁶² BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: **Coisas ditas**. São Paulo, Brasiliense, 2004. Pag. 97.

3. Torcedores pelas práticas discursivas

No capítulo anterior analisamos dos rituais torcedores e a produção de uma diferenciação dos grupos a partir deles. As considerações esboçadas tiveram por base a etnografia realizada com os grupos torcedores e o material coletado no período do trabalho de campo: fotos, diários de campo e a coleção de matérias de jornais em sítios eletrônicos. O objetivo do capítulo foi apontar as configurações constituintes de cada torcida a partir da análise de seus modos de torcer. As análises apontaram a existência de uma tentativa de racionalização das práticas torcedoras, no que diz respeito a Loucos pelo Botafogo e de uma lógica menos racionalizada, representada pela Fúria Jovem do Botafogo.

Neste capítulo temos como objetivo analisar discursos torcedores a partir da estratégias discursivas utilizadas na construção das múltiplas identidades que ali emergem e os alinhamentos construídos, produtores da diferenciação dos grupos estudados. Nesse sentido, as categorias alinhamento e enquadre, propostos por Goffman¹⁶³ nos auxilia a investigação dos múltiplos contextos de interlocução que são negociados continuamente do discurso.

Primeiramente, concentramo-nos na análise dos alinhamentos e enquadres construídos ao longo das entrevistas. Procuramos apresentar os entrevistados e identificar os traços constituintes do discurso. Já na segunda parte do capítulo, nos concentramos nos segmentos das entrevistas nos quais os torcedores explicitam o que significa ser torcedor para cada um dos entrevistados na pesquisa e, em consequência apontamos os traços constituintes do *ethos* torcedor dos grupos. A partir da questão genérica “o que é ser torcedor”, buscamos, nas entrevistas, os traços constituintes das formas de torcer e de vivenciar as emoções como torcedor organizado ou como integrante do “movimento”. Acreditamos que essa questão contribui para a construção de nosso objeto de pesquisa, como os diferentes grupos aqui analisados vivenciam o futebol em uma matriz espetacularizada e quais efeitos são produzidos a partir dessa prerrogativa.

¹⁶³ GOFFMAN, E. “Footing”. In *Sociolinguística Interacional*. RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs) Rio de Janeiro: Parábola, 107-148, 2002.

3.1. Análise dos discursos na perspectiva da SI

O presente estudo se insere na linha de pesquisa Memória e Linguagem e adota a abordagem teórico-metodológica da análise do discurso da Sociolinguística Interacional, concebida como “o estudo de padrões socialmente condicionados de variação na linguagem em uso¹⁶⁴” e da metodologia da História Oral, como uma prática segundo a qual “não é uma pessoa abstrata observando outra, mas duas pessoas se encontrando em um terreno de igualdade, no qual as duas trazem juntas seus diferentes tipos de conhecimento e encontram uma nova síntese da qual os dois são modificados¹⁶⁵”.

A Sociolinguística Interacional defende uma análise pautada na interpretação das características de uma situação de linguagem, como toda forma de interação, a exemplo de uma conversa informal em um bar até uma entrevista de pesquisa. É importante ressaltar que a situação conversacional das entrevistas foi marcada por uma assimetria discursiva em relação ao turno de fala dos participantes, já que os assuntos de pauta foram dirigidos por mim, na maioria das vezes, a partir do roteiro organizado anteriormente, que serviu de guia para as perguntas.

Para esta abordagem, o discurso é concebido como uma construção conjunta entre falantes e ouvintes que ocorre no momento da interação. O estudo da linguagem, sob essa perspectiva, leva em consideração, além do aspecto estritamente lingüístico, as palavras e a maneira de ordená-las em um enunciado, por exemplo, o gestual, o tom e o ritmo da voz, o estilo, traços que sugerem ou dão sinais sobre como devem ser interpretadas as elocuições proferidas¹⁶⁶ e que organizam o encontro social. São as chamadas pistas de contextualização, conceito proposto por Gumperz¹⁶⁷ para descrever aspectos constitutivos do discurso que integram os processos interativos.

Para a análise das diferentes situações de fala, optamos pela escolha de alguns conceitos da análise do discurso de vertente inglesa. Uma noção fundamental para a compreensão do discurso oral e sua organização é o conceito de enquadre, introduzido

¹⁶⁴ CAMERON, D. Small differences, big difference: interational sociolinguistics. In: **Working with spoken discourse**. Sage, 107-122. Pag.106

¹⁶⁵ PORTELLI, Alessandro. “A Filosofia e os fatos”. **Tempo Nº02. Dossiê teoria e metodologia**. V.01. Rio de Janeiro, 1996. Pag. 2.

¹⁶⁶ GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. Edições Loyola: São Paulo, 2002.

¹⁶⁷ GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. Edições Loyola: São Paulo, 2002

por Gregory Bateson¹⁶⁸ e desenvolvido por Erving Goffman¹⁶⁹. O enquadre situa a mensagem contida em todo o enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos e como interpretamos a interação em curso. Goffman afirma que os participantes de um encontro estão permanentemente mudando ou mantendo os enquadres que organizam e orientam o discurso e desenvolveu um sistema complexo de termos e conceitos para discutir os diferentes tipos de ouvintes e falantes e as diversas estruturas de participação dos mesmos nas interações face-a-face.

Ao optar trabalhar com o discurso torcedor, a exemplo das entrevistas para analisar a constituição da identidade, adotamos o modelo narrativo de tempo experiencial¹⁷⁰, que prioriza a importância do contexto na produção das narrativas ao invés do modelo de organização temporal¹⁷¹ segundo o qual “a narrativa é uma maneira de recapitular experiências passadas através de enunciados cuja ordem reflete a sequência dos eventos ocorridos”¹⁷². A narrativa é vista como uma representação social, resultante de uma estrutura histórico social mais ampla, não como o simples relato de lembrança do passado. O que faz das histórias contadas narrativas, e não casos aleatórios, é o fato de serem remetidas a eventos específicos e apresentarem um sentido, uma razão de ser.

Partimos do pressuposto da narrativa entendida como uma alternativa ao modelo causal de ordem temporal linear, segundo Mishler¹⁷³, ou seja, como um espaço destinado aos indivíduos para a reinterpretação e reelaboração dos significados de eventos passados. A partir dessa perspectiva, os significados dos eventos e das experiências estão sempre sendo reenquadrados dentro do contexto de nossas vidas em curso e, por isso, o modelo narrativo experiencial pode ser entendido como um ponto de partida alternativo. O ato de narrativizar ressignifica eventos em termos de suas

¹⁶⁸ BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. Edições Loyola: São Paulo, 2002.

¹⁶⁹ GOFMAM, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. Edições Loyola: São Paulo, 2002

¹⁷⁰ MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS L. C. **Identidades –recortes multi e interdisciplinares**. Campinas. SP: Mercado de Letras, 97 - 119, 2002.

¹⁷¹ LABOV, W. “The transformation of experience in narrative syntax”. Language in the Inner City. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

¹⁷² Pinto, Diana. As estória de Larissa: O processo de constituição da referência e as múltiplas “projeções do eu” em narrativas em uma entrevista psiquiátrica em B. T. Ribeiro, C. C. Lima e M. T. Dantas. **Cadernos IPUB**, Edicós IPUB, Rio de Janeiro, p. 121 – 141, 2001. Pag. 124.

¹⁷³ MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS L. C. **Identidades –recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 97 - 119, 2002.

consequências – de como a história se desenvolve e termina e não do seu lugar temporal.

Essa concepção de narrativa adotada por Mishler dialoga com o que Pierre Bourdieu¹⁷⁴ chama de “ilusão biográfica”, já que o autor salienta que os relatos tendem a seguir uma ordem não necessariamente temporal linear: “quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário”, pois os entrevistados tendem a organizar-se segundo uma lógica inteligível, na tentativa de se tornarem razoáveis e darem sentido a sua narrativa.

Nesse sentido, as histórias contadas nas entrevistas representam uma tentativa de coerência e controle do passado e devem ser interpretadas como tal; daí a importância da contextualização da produção da entrevista e o cruzamento com outros tipos de fontes. Mais do que saber como as coisas realmente são o que importa aqui é perceber as construções feitas e as estratégias traçadas para construí-las ou torná-las próximas de si. Porque desse modo temos acesso ao que importa para a pessoa, através das construções de si mesma e das situações que a envolvem, pela valorização de certos acontecimentos e não de outros, por seus alinhamentos frente às situações já vivenciadas. As histórias escolhidas para serem contadas não são neutras, na medida em que possuem traços importantes e, por isso, foram elas e não outras, as selecionadas. Ao propor um diálogo entre a História Oral e a Sociolinguística Interacional, temos em mente pensar essas interações, ou seja, analisar de que forma as ações e falas são pautadas por experiências e concepções de vida contidas nos discursos.

Se levarmos em consideração o fato de que todo uso da linguagem envolve uma ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico, chegamos à conclusão de que todo discurso provém de um sujeito portador de marcas identitárias específicas, que o localizam na vida social e no discurso em relação a seus interlocutores. Essa compreensão, “coloca, como ponto central, o fato de os significados serem compreendidos como resultado dos processos sociointeracionistas em que nos engajamos no dia-a-dia no esforço de entender a vida a nossa volta¹⁷⁵”. Em uma situação de entrevista, por exemplo, o entrevistado faz uma construção de si mesmo de acordo com os propósitos que acha pertinente serem abordados, pois há uma construção de si no momento do uso da linguagem, assumindo assim, enquadres distintos ao longo

¹⁷⁴ Bourdieu, Pierre. A ilusão biográfica. **Usos e abusos da História Oral**. Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaina (Orgs.) Rio de Janeiro: FGV, 1996. Pag. 184.

¹⁷⁵ LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Discurso de identidades**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

de sua construção discursiva.

As diferentes posições assumidas pelos entrevistados no discurso permitem a compreensão do processo de formação desses grupos e de suas identidades. O conceito de alinhamento¹⁷⁶ representa a postura e a posição de quem fala e ouve, é a postura adotada frente ao outro e ao discurso em construção. O alinhamento caracteriza o aspecto dinâmico dos enquadres e de sua natureza discursiva, assim como pode sinalizar, ainda, aspectos pessoais, papéis sociais, intrínsecos ao próprio discurso. Portanto, uma mudança de alinhamento implica uma mudança no que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressado na maneira como conduzimos a produção ou recepção de uma elocução, ou seja, é uma outra forma de falar em nosso enquadre de eventos. Como exemplo na mudança de alinhamento, podemos citar a entrevista da Fernanda, que será analisada na sessão 3.1.2, na qual ela assume um alinhamento discursivo, ora de torcedora, ora mãe, co-construindo seu discurso no momento da fala.

O que torna um informante representativo é sua narrativa, ou seja, os meios e argumentos que utiliza para traçar sua construção discursiva, os procedimentos simbólicos e os códigos partilhados pelo grupo a que faz parte. Como nas palavras de Alessandro Porteli¹⁷⁷ sobre a representatividade da fonte histórica,

(...) em que medida estas narrativas constituem matéria não exclusivamente literária, mas históricas: ou seja, em que medida a subjetividade de seus narradores pode ajudar a delinear uma subjetividade mais ampla.

Ao organizar as informações, procedimentos e idéias que são compartilhados socialmente das torcidas, os entrevistados realizam uma construção discursiva enquanto indivíduo pertencente a uma determinada visão de mundo, ou esquema de conhecimento¹⁷⁸, conceito concebido como o conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo da nossa experiência que utilizamos “para nos referir às expectativas dos participantes acerca das pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo¹⁷⁹”. Tannen e Wallat destacam, ainda, que os esquemas de conhecimento “são continuamente

¹⁷⁶GOFFMAN, E. “Footing” Em B. T. Ribeiro e P. Garcez (orgs.), **Sociolinguística Interacional**. Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do discurso. São Paulo: Loyola, 107-148, 2002.

¹⁷⁷PORTELLI, Alessandro. “A Filosofia e os fatos”. **Tempo Nº02. Dossiê teoria e metodologia**. V.01. Rio de Janeiro, 1996. Pag. 70.

¹⁷⁸TANNEN, Deborah e WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: Exemplos de um exame/ consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. Edições Loyola: São Paulo, 2002.

¹⁷⁹Idem. Pag. 189.

comparados à experiência de vida e, então, revistas¹⁸⁰»

Dessa forma, todo o processo de análise dos dados teve como objetivo principal priorizar os diferentes discursos em seu conceito de contexto situacional, como “as informações que estruturam e constituem as nossas conversas e interações¹⁸¹” De acordo com Ribeiro e Garcez¹⁸², o conceito vai “muito além de uma simples decorrência do ambiente físico, trata-se de um ambiente de significação que é interacionalmente constituído.” Nos encontros face a face, utilizamo-nos de pistas de contextualização¹⁸³, que nos remetem tanto para informações contextuais tanto a nível sócio-interacional pessoal como a nível macro, histórico-institucional. Essas pistas são negociadas no discurso através do conjunto de perguntas e respostas em curso, por exemplo, que constituem as entrevistas de pesquisa.

A partir dessas premissas, utilizaremos o conceito de narrativa, a partir do referencial da Análise do Discurso da Sociolinguística Interacional, definido por Ribeiro¹⁸⁴ “como a trama e ação envolvendo determinados personagens em um dado tempo, uma trama que é tecida pelo narrador (ou narradora) e co-construída em parceria com o interlocutor (ou interlocutora) durante uma situação de conversa ou entrevista”. Conclui Ribeiro que “desta forma, a narrativa ocorre necessariamente inserida em uma situação dialógica”.

O estudo da linguagem a partir da vertente da Sociolinguística Interacional permite investigar a imersão dessas memórias e identidades a partir dos sentidos a elas atribuídos,

Fornece, portanto, o arcabouço teórico que possibilita indicar que a análise das práticas discursivas, onde agem os atores sociais, dá acesso aos significados com os quais vivem na vida institucional, na cultura e na história, tornando possível entender como se vêem e vêem os outros a sua volta, ou seja, suas identidades sociais.¹⁸⁵

¹⁸⁰ Idem. Pag. 191.

¹⁸¹ RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. (orgs) Rio de Janeiro: Parábola, 149-182, 2002.

¹⁸² RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. (orgs) Rio de Janeiro: Parábola, 149-182, 2002.

¹⁸³ GUMPERZ, J. Convenções de Contextualização. **In Sociolinguística Interacional**. RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs) Rio de Janeiro: Parábola, 149-182. 2002.

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ MOITA, Lopes. L. P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrutivista. In: Ribeiro, B.T, C.C. Lima e M. T. L. Dantas. **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Coleções IPUB, 2001, p. 55-71.

Cada história e ponto contado contêm em si um esquema de conhecimento imerso em sua subjetividade e vivência. Nesse sentido, a análise que pretendemos realizar nesse capítulo é a partir da abordagem dos significados de ser torcedor para os entrevistados, contextualizando-os em seus lugares sociais, já que todo sentido atribuído a eventos ocorridos é resultante de processos interativos, caracterizados tanto pelo momento da fala, quanto por suas experiências na vida e no interior dos grupos aqui estudados. São falas distintas e portadoras de diferentes modos de narrar em contextos variados, que apresentam em comum o sentimento de pertencimento ao clube Botafogo e Regatas e, por isso, sua escolha. Pelo fato de que não são torcedores comuns, são engajados, conforme definição de Arlei Damo¹⁸⁶, já que dedicam parte de sua vida aos clubes e associações torcedoras das quais fazem parte.

3.1.1. Metodologia de coleta de entrevistas

A coleta de dados ocorreu em dois períodos, conforme foi tratado no primeiro capítulo: o primeiro compreendido entre janeiro e dezembro de 2007¹⁸⁷, período da pesquisa “A paixão vigiada”, no qual acompanhei a torcida organizada Fúria Jovem do Botafogo. O segundo período foi compreendido entre meados de 2008 a junho de 2009, no qual acompanhei o “movimento” Loucos pelo Botafogo.

Para realização das entrevistas com os integrantes da torcida organizada Fúria, foi construído coletivamente, entre os quatro integrantes da pesquisa¹⁸⁸, um questionário¹⁸⁹ com perguntas semi-abertas, guiado pela metodologia da História Oral e dividido em tópicos temáticos. As duas primeiras entrevistas, com a torcedora Fernanda e o torcedor Guilherme, foram realizadas e transcritas por mim.

Já na segunda etapa da pesquisa, quando já tínhamos os objetivos desse trabalho mais delimitados, construímos um questionário direcionado sobre a construção de identidade do grupo. Foram realizadas algumas mudanças no roteiro utilizado anteriormente, com a retirada de questões específicas acerca de policiamento e história

¹⁸⁶ Cf. DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

¹⁸⁷ As condições da pesquisa já foram devidamente descritas na introdução da dissertação.

¹⁸⁸ Marcos Alvito, Flávio Amieiro, Isabella Menezes e Natasha Schumacher.

¹⁸⁹ O questionário encontra-se no anexo I.

de brigas e uma nova redação, com perguntas abertas, com o objetivo de estimular a narrativa do entrevistado¹⁹⁰. As duas entrevistas com torcedores do “movimento” Loucos pelo Botafogo foram realizadas por mim e transcritas por um profissional da área, sendo conferidas por mim ao término do processo.

3.1.2. O empresário

“(…) mas eu gostei mais do triângulo, da ética, do respeito, da atitude, é bom que é assim a nossa logomarca.”

A primeira foi realizada com um diretor da torcida da Fúria, de 33 anos e durou aproximadamente 1 hora. Além de ser meu primeiro entrevistado, ele foi também meu primeiro contato no campo, indicação do primo de um amigo. Seu discurso foi alinhado a uma lógica mais empresarial, a partir de um discurso oficial. Ele foi meu primeiro contato na torcida e ficamos alguns meses negociando a realização da entrevista. Eu já havia feito praticamente todo o questionário informalmente a ele, mas a entrevista de fato só ocorreu em fins de maio de 2007, cinco meses após nos conhecermos. O local da entrevista foi decidido por ser próximo ao local em que o entrevistado morava. Encontramo-nos em um Shopping e a entrevista foi realizada em um restaurante do local.

É figura conhecida entre os torcedores por seu porte atlético e por ser um dos principais da “linha de frente” da Fúria, ou seja, fazer parte dos torcedores que vão à frente à hora das brigas, por serem os mais fortes e que sabem brigar melhor. Seu envolvimento, tanto no nível organizacional quanto nos enfrentamentos físicos, possibilitou-me o acesso a informações fundamentais, como a organização da torcida e detalhes de briga. O seu esquema de conhecimento de torcedor foi fundamental para o acesso a importantes informações.

Chamaremos esse torcedor de Guilherme. Ele tinha 32 anos à época da realização da entrevista em 2007, ensino superior incompleto, trabalhava no negócio dos pais, uma rede de salão de beleza como representante de produtos cosméticos. Havia sido criado em um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, Andaraí, no qual a

¹⁹⁰ BAUER, Martin W & ARTS, Bas. A construção do corpus de pesquisa. In: Bauer, Martin W. & Gaskell, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 39-63, 2004.

mãe começara com o salão e, quando nos conhecemos, já morava na Zona Sul. Nossa entrevista, que durou cerca de 50 minutos, se deu em um restaurante em um Shopping da Zona Sul do Rio de Janeiro, local escolhido por ele, próximo a sua casa, no bairro de Botafogo e próximo à sede do clube.

Ao longo da entrevista, Guilherme constrói uma argumentação de que a torcida não é violenta e, principalmente, de que a violência não é uma finalidade para a existência do grupo, conforme o entrevistado respondeu a respeito da relação com as torcidas rivais “A gente tenta ir na paz, sempre não tentar encontrar porque infelizmente quando encontra, não tem como segurar (...)”. Desde nosso primeiro contato e em minhas visitas à sede, pude perceber a existência dessa preocupação também em outros membros da diretoria:

OE20070207

Um dos responsáveis afirmou que a mídia só veicula a imagem das torcidas como baderneiras. Falou que a Fúria realizava trabalhos sociais, citou o exemplo de uma creche que a torcida havia entregado cestas básicas e que tal evento não havia sido noticiado.

Foi comum ouvir, ao longo das observações etnográficas, que a mídia marginaliza os torcedores organizados, ao optar pela publicação de matérias veiculando somente os casos de briga. Mesmo seguindo essa linha argumentativa, o entrevistado dá sugestões, em vários momentos, a existência de enfrentamentos desses grupos.

Enquanto representante oficial da torcida, Guilherme ao construir seu discurso a partir de uma lógica empresarial, alinha-se discursivamente como um administrador de negócios:

Segmento 1

Isabella: E como vocês arrecadam dinheiro para comprar os materiais, para fazer as bandeiras, para se organizar para os jogos?

Guilherme: O que acontece? A gente vende esse ingresso, a meia, compra a meia e acrescenta algum, alguma porcentagem e ai sobram uns 10%, 15% ai, que é investido em material. Porque realmente o que sustenta a torcida é o material, você pode reparar ai, tem o Flamengo que tem uma torcida grande, tem o Vasco que tem uma torcida grande, mas o material de torcida organizada que você vê na rua, na maioria é da Fúria. Para mim, no Rio de Janeiro é a torcida que vende mais material, que é raro você andar na rua e ver uma blusa da torcida do Flamengo, torcida que eu digo, torcida do Vasco, não vê nenhuma, mas da Fúria você vira e mexe está vendo, porque são materiais acessíveis, entendeu? E a gente vende para todo mundo.

(ETJB 20070530)

O posicionamento de Guilherme como líder da torcida, que detém conhecimento sobre as formas administrativas, pode ser analisado a partir de um conjunto de pistas de contextualização. Na elocução “o que sustenta a torcida é o material”, por exemplo, observamos o verbo sustentar no sentido de viabilizar economicamente, associado aos substantivos “compra e venda”. Além disso, constrói seu argumento de conhecedor da matéria, ao trazer para o seu discurso as práticas semelhantes de outros times cariocas “tem o Flamengo... tem o Vasco”. Projeta, então, aqui um enquadre institucional/profissional de gestor com visão empresarial “materiais acessíveis” / “a gente vende para todo mundo”. Outras pistas auxiliam essa interpretação, já que Guilherme emprega percentuais, além dos termos “investimento” e “sustento”, que reforçam a construção dessa identidade discursiva de gestor competente que conhece o ramo.

Percebemos que sua fala é dirigida ao ramo dos negócios, seja na racionalização da organização, na veiculação de uma imagem ou a partir de uma visão priorizando os lucros. O uso de porcentagens, da descrição da existência de um mercado consumidor, mesmo em outros times, a análise do tipo de material vendido e a comparação entre as vendas das torcidas diferentes são pistas de contextualização do alinhamento empresarial/ institucional assumido por Guilherme na maior parte da entrevista. Esses sentidos são complementares à elocução que abriu essa sessão, a respeito do uso dos símbolos: “mas eu gostei mais do triângulo, da ética, do respeito, da atitude, é bom que é assim a nossa logomarca.” A pista de contextualização do uso do substantivo “logomarca” sinaliza o enquadre comercial já referido. O uso desse substantivo reforça o enquadre de toda sua fala, a de um empresário, preocupado com o lucro e com a imagem de sua empresa.

Ao mesmo tempo, ainda no segmento 1, atribui as ações a uma coletividade: “a gente”, “a torcida”, desalinhando-se, assim, com a posição de líder único do grupo. O uso da expressão inclusiva “a gente” sinaliza o espírito corporativo e de coletividade impresso ao seu discurso.

Na nota de campo a seguir, Guilherme assume um enquadre pessoal. Estava mais à vontade, entre amigos e discorreu sobre a violência dos enfrentamentos:

OE20070311

Eu estava sentada ao lado do Guilherme e outros três amigos na escada de acesso do Maracanã. Conversavam lembrando os incidentes de brigas nos quais estavam envolvidos: jogos de basquete e partidas de futebol. Lembraram, ainda, do início da Fúria e dos incidentes com a TJB (Torcida

organizada do Botafogo), que eles pularam da Perimetral por causa de uma briga. Narravam as histórias entre risos.

Esse alinhamento também está presente no segmento 2. Quando perguntado sobre as músicas de que mais gosta, Guilherme elege aquela que faz referência explícita à violência:

Segmento 2

Isabella: Mas qual que você gosta mais? Canta três para mim?

Guilherme: Ah, qual é a música?

I: Três, que você escolha.

Guilherme: Ah, cantar, eu não vou cantar, vou te lembrar qual é. Eu gosto a do... que é do Tribalistas: Já sei espancar, a Raça Rubro-negra... Essa eu gosto muito. (ETJB20070530)

O entrevistado elege uma versão da música dos Tribalistas que destaca os atributos de ser bom de briga “já sei espancar/ a raça rubro-negra não deu nem para começar/ a Young correu/ lá fora do “Maraca”, a Jovem Fla que se fudeu/ não tenho paciência para essa Força Flu/ torcida de veado que só dá o cu/ eu sou de ninguém/ eu sou da Fúria Jovem/ a torcida é nota cem (...)”. Conforme vimos no segundo capítulo, essa letra apresenta os traços de pertencimento das torcidas organizadas: a subjugação de uma pela outra através da força e a negação do outro, o adversário.

Ao longo da entrevista, Guilherme introduz o assunto violência na entrevista, construindo seu discurso em referência a essa matriz, mesmo quando não é perguntado sobre isso, ou seja, quem insere esse ponto na entrevista é o próprio entrevistado. Constantemente, há alinhamentos/ desalinhamentos dele em relação a esse ponto. Em enquadres mais institucionais, nos quais ele se posiciona discursivamente como um líder, legitimador da torcida, ele se desalinha em relação a comportamentos/ atitudes violentas. Porém, em enquadres mais pessoais e conversacionais, ele se alinha como um dos que contribuem e participam ativamente de cenas violentas.

Percebemos, então, que em seu discurso há um deslizamento em relação à violência e que, em sua maior parte, o entrevistado se posiciona como um relações públicas da torcida, preocupado em construir um discurso coerente e alinhado à uma lógica comercial. Podemos analisar seu discurso à luz do ao conceito de memória oficial de Pollak, já que é demonstrativa de uma tentativa de construção da memória da torcida

como uma espécie de propaganda do próprio grupo, a imagem que o grupo quer passar para os outros.

Nesta análise, observamos a construção identitária de Guilherme como um processo dinâmico que ocorre no discurso, assim como a memória, um processo intenso de construção e reconstrução, no qual nos situamos em relação ao outro e ao que nos cerca, nos alinhando de diversas formas com o que está sendo narrado: “ao contar histórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações comerciais, crenças, valores; ou seja, ao contar histórias, estamos construindo identidade¹⁹¹”.

3.1.3. A mulher mãe e torcedora

“(…) mas eu passei a freqüentar mesmo, a me tornar fanática, que eu sou fanática, é, junto com... por causa do meu filho, meu filho só passou a freqüentar depois dos 18 anos.” (EFJB20070818)

A segunda entrevistada foi uma mulher de 41 anos, mãe de um integrante de 23 anos da torcida, responsável pelo transporte da bateria e das faixas, alguém próximo à diretoria e que também participava das brigas. Durou cerca de uma hora. Fernanda acompanha o filho a todos os jogos e eventos do grupo, inclusive nas brigas. Sua convivência com torcidas organizadas é anterior ao seu filho, já que freqüentava a torcida do Russão, a Folgada. Já freqüentava a FJB há 4 anos. A negociação dessa entrevista foi mais rápida que a da primeira e realizada na casa da entrevistada, antes de um jogo, o que sugere o estabelecimento de uma relação de confiança.

Fernanda foi fundamental para a pesquisa porque mostrou a percepção de uma pessoa que está no grupo e acompanha tudo, mas não possui comprometimento formal e institucional com as atividades, mesmo que se alinhe positivamente em relação às ações da torcida. Essa postura possibilitou que a torcedora falasse dos mais variados assuntos e momentos vividos sem restrição, o que foi fundamental para completar uma série de informações acerca do grupo estudado.

Fernanda e o filho moram em Marechal Hermes, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Ela é auxiliar de enfermagem, trabalha em clínicas de idosos e como enfermeira

¹⁹¹ BASTOS, Liliana Cabral. “Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa”. *Calidoscópico*. Vol. 3, n. 2, p. 74-87, maio/ ago 2005. Unisinos. Pag. 81.

domiciliar. Conheci Fernanda na inauguração do Engenhão, Estádio Olímpico João Havelange, durante um churrasco de concentração da Fúria. Fomos a vários jogos juntas e nossa entrevista foi realizada em sua casa, em Marechal Hermes, o que sugere o estabelecimento de uma relação de confiança. A entrevista ocorreu em um domingo, no qual fui até sua casa pela manhã, almoçamos (eu, Fernanda, uma amiga e seu filho) e fomos juntas para o estádio.

Os segmentos analisados nessa sessão demonstram a riqueza dos enquadres e alinhamentos construídos discursivamente por Fernanda ao longo da entrevista: torcedora/ mãe/ mulher.

O seu principal enquadre projetado durante a entrevista foi a de mãe de torcedor organizado. Ao mesmo tempo em que não se sentia autorizada a falar sobre alguns assuntos e pedia auxílio ao filho¹⁹², narrava com detalhes os enfrentamentos:

Segmento 3

Isabella: Fala mais um pouco sobre essas rixas que você falou que existem entre as torcidas, que você falou, atualmente.

Fernanda: Ah, eu acho muito errado, sabia? Eu digo porque meu filho vive dentro dessa torcida e, se passar um cara do Botafogo e o outro for vascaíno, bateu só porque o cara está com a blusa do Botafogo, a torcida da Fúria já vai meter a pancada, e são pancada de ter morte, já teve morte dentro da Fúria, já é, acho que já vai para o quarto morto dentro da Fúria já. As brigas são muito feias e a Fúria agora é inimiguíssima do pessoal do Fluminense, antes era só do pessoal do, do, da Jovem do Flamengo, mas agora ela também arranjou, tem mais inimigo. Então, dia de jogo eu já chorei muito, porque sei que meu filho vai entrar na briga. Já parou um ônibus só ele e mais um rapaz para parar a torcida do Flamengo para a pancadaria comer. Basta estar com a blusa da Fúria, parece que ela chama para a briga. E também com a Young, eles já entraram, queimaram a sede da Young, também da torcida do Fluminense, mas é uma torcida que anda armada, com revólver, então eles já entram para bater, então, quem eles encontrar vão bater, vão dar porrada, vão dar tiro, eles vão fazer miserê. (...) Eles te batem até, se você cair no chão, tem um lema, se você ficar caída no chão, você, eles vão bicar tua cara. O ponto forte de cair no chão é bicar tua cara. E eles também na torcida, essa rixa deles, eles tem esse negócio de tomar a bandeira da outra torcida, que é para mostrar que eles são vitoriosos. Então eles queimam a bandeira que eles tomaram de você para todo mundo ver, eles roubam tuas camisas para mostrar que têm poder, é isso. (EFJB20070818)

No segmento 3, Fernanda descreve com detalhes práticas cotidianas da torcida da Fúria que evocam a violência, ressaltada pela seleção de verbos/ substantivos que

¹⁹² O filho estava em casa, mas não participou diretamente da entrevista. Às vezes, Fernanda gritava alguma coisa perguntando a ele. E insistiu muito para que o entrevistado fosse ele e, não ela. Porém, seu filho não aceitou a proposta.

explicitamente remetem a situações violentas: “bater”, “pancadaria” “correr”, “queimaram a sede”, “anda armada” , “dar porrada”, “dar tiro”. Aqui seu enquadre é como mãe “meu filho vive dentro dessa torcida”, o que a torna, por princípio, com que ela contrarie as práticas violentas de torcida. Ainda neste enquadre alinha-se como mãe extremosa e preocupada “dia de jogo eu já chorei muito”, explicando a razão de seu sofrimento “porque sei que meu filho vai entrar na briga”. Ao usar repetidas vezes a terceira pessoa do plural, afasta-se discursivamente da posição de torcedora: “eles já entraram e queimaram a sede da Young”, “então eles já entram para bater”, “vão dar porrada”, “eles te batem até você cair no chão”. Neste segmento analisado, o enquadre assumido por Fernanda é de distanciamento das práticas da torcida, uma vez que alinha-se como observadora crítica, assumindo um olhar “estrangeiro”.

É interessante observar que sua narrativa sobre as práticas violentas é emoldurada pela avaliação negativa que antecede todo o segmento “Ah, eu acho muito errado, sabe?”. Portanto, o enquadre mãe orienta suas contribuições subseqüentes e ecoa por toda a sequencia, ao distanciar-se daqueles comportamentos.

Há um afastamento claro de Fernanda da torcida, tanto que relata o sofrimento de mãe em meio a esse universo: “Então, dia de jogo eu já chorei muito, porque sei que meu filho vai entrar na briga”. Nesses turnos de fala, a entrevistada se coloca no enquadre mãe de torcedor e se alinha negativamente em relação à torcida, pela existência da violência em suas práticas e, principalmente, porque colocam o filho em situações de risco: “porque meu filho vive dentro dessa torcida”/ “Já parou um ônibus só ele e mais um rapaz para parar a torcida do Flamengo para a pancadaria comer” . Fernanda demonstra domínio do esquema de conhecimento das rotinas do grupo, ao mesmo tempo em que se desalinha de ações associadas a essas práticas. Como por exemplo, no segmento 4 citado abaixo, no qual a informante afirma não participar de reuniões, papel desempenhado pelo filho, integrante oficial. Finalizando o turno de fala, Fernanda reafirma que não faz parte do foco da torcida que, segundo ela, é de briga, o que reforça a construção discursiva do segmento 3:

Segmento 4

Isabella: E as reuniões, como são?

Fernanda: Eu não sei te dizer das reuniões, porque quem vai normalmente é o Igor, que vai nas reuniões, que eles fazem eu não vou não. Eu gosto de ir é para o Maracanã. Não me juntar com o foco da torcida, porque o foco da torcida é briga, então eu não, a torcida briga, a torcida é briguenta, a torcida é

encrenqueira, a torcida da fúria não é fácil. Ela vem dentro do ônibus, vem roubando boné, a realidade eu vou dizer, que é isso mesmo, torcida organizada é torcida marginalizada, isso eu não nego para ninguém porque é. Eles brigam... (EFJB20070818)

Para construir seu desalinhamento com a torcida, Fernanda utiliza negações sucessivas: “eu não sei”/ “eu não vou não”/ “não me juntar”. Nesse segmento, seu desalinhamento é construído em duas faces: a primeira, em relação ao foco de violência, e a segunda, em relação ao conhecimento institucional e organizacional. Ambas sintetizadas pela afirmação “Eu gosto de ir é para o Maracanã”, ou seja, a torcedora não possui interesse em reuniões administrativas, nem em encontros para brigas; seu interesse é apenas no futebol, como uma torcedora comum, o que é representado pela ida ao Maracanã, transformando-a, assim, em uma torcedora comum.

Vejamos o segmento 5 abaixo:

Segmento 5

Isabella: Quais são os preparativos da torcida antes de ir para o jogo? Você sabe?

Fernanda: (...) ai abre e a torcida fica ali um dando força para o outro, se tu não tem dinheiro eu te empresto, é, você quer meu boné, você quer não sei o que, e é assim, o torcedor de verdade, ele sabe que ele vai até morrer porque está com a blusa da Fúria, mas ele vai. Então a gente tem esses preparativos todos. O orgulho é a gente saber que bota não só a blusa do Botafogo, é saber que a gente tem, sendo de uma torcida organizada a gente pode gritar, brigar, porque muitas vezes os dirigentes mesmo não estão nem aí, se a torcida for lá e meter a porrada neles, eles não entendem não. (EFJB20070818)

O enquadre torcedora organizada aqui é preponderante. Inicialmente, narra os preparativos para o jogo, evidenciando domínio do esquema de conhecimento da torcida. Neste primeiro momento da interação “ai abre a torcida... mas ele vai”, a narradora destaca os traços de companheirismo e coletividade dos componentes da torcida, inserindo-se nesse universo: “dando uma força para o outro, (...), se tu não tem dinheiro eu te empresto, você quer meu boné”. A entrevistada prossegue sua narrativa com orgulho, ressaltando o sentimento de pertencimento, sentindo-se como parte integrante do grupo “o orgulho é a gente saber”. Observamos aqui a repetição da expressão inclusiva “a gente” como sujeito de ações que, no segmento anterior, foram consideradas exclusivas do outro “a gente pode brigar, gritar”.

Fernanda torcedora reconhece, inclusive, o risco de morte existente na participação em uma torcida organizada e mesmo assim assume essa postura, por orgulho “o orgulho é saber que bota não só a blusa (...) a gente pode gritar, brigar”.. Nesse turno de fala, Fernanda se alinha com todas as práticas de torcidas organizadas, inclusive as brigas, afastando-se completamente do enquadre projetado de mãe de torcedor no segmento 3.

No próximo segmento, analisaremos um outro enquadre presente na interação com Fernanda, o de torcedora:

Segmento 6

Isabella: Como você se tornou botafoguense?

Fernanda: Sou do Ceará, preto e branco. Então já vim do preto e branco desde lá. Então aqui eu escolhi, namorei jogadores do Botafogo, morei perto do Marechal Hermes, ao lado, esqueci o nome daquela porra lá, é... esqueci o nome do estádio que era aqui em Marechal, morava ali do lado, e me tornei botafoguense. Logo que cheguei no Rio arrumei um namorado que era botafoguense, vascaíno e eu fui ser botafoguense, eu dizia que tinha que continuar no preto e branco, e tinha muita coisa para eu escolher, mas eu preferi o Botafogo, o nome que me soava a melhor era o Botafogo. (EFJB20070818)

Neste segmento, Fernanda narra ao olhar agora para seu passado, a (s) razão (ões) que a levaram a escolher o Botafogo como seu time. Inicia recontando as suas origens “já vim do preto e branco” e prossegue associando sua eleição a fatos de sua vida afetiva “namorei jogadores do Botafogo” e de sua biografia “morei perto do estádio”, em uma cadeia de explicações que permitam-lhe estabelecer alguma coerência nessa eleição. Finaliza suas argumentações com uma razão deslocada de qualquer racionalidade e sim, plena de intuição: “me soava melhor o Botafogo”.

No segmento 6, a torcedora justifica sua opção pelo Botafogo. O uso de pronomes pessoais e de verbos na primeira pessoa do singular sinalizam ações nas quais ela é agente: “então já vim”/ “eu escolhi”/ “namorei jogadores”/ “morei perto”/ “me tornei”/ “preferi”. Porém, essas escolhas é realizada a partir de sua vivência, local onde morou, namorados que teve, estado de origem, as cores “tinha que continuar preto no branco”, e não de acordo com sua vivência enquanto torcedora de futebol.

Cabe apontar a disparidade existente entre a vivência por homens e mulheres no futebol. Seguindo a análise proposta por Arlei Damo,¹⁹³ a respeito da centralidade do futebol na socialização masculina, podemos utilizar esse relato como exemplo, na medida em que o fato de Fernanda se alinhar mais como acompanhante que como torcedora, possibilita essa interpretação. Dessa forma, essas mudanças de enquadre e alinhamento em relação ao ambiente de significação, sinalizam que a vivência de Fernanda no futebol está ancorada em suas experiências pessoais, seja enquanto mulher, mãe, fanática por futebol, namorada e outros papéis sociais ocupados ao longo de sua vida, conforme a afirmação de Portelli: “A identificação de algum evento e de seu significado é usualmente baseada na rede de eventos sequenciais e simultâneos ao quais são ligados por significados da narrativa e da memória¹⁹⁴”.

3.1.4. Entre a lua de mel e o Botafogo: enquadres e alinhamentos de Dênis

“Então eles foram se juntando e começou a surgir essa “ideologia” e essas pessoas se juntaram e começaram a agregar outras pessoas em volta dela, com objetivo de criar novas músicas...” (ELPB20081206)

O terceiro entrevistado faz parte do segundo bloco de entrevistados, o dos torcedores do “movimento” Loucos pelo Botafogo. Morador de Santa Rosa, bairro de nível médio da cidade de Niterói, é casado, comerciante, na faixa dos 30 anos e com ensino superior incompleto. A entrevista foi realizada em sua casa, depois de uma breve negociação, em menos de dois meses eu já havia conseguido o material, o que foi facilitado pelo fato do entrevistado ser meu vizinho. Conhecemo-nos em um van do “movimento”, indo de Niterói para um jogo no Engenhão e aproximadamente um mês depois realizamos a entrevista. Essa entrevista revelou alguns pontos importantes do “movimento” Loucos pelo Botafogo e durou aproximadamente 34 minutos. Foi uma negociação igualmente rápida,

Sua posição no “movimento” pode ser comparada a de Fernanda na Fúria, uma posição de observador/ participante privilegiado, sem um envolvimento institucional com o grupo “A Loucos pelo Botafogo, talvez eu num seja a pessoa mais correta pra te

¹⁹³ Cf. DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

¹⁹⁴ PORTELLI, Alessandro. “A Filosofia e os fatos”. **Tempo N°02. Dossiê teoria e metodologia**. V.01. Rio de Janeiro, 1996. Pag. 21.

dizer isso, mas foi um grupo de pessoas que se juntaram”. O que não significa a ausência de domínio do esquema de conhecimento do grupo, de seu desenvolvimento e funcionamento. Ao descrever a história da torcida, o torcedor concentra sua argumentação na diferenciação das torcidas organizadas, seja pelo desalinhamento com a violência, como veremos em outros segmentos, ou, pelo desalinhamento com práticas institucionalizadas, como no segmento 7:

Segmento 7

Isabella: Entendi. E... me conta um pouco da História da sua torcida. Como que iniciou, quando...

Dênis: A Loucos pelo Botafogo, talvez eu num seja a pessoa mais correta pra te dizer isso, mas foi um grupo de pessoas que se juntaram, já se conheciam- o “movimento” começou na zona sul- tem pessoas que vieram da TJB, um membro que era inclusive de uma torcida chamada *Copafogo*. Então, eles foram se juntando e começou a surgir essa “ideologia” e essas pessoas se juntaram e começaram a agregar outras pessoas em volta dela, com objetivo de criar novas músicas... Mas assim; foi um “movimento” que nasceu- pela história que eu pesquisei - foi um movimento que nasceu de uma forma natural e gradativa, acho que foi uma coisa até mais casual do que pensar que isso vai acontecer, entendeu? (ELPB20081206)

O torcedor inicia sua resposta utilizando a denominação “movimento”, não reiterando, portanto, meu uso do termo “torcida” na pergunta aberta por mim realizada. Logo em seguida, projeta discursivamente um alinhamento de participante leigo ao afirmar que “talvez eu num seja a pessoa mais correta pra te dizer isso”. Dando prosseguimento a sua argumentação, o torcedor associa o surgimento do grupo à espontaneidade e ao desinteresse “com o objetivo de criar novas músicas” (...) “que nasceu de uma forma natural e gradativa”. Assim, no discurso de Dênis, observamos um desalinhamento em relação às práticas institucionalizadas das torcidas organizadas, características presentes até mesmo na nomenclatura “organizada”.

Cabe destacar que ao falar sobre a história da torcida, Dênis utiliza várias vezes como pistas de contextualização o pronome da terceira pessoa do plural (eles) ou formas verbais correspondentes: “A Loucos pelo Botafogo”/ “de pessoas que se juntaram”/ o “movimento começou”/ “foi um movimento que nasceu”, para descrever o outro. Reitera, assim, o enquadre de observador e não de torcedor ativo no “movimento”. Projeta, porém, o alinhamento de torcedor informado ao usar a elocução “pela história que eu pesquisei”. Percebemos aqui a construção de um argumento de autoridade, a partir da afirmação da realização de uma pesquisa: Dênis não se apresenta discursivamente como integrante do grupo, porém, sua pesquisa o autoriza a falar sobre

o “movimento”. Ele atribui essa atitude comportamento ao fato de que não participou da formação do “movimento”, ou seja, mesmo sendo um “movimento” quase espontâneo, ele reconhece que há uma determinada estrutura constituinte do mesmo.

Em outros momentos da entrevista, contudo, Dênis projeta um enquadre bastante distinto: o de torcedor fanático.

Segmento 8

Isabella: O que você já foi capaz de fazer por amor ao Botafogo?

Dênis: Eu acho que eu posso citar esse ano... eu casei esse ano, né? E durante minha lua-de-mel, eu larguei minha esposa pra ir num Botafogo x Vasco no Maracanã... depois voltei! (ELPB20081206)

Retomando a questão apresentada na sessão de análise do discurso de Fernanda, acerca da diferença na forma como mulheres e homens vivenciam o futebol, podemos analisar a justificativa dele em deixar a mulher na lua de mel, como um alinhamento como torcedor fanático. Ao responder o que já fora capaz de fazer pelo Botafogo, ele conta que largou a “esposa” em plena lua de mel, abandonando momentaneamente o alinhamento de homem recém-casado para assumir o de torcedor fanático.

O episódio ocorrido é narrado com um misto de orgulho e surpresa, (“depois voltei”), o que é sugerido pela entonação ascendente. Apesar de seu enquadre como torcedor distanciar-se do esquema de conhecimento Homem recém-casado, que inclui um determinado desempenho da masculinidade, este acaba reforçando seu *ethos* masculino porque, ao final, das contas, futebol é coisa para homem. Ao final do jogo, porém, Dênis retorna para a “esposa”, retomando seu enquadre de marido recém-casado. Notamos então, o deslizamento entre os enquadre de marido e torcedor, ambos ligados a ideais de masculinidade.

No próximo seguimento, observamos que seu discurso é preciso no sentido de explicar os fundamentos, ou melhor, o que eles chamam de “ideologia” da torcida, o modo de agir e sua meta principal, a diferenciação das torcidas organizadas:

Segmento 9

Isabella: E como você se tornou torcedor agora da Loucos?

Dênis: Bom, eu comecei a tomar conhecimento da “ideologia” da Loucos pela internet, né? E no próprio Estádio eu comecei a ver aquele “movimento”, apesar de já estar afastado de qualquer “movimento” de torcida- até porque conceito de torcida organizada hoje já não me apraz- e comecei a tomar conhecimento da “ideologia”... Eu sempre fui um admirador dessas torcidas argentinas, sabe?! Da forma como eles torcem, daquela “ideologia” de apoiar o time o tempo todo. E quando eu tomei conhecimento

da Loucos, que tinha uma “ideologia” muito parecida, eu comecei a me aproximar. Mesmo sozinho, indo aos jogos ali no setor amarelo do maracanã, comecei a acompanhar... Mesmo porque foi me chegando, foi me chegando... Aí comecei a conhecer as pessoas daqui de Niterói; tenho a Loucos com muito carinho porque tem uma “ideologia” que não preza a violência, não prioriza briga nenhuma, é uma torcida que vem se tornando bem participativa até na vida política do Botafogo, conseguiu uma representatividade de uma forma diferenciada, não através da violência. E vem crescendo a cada dia, apesar de não ter um apoio popular, porque é um “movimento” que não prega a propaganda ao “movimento”, e sim, ao Botafogo. (ELPB20081206)

No segmento 9, Dênis afirma ter tomado conhecimento do grupo pela internet primeiramente e, posteriormente, no estádio, já que não possuía interesse por torcidas organizadas. Ele usa a estrutura verbal “eu comecei a ...” e a estrutura verbal de gerúndio (me chegando, vem se tornando, vem crescendo). Ambas sugerem o aspecto processual e progressivo da inserção dele na torcida.

É possível perceber, ainda, uma oscilação nas suas referências a torcida e às razões que o levaram a adesão a ela entre aspectos racionais (“tomar conhecimento”, “conceito de torcida organizada” “comecei e ver”), e aspectos afetivos (“muito carinho”, “admirador de torcidas argentinas”) definidas por Dênis como detentoras da ideologia de apoiar o time o tempo todo.

Dessa forma, seu discurso se alinha com as práticas das torcidas argentinas “Eu sempre fui um admirador dessas torcidas argentinas”, no qual se aproximou da torcida por sua similaridade às hinchadas: “Da forma como eles torcem, daquela “ideologia” de apoiar o time o tempo todo (...)”, em oposição às torcidas organizadas, que não possuem esse compromisso de somente apoiar o tempo todo.

Ao reconstruir discursivamente essa oposição entre “movimento” e “torcidas argentinas”, outro aspecto é utilizado como traço diferenciador: a negação da violência, como podemos observar nos trechos: “tem uma “ideologia” que não prega a violência, não prioriza briga nenhuma”. Segundo Dênis, a torcida é diferenciada por não ser violenta e por apoiar sempre o time, como ocorre com as torcidas argentinas. Esses são os fatores que possibilitaram o reconhecimento do grupo junto ao clube, por sua postura diferenciada. Nota-se que toda a argumentação construída pelo torcedor nesse segmento tem como objetivo a diferenciação das práticas de torcida mais conhecidas, as torcidas organizadas. Essa diferenciação é a garantia de reconhecimento e apoio do clube, mesmo que não seja pela ordem numérica, pelo número de adesões, mas por sua postura diferenciada: “o amor ao Botafogo”.

3.1.5. O líder

“Eu sou... eu acompanho, eu sou o mais velho, junto com um amigo meu. Quando a gente começou, o pessoal vai se espelhando em mim. Na Loucos num tem um presidente, um líder.” (ELPB20090106)

O quarto entrevistado foi uma das lideranças do “movimento” de Niterói, um dos precursores, segundo ele, que não gosta de ser chamado de líder porque a **Loucos** não tem chefe ou algum tipo de hierarquia. Adão é morador de Icaraí, zona nobre da cidade de Niterói. Aos 23 anos, é estudante de Farmácia em uma instituição de ensino superior privada, mora com os pais e não trabalha. A entrevista foi no salão de festas do seu prédio. Sempre muito desconfiado, seu enquadre deslizou entre líder e torcedor.

Sua entrevista durou cerca de uma hora e me permitiu acesso a alguns dados até então desconhecidos, uma visão mais voltada para a promoção e alguns aspectos de organização. Essa negociação foi um pouco difícil, pois marcamos três vezes e ele não pode comparecer por ser uma pessoa muito ocupada. Somente na quarta tentativa consegui alcançar meu objetivo.

Assim como o discurso de Guilherme, ele constrói discursivamente a narrativa oficial da torcida/ “movimento”, alinhando-se ora como um torcedor, ora como um líder:

Segmento 10

Isabella: Então, como que você tomou conhecimento da torcida?

Adão: Como aqui de Niterói, num é que eu seja o líder. Eu sou...eu acompanho, eu sou o mais velho junto com um amigo meu. Quando a gente começou, o pessoal vai se espelhando em mim. Na Loucos num tem um presidente, um líder. Um cara pode chegar pra mim e dizer pra fazer uma coisa e “Não, vamos sim, pô.” Presidente, um líder é: “Eu falei e pronto”. O cara que ta na frente assim, ele ta aberto aos outros falarem pra ele. Chegou um cara novo e diz que é melhor daquele jeito? “Eu vou, claro.” O negócio de ter líder ou não é “Ah, vamos marcar um micro ônibus.”. é o cara mais efetivo, que tem agüentar os palavrões no ouvido...o líder é o cara que num quer dar ouvido pra nada; ele que manda. Hoje na Loucos tem comando, liderança, mas num é presidente. Muita gente fala que “Ah, presidente. Num tem nada a ver.” Loucos num tem presidente, como tem Fúria Jovem, é mais mesmo um comando de 7 ou 8 que mandam e tão ali vivendo a coisa todo dia... (ELPB20090106)

O argumento de diferenciação, nesse caso, se dá em duas vias: a primeira, em geral, diz respeito à diferenciação do “movimento” em relação à torcida “Na Loucos num tem um presidente, um líder”, como uma prática mais espontânea e doadora, em

oposição aos “vícios” já socialmente conhecidos das torcidas organizadas: “Loucos num tem presidente, como tem Fúria Jovem”.

Já a segunda via, é construída a partir do alinhamento com os eventuais cargos ou suas ausências, já que, ao descrever a torcida, o torcedor enfatiza a inexistência de cargos e interesses por trás da filiação ao grupo “Ah, presidente. Num tem nada a ver”/ “é mais mesmo um comando de 7 ou 8 que mandam”. A estratégia narrativa do entrevistado é negar a existência de um cargo oficial para construir seu argumento de que o “movimento” é diferente e, assim, possui uma “ideologia” própria que não está alinhada com as práticas sociais das torcidas organizadas. Dessa forma, assume o enquadre de liderança e rejeita a terminologia “presidente”, substituindo-a pelo “comando” coletivo de 7 a 8.

Simultaneamente à narrativa da diferença e do surgimento da torcida, o torcedor enfatiza seu lugar de líder do movimento, como um lugar ocupado quase que espontaneamente, já que o “movimento” não possui uma direção, cada um faz seu papel. Seu lugar na direção é justificado pela idade “eu sou o mais velho junto com um amigo meu. Quando a gente começou, o pessoal vai se espelhando em mim (...)”. Como analisado por Bernardo Buarque de Hollanda, a figura do líder de torcida aqui referida, também tem como objetivo construir o argumento da figura da liderança como a existência de um “modelo a ser seguido¹⁹⁵” pelos que legitimavam sua liderança e acolhiam suas orientações, assim como a atribuição de um papel social ligado à idéia de simplicidade, pureza e de um acentuado caráter de devoção religiosa. Tais prerrogativas são exaltadas pelo entrevistado, pois, este se vê ocupando um cargo quase missionário no “movimento”. O autor analisa as transformações ocorridas nesse papel ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, com a reelaboração dessas figuras a partir da “reversão” dos anos 80 da imagem concebida de início. Ao contrário da imagem missionária inicial, o chefe de torcida passa a ser relacionado a uma descaracterização e “corrosão do caráter¹⁹⁶”. Um dos argumentos para condenação dessa figura era o uso do clube para fins próprios, ou seja, a pureza e a doação do chefe de torcida haviam sido substituídas pela ganância e defesa de interesses particulares. A recuperação da

¹⁹⁵ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras. 2010. Pag. 128.

¹⁹⁶ *Apud.* HOLLANDA, Bernardo Buarque de. Pag. 129. Cf: SENNETT, R. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro: Record, 1999.

mudança de paradigma que ocorre na imprensa esportiva é fundamental para compreensão do enquadre assumido por Adão, já que, ao se intitular “comando” e negar a existência de líder, há um caráter quase espontâneo em oposição aos presidentes das torcidas organizadas.

Nesse sentido, podemos afirmar que o alinhamento da “loucos” em relação às torcidas organizadas é o mesmo assumido pelo entrevistado em relação à sua posição. Dessa forma, sua fala é retrato da construção de uma memória oficial, da identidade que o “movimento” almeja para si, conforme foi possível observar no segmento 7, acima transcrito.

3.2. Memória e narrativa: a diferenciação como argumento

Ao trabalhar com construções discursivas, podemos vislumbrar alguns aspectos relativos à memória e à construção de identidade dos participantes. Essas memórias não são espontâneas ou estão prontas, são o resultado de nossa ação enquanto pesquisadores no campo e são alimentadas por nosso interesse nelas. No momento da entrevista são co-construídas, manipuladas e negociadas em atenção ao nosso objeto de pesquisa. Os entrevistados não são simples portadores dessas informações que nos serão passadas, pois viveram experiências e as estão nos relatando segmentos destas, selecionados no momento da fala, de acordo com o que queremos saber ou com o que acreditam que queremos saber.

Os dois primeiros entrevistados sabiam que minha pesquisa era sobre torcidas organizadas e, como o traço identitário mais reconhecido e discutido desses grupos é a violência, suas narrativas apresentaram esse tema espontaneamente como ponto de pauta principal, seja construindo argumentos sobre a explicação das brigas, ou acerca das condições de sua ocorrência ou, ainda, construindo argumentos que contestassem sua existência. Já nos primeiros contatos esse era um ponto de pauta dos entrevistados, a negação ou justificativa da violência.

Os entrevistados do “movimento” Loucos pelo Botafogo sabiam que eu já havia acompanhado a Fúria anteriormente e, acreditamos que seus discursos foram a argumentação da Fúria como uma referência diacrítica. Se nos dois primeiros casos o discurso existente atrelando violência e torcidas organizadas aparecia ora sendo

justificado, ora sendo negado, nas duas outras, com torcedores da Loucos pelo Botafogo, esse discurso é reforçado e utilizado como argumento diferenciador dos grupos. O conteúdo de cada entrevista é o resultado de uma seleção produzida por uma relação mútua. A pesquisa com fontes orais tem a natureza indefinida de um trabalho em progresso.

No campo da Memória Social, as narrativas orais, inseridas em entrevistas, são sempre resultantes de um relacionamento, de um projeto partilhado no qual entrevistador e entrevistado são envolvidos juntos, não necessariamente em harmonia; o conteúdo das entrevistas deve ser colocado em termos de diálogo e de uma relação pessoal. Na próxima sessão, procuramos seguir o recorte acerca das ações e percepções que constituem o torcer e a implicação desses na ação torcedora. A seleção de trechos analisados tentou seguir o recorte do significado de ser torcedor para cada um e, em seu desdobramento, a existência de um código de conduta dos torcedores, quais comportamentos são compatíveis com essa “missão” encarnada na experiência de campo.

Foi possível perceber dois eixos de análise fundamentais no processo de constituição identitária dos grupos entrevistados. O primeiro diz respeito aos motivos de associação. Ao contrário das outras falas, os torcedores do “movimento” não foram convidados a participar, foram eles que escolheram a torcida por seu caráter diferenciado. O segundo eixo de resposta diz respeito ao caráter diferenciado da Loucos, que se notabiliza por uma tentativa de racionalização das práticas, em contraposição a um tom mais emocionalmente envolvido da Fúria. o argumento central da Fúria é a rede de sociabilidade tecida nessa prática. Os dois entrevistados reconstroem discursivamente sua inserção nas atividades da torcida, envolvidos por outras pessoas; no caso de Guilherme, foi levado por um amigo; e, no caso de Fernanda, foi levada por namorados. Já a argumentação da Loucos baseia-se principalmente no argumento do individualismo; os dois torcedores narram a exemplaridade da torcida e de suas práticas descobertas nas arquibancadas como um esforço individual. Nesse sentido, a próxima sessão tem como objetivo apontar os traços formadores de uma identidade torcedora em complementaridade com o *habitus* de torcer trabalhado no segundo capítulo.

3.2.1. Uma escolha do indivíduo

“Aí eu, olhando e chegou um amigo meu: “Vamo lá cantar, que num-sei-o-que! Aquele apoio incondicional, que é o da Loucos pelo Botafogo.” (ELPB20090106)

O argumento central de construção do discurso da Loucos é a prerrogativa do indivíduo, conforme foi possível observar a partir da análise dos rituais no segundo capítulo. Os dois grupos vivenciam formas de coletividade, porém, podemos afirmar que são experiências distintas, na medida em que as relações tecidas são discursivizadas de forma diferente, mesmo que na prática apresentem deslizamentos de significados, como por exemplo, em relação à afirmação da inexistência da figura líder/ presidente no “movimento”, substituído por um “comando”, conforme trabalhado na seção 3.1.5.

As falas dos dois entrevistados da Loucos exaltam seu esforço quase missionário, sempre “cantando e incentivando o time”. Mesmo sendo uma agremiação “pequeninha”, este esforço chamou a atenção de todos, motivo que serve de justificativa, inclusive, para o entrevistado ter entrado no “movimento”. O discurso é construído ressaltando a participação de todos, a partir de esforços individuais e de um distanciamento de práticas do esquema de conhecimento das torcidas organizadas, como é possível observar no próximo segmento:

Segmento 8

Isabella: Então, como que você tomou conhecimento da torcida?

Adão: Bom... tava eu e um amigo meu que entrou junto comigo. Sentados na torcida, torcida normal, comum: todo mundo era torcedor. Tava sentado, daqui a pouco: quarenta minutos do segundo tempo, Botafogo e Santos no Campeonato Brasileiro. Botafogo tava perdendo de 3x2. A única torcida que tava cantando era a Loucos Pelo Botafogo, estava quieta. Aí eu, olhando e chegou um amigo meu: “Vamo lá cantar, que num se o que!” Aquele apoio incondicional, que é o da Loucos pelo Botafogo. A gente cantando, todo mundo olhando a gente cantar, né? A Loucos era pequenininha. Aí tamos lá cantando, pulando... Daqui a pouco, 3x3! Aos 45 minutos do segundo tempo: o jogo foi aos 48. E no finalzinho teve um gol de falta no ângulo: 4x3 Botafogo! Aí todo mundo: aeeeeee, aeeeeee, num sei o que! Me apaixonei pela torcida! (...) E hoje em dia, a Loucos mudou a característica de muitas torcidas: teve aquele *Ninguém cala*, e teve música do Flamengo, teve do Vasco e todos conhecem, e começou essa onda. Que até o pessoal tava falando: “torcida de modinha”. Tem nada a ver torcida de modinha: isso ta até transformando, que o pessoal ta começando a cantar músicas de incentivo, que é o apoio incondicional (...) (ELPB20090106)

Sua resposta é dada em forma de narrativa, cheia de detalhes, como por exemplo, o lugar no qual a história se desenvolve. Outros momentos do jogo são narrados dessa forma minuciosa, da intensidade da disputa, até atingir o clímax da história, o desfecho da história “E no finalzinho teve um gol de falta no ângulo: 4x3 Botafogo! Aí todo mundo: aeeeeee, aeeeeee, num sei o que! Me apaixonei pela torcida!”. Adão narra a ação dos torcedores, que cantavam e participavam do jogo com os jogadores “Aquele apoio incondicional”, que vai se desdobrar na ação final, a virada do jogo. Essa virada do time é acompanhada pela virada do entrevistado, que era um torcedor qualquer “torcida normal, comum: todo mundo era torcedor” e decide se juntar aos loucos, junto com o amigo “Vamo lá cantar, que num sei o que!”.

No segmento acima transcrito, o torcedor se alinha com as práticas diferenciadas. Algumas pistas de contextualização nos permitem identificar o argumento central de diferenciação utilizado pelo torcedor a exemplo dos verbos no gerúndio, que expressam uma ação contínua. A devoção incondicional da Loucos é utilizada tanto para descrição do que chamou sua atenção na torcida, quanto para a justificativa do sucesso de tal prática: o alento. A partir da inserção dessa nova forma de torcer pela Loucos nos estádios, outros grupos passaram a utilizar tais práticas, conforme destacado por ele e “teve a música do Flamengo, teve do Vasco”. A forma que Adão enuncia sua adesão à torcida “Me apaixonei pela torcida!” destaca a emoção implicada na sua eleição. É possível perceber a marca da sua escolha pessoal, em participar da torcida, pois ele não foi convidado por um amigo ou parente. Ele percebeu uma postura diferenciada e se identificou com ela, tanto que já inicia sua ação “A gente cantando”, “Aí tamos lá cantando, pulando...”

Em outro segmento, percebemos o enquadre “torcedor empreendedor”, que faz as coisas por ele mesmo, já que tomou conhecimento da torcida através da internet e depois no estádio, optando por fazer parte do grupo por conta da “ideologia” diferenciada de torcida organizada:

Segmento 9

Isabella: E como você se tornou torcedor agora da Loucos?

Dênis: Bom, eu comecei a tomar conhecimento da “ideologia” da Loucos pela internet, né? E no próprio Estádio eu comecei a ver aquele movimento, apesar de já estar afastado de qualquer movimento de torcida- até porque conceito de torcida organizada hoje já não me apraz- e comecei a tomar conhecimento da “ideologia” (...) (ELPB001 20081206)

Dênis inicia sua fala a partir do conhecimento da “ideologia” da Loucos pela internet “eu comecei a tomar conhecimento da “ideologia” da Loucos pela internet, né?”. Dando prosseguimento, narra o conhecimento da torcida no estádio “E no próprio Estádio eu comecei a ver aquele movimento, apesar de eu já estar afastado de qualquer movimento de torcida (...)”. Suas pistas de contextualização são os verbos usados na primeira pessoa do singular “eu comecei”/ “comecei”, o que aponta a existência desse caráter auto-suficiente.

O discurso individualista/individualizante está presente, ainda, na argumentação acerca da organização do próprio grupo, uma vez que os loucos rejeitam a existência de estruturas formais de organização tais quais as existentes no esquema de conhecimento das torcidas organizadas, como o cargo de presidente e a adoção de um espaço físico para sede. Essas características são negadas sob o argumento de que fazem parte da estrutura das torcidas organizadas. Nesse caso, ao discursivizar a ausência de uma sede própria e de uma hierarquia de cargos, o entrevistado constrói seu argumento a partir da exaltação do esforço individual de cada um “A loucos pelo Botafogo, quero deixar bem claro que não é uma torcida organizada. Não existe batismo. Não existe carteirinha.¹⁹⁷”

Na sessão 3.1.5 apresentamos alguns traços apontados por Bernardo Buarque de Hollanda a respeito das mudanças no olhar sobre o líder de torcida, a partir da justificativa de uma corrosão de caráter ao longo do tempo. Podemos perceber a existência dessa polarização da discussão acerca das organizadas também na Loucos pelo Botafogo. Há uma questão crucial nas estratégias discursivas utilizadas pelos torcedores que apontam para o fato de que as ações da Loucos são entendidas como doações desinteressadas, como no trecho “um amor incondicional”, já que nem mesmo o resultado do jogo é mencionado como potência para esse estímulo. O apoio é um fim em si. Em contrapartida, as torcidas organizadas são tratadas como uma parcela já corrompida de torcedores, seja pela violência ou por outros fatores que deturpem o real significado do torcer: “somente o amor ao Botafogo”. Tal oposição foi trabalhada no primeiro capítulo a respeito do dilema da organização do futebol brasileiro: de um lado as políticas dos dirigentes dos clubes baseadas em relações interpessoais e de outro a

¹⁹⁷ ELPB20081206.

necessidade de modernização da estrutura clubística¹⁹⁸. Porém, essa modernização não é bem aceita, por colocar em risco a aura sagrada e a paixão pelo futebol.

No caso da Loucos, essa situação é, em parte, invertida, já que no discurso de Dênis o jogador é tratado como menos importante “estão ali só para passar o tempo”. Há um deslizamento relacionado à paixão, devoção, uma vez que os torcedores almejam práticas mais racionalizadas, em conjunto com o amor ao clube: “nossa idolatria é com o clube”. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se alinham com o discurso de modernização do futebol, condenam certas práticas “modernas”, resultantes do futebol globalizado, como a venda de jogadores:

Segmento 10

Isabella: E a relação com os jogadores?

Dênis: (...) Nossa idolatria é com o clube; jogadores, eles tem que entrar em campo e fazer o papel deles. Tanto que num sei se você percebeu, mas a Loucos num faz isso, por que? Porque tão ali pra passar o tempo, ou pra conseguir uma ponte pra Europa, o que eu num deixo de tirar a razão deles, porque todo mundo quer ganhar bem... só que o jogador é passageiro(...) (ELPB20081206)

As torcidas organizadas são conhecidas pela relação de amor e ódio mantida com os jogadores em momentos bons e ruins. É comum ouvir o coro com nome dos jogadores, assim como a criação de músicas, coreografias e bandeiras para os ídolos. Assim como também é comum ocorrer à condenação dos mesmos jogadores em momentos ruins, já que possuem uma relação conflituosa com os mesmos, marcada por amor e ódio, mas sempre de forma passional. Essa diferenciação sinaliza a adoção de uma postura profissional frente ao tratamento dos jogadores, uma relação guiada pela razão, na medida em que estes são vistos como prestadores de serviço: “eles tem que entrar em campo e fazer o papel deles.” Porém, os jogadores do passado são cultivados como ídolos, ostentados em bandeiras e músicas, como é o caso de Didi, Garrincha, Túlio Maravilha e Nilton Santos¹⁹⁹, como se o futebol do passado fosse mais desinteressado.

A tradição representa a “ideologia” das torcidas organizadas, desalinhas com os novos parâmetros do futebol espetáculo, por terem se corroído com o tempo, entregues a práticas violentas e na defesa de interesses pessoais. Esse movimento de

¹⁹⁸ Cf. HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

¹⁹⁹ Ver foto na página 99.

afastamento é o que garante a visibilidade ao grupo junto a um conjunto mais abrangente, que é de torcedor do Botafogo, a partir do qual temos a imersão desses indivíduos em um contínuo. O motivo de seu afastamento é o objeto de seu reconhecimento, já que é a partir desse movimento de saída do esquema de conhecimento até então proposto, o das torcidas organizadas, que é possível a construção do traço identitário diferenciador enquanto grupo de torcedores e portadores de um papel político, que os coloca em vantagem em relação às torcidas organizadas. O que ainda é facilitado frente ao papel das mídias esportivas que notabilizam-se pela mesma postura de condenação das práticas das torcidas organizadas.

Dessa forma, as torcidas organizadas servem como referencial simbólico a partir de sua negação, já que “a identidade social define-se e afirma-se na diferença²⁰⁰”. A própria concepção dos termos torcida e torcedor mudam ao receberem uma nova denominação: “movimento”.

A respeito de momentos de afastamento e aproximação, o sociólogo Georg Simmel afirma que são aspectos constituintes da própria relação entre indivíduos e grupos. Uma tensão que pode ser vista como no caso da Fúria e do “movimento”, no qual os dois são torcedores, porém, a Loucos se constrói discursivamente a partir de uma postura diacrítica, definidora de sua identidade. Há, ainda, uma tensão no “movimento”, que começa com um tom contestatório e de distanciamento do clube, até passar à fase atual, de aproximação e aceitação da diretoria. Desse modo, conforme definido pelo sociólogo:

Os laços de associação entre os homens são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações²⁰¹.

A relação entre os dois grupos nos coloca questões acerca da sociabilidade tecida no panorama atual dos torcedores. Percebemos um grupo passional que serve de ponto de diferenciação a uma nova agremiação torcedora que nega as regras de sociabilidade até então coordenadas pelas organizadas, inclusive as emoções.

²⁰⁰ BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo, EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. Pag. 164.

²⁰¹ SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Jorge Zahar, 1983. Pag. 17.

Nobert Elias em *A sociedade dos indivíduos* aborda uma questão fundamental à sociedade, a tensão existente entre a identidade- eu e a identidade- nós. Tal pressuposto é tomado como resultado do processo de contenção das emoções pelo estado. Esse processo, o qual Elias denomina de individualização, apresenta um duplo efeito nas relações sociais tecidas. Se por um lado, distancia os indivíduos tornando- os mais independentes e diferenciados, por outro há uma aproximação das práticas, já que estas se apresentam cada vez mais sob alguma espécie de controle, logo mais homogeneizadas.

É possível perceber a racionalização das práticas e um maior controle das emoções por parte dos torcedores. Não que essas práticas sejam diretamente controladas pelo estado, porém é perceptível o interesse na regulamentação e controle desses agrupamentos. É possível apontar algumas medidas que facilitam e impulsionam essas modificações, como o aumento do preço dos ingressos²⁰² e o apoio da mídia a esses grupos, com matérias²⁰³ exaltando o bom torcedor.

Partimos do pressuposto que o processo de individualização proposto por Nobert Elias²⁰⁴ e o conceito de distinção social proposto por Pierre Bourdieu²⁰⁵ podem ser aplicados na compreensão da passagem de um tipo de sociabilidade ao outro. A análise implica na adoção desses conceitos conjugados levando em consideração o papel controlador das instituições envolvidas no processo e a construção de um argumento de diferenciação de torcedores de um nível social de médio a alto, que buscam a partir da utilização de práticas diferenciadoras, mais que uma demonstração de ordem numérica ou de força: atingir o objetivo de ser um grupo seletivo e destacado dos outros o suficiente para serem envolvidos em questões da diretoria, por exemplo. Ou seja, na aquisição de capital simbólico junto ao clube.

²⁰² A título de exemplo, no Campeonato Carioca de 2007, o preço dos ingressos de arquibancada era R\$15,00 e esse ano, em 2010, o preço é R\$40,00.

²⁰³ Segue algumas manchetes sobre torcidas: Secretário manda abrir caixa- preta das torcidas organizadas: Determinação é para identificar criminosos que estão por trás das facções de torcidas. Reunião para criar mecanismos de controle das ações dos grupos acontece nessa quinta. (13/12/2007: Retirada G1globo.bom)/ Memória: um histórico de brigas de torcedores fora de campo (17/11/2007: Retirada O Globo versão digital); Torcedores brigões usam Orkut para organizar ataques a grupos rivais (08/09/2006: Retirada O Globo versão digital); Torcidas na mira da polícia: Delegado identificou 50 chefes envolvidos com brigas e investiga a morte de tricolor na Lapa (19/11/2007: Retirado O dia versão digital)/ Torcidas organizadas dividem o Rio em áreas de guerra (25/11/2007: Retirado do Terra esportes)

²⁰⁴ Elias, Nobert. **Sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

²⁰⁵ BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo, EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

3.2.2. Construindo laços de solidariedade

Os argumentos dos torcedores da Fúria sinalizam a construção de laços pessoais no grupo. Ambos entrevistados justificam sua entrada no grupo como resultante de relações pessoais. No primeiro caso, Guilherme justifica sua entrada na antiga TJB, a partir de um convite de um amigo de infância e, ainda, ressalta que eles criaram a Fúria, uma atividade coletiva, que passou inclusive, pela escolha do nome do novo grupo:

Segmento 11

Isabella: É você já conhecia alguém nessa torcida?

Guilherme: De qual?

Isabella: Da Fúria?

Guilherme: Não, vamos dizer assim, a Fúria surgiu com a gente, foi um movimento que não tinha nem nome, a gente cogitou vários nomes, entendeu? Até que surgiu Fúria.

Isabella: E na torcida, na torcida Jovem do Botafogo, você conhecia alguém que te levou para lá?

Guilherme: Na Jovem do Botafogo eu conhecia, e o rapaz que me levou para a Jovem do Botafogo foi o mesmo que me incentivou para ir para a Fúria.

Isabella: Quem foi?

Guilherme: Foi o Luís Américo, um amigo meu de infância. Ele que me levou para as duas, vamos dizer assim, né? **(EPTB20070530)**

No segmento 11, Guilherme atribui sua entrada para a torcida como resultado de laços que extrapolam a torcida “um amigo meu de infância”; foram amigos que se juntaram e formaram uma nova torcida. Há um envolvimento emocional entre os participantes nessa construção como no segmento abaixo:

Segmento 12

Isabella: Como foi seu primeiro jogo oficial na torcida?

Guilherme: Da Fúria ou da Jovem? **{Isabella: Dos dois, da Jovem primeiro...}** lembro, lembro, foi um Botafogo e Flamengo.

Isabella: E como foi?

Guilherme: Ah, para mim, foi muito, muito, ah daí que eu desandei a gostar mais, entendeu? Porque a Jovem do Botafogo não era uma torcida tão grande como a Fúria é hoje, entendeu? Era menos gente, a adrenalina era maior, entendeu? A primeira vez que eu fui para um jogo mesmo assim, jogo que eu digo que tenha rivalidade entre uma torcida e outra, entendeu? E dali, foi assim, eu não parei mais de ir. **(EPTB20070530)**

No segmento 12, Guilherme destaca seu primeiro jogo na torcida, a partir da emoção vivenciada, a “adrenalina” era maior, por conta do tamanho da torcida, menor em relação à de hoje em dia. Há ainda o fato de que o jogo foi contra o Flamengo,

principal adversário do Botafogo no Rio de Janeiro. Fato que contribuiu também para o tom aventureiro da narrativa “eu desandei a gostar/ foi muito bom”.

Nota-se a mesma argumentação passional de Fernanda no segmento a seguir. Ela assume o enquadre de torcedora fanática ao afirmar que seu filho quase nasceu no Maracanã “Mas eu quando passei mal, tive ele, bem dizer, dentro do Maracanã, era jogo do Botafogo e do Flamengo, eu passei mal dentro do banheiro”. Posteriormente assume o enquadre de mãe ao afirmar que só se tornou fanática após a filiação de seu filho na torcida, já que já havia feito parte de outras torcidas porém, com outra intensidade. No turno final de sua fala admite ir sozinha aos jogos, retornando ao seu enquadre inicial de torcedora:

Segmento 13

Isabella: Como você tomou conhecimento da existência da torcida, da...?

Fernanda: Já tinha, já sabia há muito tempo, mas eu passei a frequentar mesmo, a me tornar fanática, que eu sou fanática, é, junto com... por causa do meu filho, meu filho só passou a frequentar depois dos 18 anos. Mas eu quando passei mal, tive ele, bem dizer, dentro do Maracanã, era jogo do Botafogo e do Flamengo, eu passei mal dentro do banheiro. Ai, daí já, sempre fui de gostar da torcida, antes não era torcida Fúria, eu era a torcida que era do Russão, era do cachorrão de Marechal Hermes, era do Russo, torcida do Russão, dep..., e sempre foi assim, mas antes eu frequentava normalmente o Botafogo, há pouco tempo para cá que eu sou da Fúria, mas não era, deve ter uns 3,2 anos que eu sou da Fúria, não fazia parte, não gostava, assim porque era menos gente, era formação, eu achava que não me envolvia e depois eu comecei a ir com meu filho, 1 vez, 2, depois fui até sozinha. (EFJB20070818)

Como no outro segmento analisado, o da fala de Guilherme, a narrativa de Fernanda está alinhada com um espírito aventureiro, com a vivência de emoções radicais na torcida. E ainda, com a criação de vínculos afetivos no grupo, ou melhor, com a reafirmação desses vínculos a partir do pertencimento à torcida, como é o caso de ser mãe de torcedor e torcedora ao mesmo tempo.

Os argumentos de identificação do “movimento” e da torcida organizada apresentados pelos torcedores constroem caminhos distintos, que chegam a um ponto comum, o pertencimento clubístico, ser torcedor do Botafogo. Cada grupo constrói seus enquadres a partir de diferentes alinhamentos, que estão permeados por dois alinhamentos principais, a emoção à flor da pele, no caso da Fúria, seja em enfrentamentos físicos, seja na vivência do próprio jogo nas arquibancadas, nos laços

afetivos redimensionados nas arquibancadas ou na relação com os jogadores. O outro alinhamento diz respeito aos Loucos, a partir de uma vivência controlada de torcer, marcada pela continuidade e moderação. Seus argumentos são racionalizados; a escolha do grupo passa por seu destaque nos estádios, por um ideal modernizante do futebol ou ainda pela negação de todas as práticas das organizadas, principalmente suas ações passionais.

O importante dessas reflexões esboçadas sobre o “movimento” é não pensar em uma dicotomia entre indivíduo e coletivo mas sim em modulações de ambas as relações, já que os dois grupos vivenciam essas duas faces da mesma moeda, porém de formas distintas. No artigo de José Guilherme Cantor Magnani²⁰⁶, **Os circuitos dos jovens urbanos**, o antropólogo propõe uma abordagem embasada em modulações e não apoiada na dicotomia entre as relações entre grupos, o que propomos aqui.

Objetivando o afastamento do lugar comum dos torcedores, ou seja, levando em consideração o esquema de conhecimento existente no campo, os loucos reivindicam uma identidade das torcidas argentinas, nesse caso, utilizadas como apoio simbólico:

Isabella: Você já foi de alguma torcida?

Adão: (...) Existe uma diferença entre “movimento” popular e torcida organizada: cada um tem seu jeito de torcer e pra mim, as duas estão certas. Pra mim, o jeito de torcer da Loucos eu acho melhor; a gente pegou o melhor do Barra Brava e jogou pro “movimento”, estilo popular, aqui no Brasil. Tem outras: no Sul, que lá que começou, aquela geral do Grêmio. Só eles pegaram a parte ruim da Barra Brava argentina e começaram a brigar, devido a integrantes da Torcida Jovem do Grêmio que entram... sabe como é que é lá no Sul, rola racismos aquele negócio..então a gente pegou o melhor do estilo argentino e também do brasileiro, que a gente também toca um pouco de samba. Então pegamos o melhor de cada coisa, pra fazer o movimento aqui no Rio. (ELPB20091006)

Alessandro Portelli utiliza a terminologia tempo mítico²⁰⁷ para falar de um tempo que não é real, um tempo fora do tempo, uma ordem em suspensão. A tomada das características das *hinchadas* argentinas como ponto de partida para a construção de identidade da Loucos em sua sincronia, pode ser interpretada a partir desse tempo mítico de que fala Alessandro Portelli, por ser um apoio sem uma referência real. Essa

²⁰⁶ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Os circuitos dos jovens urbanos”. **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, v. 17, n.2. 2005.

²⁰⁷ Portelli, Alessandro. **The death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and meaning in Oral History**. State University of New York Press: Albany, 1991. Pag. 59.

aproximação existe porque foi realizada uma construção simbólica que não se mantém sozinha. Ao negar a existência de semelhanças com o que já é conhecido como torcedor no Rio de Janeiro, busca-se a afirmação de uma semelhança com algo que é interpretado de uma maneira própria que aproxima os dois grupos, de uma forma mítica no sentido de que não há referência real. O argumento que serve de apoio é a “ideologia” de apoiar o time o tempo todo, sem parar, “daquela ‘ideologia’ de apoiar o time o tempo todo”.

Outro tom diferenciador está presente na música, interrompida durante todo o jogo e “de incentivo”, o que significa cantar sem provocações ao outro ou ofendendo o próprio time, ou seja, cantar somente o amor o jogo todo. A música usada pela Loucos tem um ritmo mais marcado, assim como o das *hinchadas* argentinas. Essa cadência ainda é acompanhada do movimento corporal que auxilia a construção do cenário, auxiliado pelo movimento das bandeiras que cada torcedor carrega e que deve ser acenada igualmente o jogo inteiro. Percebemos assim a existência de um movimento constante durante o jogo, seja através, da música ou do movimento corporal.

Aqui, as pistas de contextualização que nos permitem avaliar a construção da narrativa salientado nessas características é o uso dos verbos no gerúndio, o que demarca a posição destacada aqui por Adão, complementada ainda por sua própria fala de que eles estavam cantando, mesmo diante da derrota e que todo mundo só olhava para o grupo, marcando assim, uma diferença entre quem canta o tempo todo, independentemente do resultado e que só observa esse movimento, os outros torcedores:

Segmento 13

Isabella: E como você tomou conhecimento da torcida?

Adão: A Loucos pelo Botafogo eu tomei conhecimento a partir de um jogo, eu tava, tipo sentado na cadeira amarela, na arquibancada amarela do Maracanã, aí chegou um dia, eu tava junto com um amigo meu, que entrou junto comigo no movimento da Loucos. É... a gente tava um belo dia tava o pessoal lá cantando, vibrando pra caramba e tal e tipo, pô, a música é maneira, né? O pessoal é tranquilo, tava pulando, cantando, incentivando o time, que era um jogo que o Botafogo tava perdendo de três a dois pelo Santos, quarenta minutos do segundo tempo eles estavam cantando que nem um conjunto assim, a torcida... (ELPB20091006)

No começo da narrativa ele se coloca como um torcedor comum, alguém que estava vendo o jogo “eu e um amigo meu que entrou junto comigo. Sentados na torcida, torcida normal, comum: todo mundo era torcedor” e que percebeu a existência dessa torcida por sua diferença das demais, até se juntar a eles, momento no qual se retira do

esquema de conhecimento torcedor comum e entra para o torcedor diferenciado. Afinal, foi essa diferenciação dos outros grupos que chamou sua atenção.

O argumento para a justificativa de seu interesse no “movimento” é a existência de um código comportamental diferenciado, o qual não estavam acostumados, por sua uniformidade e constância. Adão narra ainda estranheza em relação a Loucos pelo seu tamanho “era ainda pequeninha”, o que não lhe garantia que passasse despercebida pelos olhos dos outros, mesmo com o tamanho reduzido, chamou sua atenção, o bastante para sua mudança de torcedor comum a torcedor da loucos.

Em conjunto com a idéia de diferenciação do “movimento”, o torcedor ainda faz uso do argumento do ineditismo, ao afirmar que a Loucos foi a primeira torcida do estilo aqui no Rio de Janeiro, afirmando-se como um grupo sólido o suficiente para inspirar torcidas de outros times e afirmar-se como um grupo concreto e não somente como “uma torcida de modinha”, como era julgada no começo. Reconhece que a transformação é um processo lento que está em curso, mas que está ocorrendo, e que, aos poucos, até mesmo as torcidas organizadas estão aderindo as músicas de incentivo, apontando uma tendência.

Conclusão

Neste trabalho, analisamos algumas mudanças no comportamento dos torcedores, que foram motivadas ou, até mesmo impulsionadas, pelo modelo de futebol moderno, a partir de uma matriz espetacularizada. O desenvolvimento de nosso argumento possibilitou percebermos que um torcedor que participa de um agrupamento, de qualquer natureza, necessita de um engajamento emocional, ou seja, de uma participação prática e de investimento emocional que os faz diferentes do “povão”, do torcedor que não integra nenhum subgrupo do seu time.

Ao se tornar diferente internamente, esses grupos assumem uma disputa pelo capital simbólico do seu próprio grupo. Esse é um movimento constante que existe entre as torcidas, desde o surgimento da figura do torcedor, como foi possível perceber ao longo do processo histórico do torcedor: as práticas foram sendo mudadas em uma perspectiva dialógica com o campo esportivo; as torcidas uniformizadas surgem com o objetivo de auxiliar o time; depois temos as torcidas jovens que surgem para protestar e garantir os direitos dos torcedores, em uma perspectiva associativa.

Esse ideal se perdeu ao longo da década de 80 e as torcidas organizadas adquirem um comportamento mais violento. Nos anos 2000, surgem os “movimentos”, torcidas que juram o amor e fidelidade clubística, acima, até mesmo, de sua própria identidade, quase como uma continuidade do time. Em um dos casos estudados, a Fúria Jovem do Botafogo se encaixa no perfil das torcidas organizadas, mesmo tendo surgido nos anos 2000. Por ser uma dissidência da TJB (Torcida Jovem do Botafogo), manteve os mesmos valores associativos do grupo que a precedeu. Já no caso da Loucos pelo Botafogo, podemos tipificá-la como um desses “movimentos”.

No primeiro capítulo apontamos que os torcedores engajados passam a realizar um investimento econômico, a partir da aquisição de bens e produtos do clube ou, até mesmo, consumindo o próprio espetáculo do futebol, vide o aumento crescente do preço dos ingressos e a diminuição do público dos estádios, visando à diminuição dos distúrbios. Essa demanda pela pacificação dos estádios é, em grande parte, iniciada pela mídia em geral, a partir da difusão de ideias de controle e cadastramento das torcidas organizadas e de controle dos torcedores de modo geral. Nesse sentido, os “movimentos”, no caso aqui estudado, a Loucos pelo Botafogo, recebe grande estímulo da imprensa esportiva, como apontamos no segundo capítulo.

Ao torcer de forma pacífica, sem agressões verbais, sem os conhecidos símbolos bélicos das torcidas organizadas e sem a os enfrentamentos físicos dos quais as organizadas são agentes, o “movimento” se constrói a partir da negação dos parâmetros socialmente reconhecidos das organizadas e pelos quais elas são culpabilizadas pela violência nos estádios. Portanto, percebemos que seu comportamento está mais alinhado com as transformações do futebol em espetáculo comercial e pacificado, o modelo moderno, do que a Fúria Jovem do Botafogo, uma organizada tradicional.

No segundo capítulo abordamos a temática da figura do torcedor e sua passagem de audiência a torcedor. A mudança de terminologia indicou também uma mudança de postura, acompanhada por mudanças no próprio campo esportivo, como a profissionalização do esporte e a ocorrência de campeonatos de torcidas. Vimos, ainda, que essa mudança de paradigma indicou o aumento da tensão, ainda hoje, existente sobre individualidade e homogeneidade das torcidas, já que ao mesmo tempo que se buscava a diferenciação dos torcedores, buscava-se também a homogeneização do grupo, a partir da uniformização da vestimenta e do comportamento.

As torcidas uniformizadas foram substituídas pelas torcidas organizadas que reivindicavam maior autonomia frente ao clube, dado o contexto de questionamento político e de organização frente às demandas torcedoras, entre as quais Bernardo Buarque de Hollanda aponta a existência de um projeto jornalístico esportivo que criava uma retórica de invenção de um estilo jovem, baseado na inconformidade e contestação política em escala global. Percebemos que o *habitus* torcedor foi moldado a partir das estruturas objetivas do campo esportivo, acompanhado de sua autonomização e das transformações que foram geradoras de comportamentos compatíveis. Ao mencionar a “construção” desse *habitus* torcedor nos referimos a uma ambivalência, em uma mudança que é agente e sofre a transformação, em uma relação dialógica; por isso, os conceitos de individualização social de Nobert Elias, campo social e *habitus* de Pierre Bourdieu foram importantes ferramentas analíticas, por permitirem apontarmos as tensões existentes entre o campo e as ações torcedoras.

Quando o torcedor adquire status de consumidor, há a indicação de um caminho a ser seguido, porém, quem segue esse caminho é ele, ao interiorizar as novas práticas e transformá-las em padrões de sociabilidade nos estádios e em outros momentos de torcer, como podemos apontar com o processo de individualização nos estádios,

primeiro com o fim da geral, seguido da individualização dos lugares e com a construção do Engenhão, estádio no qual cada um tem sua cadeira.

As músicas são estimuladas pela mídia, que promove os grupos que são tratados com caráter de exemplaridade. Aí está a disputa pelos bens simbólicos. Ao serem reconhecidas ou ganharem destaque na mídia, as torcidas são recompensadas socialmente, até mesmo pelo apoio e pela aprovação do clube, o que lhes garante uma distinção simbólica transmutada no reconhecimento midiático e clubístico. Podemos afirmar que a exemplaridade é o maior troféu da loucos.

Cabe ressaltar que ambos os grupos se encontram inseridos no modelo de gestão moderna do futebol, porém, há um alinhamento melhor delimitado da Loucos com esses ideais. Como já abordamos no desenvolvimento desse trabalho, ocorre uma disputa pelo capital simbólico do clube, que pode ser entendido como seu reconhecimento, o da sociedade em geral e da própria mídia esportiva. Ao receber estímulo e aprovação desses segmentos, a Loucos pelo Botafogo garante visibilidade ao “movimento” e é elevada ao nível de torcida exemplar. Como estamos analisando um campo esportivo, a Fúria Jovem do Botafogo redimensionou suas práticas, ao adotar, por exemplo, uma das músicas da Loucos que recebia grande apoio da Rede Globo de Televisão. Percebemos, então, que as práticas torcedoras transitam entre os dois grupos, já que não são estanques. Mesmo que a Loucos pelo Botafogo se construa a partir da negação das já conhecidas torcidas organizadas, há traços comuns a esses grupos, como a participação no clube e a existência de uma estrutura administrativa, mesmo que ainda não institucionalizadas no “movimento”.

É necessário salientar que os dois são grupos do mesmo time e são torcedores engajados, mesmo que haja uma negação constituinte da identidade do segundo grupo formado. Para compreensão desse processo de engajamento e participação foi importante o uso do conceito de totemismo moderno de Arlei Damo, já que os diferentes clubes possuem significados construídos em sua prática clubística, ou seja, no enfrentamento de seus adversários e na relação com sua história de formação. Como no caso do Botafogo, em que ser um time pequeno adquire sentido ao ser comparado à multidão flamenguista.

Os diferentes significados de ser Botafogo são visitados de formas distintas pelos dois grupos estudados, que podem ser interpretados como o envolvimento com a diretoria e o apoio incondicional ao time, sem xingamentos ou protesto. Ou ao

enfrentamento físico e à exposição a riscos de vida sobre o mesmo pretexto, o amor incondicional. Como foi possível perceber a partir da análise dos dados, tanto da etnografia quanto das entrevistas, os torcedores justificaram seu engajamento pelo amor desmedido ao Botafogo, embora a manifestação desse amor ocorra em formas distintas de sociabilidade.

Há um mercado de bens simbólicos que só adquire sentido na práxis do torcer de cada um dos grupos, assim como o clubismo. Vimos, ainda, que a dinâmica do clubismo organiza o futebol brasileiro regionalmente e nacionalmente a partir dos campeonatos gerenciados pela FIFA. Esta instituição regula as atividades do futebol em nível internacional e, logo, imprime características comuns a todo o processo. O processo de modernização do futebol brasileiro é uma demanda da FIFA no agenciamento da CBF, que relacionado ao debate acerca da organização dos grandes eventos esportivos que serão sediados em breve no Brasil, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, ganham cada vez mais enfoque nos principais canais de comunicação.

O agenciamento da FIFA tende a imprimir uma uniformização das práticas e a diminuição das diferenças regionais em relação ao futebol, logo, depreende-se que há um esforço na uniformização dos rituais torcedores, seguindo o padrão internacional. A partir dessa mudança das demandas do campo, observamos mudanças no *habitus* torcedor em todos os níveis, das músicas, das faixas e do próprio gestual, conforme analisado no segundo capítulo. Tanto a Loucos pelo Botafogo quanto a Fúria Jovem do Botafogo vivenciam esse processo, porém, o que apontamos nesse trabalho é que a Loucos está mais alinhada com as práticas modernas desse futebol espetáculo. O momento de surgimento da Loucos é importante para entendermos esse maior alinhamento, por ser um grupo muito novo, que já surge com uma proposta de rompimento com as práticas das torcidas organizadas e se apropria do discurso do senso comum em relação à culpabilização desses grupos em relação à violência dos estádios. Dessa forma, esse grupo já surge com uma opinião formada acerca das torcidas organizadas, ao contrário da Fúria que, mesmo sendo recente, é uma dissidência da Torcida Jovem do Botafogo. Podemos analisar essa militância a partir da perspectiva do próprio campo; esse é o ponto diferencial entre ambos os grupos: as práticas militantes e os rituais torcedores. Para a compreensão dessa divisão é importante salientar que a diferença de *ethos* nos dois grupos estudados se cristaliza em uma diferença de

sociabilidade de grupos sociais. Durante o trabalho de pesquisa foi possível perceber a distinção entre formas de sociabilidade de nível popular, representado pela Fúria e de nível médio e alto representado pela Loucos pelo Botafogo. Cabe destacar que não houve uma pesquisa quantitativa em relação a esse item, porém, a observação etnográfica sugere essa conclusão.

A diferença entre os grupos se confirma nas falas dos entrevistados, conforme analisamos no terceiro capítulo. Há um conflito entre a memória oficial das duas torcidas, que demonstram uma preocupação com a legitimação e a aceitação. Tanto Anselmo quanto Guilherme constroem estratégias diferenciadas, que visam ao mesmo objetivo, provar que seu grupo é o mais devoto ao Botafogo Futebol e Regatas e, como consequência, a centralidade de suas figuras também aparece de forma despretensiosa, ou seja, constroem o argumento da doação desmedida, sem interesses pessoais. Porém, há uma distinção entre a memória oficial dos dois grupos, que podemos perceber pelas formas de sociabilidade que ambos descrevem. Mesmo que o objetivo dos dois se aproxime, que é a defesa do amor incondicional ao Botafogo, essa manifestação do amor se concretiza de forma diferente nos dois, pautadas nos parâmetros de socialização de cada um dos grupos.

A partir do arcabouço teórico da Sociolinguística Interacional foi possível observar a riqueza de enquadres e alinhamentos existentes nas falas torcedoras, os quais nos possibilitaram analisar a ausência de uma vivência estanque dos grupos. Ao contrário, demonstraram que os dois grupos apresentam deslizamentos significativos, que acabam os aproximando, pois tratamos de torcidas do mesmo time. Nesse sentido, as narrativas dos torcedores ancoraram nossas análises, mesmo as do segundo capítulo. O fato de termos separado os capítulos pela natureza dos dados trabalhados foi uma opção metodológica, porém, a análise funcionou em conjunto, já que tentamos aprofundar os pontos levantados no segundo capítulo e no terceiro capítulos, a partir da análise dos discursos.

No caso da Fúria pelo Botafogo, essa socialização ocorre pautada em ideais participativos, característicos dos setores mais populares da sociedade, enquanto a Loucos pelo Botafogo manifesta sua sociabilidade de forma mais individualizada e próxima aos setores mais elevados da sociedade.

Procuramos analisar as práticas torcedoras no contexto do futebol espetacularizado e mercantilizado, no qual o torcedor passa a ter status de consumidor,

não mais simples expectador. Além desse caráter mercantilizado, os torcedores passam a construir os cenários em conjunto com os jogadores; o jogo não fica somente limitado às quatro linhas do campo. Dessa forma, toda a arquibancada e torcedores fazem parte do cenário co-construído colaborativamente. Percebemos as mudanças no *habitus* de torcer como resultantes desse processo, já que os torcedores possuem sua própria leitura a respeito do processo em curso e a interpretam em sua experiência.

Ao longo do trabalho fizemos um esforço de seguir o recorte de análise dos rituais torcedores e da discursivização das configurações dos torcedores. Porém, os dados coletados são muito abrangentes e possibilitariam outros questionamentos e desdobramentos de pesquisas futuras. Por exemplo, a representação das torcidas pelos jornais esportivos, ou seja, como essas mudanças são percebidas e engendradas pela imprensa esportiva, observando, assim, o papel da mídia na construção do torcedor na matriz espetacularizada.

Outra possibilidade de pesquisa é a relação dos dirigentes dos clubes de futebol com essas novas formas de torcer, pois há intenso debate sobre a doação de ingressos para as torcidas organizadas e a necessidade de se acabar com tal prática. Simultaneamente, percebemos a aproximação das torcidas de alento das diretorias. As diversas possibilidades de estudo demonstraram a riqueza do campo analisado, cujo escopo transcende o objetivo desta pesquisa que, por ora, aqui se encerra.

Referências Bibliográficas

ALABARCES, *Pablo*. “Fútbol, violencia y política em la Argentina: ética y retórica del aguante”. **Esporte e Sociedade**. Nº2, Mai2006/Jun2006.

ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe nesse latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização”. **Revista Análise Social**, Lisboa. Vol. 41, n. 179, 2006

_____. “Show me the Money!” – O esporte entre a paixão e o negócio do mundo globalizado: comentários a partir do filme Jerry Maguire. In: MELO, Victor Andrade e SOUZA, Marcos Alvito. **Futebol por todo mundo: diálogos com o cinema**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. El abordaje etnográfico en la investigación social. In: **Estrategias de investigación cualitativa**. GIALDINO, I. V. (coord) .Barcelona: Gedisa Editorial, 107-152, 2006.

_____. Questões de pesquisa. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 63-75, 2005.

AUGUSTO, Sérgio. **Botafogo: entre o céu e o inferno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BASTOS, Liliana Cabral. “Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa”. **Calidoscópio**. Unisinos, Vol. 3, n. 2, p. 74-87, maio/ ago 2005.

BATESON, G. Uma Teoria Sobre Brincadeira e Fantasia. Em B. T. Ribeiro e P. Garcez (orgs.), **Sociolinguística Interacional. Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do discurso**. São Paulo: Loyola, 85-105, 2002.

BAUER, M. W., GASKEL, G. Introdução. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. *Petrópolis*: Vozes, 17-36, 2000.

BAUER, Martin W & ARTS, Bas. A construção do corpus de pesquisa. In: Bauer, Martin W. & Gaskell, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. *Petrópolis*, RJ: Vozes, 39-63, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. A ilusão biográfica. **Usos e abusos da História Oral**. Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaina (Orgs.) Rio de Janeiro, FGV. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: Bourdieu, P. (1998). **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2001.

BOURDIEU, Pierre. O novo capital. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAMERON, D. Small differences, big difference: interactional sociolinguistics. In: **Working with spoken discourse**. Sage, 107-122, 2001.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “Os sentidos no espetáculo”. **Revista de Antropologia**, vol. 45, São Paulo, 2002.

CONDE, Mariana Conde. La invención Del hincha en la prensa periódica. In: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

CORAZZA, S. N. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou

dissertação. In Bianchetti, L & Machado, A. M. N (org.). **A Bússola do escrever. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: editora da UFSC & Editora Cortez, 354-370, 2002.

DAMatta, Roberto. “Introdução”. In: **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. RJ: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. “Futebol e estética”. São Paulo, **Perspectiva** (online). vol. 15, n. 3. PP. 82- 91, 2001.

_____ **Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

_____ **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre/ UFRGS: Ed. Universidade.

_____ **Senso de jogo. Esporte e sociedade**. N 1, Nov2005/Fev2006. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>

DODEBEI, Vera. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, Teresa; MORAES, Nilson (Orgs.). **Memória e construções de identidades**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: Edusp, 1998.

DUNNING, Eric, MURPHY, Patrick e WILLIAMS, Jonh. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

ELIAS, Nobert. DUNNING, Eric. O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FLICK, U. A pesquisa qualitativa: relevância, história, aspectos. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 17-29, 2005.

FREITAS, M. E. Viver a tese é preciso! In Bianchetti, L & Machado, A. M. N. (org) **A Bússola do escrever. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações.** Florianópolis: editora da UFSC & Editora Cortez, 215-354, 2002.

GAFNEY, Christopher e MASCARENHAS, Gilmar. The soccer stadium as a disciplinary space. **Esporte e sociedade.** Nov/ 2005. NOV/2006. Nº01

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIALDINO, I. V. **Estratégias de investigação qualitativa.** Barcelona: Gedisa Editorial, 23-46, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: Bauer, Martin W. & Gaskell, George (orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis, RJ: Vozes, 244-270, 2004.

GOFFMAN, E. "Footing" Em B. T. Ribeiro e P. Garcez (orgs.), **Sociolinguística Interacional. Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do discurso.** São Paulo: Loyola, 107-148, 2002.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional.** Edições Loyola: São Paulo, 2002.

GUMPERZ, J. Convenções de Contextualização. In **Sociolinguística Interacional.** RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs) Rio de Janeiro: Parábola, 149-182. 2002.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Buarque. Jaime de Carvalho: Apontamentos biográficos. **Revista Esporte e Sociedade.** Ano 2, N. 4, Nov/2006/Fev2007.

O descobrimento do futebol: Modernismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004

_____ **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Editora 7 letras. 2010.

HUIZINGA, Johann. **Homo Ludens.** Perspectiva: São Paulo, 1999.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. **Language in the Inner City: Studies in Black English Vernacular:** University of Pennsylvania Press, 1972.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **Memória e história.** São Paulo: Unicamp, 1990. p.535-553.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Discurso de identidades.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

LOVISARO, Marta; NEVES, Leczy Consuelo. Org. **Futebol e sociedade: Um olhar transdisciplinar.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) **Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana.** EDUSP, São Paulo, 1996. Pag. 18.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Os circuitos dos jovens urbanos”. **Tempo Social Revista de sociologia da USP**, v. 17, n.2. 2005.

MENDIZÁBAL, N. Los componentes Del diseno flexible em la investigación cualitativa. In: Gialdino, I. V. **Estratégias de investigacion cualitativa.** Barcelona: Gedisa Editorial, 65-105, 2006.

MENEZES, Isabella Trindade Menezes. Relatório final da pesquisa “Paixão Viglada” – Observatório do torcedor. Jan. a dez. 2007.

MIRANDA, Leonardo Afonso de. Footballmania. **Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2000.

MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS L. C. **Identidades –recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 97 - 119, 2002.

MOREIRA, Maria Verônica. “Acerca de las alianzas futbolísticas y de como se consolidan: um caso paradigmático en Argentina”. **Esporte e Sociedade**. Mai2006/Jun2006. Nº2.

_____. Trofeos de guerra y hombre de honor. In: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo: Editora Edra, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.

PINTO, Diana. “As estória de Larissa: O processo de constituição da referência e as múltiplas ‘projeções do eu’ em narrativas em uma entrevista psiquiátrica”. In: B. T. Ribeiro, C. C. Lima e M. T. Dantas. **Cadernos IPUB**, Edicós IPUB, Rio de Janeiro, p. 121 – 141, 2001.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. “A dialogical Relationship: An Approach to Oral History.” Disponível em: http://www.swaraj.org/shikshantar/expressions_portelli.pdf. Acessado em 28/05/2009.

_____. “A Filosofia e os fatos”. **Tempo** Nº02. Dossiê teoria e metodologia. V.01. Rio de Janeiro, 1996.

_____. **The death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and meaning in Oral History**. State University of New York Press: Albany, 1991.

RODRIGUES, Francisco. Amizade, trago e alento: A torcida Geral do Grêmio e o surgimento de uma nova tradição nas arquibancadas do Estádio Olímpico. Monografia de conclusão do curso de História. UFF, 2007.

SAHLINS, Marshall David. Outras Épocas, Outros Costumes: A antropologia da História. In: **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALERNO Daniel. Apologia, estigma y represión-Los hinchas televisados del fútbol. In: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian. In: **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005. Pag. 138.

SANTOS, Myriam Sepúlveda. **Memória coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da, SANTOS, Ricardo Pinto. **Memória Social dos Esportes: Futebol e política: A construção de uma identidade Nacional**. Rio de Janeiro, Mauad: FAPERJ, 2006.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Jorge Zahar, 1983.

TANNEN, D. & WALLAT. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/ consulta médica. em B. T. Ribeiro e P. Garcez (orgs), **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do discurso**. P. A. AGE, 183-204, 2002.

TEIXEIRA, Rosana Câmara. “Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualização”. **Esporte e Sociedade**. Mai2006/Jun2006. Nº2.

_____. **Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História Oral. Paz e terra, 1992.

TOLEDO, Luis Henrique. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: J.G. Magnani e L.L. Torres (orgs.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP: 124-155.

TOLEDO, Luiz Henrique. **“Torcidas organizadas de futebol”**. Campinas: Autores Associados/ ANPOCS, 1996.

_____ **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Sites consultados

www.furiajovem.com.br

www.flogão.com.br/furiajovemoficial

www.lancenet.com.br

www.globoesporte.com.br

www.oglobo.com.br

www.jornaldosports.com.br

www.esporte.uol.com.br/ futebol

www.ultimosegundo.ig.com.br/ esportes

www.orkut.com

Comunidades orkut:

Fúria Jovem do Botafogo: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=67866>

Fúria Jovem do Botafogo: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=422368>

“Choque” torcidas RJ: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=7416666>

Loucos pelo Botafogo:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=8905232>

Loucos pelo Botafogo Nit/ SG:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=34439267>

Anexos

EFJB001 20070530

Entrevistado: Guilherme

I: Guilherme, fala um pouco da sua família, o que seus pais fazem, como é que é?

Guilherme: Hum, os meus pais, eles são empresários do ramo de beleza, meus pais tem um salão de beleza... entendeu?

I: E quem gosta de futebol na sua família?

Guilherme: Eu.

I: Só?

Guilherme: Não, todo mundo gosta. Cada um com certa quantidade, né? Eu sou excessivo, entendeu? Meu pai curte, meu irmão curte... todo mundo curte, mas quem gosta mais sou eu.

I: E como foi que você se tornou botafoguense?

Guilherme:: Ih, é uma pergunta muito crítica, eu era uma pessoa que não gostava muito de futebol, aí justo eu fui morar no bairro de Botafogo, onde o pessoal era fanático pelo Botafogo, aí um dia me levaram no Maracanã e aí eu me apaixonei, entendeu? Foi assim que começou, não foi uma coisa de berço, falar assim: ah, nasci com aquilo, não, eu aprendi a gostar, entendeu?

I: E como você se tornou Botafogo?

Guilherme: Foi a partir do primeiro jogo que eu vi, foi o que eu te falei, tem coisa que a gente não nasce, a gente aprende, né? E eu aprendi a ser e eu sou muito mais que quem nasceu aí.

I: E como que você tomou conhecimento da existência da torcida?

Guilherme: Eu fazia parte de outra torcida e ajudei a fundar essa atual, entendeu?

I.T:Qual outra torcida que você fazia parte?

Guilherme: Era a torcida Jovem do Botafogo, que tem hoje, deve ter 36 anos, entrei para ela em 92, 93 e em 2001 nós fundamos a Fúria Jovem, entendeu?

I: Por que você saiu da TJB?

Guilherme: É, são coisas que acontecem em todas torcidas aí, até em empresa acontece, é a má administração, a gente não estava feliz com a administração que tinha lá e nem a diretoria que era no momento queria ceder para que a gente pudesse comandar a torcida. A gente achando que se a gente fizesse outra seria uma coisa melhor, foi isso que aconteceu.

I: É você já conhecia alguém nessa torcida?

Guilherme: De qual?

I:Da Fúria?

Guilherme:. Não, vamos dizer assim, a Fúria surgiu com a gente, foi um movimento que não tinha nem nome, a gente cogitou vários nomes, entendeu? Até que surgiu Fúria.

I: E na torcida, na torcida Jovem do Botafogo, você conhecia alguém que te levou para lá?

Guilherme: Na Jovem do Botafogo eu conhecia, e o rapaz que me levou para a Jovem do Botafogo foi o mesmo que me incentivou para ir para a Fúria.

I: Quem foi?

Guilherme: Foi o Luís Américo, um amigo meu de infância. Ele que me levou para as duas, vamos dizer assim, né?

2' 52" (Interrupção pela garçonete)

I: Como foi seu primeiro jogo oficial na torcida?

Guilherme: Da Fúria ou da Jovem? {I.T.:Dos dois, da Jovem primeiro...} lembro, lembro, foi um Botafogo e Flamengo.

I: E como foi?

Guilherme:: Há, para mim, foi muito, muito, ah daí que eu desandei a gostar mais, entendeu? Porque a Jovem do Botafogo não era uma torcida tão grande como a Fúria é hoje, entendeu? Era menos gente, a adrenalina era maior, entendeu? A primeira vez que eu fui para um jogo mesmo assim, jogo que eu digo que tenha rivalidade entre uma torcida e outra, entendeu? E dali, foi assim, eu não parei mais de ir.

I: E, você... e você teve batismo?

Guilherme: Não, eu já era da panela e ai não me batizaram (risos), já batizei muita gente... Dei sorte.

I: E como foi que a torcida surgiu, no caso a TJB, você sabe?

Guilherme: Pô, posso ser sincero, a TJB eu não posso falar porque eu não, 35 anos atrás, é bem mais velha que eu, entendeu? Eu não sei dizer... A Fúria eu sei tudo.

I: E a Fúria então?

Guilherme: A Fúria foi a falta de administração, se unimos, achamos que não tinha força para isso, mas nós demonstramos que muita gente também não tava agradável, que não tava feliz com aquela que vem acontecendo e ai resolvemos.

I: Como que está a torcida hoje em dia organizada?

Guilherme: No geral, ou a Fúria?

I: A Fúria, como a Fúria é organizada?

I: Tipo, não é o que a gente esperava, porque quando é a gente que está no comando a gente vê que é tudo mais difícil, mas em relação a Jovem do Botafogo, que era a torcida oficial do Botafogo, a Fúria está a mil anos na frente.

I: E existem subdivisões?

Guilherme: Existe, chamados canis, né? Primeiro canil, Zona Sul, Segundo canil, Baixada e por ai vai, né?

I: E como essas subdivisões se relacionam, esses canis?

Guilherme: Geralmente quando a torcida é {} a gente sabe as áreas, tipo Zona Norte, Zona Sul a vai numerando, entendeu? Cada canil que vai aparecendo, vai ganhando uma numeração nova.

I: Mas a relação entre eles é boa ou é má? ?

Guilherme: Geralmente é boa, até porque um depende do outro, né?

I: Há pessoal da galera funk na torcida?

Guilherme: Ah, sempre tem, porque o funk e torcida se combinam.

I: E como é que é?

Guilherme: Eu acho que as torcidas se encheram mais depois que o funk caiu muito, o funk que eu digo é o funk de galera que tinha antigamente. A partir do funk de galera ficou muito restrito, as torcidas... Nos anos 90 quando o funk era no auge, as torcidas não tinham tanta evidência como têm hoje. Porque todo mundo, eu proveniente, eu vim do funk para a torcida, eu não fui da torcida para o funk, entendeu?

I: E a rivalidade dessas galeras afeta na torcida?

Guilherme: No início afetava, hoje não afeta mais, porque tipo assim, os formadores de opiniões de todas as torcidas tentam acabar com isso, porque tipo assim, lá é tudo em prol do time. Se alguém tem diferença, como eu tenho diferença com alguns, se resolvem fora dali, ali não.

I: E a rivalidade entre as comunidades diferentes?

Guilherme: É tudo a mesma coisa, entendeu? A gente tem, tipo agora, tem o pessoal da Rocinha entrando na Fúria, antes eram botafoguenses, não vinham porque achavam que, que... nós explicamos para eles; oh, pode vir, que aqui não tem isso, aqui é torcida organizada, entendeu? Comunidade, facção, briga de galera, racismo, é tudo fora da torcida.

I: Mas você sabe como é que é essa divisão?

Guilherme: Qual a divisão que você quer saber?

I: das galeras...

Guilherme: É galera, é lado A e o lado B, entendeu? Tem o lado A e o lado B, e tem Fúria dos dois lados.

I: Como é estruturada a torcida?

Guilherme: Diretoria, conselhos e não sei, na verdade são comandantes de canis. A base mesmo é essa. Ai tem diretor de bandeira, relações públicas, entendeu? Trabalha na sede, presidente, vice, financeiro.

I: Como é que é escolhido o presidente?

Guilherme: Eleição, sendo que o primeiro presidente não foi por eleição, foi por indicação, até porque a gente achou, não tinha como sortear, 20 pessoas, todo mundo queria e agora na Fúria já teve duas eleições, que não teve chapa para concorrer com o presidente atual e nós estamos com o mesmo presidente até hoje.

I: Quem é o presidente?

Guilherme: É o Iau.

I: Como é a sua relação com a diretoria?

Guilherme: Muito boa, não tem nem o que falar.

I: E como são as reuniões?

Guilherme: Geralmente existem reuniões em vésperas, em vésperas não, assim com

antecedência de clássicos, um Botafogo e Flamengo no domingo, tem reunião na quinta-feira, ou na sexta, com toda a diretoria com todos os conselheiros, isso ai vai rodando. Todos os clássicos têm reunião.

I: Só antes dos clássicos?

Guilherme: Só antes dos clássicos.

I: Quais são as principais formas de comunicação de vocês, entre vocês?

Guilherme: MSN, né? E celular.

I: E nos dias de jogo?

Guilherme: Um gritando com o outro.

I: E como é o espaço físico da sede? A utilização?

Guilherme: Oh, a nossa sede, ela gente dispõe de uma parte de venda, entendeu? Não é grande a nossa sede, a gente está lutando ai para ter uma sede própria, que é o ideal ter uma sede própria. Fomos enganados por um candidato ai que a gente ajudou, que falou que ia dar uma sede própria e até hoje nada. Mas é uma sala comercial, vamos dizer assim, é uma sala comercial, com banheiro, com tudo, entendeu? E o pessoal gosta de ir lá, é uma sala toda grafitada, entendeu?

I: Mas como foi com esse candidato? O que aconteceu?

Guilherme: Ah, ele prometeu que a se a gente ajudasse ele a se candidatar, ele daria a sede, ele entrou e sumiu. {Quem é?} Felipe, não sei, é deputado federal.

I: E como é que é a composição da torcida em termos de idade?

Guilherme: Não tem idade, não tem limite para entrar nem para...nem sexo, nem nada, entendeu?

I: Mas, o que você vê assim, a maioria das pessoas?

Guilherme: Eu acho que a Fúria é uma torcida que vai ser, vamos dizer assim, não tem velha guarda, geralmente toda torcida tem o pessoal mais antigo, aqui mais antigo da torcida é a gente. Daqui a um uns 10 anos, a Fúria vai ter um outro visual, porque vai ter um pessoal mais maduro, entendeu? Praticamente a gente que comanda é gente muito novo em termos de torcida, apesar de {e}, deixa eu concluir, apesar de ter vindo, ter vindo de outra torcida com bastante tempo, entendeu?

I: E em termos de sexo?

Guilherme: A maioria é masculina, entendeu?

I: Existem diferenças na composição social dos canis?

Guilherme: Não, são coisas, a torcida ela tem um lado bom , muito bom, porque tipo assim, aqui não tem fronteira, não tem quem é rico, quem é pobre, é todo mundo junto, não tem, não tem como distinguir... quem vem para somar, a gente aceita.

I: E as bandeiras da torcida?

Guilherme: Nós temos, tem 70 bandeiras, só que não leva todas para os jogos. Eu sei que tem 70 bandeiras e 4 bandeirões,se não me engano 4 ou 5 bandeirões.

I: E na sua opinião, qual é a bandeira mais legal da torcida?

Guilherme: Bandeira... você quer bandeirão? { **I.T.:** Bandeira} Eu, na minha opinião, a que eu gosto mais, vão até me criticar... Eu gosto de uma que é amarela, que é de Caxias, não tem nada a ver, mas eu acho que, quando aparece na televisão, aquela amarela sobressai muito, e por ela sair fora do conjunto e gosto da bandeira que é o Bob Marley, se eu não me engano, acho que é de Irajá.

I: E os símbolos da torcida? Fala um pouco...

Guilherme: É, a torcida ela é, geralmente as torcidas não tinham símbolos, então aos poucos foram ganhando formas, foram ganhando símbolo, a Fúria geralmente é um triângulo, que saiu de uma brincadeira de um componente, foi pegando, foi pegando e virou febre. Já viu aquelas coisas que a gente faz e não acredita que dão certo? Começou com uma brincadeira.

I: E o cachorro?

Guilherme: O cachorro é o símbolo do Botafogo, na verdade, né? Falam muito do Manequinho, mas toda a torcida do Botafogo se identifica com o cachorro, né? É o cachorrão, eu, eu, particularmente acho legal e tudo, mas eu gostei mais do triângulo, da ética, do respeito, da atitude, é bom que é assim a nossa logomarca. Porque falou em ética, respeito e atitude todo mundo pensa logo na Fúria, entendeu?

I: E as canções?

Guilherme: São componentes que inventam, aí ficam mandando no orkut, na comunidade do orkut da torcida, pó, eu acho legal até, e é aquele negócio, se pegar, pegou, entendeu?

I: Mas qual que você gosta mais? Canta três para mim?

Guilherme: Ah, qual é a música?

I: Três, que você escolha.

Guilherme: Ah, cantar, eu não vou cantar, vou te lembrar qual é. Eu gosto a do... que é do Tribalistas; Já sei espancar, a Raça Rubro-negra... Essa eu gosto muito.

I: Mas fala para mim então, ao invés, já que você não quer cantar, só fala.

Guilherme: Ah, eu sou péssimo.

I: Não tem problema.

Guilherme: A do Tribalistas, depois te dou até a letra, se eu soubesse cantar, eu não sei cantar.

I: Sabe, fala aí.

Guilherme: Já sei espancar, a Raça Rubro-Negra não deu nem para encarar, é isso aí, tá bom. Essa eu gosto, eu gosto da nova, aquela que é em cima daquele samba da Viradouro. **I:** Qual?

Guilherme: Sou Botafogo e vou cantar com muito orgulho, com muito amor, esse jogo vai virar... Essa eu gosto e gosto do hino, né? Qual Botafoguense falar que não gosta do hino? É incrível porque particularmente em termos de, de futebol, não é porque eu sou Botafogo não, hino, hino, eu tô falando de hino, é um dos mais bonitos, tanto que a torcida só canta o hino, entendeu?

I: Quais são os preparativos da torcida antes de ir para o jogo?

Guilherme: Muita dor de cabeça, comprar fogos, é... ver da onde o pessoal vai sair e que horas o pessoal vai sair, sempre estar em contato com o pessoal dos canis, para ver onde é que está, para ver se está chegando bem, se houve algum problema, entendeu? E

as bandeiras... É um preparativo que num jogo, um clássico que é 4 horas, 9 horas da manhã já está tudo, tudo pronto, tem que dormir e acordar pensando nisso.

I: Vocês têm algum ritual?

Guilherme: Não, não, não. Ritual, ritual, nós não temos não. Churrasco, o maior ritual da torcida é o churrasco, tudo é motivo para o churrasco.

I: Antes do jogo?

Guilherme: Geralmente, porque tipo assim, tem o pessoal para trabalhar, pessoal para preparar as bandeiras, entendeu? Saco vazio não para em pé, a torcida não tem dinheiro, mas às vezes bota um churrasco, entendeu? Faz um esforço para ficar todo mundo feliz.

I: O que a torcida faz durante o jogo?

Guilherme: Canta, bate palma, procura incentivar o time, entendeu? Dentro do que esteja no nosso controle, sempre incentivar o time.

I: E depois do jogo?

Guilherme: Depois do jogo é aqueles preparativos de desmontar toda a panafernália, guardar a bandeira, se tiver, o bandeirão, tem um carro alugado para levar o material, uma Kombi, a bateria, entendeu? E tomar conta do nosso material para que não aconteça nada.

I: Aconteça nada, como assim?

Guilherme: Ah, qual é patrimônio maior da torcida? É a sua bandeira, neste tudo que tem rivalidade causa inveja nas pessoas e, o pessoal sempre tenta, quer pegar a bandeira da torcida entendeu? Então, já te falei que tem que ter a maior cautela com o material da torcida.

I: E como são as viagens com a torcida?

Guilherme: São ótimas, boas. São, vamos dizer, organizadas, os ônibus alugados, os componentes pagam para viajar e vamos na fé de Deus, dependendo aonde é, se é no Sul, se é no Norte.

I: E como é que é quando vocês chegam em um, em um estádio em outra cidade?

Guilherme: Se a gente tiver uma torcida que seja aliada, fica mais fácil, porque a gente vai para a sede da torcida, de repente fica lá. A gente tá num lugar que não conhece ninguém, a gente evita ficar rodando no local, chega no estádio mais cedo para se acomodar. Não sabe como é que é, mas também a gente vai, viaja o Brasil inteiro.

I: E o batismo? Como acontece?

Guilherme: Olha, a Fúria, ela não tem muito esse negócio de batismo, a gente brinca mais com as pessoas, sabe por quê? O batismo no mesmo tempo até afasta, porque o componente se excede, ele acha que porque ele é antigo na torcida ele tem que sacrificar o outro e eu sou contra. Porque fazer uma brincadeira sadia, é tranquilo, mas eu acho que não precisa se exagerar. Porque a torcida às vezes exagera e ao invés de estar puxando o componente, está espantando ele. A gente mais brinca com o pessoal, tá um frio desse a gente manda tirar a blusa e ficar um tempo no frio, manda subir no teto do ônibus, coisas desse tipo.

I: E como é a relação de vocês da torcida com a diretoria do clube?

Guilherme: Ah, não é muito boa não, porque hoje, nós temos um presidente que ele faz

bastante pelo clube, a gente vê isso aí, o Botafogo melhorou muito pelo time que era, mas só que ele não, não gosta de torcida organizada, ele já declarou isso, entendeu? Que torcida organizada para ele é marginal.

I: E com os jogadores?

Guilherme: Muito boa, raramente a gente tem problema com algum jogador, tem uma relação muito boa, mas é já tivemos problemas com uns jogadores, entendeu?

I: Que problemas?

Guilherme: Com o Carlos Alberto, que era um jogador do Botafogo, que falou mal da torcida, nós fomos atrás dele, cobramos dele isso, entendeu? Tivemos com o Odivan também. Infelizmente eles têm que saber, ah, eles ganham para jogar? Legal, mas a gente paga para estar no estádio também e xingar faz parte, a torcida sempre vai xingar o jogador. Então, se ele é um profissional tem que tentar superar [?].

I: Como a torcida participa da vida do clube?

Guilherme: Geralmente quem participa mais é a diretoria, né? Está sempre no clube, sabendo o que está acontecendo, participando dos eventos, da chegada dos jogadores, entendeu? Estar sempre ativa aqui no clube, até para o clube ver que tem torcida. A gente não é torcida que, que escracha o clube. Tem torcida aí que pixa o clube, a gente não pixa o clube, então nosso clube é bonito, a gente evita fazer qualquer coisa de manifestação, tanto pacífica ou outro tipo de manifestação aqui no clube, aqui a intenção nossa não é essa.

I: Vocês têm algum apoio do clube para se manter?

Guilherme: Não, o clube agora apenas faz o seguinte, vende para a gente os ingressos de meia, a gente paga, entendeu? Em alguns clubes não acontece isso, a gente paga e mesmo assim eles restringem, só vende 500 ingressos... quem dera se o clube desse alguma coisa. É muito difícil de manter dessa maneira.

I: E nas viagens, tem algum tipo de ajuda? Ônibus?

Guilherme: Nada, nada, Para dizer que ele não deu, que eu me lembre, ele deu, aí é mole dar, ele deu quando o Botafogo estava para descer, no jogo contra o Atlético Paranaense lá, o último jogo, que se ele perdesse, ia descer, aí ele deu o ônibus. Aí, quer dizer o que? Só precisa da torcida, só na hora que, mas no resto não ajuda em nada.

I: E como vocês arrecadam dinheiro para comprar os materiais, para fazer as bandeiras, para se organizar para os jogos?

Guilherme: O que acontece? A gente vende esse ingresso, a meia, compra a meia e acrescenta algum, alguma porcentagem e aí sobram uns 10%, 15% aí, que é investido em material. Porque realmente o que sustenta a torcida é o material, você pode reparar aí, tem o Flamengo que tem uma torcida grande, tem o Vasco que tem uma torcida grande, mas o material de torcida organizada que você vê na rua, na maioria é da Fúria. Para mim, no Rio de Janeiro é a torcida que vende mais material, que é raro você andar na rua e ver uma blusa da torcida do Flamengo, torcida que eu digo, torcida do Vasco, não vê nenhuma, mas da Fúria você vira e mexe tá vendo., porque são materiais acessíveis, entendeu? E a gente vende para todo mundo.

I: E como é a relação de vocês com a mídia?

Guilherme: Ah, a mídia é aquele negócio, né? Só procura quando precisa também, entendeu? Mas é boa, nunca foi ruim não, nunca foi ruim não, mas sempre, alguns repórteres dão sempre moral para a gente, entendeu? Dependendo é muito boa.

I: E com a outra torcida do, com a outra organizada?

Guilherme: A gente atura, entendeu? Mas se eu falar que tem amizade, eu vou estar mentindo para todo mundo. Porque existe um ideal, eles sabem muito bem que o Botafogo não suporta mais de uma torcida, a torcida hoje atual do Botafogo é a Fúria e todo mundo sabe disso. Tomara que um dia eles tenham essa consciência e, a gente não quer que eles parem de vir para o estádio, a gente quer que eles venham para a Fúria, mais alguém para somar, porque é tudo do Botafogo.

I: E com as torcidas aliadas, como vocês constroem esses laços de amizade?

Guilherme: São coisas que já nascem, não sei como te dizer como nasceu isso, ah, eu sei dizer como nasceu com a Gaviões da Fiel, é uma aliada nossa, mas das nossas aliadas, ela é inimiga de todas. É um relacionamento difícil você ter uma pessoa que é sua amiga e não se dá com as outras. E ela não era nossa amiga foi ela que construiu isso, que procurou a gente e a gente também se dispôs a dar a mão e quando a Fúria surgiu, ela deu a maior força e acho que tipo assim, a gente é disposto a conversar com todo mundo, se quiser conversar com a gente, a gente conversa. Todo mundo é homem, todo mundo é sujeito, qualquer torcida que venha conversar com a gente, a gente escuta. Se a proposta é de afinidade e se todo mundo pensar igual... é isso aí.

I: Mas como que ela construiu?

Guilherme: Ah, um jogo Corinthians e Botafogo, a gente era rival, as torcidas, na saída eles vieram de carro atrás da gente e pediram para conversar, aí nós acreditamos neles, paramos e conversamos. E a partir dali, começou a rolar um lance, não que um bom rápido, e hoje, já tem mais, vamos dizer assim, nem toda a torcida do Corinthians é a favor, mas hoje a gente, a gente já é bem chegado lá na sede, o pessoal é sangue bom, não tem nem o que falar da torcida do Corinthians. E tem rival que eu acho que nunca vai ser amigo, entendeu? Infelizmente tem coisa que é da natureza. {I.T.: Qual, por exemplo?} Flamengo. Eu não vejo possibilidade nunca. Independente que alguns integrantes se conheçam, eu conheço muita gente de lá, muita gente de lá me conhece mas não tem como, água e óleo não se misturam.

I: E como é o comportamento de vocês quando o jogo é contra um time aliado?

Guilherme: Geralmente, no relacionamento mais certo, quando é muito aliado da gente, a gente busca eles na estrada, leva eles para o nosso bairro ou para nossa sede, dá tudo, churrasco, dá tudo, o tratamento eu eles dão para a gente lá, é receptividade, entendeu? Trata bem, o que eles precisarem. Até, se eles vir, por exemplo, vem jogar o Coritiba, que é um aliado nosso, contra um Flamengo? Eles ficam com a gente até a hora do jogo, a gente leva eles no estádio, busca eles no estádio. Até porque eles estão em uma cidade que não conhece ninguém.

I: E quando é o Botafogo que joga contra esses times, como é que é?

Guilherme: A mesma coisa, se a gente vai jogar em Curitiba, a gente vai para a sede deles, aí fica o dia todo lá, é bem tratado entendeu? Quando a gente vai jogar em Fortaleza vai para a sede do Ceará e por aí vai. Depende muito da torcida amiga. Quando a gente vai para São Paulo, fica na sede da Gaviões.

I: Mesmo se o jogo for com a Gaviões?

Guilherme: Mesmo se o jogo for contra a Gaviões.

I: Além da sua torcida, qual a outra eu você mais admira?

Guilherme: A que eu mais admiro? É meio complicado, é a Gaviões da Fiel, eu acho em termos de administração, em termos de organização, é a maior torcida do Brasil e está, vamos dizer assim, a muitos passos na frente de todas as torcidas. O pensamento deles é outro.

I: E qual é torcida mais odiada por vocês?

Guilherme: Ai vai por gosto, né? Ai cada um tem o seu, eu, particularmente, Flamengo, Fluminense no rio, vamos dizer assim. Tem São Paulo, Santos, entendeu? Internacional, o próprio Fortaleza, são torcidas que eu não gosto. Mas o resto...

I: E como é que é a relação com essas torcidas rivais?

Guilherme: Vamos dizer, não é amigo, sabe como é que funciona, né? A gente tenta ir na paz, sempre não tentar encontrar porque infelizmente quando encontra, não tem como segurar, a gente sempre vai com a escolta, eles também estão com a escolta da polícia, chega para curtir o jogo, a gente quer chegar, curtir o jogo e ir embora. Mas sabe como é que funciona, né? Tu vai na cidade de alguém, ele espera você, ele quer te cercar, quer tacar pedra no ônibus.

I: Como são as brigas?

Guilherme: O que você quer saber como são? { **I.T.:** Como são? } Ah, são terríveis, né? Ninguém gosta de briga, né? Ah, falar assim, eu gosto de briga, acontece, mas fica difícil segurar, de um lado tem 200, do outro lado tem 200 pessoas também, tudo homem, ai fica meio complicado, né? Eu sou aquela pessoa, desde quando as pessoas briguem, briguem mas tem que ser de uma maneira honesta. Todo mundo na mão, estão brigando, não tem esse negócio de pau, de pedra, de tiro, eu sou muito contra isso, entendeu? Isso ai eu já acho covardia. dez torcedor pegar um, isso ai eu já acho a maior covardia que existe.

I: E quando elas acontecem?

Guilherme: O problema é esse, o pessoal cisma que tem hora marcada, não tem nada, é tudo por acaso, acontece, ninguém marca em orkut, ninguém marca em nada, é destino, uma passa e dá de cara com a outra, incrível, incrível!

I: E em que locais elas acontecem com maior frequência?

Guilherme: No Rio de Janeiro, na Leopoldina, na Praça da Bandeira e no portão 18 do Flamengo.

I: Quem briga?

Guilherme: Hoje eu vejo que 90% briga, porque todo mundo quer defender seu time, ninguém quer... até aquele cara que não é de briga, ele ta ali, ele vai fazer alguma coisa, ele vai tacar uma pedra, ele vai querer afastar, porque ele não vai querer que outra pessoa, né? Não tem coerência.

I: E as mulheres na torcida?

Guilherme: Ah, a mulher vai porque gosta de futebol, é diferente do homem, né?

Geralmente, elas nunca estão em confusões, raramente você vê uma mulher envolvida em confusão com torcida organizada, entendeu? Uma vai por causa do namorado, uma vai por causa do esposo e por ai vai.

I: Qual foi a pior briga que você já presenciou?

Guilherme: Muita... a pior briga mesmo? {I.T.: Huhum} Pô, é até difícil falar, já vi tanta coisa, Botafogo e São Paulo, lá em São Paulo, entendeu? Eu, a briga em si eu sei nem falar qual foi a pior, porque briga em si só, brigou, brigou, ta tranqüilo, eu não gosto da covardia, da gente levar tiro dos outros, isso eu acho a maior falta de respeito, tanto com a torcida, com o ser humano, entendeu? Você dar um tiro, você não sabe em quem ta pegando, em quem vai pegar, pode pegar num inocente. A torcida do Santos já deu tiro na gente, acho a maior falta de respeito, porque a gente guarda grande mágoa de algumas torcidas por causa disso, é mais por causa da, vamos dizer assim, da falta de respeito, é só isso. Se julga tanto o homem, que é isso, que é e aquilo, mas vem para cima de você e te dá um tiro, faz e acontece.

I: Tem mais alguma, além do Santos?

Guilherme: Ah, palmeiras também já atirou em nós, Palmeiras, Santos, Flamengo, Fluminense, torcida covarde, mais covarde ainda é o Fluminense, se prevalece de polícia, de, de quem tem uma arma para dar tiro, se puxar um histórico ai, sempre tem baleado do Botafogo, sempre é isso e pode reparar ou Fluminense é envolvido...sempre, sempre.

I: Como eram as brigas quando você entrou na torcida?

Guilherme: Ah, o pessoal brigava na mão, brigava de verdade, tudo se resolvia naquele momento, o pessoal brigava.

I: E hoje?

Guilherme: Hoje tem muita covardia, hoje é pouca briga e muita covardia, dos dois lados, ta bom? O pessoal quer sempre bater de pau no outro, acho a maior, entendeu? Mas... cada um na sua, né?

I: E como a torcida é tratada pela polícia?

Guilherme: Como bandido. A torcida são um bando de bandido, nunca acreditam no que a gente fala.

I: Como assim? Fala mais um pouco

Guilherme: Ah, eles nem perguntam o que está acontecendo não, independente, a gente pode estar do nosso lado, que se a torcida do Flamengo for lá, ele bate é na gente e vice-versa, se o Flamengo tiver lá, eles batem no Flamengo, entendeu? Eu acho que tipo assim, eles batem para machucar mesmo, é o jeito que a polícia, nossa polícia ai eu acho que é muito mal, muito mal formada, eles não sabem o que estão fazendo, faz de cabeçada, se tiver que dar tiro ele vai dar, se tiver que dar paulada, jogar cavalo em cima dos cara, entendeu? Dessa maneira.

I: E pelo GEPE?

Guilherme: O GEPE eu boto ele meio diferente, porque o GEPE ele já convive com a torcida, o GEPE ta ali vivendo o dia a dia, é clássicos em cima de clássicos, que sabe como funciona a torcida organizada, mas ainda os outros que fazem policiamento externo do Maracanã não sabem como funciona isso, às vezes o cara tirou serviço hoje,

ele ta no Maracanã , ah vou meter a porrada nesses cara ai porque... o GEPE eu já acho diferente, raramente a torcida tem problema com o GEPE.

I: O que você acha dos policia do GEPE?

Guilherme: Não tenho nada para falar de ninguém não, porque eles convivem com a gente, eles sofrem junto com a gente. Sempre tem um ou outro que se excede mais, mas ai faz parte, eu também não posso reclamar de tudo, como na torcida também tem uns que se excede demais.

I: E como que funciona o JECRIM?

Guilherme: Ah, eu acho que foi uma coisa que lançaram ai para punir os mal torcedores, né? Que vem para fazer bagunça, eu acho que é isso ai, tem que ser punido na hora.

I: Mas como é esse funcionamento?

Guilherme: Você foi pega, chega lá, tem um juiz na hora, ai ele diz sua sentença na hora, se você confessou o crime, na primeira vez da sua passagem, ai você pega uma pena tipo ficar três meses sem vir ao maracanã, ai tem que passar, em dias de jogos que tiverem o seu time, ai você tem que ir na delegacia mais próxima e assinar. Se não, se você já tiver passagem vai preso na hora, entendeu? Eu acho isso correto, o cara já é reincidente, entendeu? Punição tem que ser severa para todos eles, quanto menos mau torcedores tiverem, melhor.

I: O que você acha das medidas de segurança adotadas hoje nos estádios?

Guilherme: Eu acho que é tudo mal feito, é impossível que eu tenho anos de Maracanã e não sei onde tem as brigas, onde tem os roubos, entendeu? É muito bonito no papel, mas eu não vejo nada demais, a revista é mal feita, se uma pessoa cismar que vai entrar armado, vai entrar, ainda mais quando tem jogo cheio. Para mim, eles só estão ali para bater nos outros. Não sabem fazer nada, se tu tiver machucado, tu se vira e vai para o hospital, se você for roubado, é você que se vira e dá seu jeito, não tem nenhum auxílio, só sabem cobrar.

I: E o que você acha desse projeto de colocarem os torcedores em um lugar diferente e cadastrar, que já está em andamento em São Paulo?

Guilherme: Eu acho que não funciona não, entendeu? Eu acho que não funciona, muito difícil você cadastrar, vai cadastrar torcedor aonde? É muito difícil, muito muito difícil mesmo. {I.T.: Por que} Ah, é muita gente, né? Vou dar um exemplo, o cara pode estar lá cadastrando esse mês, eu fico um mês sem ir no outro mês eu vou e ai? Vai ficar para sempre ali cadastrando e vai ficar vendo, ah, você é cadastrado? Pega uma torcida igual a Gaviões, tem mais de 200.000 associados e ai? Como? Como? Não tem como. E eu acho que do jeito que é funciona, sabe por causa de que? Os polícia chama as lideranças da torcida, dentro de todas as torcidas e resolve, da maneira bem mais legal... é complicado.

I: E de separar a torcida organizada no estádio?

Guilherme: Ah, eu acho que a torcida organizada é um gás, a torcida organizada que vai lá é canta lá, é que o pessoal nunca pergunta como é que chega os fogos no Maracanã, como é que chega as bandeiras... só sabe criticar, que é um bandindo, que é vândalo, ah é muito bonito ver um bandeirão descendo, não é? Mas um bandeirão

daquele ali é R\$7.000,00, quem que pagou? Foi a torcida, entendeu?

I: Se você fosse comandante da PM e quisesse acabar com as brigas, o que você faria?

Guilherme: Primeiramente, eu sei que eu não conseguiria, primeiramente porque eu vejo hoje, eu leio muito sobre torcida organizada é no mundo inteiro, não é uma coisa que é só no Brasil, mas a maioria das crítica que eu vejo, a polícia tem 50% de culpa, entendeu? Ela não sabe utilizar da força que tem. Se ela tivesse um pouquinho mais de cabeça, mais de inteligência... eu acho que diminuiria, acabar, acabar, eu acho difícil, porque na verdade, não adianta acabar com as briga no Maracanã, o cara chega um pouco mais na frente e brigam, entendeu? Mas pelo menos...

I: Como você concilia suas atividades da torcida com as suas atividades cotidianas?

Guilherme: Eu tento não misturar. Até porque o meu trabalho eu vejo como mais importante, entendeu? Eu tento não misturar. **{I.T.: Como assim?}** Torcida é só final de semana ou depois do expediente.

I: E a sua família, como eles vêem essa atividade?

Guilherme: Ah, não gostam, né? Falar que gostam assim em alguns momentos, dizer que gosta, ninguém gosta, entendeu? Sempre fica preocupado, até pela covardia, né?

I: Como assim?

Guilherme: Ah, você está indo para um jogo, tipo, nego no ônibus dá um tiro e ai, pegou em você, você é apenas um espectador.

I: Você procura transmitir sua paixão para outras pessoas da sua família?

Guilherme: Sempre, converti vários.

I: Quem?

Guilherme: Meu irmão, meu irmão era vascaíno, mas vai sempre no jogo do Botafogo.

I: E sua filha?

Guilherme: Minha filha é botafoguense, diz ela, né? Mas é por causa do papai, entendeu?

I: Que sacrifício você fez ou continua fazendo para acompanhar a torcida?

Guilherme: A família, né? O maior sacrifício que tem, eu acho que é a família, nos dias de domingo, não tava. Nos dias das mães, entendeu? Todo [?] a família reunida, ai sai e vai para o jogo, quando, quando não vai viajar...

I: Mas tem algum assim...

Guilherme: Não, coisa grave não, eu faço o que está a meu alcance, o que não está meu alcance, eu não faço.

T.: Pra, você, qual é o principal papel de uma torcida organizada?

Guilherme: Incentivar o time, o resto vem tudo depois, a gente está lá para incentivar, cobrar.

I: Incentivar como?

Guilherme: Cantando, acho que a música é o maior incentivo que tem.

Parada para o entrevistado atender o celular.

I: Como você vê sua torcida hoje?

Guilherme: Ah, eu acho que torcida cresceu muito, em seis anos, é considerada uma das maiores do Brasil, é vista como uma torcida grande, entendeu? Eu me lembro que eu era da outra torcida anterior do Botafogo, ela perdia nisso, entendeu? A mídia deles era muito fraca, a Fúria tem uma mídia boa, tem uma relação com os torcedores boa, o pessoal sabe logo, falou do Botafogo, foi a Fúria.

I: Além do futebol, a torcida tem outras atividades?

Guilherme: Luta, muito atleta nosso luta, muito luta, eu luto, vários lutam.

I: Só a luta?

Guilherme: A maioria luta, tem um pessoal que luta... futebol, mas o futebol, eu acho que na Fúria a maioria luta.

I: Mas, que tipo de luta?

Guilherme: Jiu-jitsu, luta-livre, tem muito atleta nosso que pratica o vale-tudo, luta livre, tem o jiu-jitsu, judô, entendeu?

I: E você, qual que você pratica?

Guilherme: Eu pratico luta-livre e [?].

I: O que significa para você ser torcedor do Botafogo?

Guilherme: É uma paixão, né? Tem coisas que só acontecem no Botafogo, para mim é uma paixão como eu te falei, eu me apaixonei e não consigo largar de jeito nenhum, do botafogo, eu adoro ler reportagem do Botafogo, eu pesquiso na internet, sempre vejo alguma coisa, entendeu? Gosto de ficar por dentro, eu não sei até quando isso vai durar, mas... espero que faça parte da minha vida inteira.

I: E da Fúria?

Guilherme: Se eu falar, você acha engraçado... Eu gosto muito da Fúria, é, eu vi nascer a Fúria, né? Começar com um papo de uns quinze amigos e hoje ver aquilo tudo lá que o pessoal vê na televisão, a rapaziada unida, pessoal corre atrás, as brigas fazem parte, mas eu sou muito feliz com a Fúria Jovem.

I: Qual o conselho que você daria a alguém que quer ingressar na torcida?

Guilherme: Chegar com calma, com responsabilidade, saber o que está fazendo, vir para torcer, tentar ser um bom torcedor, não confundir a torcida com marginalidade, lá não é lugar para roubar, lá não é lugar para usar droga, lá é lugar para torcer pelo seu time, existem coisas que são consequência, mas... o nº1 é ajudar o time e torcer, entrar para a torcida, fazer sua carteirinha e ir lá bater palma, já ajudou 100% a torcida.

I: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Guilherme: Não, na verdade não, só dizer que é legal o trabalho, espero que esse trabalho seja feito de uma maneira correta, falando a parte boa, a parte ruim das torcidas, como tudo na vida tem a sua parte boa e a sua parte ruim.

I: Então ta, obrigada pela ajuda.

EFJB002 20070818

Entrevistada: Fernanda

I: Fátima, fala um pouco sobre sua família, o que que você faz, como é que é a sua vida?

Fernanda: Caralho, é um jornal, para te responder, resumir assim, deixa eu ver aqui. Olha só família, minha família eu perdi meus pais era muito jovem, né? Fui estuprada muito jovem pelo filho da família que me criou e aí sai de casa. Aí tive dois filhos gêmeos, lindos maravilhosos e vim para o Rio com 15 anos viver minha vida.

I: E agora, o que você faz?

Fernanda: Agora eu trabalho em uma clínica geriátrica, sou massagista também, atendo de mulher e de homem (risos), sacanear [?]. E também ajudo uma turma de amiga minha numa ONG que é só para crianças de rua e de mulheres que assim não tem, não não, sabe? Um hospital para ir, ela fica naquela vidinha mansa, achando que vai cair do céu, então a gente sempre vai, digo os hospitais que elas vão, para ver o anticoncepcional, tem lugar que é de seis em seis meses, então não custa elas ir lá receber, mas elas acham que a gente tem obrigação de ajudar pobre na rua e vou levando minha vida.

I: Quem gosta de futebol na sua família?

Fernanda: Todo mundo.

I: Como você se tornou botafoguense?

Fernanda: Sou do Ceará, preto e branco. Então já vim do preto e branco desde lá. Então aqui eu escolhi, namorei jogadores do Botafogo, morei perto do Marechal Hermes, alo do, esqueci o nome daquela porra lá, é... esqueci o nome do estádio que era aqui em Marechal, morava ali do lado, e me tornei botafoguense. Logo que cheguei no Rio arrumei um namorado que era Botafoguense, vascaíno e eu fui ser botafoguense, eu dizia que tinha que continuar no preto e branco, e tinha muita coisa para eu escolher, mas eu preferi o Botafogo, o nome que me soava a melhor era o Botafogo.

I: Como você tomou conhecimento da existência da torcida, da...?

Fernanda: Já tinha, já sabia há muito tempo, mas eu passei a frequentar mesmo, a me tornar fanática, que eu sou fanática, é, junto com... por causa do meu filho, meu filho só passou a frequentar depois dos 18 anos. Mas eu quando passei mal, tive ele, bem dizer, dentro do Maracanã, era jogo do Botafogo e do Flamengo, eu passei mal dentro do banheiro. Aí daí já, sempre fui de gostar da torcida, antes não era torcida Fúria, eu era a torcida que era do Russão, era do cachorrão de Marechal Hermes, era do Russo, torcida do Russão, dep..., e sempre foi assim, mas antes eu frequentava normalmente o Botafogo, há pouco tempo para cá que eu sou da Fúria, mas não era, deve ter uns 3,2 anos que eu sou da Fúria, não fazia parte, não gostava, assim porque era menos gente, era formação, eu achava que não me envolvia e depois eu comecei a ir com meu filho, 1 vez, 2, depois fui até sozinha.

I: Você lembra do seu primeiro jogo como integrante oficial?

Fernanda: Porra cara, Flamengo, né? Flamengo e Botafogo, primeiro jogo que eu fui? Flamengo e Botafogo. E o jogo que mais sofri foi o Botafogo e Coritiba, era o Cori..., não era o verde, peráí, Botafogo e um daquela roupa verde, era... Juventude, foi no Maracanã, ali foi que eu sofri, aí eu chorei o estádio todo, enxugava minha água pura

para mim, toda ali. Ai dali eu já sabia que era botafoguense mesmo assim, fanática, mas ai eu me tornei, senti que era, como eu chorava naquele dia, que o empate era campeonato, demos empate, então eu passei a ver mais ali.

I: Você teve batismo na torcida? Você é membro oficial?

Fernanda: Não, eu nunca quis não.

I: Não?

Fernanda: Não.

I: Você sabe como é o batismo?

Fernanda: Não, nem gosto dessas coisas, não ligo. O Igor sabe, mas também nunca tive.

I: E as reuniões, como são?

Fernanda: Eu não sei te dizer das reuniões, porque quem vai normalmente é o Igor, que vai nas reuniões, que eles fazem eu não vou não. Já me convidaram das mulheres, daqui a Fúria girl, que é só de mulher, são quase 200 mulheres, mas eu nunca fui também. Eu gosto de ir é para o Maracanã, não me juntar com o foco da torcida porque o foco da torcida é briga, então eu não, a torcida briga, a torcida é briguenta, a torcida é encrenqueira, a torcida da fúria não é fácil, ela vem dentro do ônibus, vem roubando boné, a realidade eu vou dizer, que é isso mesmo, torcida organizada é torcida marginalizada, isso eu não nego para ninguém porque é. Eles brigam... naquele jogo, que terminou o jogo e nós viemos embora, nós viemos a pé, os garotos pegaram o boné do garoto, o igor estava perto de mim, dentro do ônibus e empurraram o garoto com o ônibus andando, de dentro do ônibus. Então eu te digo, tem gente na torcida que é boa, mas a maioria é bicho filha da puta. Eles estão junto eles acham que estão indo para fazer merda, então para mim não é torcida, então eu não tenho aquela coisa de me juntar na torcida, de ser foco de torcida. Vou, digo sou da Fúria, mas não fico na, no foco deles porque eu sei como é o foco, o foco não é fácil não. Não sou fanática, tipo assim, tenho meu fanatismo, normal, mas não aquele fanático, meu filho é fanático, meu filho, minha porta era pintada de preto e branco, foi eu que [?], minha porta lá de casa era preto e branco que meu filho pintou. Que eu quero saber de pintado de preto e branco o que!

I: Como é a composição da torcida em termos de idade?

Fernanda: Ah cara, na nossa torcida da Fúria tem de bebezinho no colo até velhinha. Teve um jogo que eu fui, tinha uma velhinha de 90 anos com a blusa da Fúria sentada lá na arquibancada junto da gente, cara 90 anos, né? Estava subindo com ela, então tem desde criança que vai, já vai com a camisa da Fúria, mesmo sabendo que tem medo, porque botou a blusa, se você botar a blusa normal de botafoguense normal, povão, que é como nós chamamos, não tem problema, agora desde a hora que você bota uma blusa que é de uma torcida organizada, acabou. Mas vai muita gente quando é jogo normal, já vi uma velinha de 90 anos vendo o jogo com a gente, sentada, ela não quis ir para a cadeira não, ela quis ficar sentada na arquibancada com a gente. Então, ai que é bom, saber que ali que é o point da turma.

I: Você já teve algum problema por estar com a blusa da Fúria?

Fernanda: Já! Há pouco tempo quase que eu apanho dos caras, desceu os cara do carro para me bater, porque são da Young, do Fluminense, e eu sou botafoguense, mas como eu estava com a blusa da Fúria, porque a, a , como é que ela chama? A organizada, a

torcida organizada ela é de briga, todas elas não tem uma que não seja, só não o povão, o povão é do Botafogo normal, Botafogo normal, Flamengo, né? Mas mesmo assim basta você estar com, basta o outro ser do Fluminense e você ser do Botafogo já tem briga, com certeza se encontra boa briga bonita. Os cara desceram e mandaram eu tirar, só que eu falei não vou tirar não. Eu ainda disse, ai meu irmão vem tirar, mas te digo uma coisa, meu pessoal é todo do Dendê da Ilha do Governador, então se vai tirar, vai vim encarar para morrer depois, eu ia morrer? De grátis? Não, botei eles para correr, boto os bucha para correr²⁰⁸. É o mais normal.

I: É, fala um pouco sobre as bandeiras da torcida...

Fernanda: Olha, lá tem várias emblemas da bandeira da gente. Tem a bandeira da Fúria, que é vários tipos, tem a bandeira da Fúria só da listra preto e branco, a bandeira nossa porque é, porque a bandeira não é só da bandeira da Fúria, a bandeira é os canis que tem, tipo, nossa bandeira é um tipo diferente da nossa, da turma da Fúria, que é do 4º canil, que é Marechal, Bento Ribeiro, é um cachorro maluco, cachorro doido e cada uma vem com o desenho do cachorro com alguma coisa diferente na mão, na cabeça, vem a camisa do cachorro, entendeu? É mais assim, mas as bandeiras normalmente são assim, tem a bandeira da Fúria, tem a bandeira do, é, do Garrincha. Tem um que é o maluco, agora está aparecendo outras bandeira, tem a do Túlio, tem o camisão também, que às vezes vem com a foto de alguém que eles colocam, é muito raro, mas as vezes eles homenageiam. E as bandeiras são muito grande, tem jogo que vai todas as bandeiras, tem jogo que não vai, tem jogo que só vai o bandeirão, não vai nenhuma outra. E vai, cheio de bandeira, tem sempre uma bandeira nova lá no pedaço. A mais jovem de agora foi a do Garrincha, foi a mais nova que saiu, mas já tinha outra, outro jogo agora, já tinha outra. Tinha uma tipo o Bob Marley, mas não é o Bobo Marley, que o Bob Marley é da torcida do Flamengo, não é da nossa, mas é parecida a bandeira, muito idêntica, o pessoal tava até reclamando.

I: E para você, qual é bandeira mais legal?

Fernanda: Ah cara, eu acho que a melhor ali, eu não gosto da bandeira, eu gosto do bandeirão, porque cobre a multidão. Eu não gosto daquela bandeira normal, gosto do bandeirão, acho que o bandeirão é tudo. E basta ter uma bandeira com o símbolo do Botafogo, que para mim é a mais legal, não adianta, para mim, Jesus Cristo, mas eu acho aquela ali ainda é a mais bonita.

I: E os símbolos, do Botafogo?

Fernanda: Tem o símbolo só do Botafogo, que é estrela, né? Mas de cada canil tem um símbolo diferente, agora o representante da Fúria é um triângulo, que é ética, atitude e respeito, né? Também é para a gente um símbolo, no símbolo da torcida a gente não se liga muito não, se liga mais no símbolo do canil.

I: Qual é o símbolo do seu canil?

Fernanda: O símbolo do canil da gente é um cachorro, é um cachorrão, mas é, perai {}, o Igor... (Bate na porta do banheiro que o Igor estava tomando banho: [Como é que é o símbolo da gente do cachorro? Calma ai, não para ouvir com esse som, caralho! É daqui, da Fúria... Da Fúria, do canil, aquele que é um cachorro, aquela foto que tem no

²⁰⁸ Depois da entrevista, ela cantou uma música do seu canil que faz referência a isso, botar os bucha para correr.

nosso canil, Igor, que é um cachorro... é só o cachorro mesmo? ah ta, o símbolo mesmo é um cachorro com a coleira, né? Ai eles botam o canil e tudo.]

I:Qual é o número do seu canil?

Fernanda: 4º canil. Quem responde isso de role é o Igor, rapidinho.

I: E as canções?

Fernanda: Ah, tem várias, da Beth Carvalho,essa nova agora. Da Beth, tem umas 2 que é tudo...

I: você podia cantar para mim as 3 que você mais gosta?

Fernanda: Ai cara, é foda. Eu gosto mais é do hino do Botafogo mesmo, porra (risos)

I: E outras 2?

Fernanda: Ah, eu gosto de, dos refrões, que tem muitas músicas que eles colocam os refrões mesmo, né? Tem uma que é muito bonita, que é da, é de uma oração, vocês ainda não viram cantar não? Gente é linda, o Igor...

I:Canta para mim um pedaço...

Fernanda: Eu não sei, eu não sei.

I: Não?

Fernanda: Sei do hino, sei daquela da Beth, mas assim para cantar mesmo, eu não...gosto muito não.

I:Nem falar a letra?

Fernanda: Caramba meu, agora tu me pegou, nessa hora tu me pega, assim me deu um branco.

I: Quais são os preparativos da torcida antes de ir para o jogo? Você sabe?

Fernanda: Cada canil tem uma forma diferente de se preparar para ir no jogo. No encontro do nosso canil, Marechal-Bento Ribeiro, vem gente de Belford Roxo, vem gente de vários lugares, de Bangu, do Valqueire. Ai a gente, os preparativos da gente é, nos meninos é o bonezinho, bonitinho, que as garotas tem a blusa da Fúria, normalmente tem umas meninas que vai de saia dependendo do dia do jogo e o encontro de torcida, que tem que ser um encontro muito bom, ai abre e a torcida fica ali um dando força para o outro, se tu não tem dinheiro eu te empresto, é, você quer meu boné, você quer não sei o que, e é assim, o torcedor de verdade ele sabe que ele vai até morrer porque está com a blusa da Fúria, mas ele vai. Então a gente tem esses preparativos todos. O orgulho é a gente saber que bota não só a blusa do Botafogo e saber que a gente tem, sendo de uma torcida organizada a gente pode gritar, brigar, porque muitas vezes os dirigentes mesmo não estão nem ai, se a torcida for lá e meter a porrada neles, eles na entendem não. Se a gente não for lá e dar uma de cachorro doido, ninguém segura. Não sabem o que querem, então a torcida tem que se organizar para isso. A Fúria nasceu justamente da, da, da separação assim, de estar quase acabando a torcida do Russão, que é do cachorrão então passou a ser a torcida da Fúria, que há 5, tem uns 5,6 anos que é da Fúria, né? Então a gente tem aquela preparação toda do encontro, e vem dentro do trem cantando muito, cantando mesmo, fazendo barulho, arruaça é normal, dentro do Maracanã o grito de guerra tem que ser muito grande de todo mundo junto e é assim, é a Fúria Mané!

I: E o que a torcida faz durante o jogo?

Fernanda: Canta, xinga, grita, bate palma. Normalmente a torcida da Fúria, ela dá muita força, ela por mais que o time esteja perdendo ela continua cantando, ela quer incentivar o time dela. Mas também se tiver que fazer o protesto, ela faz... o protesto

dela também...Igual da torcida do Russão né? Naquela época eu podia falar mais coisa, mas está extinta a torcida dele. Então não tem mais o que falar de torcida, sou muito nova dentro da Fúria, né? Se fosse antigamente da torcida do Russão não, ai era outra história, mas agora a torcida foi extinta já, e quase todo mundo foi para a Loucos, foi para a Botachopp, foi para a Vanguarda, foi para.. é, dividiu muito. Está recente, a filhinha mesmo é a Loucos, que é novinha, a filhinha é ela.

I: Mas então fala um pouco sobre sua vivência na torcida do Russão.

Fernanda: Ah, foi a melhor época, a gente era todo muito maluco dentro de Marechal Hermes, muito homem, tudo. A gente sabia que tinha jogo do Botafogo, que se você dissesse: olha, tu quer o carro ou quer ir para o jogo do Botafogo? Quero ir para o jogo do Botafogo, mas não tenho R\$1,00, nego dava, R\$1,00 ou o carro? Não R\$1,00 para ir para o jogo. Então a gente tinha aquela loucura de ir para o jogo, marcava churrasco antes, tinha churrasco, muita bebida dentro, no caminho, a turma tomando latinha de refrigerante, o que tivesse. E era muito churrasco na época do Russão era muito legal e ele era um cara que ele era muito brigão, ele brigava mesmo, se ele tivesse que mandar a mão por causa, por causa da torcida dele, era uma das maiores torcidas era de Marechal Hermes, era do Russão. Ele está vivo, disseram que ele tinha morrido, mas não, ele está vivo e ainda é nosso ponto forte ainda é, saber que ele está ai, foi ele que, começou com ele, a torcida toda começou com ele. Mas era, acho que não tinha coisa melhor que dia de jogo, eu ia de 9 meses para dentro do maracanã, com barrigão na boca. Eu ia com barrigão porque estava com a torcida a gente se encontrava, não precisava estar nem junto, no dia saia todo mundo junto. A gente colocava a blusa do Botafogo não tinha aquela, não era uma torcida organizada, não tinha aquela bandeira na blusa da gente, era só saber que era do Russão, Botafogo, que era ele que comandava. Então a gente tinha aquele orgulho de saber que era da torcida do Russão. Ainda hoje existe muita gente, eu estou na Fúria, mas meu coração é Russão, não tem para onde correr não. Gosto, to na Fúria, gosto, se tiver que ir para a pancada, vou, mas ai digo uma coisa, se tiver que escolher: oh, vai voltar a turma do Russão, a preferência vai ser voltar, eu voltaria. Era mais amável, era tudo mais amigo, era todo mundo mais meigo. Hoje em dia são, se tu não tiver dinheiro, a Fúria paga para você, mas na torcida do Russão não tinha briga, não tinha essa guerra que tem hoje, a gente voltava todo mundo numa boa, não tinha essa divisão que tem dentro, porque hoje em dia existe, dentro do Maracanã você vê, de um lado é a torcida não sei o que, não tinha isso, a gente não tinha uma rixa, briga...hoje tem, eles brigam entre eles mesmos não tem nada a ver, na nossa época não tinha isso não. Na época do Russão a gente tinha muita tranquilidade, ninguém tinha, levava cachorro, assim simbolozinho de cachorro, levava cachorro até branco, não te importava o que que era. É, tinha empolgação, de boné, de { } a gente fazia miséria, muito bom.

I: Fala mais um pouco sobre essas rixas que você falou que existem entre as torcidas, que você falou, atualmente.

Fernanda: Ah, eu acho muito errado, sabia? Eu digo porque meu filho vive dentro dessa torcida e passar um cara do Botafogo e o outro for vascaíno bateu só porque o cara está com a blusa do Botafogo, a torcida da Fúria já vai meter a pancada, e são pancada de ter morte, já teve morte dentro da Fúria, já é, acho que já vai para o quarto morto dentro da Fúria já. As brigas são muito feias e a Fúria agora é inimiguíssima do pessoal do Fluminense, antes era só do pessoal do, do, da Jovem do Flamengo, mas agora ela também arranjou, tem mais inimigo. Então, dia de jogo eu já chorei muito,

porque seu que meu filho vai entrar na briga. Já parou um ônibus só ele e mais um rapaz para parar a torcida do Flamengo para a pancadaria comer. Basta estar com a blusa da Fúria, parece que ela chama para a briga. E também com a Young, eles já entraram queimaram a sede da Young, também da torcida do Fluminense, mas é uma torcida que anda armada, com revólver, então eles já entram para bater, então, quem eles encontrar vão bater, vão dar porrada, vão dar tiro, eles vão fazer miserê. Eles não tem esse negócio de ter respeito, se é mulher ou se é homem não, se tiver que bater, eles batem. Crianças, rouba, basta ser, basta tu estar com a blusa do Botafogo e alguém da Young te encontrar, ou do próprio Fluminense, que se eles tiver a fim de briga eles manda tu tirar a blusa, eu já vi menina tirar e ficar só de soutien. É uma rixa muito grande, eu realmente, eu vou, mas quando é jogo Fluminense ou Flamengo eu não vou com a blusa da Fúria porque eu sei que vou apanhar. Eles te batem até, se você cair no chão, tem um lema, se você ficar caída no chão, você, eles vão bicar tua cara. O ponto forte de cair no chão é bicar tua cara. E eles também na torcida, essa rixa deles, eles tem esse negócio de tomar a bandeira da outra torcida, que é para mostrar que eles são vitoriosos. Então eles queimam a bandeira que eles tomaram de você para todo mundo ver, eles roubam tuas camisas para mostrar que têm poder, é isso. É onde, eu não acho legal não. Eu não acho, gosto de saber que tem a torcida organizada, mas deles não se respeitar e só vestirem a camisa não para torcer pelo time, vai para fazer merda. A torcida organizada normalmente só aprontam, só tem briga, eles não vão lá para o Maracanã, para nenhum lugar para torcer, eles vão para brigar, que é eu digo, eu boto hoje a blusa da Fúria não porque eu queira: “ah ela botou porque é fanática”. Não! Eu sou fanática pelo Botafogo, da Fúria é porque meu filho vai e eu sei que meu filho vai brigar. Eu digo quem meu medo é do meu filho morrer, porque sei que meu filho vai brigar e vai morrer um dia, nessa torcida ele vai, porque ele quer briga. Ele não vai estar com o intuito de ir para o jogo, porque quem gosta do botafogo vai até com uma blusa normal, como eu já fui muitas vezes. Mas como eu sei que ele está ali na Fúria, eu já vou com aquela camisa, porque eu sei que qualquer briga eu vou ver, eu sei, já vi, estou presenciando. Eu te digo, gosto da torcida organizada, mas ela está muito violenta, muito marginalizada, já. E não é os outros que fala não, ela mesmo procura ser marginalizada, já. Ah, porque os outros falam, os outros fala não, eu convivo com a turma e sei que são assim, é muito triste, vocês têm que presenciar eles brigando. É muito feia as brigas, começa com um daqui a pouco está todo mundo brigando, com um pau na mão, cabeça quebrada no chão, nego sendo pisado, nego chutado a cara, nego morto, como você vê ai... **(I.T.: Você já presenciou?)**. Já, eu já presenciei, a gente estava vindo acho que era de Volta Redonda e teve um tiroteio e eu não estava dentro do ônibus da torcida, eu estava fora, e o cara esfaqueou o cara, tranquilamente assim, desceu do carro e numa briga de torcida e esfaqueou o rapaz assim na maior. (Igor bate na porta) Entra, oi.

I: Mas conta de novo como foi... vocês estavam voltando de Volta Redonda...

Fernanda: Não, a gente tava, tinha sido jogo do Botafogo em Volta Redonda, ai estava voltando a turma todinha, só que eu vinha de carro, de carona, com uns colega meu. Ai veio a turma do ônibus de torcida organizada, as torcidas toda junta, organizada e deu choque que se encontraram com a torcida do Flamengo que estava vindo de outro lugar. E ali, já desceram para a pancadaria, daí desceram a turma do ônibus e do outro para a pancadaria, desceu um cara e esfaqueou o outro, o torcedor do Botafogo. Só que todo mundo vendo ele esfaquear o cara, só que ninguém podia fazer nada e é assim, eles vivem assim, nessa rixa. E nisso eles tem, basta eles se encontrarem, até com a própria polícia, a polícia tem que ter força para segurar eles, porque eles começam a brigar, eles

caem dentro e a polícia mesmo não segura eles, quando eles querem brigar. Então eu digo, o ruim das torcidas organizadas é que elas não têm respeito por nada, se tiver que bater e matar, eles vão fazer, sem pensar muito. No do Méier eu não estava, meu filho estava, meu filho tem as imagens, ele filmou quando o quando o colega dele vai subindo, e quando os caras dão o tiro, o colega dele cai. A sorte dele é que o cara caiu para a direita e jogou a bomba e ele caiu assim, senão o Igor também ia levar tiro ali. Os cara estão ali de cima, burrice, se você está aqui embaixo você vai subir, quem está lá em cima tem visão para te ver a matar, você não tem a visão deles aqui. Então, ele foi um, que meu filho já presenciou muitas mortes, gente cara a cara, a paulada, que ele mesmo eu digo, eu digo, eu, meu filho é de torcida organizada, brigão, para mim é marginal, eu falo isso para ele, você é um marginal. Se você está em uma torcida organizada e quer bater, é marginal. Eu acho que o verdadeiro torcedor do Botafogo, ele não vai lá para bater, ele vai para torcer pelo time Botafogo e a torcida tem mania de dizer, eu já tenho 18 anos posso morrer pelo Botafogo, ai já morrer pelo Botafogo, ele está morrendo de otário que ele é. Dentro do orkut do meu filho é o que mais tem os amigos dele, eu tenho 18 anos e já posso morrer pelo... Não é morrer pelo Botafogo, ele não está morrendo, está morrendo pela porra da torcida que não vai fazer, nem comprar uma vela para o enterro dele, que eles não vão. Já cansei de ir em enterro de gente do Botafogo, que eles não vão.

I: Por que? Como assim?

Fernanda: Porque tem torcedor que é fanático, que morre e que eles nem vão no enterro, vai um, dois gato pingado e olhe lá. Mas na hora da briga quer que todo mundo esteja brigando, ai eu digo, o verdadeiro torcedor é aquele que vai e não precisa estar com a blusa do seu time, bota a blusa dele, acha que torcedor que se preza é que vai com a blusa da Fúria, não é assim. Eu vou com a blusa da Fúria, estou agora na Fúria por causa dom meu filho, mas eu normalmente eu ia com a blusa do Botafogo, listradinha, preta e branca, que para mim, se tiver uma bandeira lá, 500 bandeiras você vê lá lá pretinha, bandeirinha com listra preta, branca, com símbolo da estrela, é mais bonita é que eu vou. Fora isso, eu () eu não gosto de torcida organizada, já vi muita morte, já presenciei muita coisa com torcida organizada. Do Vasco mesmo, todos eles, é muito triste, é triste você ver o choque de torcida, espero que vocês não vejam o choque de torcida, é muito triste, eu fui uma que a pouco tempo estava, e a torcida do Vasco que é amiga da torcida do Botafogo se stressando, eu comecei a gritar socorro, a chorar, a polícia fica olhando e não faz nada. Quando a polícia chega é pára dar paulada na cara de todo mundo, ai não quer saber quem é quem, vai todo mundo apanhar, até quem não estava no meio. Então é muito feio, é choque, porque a torcida, ela aparece a gente não sabe de onde, como é que aquelas pragas, de repente aparecem de algum lugar e a porrada estanca, ai é chato, ai é feio.

I: E o que a torcida faz depois do jogo?

Fernanda: Ah, a torcida depois do jogo, se tiver, se for jogo de torcida, Flamengo e Botafogo, Vasco e Botafogo, de briga, o que perde, sai primeiro, né? Eles faz lá, ou sai primeiro, ou sai depois, normalmente, quem perdeu, vai sair primeiro e eles ficam esperando para quando sair, a porrada estancar, né? Eles ficam lá nas ruas fazendo tocaia para quando a torcida sair, para pegar, ai é onde é as brigas, ou 2 horas antes ou depois do jogo, 1 ou 2 horas antes do jogo o pau come, mas o normal é depois do jogo, ai e eles ficam naquela briga feia mesmo, o tempo todo, xingando de um lado para o outro com as músicas que têm também, é isso que eles fazem mesmo. Depois do jogo é

brigar para apanhar, ou correr para ir para casa, ou correr para apanhar. Ou correr da polícia, é? Porque a polícia também bate que é uma desgraça, eu já apanhei da polícia, levei-lhe umas pauladas nas costas que sai catando cavaco até não querer mais. E eu nem estava no bolo. Já vi gente que é preso sem estar no bolo, só porque correu, se tu correu com medo, vai preso, e ele está achando que tu está roubando ou matando. Se tu ficar o bico pega, se tu correr tu apanha, então está tudo fudido. Eu já passei por isso, já apanhei muito, caralho, puta que pariu, apanhar sem, apanhar sem precisar. Nego tira sua roupa, tem hora que é engraçado, tem hora até que engraçado, é uma experiência que tu ria.

I: E você, já viajou com a torcida?

Fernanda: Não, eu ia viajar, mas ai foi quando minha mãe faleceu, mas ai eu não fui. Quem viaja muito é o meu filho, meu filho, para ele, tudo é viajar com a torcida. Deixa o trabalho, mata o trabalho, inventa, até me enterra para ir para viajar. As viagens são muito pela união das outras torcidas, tem que ter união com o Botafogo, então, e lá tem o Corinthians, que é união, então quando eles vão lá, a torcida do Palmeiras quer bater, mas a torcida do Corinthians entra no meio e não deixa, então tem união de torcida.

I: E você sabe mais ou menos como são essas viagens, dele falar?

Fernanda: Eles, depende, a próprio presidente da Fúria paga para eles, a Kombi é R\$15,00, tem os ingressos, fora as mutretagens que eles aprontam dentro dos estádios, entra de graça, sem pagar. Eles fizeram isso, no jogo do, do Botafogo e Palmeiras. Eles tinham que entrar com lata de leite Ninho, Neston, essas coisas e o biscoito, era biscoito. Ai os cara que recebe deixa assim na portinha, eles mesmo pegava, comia tudo, entraram sem pagar, receberam ingresso sem pagar, porque era torcida convidada, eles foram convidados, o Botafogo tinha a torcida convidada, então, no final, eles ficaram tudo numa boa. O presidente que organiza tudo, mutreteiro igual os da turma também. Tudo é mutreta. Meu amor, vai perguntando ai enquanto eu vou me arrumando aqui.

I: É, e como é a relação da torcida com a diretoria do clube?

Fernanda: Maravilhosa! A diretoria deles... Ah desculpa (porque eu cheguei o gravador para perto dela, porque se afastou).

I: Não, pode continuar falando.

Fernanda: A diretoria deles é maravilhosa com a torcida, fecham em tudo, tudo eles fecham legal.

I: E com os jogadores?

Fernanda: Também. Os jogadores é o que mais sofre, junto com a torcida e sem ser com a torcida, é mais com a diretoria, porque normalmente as vezes, tem coisas que a torcida não pode estar junto, e a diretoria, tem que ser, a diretoria vai estar. Muitas vezes, com a, o que a, os jogadores sofrem com a torcida da-lhe uma porrada com uma faixa, com qualquer coisa, ai eles se mancam que está pegando. Que a torcida é aquela, ou joga dinheiro, ou grita vários nomes, e é assim que eles vão fazendo. A torcida da Fúria vira as costas, mas ela não faz isso não, ela não faz isso, ela canta o máximo, ela, se o jogador tiver mal, ela começa a cantar para incentivar, mesmo que depois eles vão cobrar de algum jeito, mas enquanto estão ali, eles estão mostrando que estão dando força, depois eles cobram.

I: Como a torcida participa da vida do clube?

Fernanda: Ah, nas festas, churrascos, que tem no clube, nas contratações dos jogadores, de tudo isso, eles estão sempre, a torcida está sempre junto sabendo. A torcida é sempre informada de tudo que acontece, tudo, se vai entrar os jogadores, falar dos jogador, tudo a torcida está, se bem que a torcida tem que fazer a parte dela também. A torcida está ali para cobrar, para ajudar, não é? Então tem que fazer parte.

I: E a torcida recebe algum tipo de apoio do clube?

Fernanda: O custo de ingresso mais barato. **(I.T.: Só?)** É, as viagens também... As viagens, as festas, tudo é....

I: Você sabe como que é arrecadada a verba para comprar os materiais da torcida?

Fernanda: Normalmente eles faz isso com as festas, com as vendas de camisa, vendas de boné, venda de jaqueta, tudo da torcida organizada. Da Fúria é venda de boné, é venda de jaqueta, camisa, calção, calça comprida.

I: E como que é a relação da torcida com a mídia?

Fernanda: Da Fúria, é péssima. Da Fúria, é péssima porque a Globo é muito contra a torcida da Fúria, a Fúria é assim, a Golbo, normalmente ela não transmite o jogo do Botafogo. Então ela tem, a torcida é muito inimiga dela, a torcida está até esculachando ela lá. Então com a Globo eles não tem muito, com quase, com a mídia nenhuma. Eles não tem muito carinho com a mídia não, porque a mídia não tem com eles, respeito com eles, por que a, porque a torcida organizada, porque a mídia acha que a torcida organizada, acha que ela é bandida. E eu, como sou de torcida organizada, agora digo que a mídia que é bandida. A mídia do mesmo jeito que ela via te levantar, ela vai te botar lá embaixo, então se um é bandido, é bandido por bandido, bandido tratando com bandido. Então é a mídia com a gente. A mídia pode falar mal da gente, por que é que a gente não pode falar mal da mídia? Não, é porque a mídia pode te derrubar e te levantar entendeu? Então, é bandido com bandido. A mídia não gosta da torcida organizada, mas todo time tem torcida organizada. E assim, o erro da, da mídia, é que ela, o Maracanã, quando está vazio, mas se tiver 15 gato pingado junto, ela mostra 15 vezes aquele mesmo alvo, como se fosse cheio, e a gente sabe que é mentira. A gente sabe que é mentira, então a mídia quer sacanagem, ela é safada mesmo. Então a gente não tem mesmo, a gente da Fúria, ninguém tem carinho com a mídia não, tem muita raiva e desprezo com a mídia.

I: E como é a relação de vocês com as outras organizadas do Botafogo? Com a T.J.B., com a Loucos pelo Botafogo...

Fernanda: Legal, legal, cada qual na sua, tem suas festas, convidam, vão, participa a Loucos, o hino que a gente canta agora, a música que é o hino, né? É, era da Loucos, mas fez mais sucesso com a turma da Fúria, então é isso aí. E as torcidas, tem, são grandes, a torcida, a bateria da torcida é maravilhosa, a da Fúria é boa, mas a da, da T.J.B. é a melhor, que é da Portela, que é com eles, então é melhor. E tem mais, a Fúria agora que cresceu, mas quando tem jogo no Botafogo, acho que a multidão, o povão é mais, mas o pessoal da T.J.B. ainda é o dobro. Apesar que a Fúria diz que não é, mas é, daí, eu digo porque eu vejo isso, quando tem jogo lá que a gente vê a turma da T.J.B., vê a turma da Fúria, apesar que a Fúria agora ocupa muito espaço lá dentro, a Fúria gora está chegando com vontade. E é isso aí.

I: E a relação com as torcidas aliadas, você sabe como é?

Fernanda: É legal também.

I: Aqui no Rio?

Fernanda: Aqui no Rio? Quase não tem muitas aliadas do coisa, só o Vasco, a única aliada daqui com, com o Botafogo, é a do Vasco, que a torcida é legal. Porque tropeça, mas volta tudo numa boa,

I: E em geral, no Brasil? Com as outras torcidas?

Fernanda: A torcida que fecha com o Botafogo é tudo bem, viajam, dão churrasco, dão festa, pega a gente nas quadras, dentro da casa deles, são ótimos.

I: E como é o comportamento da torcida quando o time joga contra uma torcida aliada, dessas?

Fernanda: Não entendi tua pergunta.

I: Como é o comportamento da torcida quando o jogo é contra uma torcida aliada? Tipo Botafogo e Vasco...

Fernanda: Não, é legal, eles não brigam, eles xingam nas músicas, e manda vai tomar, não sei o que, depois que termina o jogo todo mundo se abraça. Eles têm um refrão, que eles fala assim, “ao, ao, ao, você é meu irmão”, quando vão encontrando um com o outro e eles xingam muito a torcida do Vasco e a torcida do Vasco baixa a cabeça para Fúria, mas junta para a gargalhada, porque são unidas cara. Não adianta ter briga, eles não entra em choque. Agora foi para a torcida organizada é para ter porrada mesmo.

I: Além da sua torcida, qual a outra que você mais admira?

Fernanda: A do Vasco. Eu admiro a do Vasco.

I: Qual é a torcida mais odiada por vocês?

Fernanda: É a Young, da, do Fluminense e a Jovem, do, do Flamengo. As duas mais odiadas e lá de fora, quase tudo. (risos)

I: E como é a relação com essas torcidas rivais? Como acontece?

Fernanda: A relação, não tem relação. Se tu é rival, não tem relação, tem pancada, porrada, morte, o diabo a quatro. A relação é lá no inferno e outro lá na cruz. Acabou, não tem relação com eles. É assim, se é do mesmo bairro, vamos supor, a turma vem lá de Marechal, chama todo mundo do mesmo bairro, então a gente não briga, xinga um ao outro, mas não briga. Ri um da cara do outro, mas se for gente do lugar que tu não conhece, aí tem pancada. Agora às vezes se encontra a torcida do Botafogo, da Fúria com a do Flamengo, a gente cai na gargalhada, sacaneia, xinga, mas não briga. Agora se for de outro bairro, aí, pediu para a porrada. Tem que passar a distância para não ter pancadaria.

I: E tem interferência de galera funk nessas brigas?

Fernanda: Não, uma que eles não gostam muito não, eles não deixam não. A Fúria não quer muito o pessoal envolvido, a Fúria o pessoal, eles estão descobrindo quem é que anda assaltando, a turma da Fúria que está querendo roubar boné dentro do ônibus, que está roubando os outros. Os chefes de torcida não querem isso, não, sabe? Eles não deixam não. Até tem, um monte de funkeirinho vagabundo, [“Funcheiro”] que quer entrar no meio, mas nego não quer deixar não. E eu acho que não é legal mesmo não.

I: E em relação com as comunidades rivais, tem alguma interferência?

Fernanda: Não, muito pouco isso ai tem, muito pouco. Normalmente nem tem tanto não. Eles não entra muito nessa, ah comunidade de tal lugar, a gente, a maioria todo mundo legal, ninguém se mete, ah porque a Fúria da comunidade de tal lugar, pode falar, fica tudo para lá. Pode não ficar perto da gente, mas também não quero papo com vocês, entendeu? Mas não tem choque não.

I: E como são as brigas?

Fernanda: De que. De torcida? **(I.T.:É, da torcida.)** Ah, são muito feias car. As brigas só na filmagem para tu ver. É aquilo que às vezes a televisão passa, é morte, é... as brigas, de pau mesmo, é pau, é chute, se tu cair, sabe que tua cara vai ser bicada. O importante é arrancar tua blusa e mostrar que tu é um troféu, que tiraram de você. E é isso, o choque de torcida é muito ruim, é tudo de ruim que tem.

I: Quando as brigas acontecem?

Fernanda: Ah, depois do jogo é normal a briga. Antes do jogo e depois do jogo. O normal é depois do jogo. É o encontro, marca pelo orkut, o encontro da briga, e depois que termina o jogo ou antes, mas normalmente é depois. É tudo marcado pelo orkut, isso já é certo. Antigamente não tinha orkut não, era bom que tu encontrava na rua e o pau comia. Agora não é mais assim não. Agora eles marcam para morrer, agora tem, marca, para ter a hora que vão morrer. Agora modificou, né?

I: Em que locais essas brigas acontecem com mais frequência?

Fernanda: Ao redor do Maracanã, nos bairros, nas ruas mais próximas do Maracanã, no estádio, onde tiver o estádio, ali vai ser a briga.

I: E quem briga?

Fernanda: Normalmente são os torcedores rivais.

I: Tem algum integrante da torcida que não briga na torcida?

Fernanda: Tem, que quer briga não, não gosta não. O torcedor, torcedor limpo não quer briga não, a gente grita e chora. Eu sou uma, não me envolvo nas brigas, eu só e choro. Choro, chamo a polícia, peço socorro, mas não me envolvo nas brigas não. Eu estou, digo, estou ali na torcida organizada, por causa do meu filho, para saber onde ele está, ver a turma dele, não porque faço parte., Eu sou botafoguense, só.

I: Qual foi a pior briga que você presenciou?

Fernanda: Ah caramba, eu presenciei uma de longe com a torcida da Fúria com o Flamengo, com a jovem do Flamengo, a pancada era pau, era pedra, era vidro quebrado, era a polícia arrebentar com a cara de todo mundo. Ali tu não sabe quem está apanhando e quem está brigando, porque ali no meio tem as 2 torcidas e a polícia dando de porrada, de cacetete, spray de pimenta, o capeta a quatro...carro te atropelando... então essa dai foi um choque feio.

I: Quando você entrou na torcida como eram as brigas?

Fernanda: Ah sempre foram assim, essas brigas, sempre foram de, de choque mesmo, de pau, de pedra, de xingar, de querer bater, querer bater não, eles batem mesmo. O lema ali é bater.

I: Como que a torcida é tratada pela polícia?

Fernanda: (risos) Com porrada, muita cacetada, pomba de asa, porque assim, o ponto de encontro da torcida a polícia fica esperando para não deixar brigar, porque tem ponto de briga. A polícia vai muito assim, para não deixar brigar, entendeu? Mas na hora que está brigando a polícia tem que bater para não ter morte lá, porque senão lá eles vão brigar até morrer.

I: E pelo GEPE?

Fernanda: Pelo pessoal do GEPE?

I: É.

Fernanda: Não tem tanta briga não, a gente não tem muita rivalidade com eles não.

I: O que você acha dos policiais do GEPE?

Fernanda: Ah, eu ia falar um palavrão, porque não gosto deles não. Eles na praia deles e eu na minha. Nada contra eles, desde que eles estejam no espaço deles, no mundo deles. Não se meta comigo que eu não gosto, eles lá... Quando é um rap que é legal, ainda vai lá, mas quando os caras que só é para falar de droga. Então eu não gosto.

I: Você sabe como funciona o JECRIM?

Fernanda.: Não.

I: o que você acha dos esquemas de seguranças adotados hoje nos estádios?

Fernanda: Eu acho, que tem hora que é legal, mas tem hora que é uma vergonha. A polícia mais bate, mais esculacha... tem lugar que a gente é bem recebido, tem outros que ninguém é bem recebido. É, depende de lugar para lugar. Não tem muito essa, essa, vamos dizer, os que estão muito, eu estou aqui no Rio, vou para São Paulo, então a escolta que vai, vai esperar a gente lá entrando em São Paulo, eles te tratam bem. Mas se tiver uma briga, em São Paulo é assim, eles deixam você se matar. Eles ficam olhando e deixam as torcidas se matarem. Então não somos bem recebidos em lugar nenhum por eles, a gente não é bem recebido em lugar nenhum por eles. Somos bem recebidos pela torcida que vai esperar a gente que é a polícia, é a polícia não, é a torcida que fecha com a gente. Os outros times que [?]. O jogo que teve em São Paulo, a polícia deixou a porrada comer, os caras quebrar o ônibus da torcida do Botafogo todinho e a polícia ficou olhando, ficavam rindo. Ai a torcida se envoca e começa a fazer “eh, eh, eh, a praia de paulista é o rio Tietê”. Ai a guerra começou. Que eles falam que o Rio é melhor, e é mesmo, não tem para onde correr.

I: O que que você acha do projeto que existe em São Paulo para cadastrar os torcedores dos estádios, dos torcedores organizados?

Fernanda: Aqui já tem. O Rio tem, a Fúria tem. Que é a carteirinha que eles dão, mas não gostam muito não. O pessoal não se liga, os associados, né? Vamos dizer que são os associados, que tem carteira assim. Eu acho que é legal, seria muito bom, em todos os lugares ter todo mundo cadastrado, que ai você via os marginais, tirava, tirava as vagabundas e os marginais que estão ali.

I: O cadastro feito pela polícia?

Fernanda: Pela polícia, o que já tem em São Paulo. Aqui no Rio eles estão querendo fazer, quero mais que faça, vai ser bom.

I: Se você fosse comandante da PM e quisesse acabar com as brigas, o que você faria?

Fernanda: Cara, eu teria diálogo. É o que eu sempre falo, ia ter diálogo direto, reuniões com eles direto. Aproveitava o dia de jogo, ai eu mandava a cacetada para falar tudo que eu quisesse para eles. Porque eles tem que abrir a cabeça porque é muita briga. Só pular, acho que se um dia você fizesse uma entrevista dessa para a polícia, que estão acostumados a lidar com eles, eles vão dizer que é um horror que é. É um horror, é a pior coisa que tem é o choque deles porque, a polícia já tenta conversar, entendeu? Tem reuniões... Mas não conscientizou essa galera ainda não.

I: Você sabe como são essas reuniões com a polícia?

Fernanda: Pelo que eu já vi eles falar, são reuniões tranquilas, não tem muito caosada, não tem nada não. É mais para falar, mostrar as pessoas, as vezes eles mostram as fotos dos que estão caídos, morto, do que que já aconteceu em outras torcidas. Mas o pessoal não liga muito não, sabe? Não, a torcida não leva muito a sério não. Tem as reuniões tem, mas eles não vão, não querem nem saber. Eu acho que tinha que ter uma multa, tudo é o dinheiro, na hora que tiver uma multa, ai eles vão saber que, mexeu no bolso, eles vão tomar vergonha.

I: Como assim uma multa?

Fernanda: Supondo, você está brigando, brigou, ficou brigando, tem que pagar tanto, vai preso, tem que pagar tanto. Deixa o cara conscientizado, porque, vamos dizer que um brasileiro normal, só se conscientiza quando mexe no bolso dele. Mexeu no bolso dele, ai eles toma vergonha. Eu digo, eu que sou mãe, se tivesse uma multa, talvez meu filho não vivesse brigando.

I: E como você concilia as atividades da torcida com as atividades quotidianas, trabalho?

Fernanda: Ah, cara, no dia do jogo, eu pago até outra para ficar no meu luar, porque eu quero ir para o jogo. Então no dia do jogo ai, manobra perfeita.

I: E a sua família? Como vê essa sua paixão?

Fernanda: É só eu e meu filho, só eu e meu filho. Meu filho tem uma paixão, o pai dele, o pai dele é contra, revoltado [?].

I: Que sacrifício você já fez para acompanhar sua torcida ou continua tendo?

Fernanda: Eu já fiz muito, até hoje. Largo tudo para ir atrás dela, meu filho está ali. E eu quero ver como está as coisas, né? Até hoje eu faço sacrifícios. E, é, não é nem sacrifício, é um prazer, posso dizer assim. Já faltei trabalho, já cheguei atrasada na metade do jogo, já corri, já chorei, já xinguei.

I: E, qual é papel de uma torcida organizada na sua opinião?

Fernanda: Incentivar o time, o papel da torcida é incentivar o time, apesar que a maioria vão para brigar, mas a gente tem que incentivar o time, é, levantar a moral dos jogadores, é jogar o time para frente. É ser o, o jogador, como é que fala? Ser o 12^a

jogador ali, tem que estar ali com eles tudinho. Fazer parte do jogador da direita, do meio, ser o goleiro, você tem que ser sempre um a mais ali.

I: Como que você vê sua torcida hoje?

Fernanda: Cara, tem dia que eu gosto deles, mas tem dia que eu não gosto não. Tem dia que eu acho eles legal, mas tem dia que eu não gosto não. Eu gosto deles quando eles estão de bem, vão brincando, mas na hora que eles vêm arranjando confusão eu não gosto não. Eles arranjam confusão, tem que ter alguma coisa para eles estarem brigando, ai eu já não gosto. Só de estar indo para o jogo, a gritaria, a polícia joga o spray de pimenta, ai a gente ri, ah ta bom.

I: Além do futebol, a torcida possui outras atividades?

Fernanda: Ah, a maioria dos garotos vão, vão... A maioria tem outras atividades, surfistas, pagodeiros, a maioria ai tem uma atividade, gosta de um esporte, a maioria, mais da maioria.

I: o que significa para você ser torcedora do Botafogo?

Fernanda: Porra cara, significa para mim uma bandeira, aquela bandeira que eu escolhi para carregar. Então essa bandeira eu tenho que mostrar que estou com ela. Não é da torcida organizada, já falei que eu sou torcedora do Botafogo. É atitude, é isso que eu acho, ser torcedora do Botafogo para mim é ter atitude, é ter respeito, é a dignidade, é saber que estou ali sendo mais um jogador. É um hobby meu e ali não, ali vou com a bandeira pelo time que eu gosto, já falei que sou um torcedor, espectador, jogador, sou tudo. Sou tudo, então, eu vejo assim.

I: E ser membro da torcida organizada?

Fernanda: Cara, é legal. É o que te falei o ruim é as brigas, mas fora isso, tudo é legal, as festas, que vai acontecer, os eventos, tudo é legal.

I: Qual conselho você daria para uma pessoa que quer ingressar hoje em uma torcida?

Fernanda: Olha, ir sem pensar que vai para a briga, entendeu? Deixa eu ir no banheiro...

I: O conselho que você daria, é só esse que você falou?

Ir de coração aberto, não se misturar na hora das brigas, porque o torcedor está ali para torcer para seu time, não para achar que tem que fazer da guerra dos garotos, depois termina.

I: Você gostaria de complementar alguma coisa?

Fernanda: Convidar vocês para fazer parte da Fúria. (risos)

I: Obrigada Fernanda pela entrevista, você está me ajudando muito, tá.

Fernanda.: Ah, não ajudei mais, porque tem muita coisa que eu não sei, ai também não vou falar uma coisa que não...Tu pegou teus R\$20,00 não?

ELPB001 20081206

Entrevistado: Dênis

I: Então, Dênis, queria que você se apresentasse primeiro, e falasse seu nome, sua idade, onde você mora...

Dênis: Bom: meu nome é Dênis, tenho 31 anos e moro em Niterói, Rio de Janeiro.

I: Fala pra mim um pouco da história da sua família; o que eles fazem, de onde você veio...

Dênis: Bom; eu sou natural daqui de Niterói mesmo, meu pai é comerciante, a minha mãe é do lar, e....é isso...

I: Quem é que gosta de futebol na sua família?

Dênis: Família, vamos dizer assim: meu pai gosta, mas num é tão fanático quanto eu, eu tenho um irmão que mora em São Paulo que gosta, mas somos afastados...Assim; dentro da minha família eu sou o que mais gosta, com certeza.

I: E como você se tornou botafoguense? Seu pai é Botafogo?

Dênis: Não, meu pai é flamenguista.

I: E por que você se tornou Botafogo?

Dênis: Eu me tornei Botafogo...eu consigo me lembrar mais ou menos a data...foi mais ou menos em 88/89...foi até uma época em que o Botafogo não ganhava nada, tava 21 anos sem título, eu sempre tive uma simpatia muito grande pelo Botafogo. E tinha um senhor que trabalhava num (?) que fazia obra, o nome dele era “ Tião Macalé”; ele é um botafoguense doente. Um dia escondido do meu pai pra ver um jogo do Botafogo no Caio Martins, foi Botafogo e Portuguesa de São Paulo, e se eu num me engano, o Botafogo ganhou de 5x0 e a partir daquele dia em diante eu adotei o Botafogo como time e hoje é mais que um time: é uma religião.

I: E como que você tomou conhecimento da torcida? Você já foi anterior a Loucos? Como é que foi esse processo?

Dênis: Bom; a primeira torcida que tinha uma representatividade na época em que eu me tornei botafoguense era a Torcida Jovem do Botafogo- mais conhecida como TJB- e era a única que tinha realmente uma representatividade e a representividade dela era muito grande na época. Era a maior torcida. Tinha outras torcidas, mas nenhuma era comparada a ela e eu comecei a frequentar a TJB, comecei a ir em jogos com ela, eu tive uma época em que morei em São Paulo, depois voltei. Em São Paulo eu conheci até outras torcidas, mas aqui na TJB foi onde eu criei raiz, aqui em Niterói eu conheci muita gente, ia viajar, ia a jogos com a TJB. Fiquei um bom tempo...Não era assim aquela pessoa participativa dentro da torcida, mas todos os jogos que eu ia, tava sempre com eles. Nunca ia num estádio e ficava num setor popular, sempre ficava com a torcida do Botafogo. Foi o primeiro contato que eu tive com torcida organizada foi com torcida jovem do Botafogo.

I: E que outras torcidas de São Paulo você já participou?

Dênis: Em São Paulo, eu tive muito contato com a Mancha Verde, até porque eu morava bem perto do Palestra Itália, então tive contato com pessoas que eram presidente...o diretor de patrimônio morava no mesmo prédio que eu, então acabei indo

a alguns jogos do Palmeiras, cheguei até a viajar em alguns jogos com a mancha verde..e são características assim bem diferentes: a torcida de São Paulo e do Rio de Janeiro, apesar de ter a violência como ponto comum e o descaso, é bem diferente. Eu me recorde, acho que o ódio lá parece ser maior do que aqui, entendeu? Lá em São Paulo se você é um officeboy e vai trabalhar e encontra na rua um cara com camisa de torcida, é capaz de os caras brigarem na rua em plena segunda-feira. Aqui no Rio já num tem tanto isso: os caras brigam em dias de jogos, matam, se matam, mas em São Paulo existe uma rixa muito grande que vai todos os dias da semana.

I: Você como membro da TJB, você participava dessas brigas, nesses encontros já participou de algum evento assim?

Dênis: Eu participei de duas brigas, porque na verdade eu nunca fui contrario a esse tipo de coisa, nunca fui uma pessoa violenta, mas uma vez eu indo pra um Flamengo x Botafogo, a torcida Jovem do Flamengo preparou uma armadilha pra gente ali na Leopoldina, pararam o ônibus e todo mundo teve que descer...e num sei de onde surgiu tanto Flamenguista na minha vida...do outro lado a gente teve que correr muito naquele dia. Na verdade, era só a TJB, que era o esquadrão Niterói-São Gonçalo e tinham uns três esquadrões da torcida do Flamengo. A gente teve que correr muito naquele dia...correr muito, muito, muito naquele dia...

I: E como você se tornou torcedor agora da Loucos?

Dênis: Bom; eu comecei a tomar conhecimento da ideologia da Loucos pela internet, né. E no próprio Estádio eu comecei a ver aquele movimento, apesar de já estar afastado de qualquer movimento de torcida- até porque conceito de torcida organizada hoje já não me apraz- e comecei a tomar conhecimento da ideologia...Eu sempre fui um admirador dessas torcidas argentinas, sabe... Da forma como eles torcem, daquela ideologia de apoiar o time o tempo todo, e quando eu tomei conhecimento da Loucos que tinha uma ideologia muito parecida, eu comecei a me aproximar. Mesmo sozinho, indo aos jogos ali no setor amarelo do maracanã comecei a acompanhar...mesmo porque foi me chegando..foi me chegando... Aí comecei a conhecer as pessoas daqui de Niterói; tenho a Loucos com muito carinho porque tem uma ideologia que num presa a violência, não prioriza briga nenhuma, é uma torcida que vem se tornando bem participativa até na vida política do Botafogo, conseguiu uma representatividade de uma forma diferenciada, não através da violência, e vem crescendo a cada dia apesar de não ter um apoio popular, porque é um movimento que não prega a propaganda ao movimento, e sim ao Botafogo..

I: Como assim? Que tipo de participação que vocês conseguiram na diretoria?

Dênis: Não... eu num digo nem diretoria, mas a Loucos ela tem uma postura de ser muito participativa. Num digo pra você que ela vai ter voz ativa com a diretoria do Botafogo, mas ela é uma torcida muito presente. E alguns membros, pessoas que a frente da estão a frente do movimento são sócios do clube, então conseguem ter uma representatividade maior. Então isso vem sendo reconhecido. Até pelo apoio mesmo. O pessoal do Botafogo tá passando por uma situação muito difícil; o pessoal da Loucos nunca abandonou o time, continua lá pintando o muro do Engenhão. Essa questão da pintura do muro foi até um marco, até pela questão da representatividade da Loucos com a instituição Botafogo, porque começaram a reconhecer: - Poxa, tão pintando o muro por conta própria! Foi uma atitude que nem a própria diretoria do Botafogo tomou... Muito pelo contrário: Às vezes o Botafogo deixa o Engenhão às moscas.

Então, isso começou a ganhar muitos elogios por parte dos populares, da torcida em si e a própria diretoria acabou pressionada por aceitar a participação dessa torcida. A própria imprensa começou a divulgar a pintura do muro. A pintura do muro foi que deu assim... um crédito muito grande pra torcida na minha opinião.

I: E vocês tem batismo? Tem assim algum processo de institucionalização?

Dênis: Não. A loucos pelo Botafogo, quero deixar bem claro que não é uma torcida organizada. Não existe batismo. Não existe carteirinha. Não existe nenhum tipo de ritual, que a gente conhece que tem em outras torcidas. *Loucos pelo Botafogo*, bastava você chegar, se juntar no Estádio, pra participar, fazer amizade, porque o único objetivo é apoiar o Botafogo. Ninguém tá ali por conta da Loucos pelo Botafogo. Aliás, esse nome é até errado. O certo seria *Os loucos pelo Botafogo*, porque esse movimento só existe porque existem pessoas que são loucos pelo Botafogo mesmo.

E... você falou de torcida organizada: como que você vê a Fúria e a TJB que tá voltando agora?

Dênis: É; a TJB ela assim: nunca deixou de existir, né. Acredito que você tenha pesquisado como é que tá um pouquinho essa divisão, mas...eu vejo a Fúria como qualquer outra torcida organizada. A Fúria como torcida organizada, ela tem umas peculiaridades que, assim, me incomodam de uma forma muito grande. A questão da idolatria pela própria torcida, sabe...eu acho isso um absurdo. Ninguém é Fúria: todo mundo é Botafogo. Eu num consigo entender como é que isso funciona. Porque até na minha época de TJB, pelo menos as pessoas com quem eu convivia sempre priorizavam o Botafogo, tá!? Hoje eu vejo isso em todas as torcidas; ela prioriza a própria torcida, a violência, o próprio dinheiro em si, através de venda, de produtos, de filiação... A gente num pode deixar de julgar que o dinheiro é importante; precisa pra manter uma torcida, né? Torcida é muito importante pro time. Quando o time vai jogar em Porto Alegre, quem é que vai, né?! É a torcida organizada, né? Faça chuva ou faça sol. Se o time vai jogar fora do país, a torcida organizada mobiliza alguns membros pra ir. Então, a torcida organizada é muito importante. Só que a torcida organizada, os valores dela é que são totalmente deturpados, né?

I: Entendi. E ...me conta um pouco da História da sua torcida. Como que iniciou, quando...

Dênis: A Loucos pelo Botafogo, talvez eu num seja a pessoa mais correta pra te dizer isso, mas foi um grupo de pessoas que se juntaram, já se conheciam- o movimento começou na zona sul- tem pessoas que vieram da TJB, um membro que era inclusive de uma torcida chamada *Copafogo*. Então eles foram se juntando e começou a surgir essa ideologia e essas pessoas se juntaram e começaram a agregar outras pessoas em volta dela, com objetivo de criar novas músicas... Mas assim; foi um movimento que nasceu- pela História que eu pesquisei- foi um movimento que nasceu de uma forma natural e gradativa, acho que foi uma coisa até mais casual do que pensar que isso vai acontecer, entendeu?

Não se coloca como integrante participativo

Pistas: uso da terceira pessoa do plural

Se retira do esquema do conhecimento

I: E qual a diferença que você vê entre vocês e por exemplo uma torcida organizada: a Fúria, na questão desses rituais? Por exemplo; músicas, faixas que vocês usam...

Dênis: Porque assim; vou falar de música. Música, qualquer um pode chegar que fez uma música legal, você vai apresentar pra banda, né? Pras pessoas que lidam com música na torcida, e a música vai ser puxada no Estádio, né? E ela pode pegar ou não. Num sei se você sabe, mas o *Ninguém cala*, por exemplo, é uma música que foi cantada, cantada, cantada no início e todo mundo achou ridícula; era musica de “Nerd”. O *Fogo olê, olê*, todo mundo fazia chacota que era musica de cemitério. Parecia marcha fúnebre. Hoje em dia a torcida do Botafogo adora, se tornou “hit”. Entendeu? Então a música ela surge do nada: de repente o cara vai lá e puxa uma música que surge da cabeça dele e de repente, ela vira hit da torcida. Então, essa coisa de música é muito natural; às vezes o cara ta em casa fazendo, e de repente surge no próprio Estádio mesmo. O cara gostou: “Não, caramba, legal!” Aí sempre tem uma pessoa que puxa os gritos e tal e se essas pessoas quiserem que a música pegue, vai pegar pela própria insistência.

I: E como que vocês se organizam?

Dênis: Aqui em Niterói a gente tenta organizar as pessoas através da internet, quando tem os jogos, aluga-se uma van ou um micro ônibus e vai todo mundo pro estádio junto.

I: Mas em questão de material: quem carrega, quem faz música, quem puxa?

Dênis: Na verdade a parte de musica é com o pessoal da banda, tem um email; se você quiser mandar uma letra de música, tem um email pra você mandar a letra. Questão de material: o pessoal do Rio, eles guardam o material, se num me engano na garagem da casa de alguém, tem uma Kombi que eles alugam todo jogo. Aqui em Niterói nos temos também algumas bandeiras, que eu acho que... quase sempre num leva. Leva mais quando é um jogo de porte maior, mais importante, que são os trapos que nós chamamos, né? São bandeiras que a gente num escreve nada de *Loucos pelo Botafogo*; são só escudos ou frases, declarando amor pelo Botafogo: mais nada.

Traços de não institucionalização: trapos, não fazem uso de representações da própria torcida.

Espontaneidade

OBS: o fato de a Loucos pelo Botafogo se construir com um caráter espontâneo, do tipo, não nos organizamos, não temos faixas, usamos o nosso corpo para torcer... apontam para traços contrários a uma institucionalização, porém, simultaneamente, este grupo vem construindo laços institucionais com o clube: a utilização de uma sala no Engenhão, a participação em reuniões de diretoria, a ocupação do espaço do clube como citado no capítulo 2. Tais características podem ocorrer uma vez que muitos de seus integrantes possuem outros laços com o clube, como a filiação como sócio ou a participação em esportes como atleta do clube. Percebemos a transformação do capital econômico em capital simbólico por esses torcedores. Daí a importância de manutenção desses traços de não institucionalização, em uma estratégia de diferenciação das torcidas organizadas, que, segundo o entrevistado estão mais interessadas em dinheiro e não ao amor ao clube. Até mesmo esse amor pode ser analisado como uma forma espontânea, já que sem outros interesses. Tudo isso está revestido de como deve se comportar um torcedor, quais devem ser os ideais de torcer, quais são as atitudes a serem tomadas.

I: Vocês fazem algum tipo de reuniões?

Dênis: Assim; eventualmente, aqui em Niterói a gente num tem feito reunião, mas até pouco tempo, o pessoal do Núcleo marcou uma reunião, teve uma reunião; eventualmente tem reuniões sim.

I: E o que vocês fazem nessas reuniões?

Dênis: As reuniões tratam de assuntos especificamente em relação à organização da torcida, como é que vai dar uma estrutura pra que a gente possa arrecadar dinheiro de uma forma mais profissional com mais credibilidade com as pessoas... Por mais que seja um movimento, estamos fazendo bandeira- precisa de dinheiro- é dinheiro de transporte, estamos fazendo viagem, é dinheiro, entendeu!? Então, tem que fazer reunião, até porque na hora de meter a mão pra ajudar ou organizar, pouca gente aparece ou quase ninguém fica. Então, eventualmente tem reuniões, num é uma coisa que acontece muito não. O movimento, às vezes até pela falta de quorum, as pessoas tem que tomar decisões assim... de uma forma unilateral, porque num tem muita gente participante...

Pistas: ao contrário das torcidas organizadas, o “movimento” retira dinheiro do próprio bolso para manutenção da torcida, nesse sentido de afastamento de uma lógica mais institucionalizada.

I: E como que é a arrecadação de dinheiro? De onde vocês arrecadam? São vocês mesmos?

Dênis: É contribuição dos próprios membros. Você contribui, contribui todo mês com o que você pode, às vezes pra fazer bandeiras, chegamos a fazer rifa esse ano. Fizemos rifa pra pintura do muro do Engenhão: rifa de camisetas que o próprio Botafogo cedeu pra gente, por exemplo, com uma numeração diferente que num vende em loja de futebol. Basicamente: rifa e... Voluntário mesmo.

I: E quais tipos de comunicação que vocês usam?

Dênis: É basicamente pela internet.

I: Vocês tem site?

Dênis: Temos um site que funciona mais como um fórum do que site em si.

Pistas: não é site porque é fórum, fórum na internet é bate-papo, ou seja, regime colaborativo

I: Qual é o site?

Dênis: É... www.loucospelobotafogo.com.br

I: Vocês tem sede?

Dênis: Não.

I: E como é a composição da torcida em termos de idade e de gênero?

Dênis: Olha, a maioria gira entre.... na verdade, acho que tá bem misturado. A gente vai encontrar pessoas de 17, jovens de 25, 26, 30. A gente tem, por exemplo, o Serjão que é uma pessoa participativa, que é já um senhor, de cabeça branca, careca, com barba branca; então é bem mesclado.

I: Vocês tem algum tipo de divisão interna? Por exemplo, a fúria se divide em canis de acordo com a localização...

Dênis: Não. O que nós temos mesmo é questão de região mesmo. Aqui é Niterói/ São Gonçalo, tem “Loucos” em Petrópolis, tem “Loucos” até em outros estados, entendeu? Mas num tem um nome como esquadrão, canil, família; são os “Loucos” de tal lugar, entendeu? A gente evita criar esses nomes pra num criar essa similaridade com a torcida organizada. A gente tenta fugir disso o tempo todo.

Pistas: verbos de afastamento: evita, fugir

O objetivo é claramente delimitado, a diferenciação das torcidas organizadas.

I: E me fala um pouco sobre símbolos: vocês usam símbolos?

Dênis: Nenhum tipo de símbolo.

I: Vocês usam o símbolo do Botafogo...

Dênis: O nosso único símbolo é o escudo do Botafogo.

I: E como que são os preparativos antes do jogo?

Dênis: Antes num tem nenhum ritual: pega, se reúne, a gente toma uma cerveja... pega a van e vai pro jogo. Chega antes pra poder ajudar a carregar material, a colocar as caixas, mas num tem nenhum tipo de preparativo, de encontro específico pra algo, entendeu? É uma festa mesmo o tempo todo.

Pistas: uso dos verbos na primeira pessoa do plural “nós”: deslizamento do que ocorre quando responde sobre a administração e organização da torcida, que usa pronomes da terceira pessoa, sem se incluir. Aqui ele já se inclui como partícipe do processo, porém, o ponto da conversa já é outra temática, é a participação nas arquibancadas. O entrevistado insiste ainda que não há nenhum ritual, com o objetivo de afastamento das práticas de torcidas organizadas.

I: E o que vocês fazem durante o jogo?

Dênis: Canta.

I: E depois?

Dênis: Continua cantando.

I: E vocês viajam?

Dênis: Sim, a torcida viaja. Sempre que é possível a torcida viaja.

I: Como vocês viajam?

Dênis: Alugam um ônibus, dependendo da localidade, cobram um valor “X” ou um valor “Y”, e vamos pro jogo...

I: Como é quando vocês chegam em outra cidade?

Dênis: Geralmente a gente já chega perto do jogo, se chegar antes e der tempo, faz um tour pela cidade pra conhecer, entendeu? Vai curtir um pouquinho... Geralmente quando você vai prum jogo em outra cidade, se for um jogo em que a torcida do outro time é uma torcida simpática, eles recebem a nossa torcida... se é um jogo em que, por exemplo, o time adversário é hostil ao Botafogo, a gente tem que estar muito mais

preocupado, porque ali eles num vão estar olhando se ali tá a TJB, a Fúria, se ta um torcedor do Botafogo que num se mete em briga, porque pra eles, botafoguense é tudo igual e tem que tomar muito cuidado com isso.

Se coloca em igualdade com a torcida organizada, ao fazer uso das práticas de relação e amizade entre as organizadas, uma vez que tais agrupamentos constroem essas relações de recepção das torcidas amigas, como é também o caso das hinchadas argentinas analisadas por Maria Verônica (colocar citação) O reconhecimento das diferenças só é possível para alguém com uma visão interior, já que pra “pra eles, botafoguense é tudo igual”, ou seja, botafoguense só não é igual para quem verdadeiramente os conhecem, os próprios botafoguenses. Disputa por capital simbólico no interior do grupo botafoguense, já que para os de fora, são todos iguais.

Pistas: uso da terceira pessoa do plural, se afasta deles e eles de nós

I: Já aconteceu algum caso assim?

Dênis: Comigo particularmente não.

I: E aqui no Rio?

Dênis: Comigo também não. E com a Loucos também não. Até porque, não existe camisa da Loucos pelo Botafogo: nós vamos pro jogo com a camisa do Botafogo, entendeu? Quando é jogo contra o Flamengo, se bobear, a gente nem vai com a camisa do Botafogo. O único jogo que a gente tem um cuidado maior, vai com a camisa só durante o jogo, se vai, e depois tira pra voltar pra casa. Com outras torcidas, se você num tá com camisa de torcida, você se torna um popular e num tem tanto problema em relação a isso.

Aqui o torcedor já se alinha como um popular, para evitar problemas com as organizadas. Os símbolos, tão presentes e orgulhosamente representados nas torcidas organizadas, aqui é rejeitado em prol de não arrumar confusão, brigas.

I: Qual a torcida que você acha que tem a pior relação?

Dênis: A do Flamengo. Não existe relação nenhuma.

I: É... e como é a relação da torcida com a diretoria?

Dênis: Olha...a gente tá num momento de transição, com uma nova diretoria...a Loucos pelo Botafogo, ela tem o objetivo de apoiar sempre, mas também fiscalizando o espaço da diretoria. É como eu já falei: é uma torcida que tem por objetivo ser representativa, ver se a diretoria num gasta de uma forma errônea. A última diretoria, por exemplo, o relacionamento com o Bebeto tava bem desgastado. Já com essa nova diretoria, a gente tem que esperar pra ver quais são as novas atitudes que ela vai tomar. A Loucos ela nunca vai tomar uma postura contra o Botafogo. É o Botafogo sempre em primeiro lugar. Se a diretoria tomar uma atitude pelo bem do clube, a Loucos vai estar sempre apoiando. Se a diretoria tomar uma atitude que a gente enxergue que é danosa ao clube, nós vamos protestar.

Participação na diretoria

I: Mas como vocês fazem essa fiscalização? Você tem acesso ao clube?

Dênis: Algumas pessoas tem, até por ser sócio, entendeu? Tem acesso ao clube, vão aos treinos... Hoje em dia o acesso à informação é muito tranquilo, entendeu? E você vê casos que num precisa ter acesso à diretoria: contratação de jogador que você sabe que aquele jogador num vai render nada ao clube, contratado por uma fortuna. Às vezes você vê jogador que chegou com custo baixo no time que é jogador de empresário, que empresário que praticamente obrigou por dívida pessoal de diretoria com alguns empresários, né? Entre algumas negociações escusas, o cara ta lá no Botafogo por conta disso. Então, a gente fica de olho nesse tipo de coisa.

I: Qual é a posição de vocês em relação a essa nova diretoria? Vocês apoiaram ou

...

Dênis: Na verdade, essa nova diretoria a gente tem que esperar um pouquinho, né? O Mauricio Assunção é um cara de bem, um cara trabalhador. A gente num pode julgar antes do cara começar a trabalhar, né? Na verdade o mandato dele ainda num entrou, começa agora em Janeiro, se num me engano: é esperar e torcer por ele. Porque a gente num pode começar a criticar sem o cara ter feito nada de errado; estamos de olho.

I: E a relação com os jogadores?

Dênis: É, eu queria deixar bem claro: Loucos pelo Botafogo, nós temos nossos ídolos, mas a gente num idolatra jogador que ta vestindo a camisa do Botafogo. Nossa idolatria é com o clube; jogadores, eles tem que entrar em campo e fazer o papel deles. Tanto que num sei se você percebeu, mas a Loucos num faz isso. Por que? Porque tão ali pra passar o tempo, ou pra conseguir uma ponte pra Europa, o que eu num deixo de tirar a razão deles, porque todo mundo quer ganhar bem... Só que o jogador é passageiro e o clube é eterno. Então a gente num idolatra jogador. Nós temos nossos ídolos do passado que representaram e representam o Botafogo até hoje. Ídolos mesmo do passado que fizeram por onde ter direito a ter suas figuras estampadas em bandeira, em camisa, e que vão passar de geração em geração e serão lembrados. Os jogadores de hoje, a gente vê que dificilmente vai surgir jogadores com essa postura.

I: E quais são os ídolos que você falou do passado?

Dênis: O Botafogo talvez seja o time mais rico em matéria de ídolos: tem Nilton Santos, Garrincha, Didi, Zagallo, Amarildo, Mendonça, Maurício, Túlio Maravilha... São vários, daria pra ficar umas três horas falando pra você de ídolos que representaram o Botafogo. Heleno de Freitas, tem alguns que num são jogadores, mas que são muito queridos pela torcida como João Saldanha, um dos maiores jornalistas da crônica esportiva, entre outros...

I: E como é a relação de vocês com as outras torcidas do time?

Dênis: Uma relação de amizade, assim... De respeito. A Fúria, por exemplo, tenho uma relação de muito respeito com ela, a gente procura num entrar em nenhum tipo de atrito. A gente com a TJB tem uma relação também tranquila, apesar deles até pouco tempo atrás terem um atrito com a Loucos, porque nessa fase do campeonato, o Botafogo perdendo e a Loucos continuava cantando e eles ficaram meio irritados com isso, mas é uma postura de respeito. Inclusive, tivemos um churrasco há pouco tempo atrás, pessoal da Botachopp estava presente, né? O pessoal da Fúria, num vi nenhuma representatividade lá, mas foram convidados também. O pessoal da torcida jovem do Botafogo... Então é uma relação de respeito.

I: E como que você concilia suas atividades na torcida com as do cotidiano?

Dênis: Talvez esse seja o grande desafio, né? Porque você tem que abrir mão de algumas coisas. E pra ir a jogos, você precisa de dinheiro, precisa de tempo, você tem que abrir mão de pessoas queridas em prol do clube, entendeu?! É uma vida difícil de conciliar, principalmente no meu caso, que sou casado, recém-casado, cada um com suas dificuldades, né? Um moleque de 17 anos, de repente num tem esse problema, de repente tem problema de dinheiro, mas, mesmo sem tempo a gente acaba indo...

I: O que você já foi capaz de fazer por amor ao Botafogo?

Dênis: Eu acho que eu posso citar esse ano... eu casei esse ano, né? E durante minha lua-de-mel, eu larguei minha esposa pra ir num Botafogo x Vasco no Maracanã...depois voltei!

I: Pra você, qual é o papel de uma torcida organizada?

Dênis: O papel de uma torcida organizada é incentivar o clube, ter representatividade no Estádio, porque torcida ganha jogo... Então, a torcida tem que estar presente no Estádio, e a Loucos está sempre apoiando, independente do placar que esteja marcando...

Se alinha como uma torcida, já que, quando pergunto sobre torcida organizada, ele insere a Loucos nessa resposta.

I: Como você vê sua torcida hoje?

Dênis: Hoje eu vejo a Loucos com orgulho, porque se a torcida num vem crescendo em números, a ideologia vem crescendo. Vem atraindo novas pessoas e quem fica são pessoas que trazem uma qualidade a essa torcida, que agregam bastante. Semana passada foi a nossa festa de final de ano. Num tava lotada, mas percebi que ali você via jovens cantando que nem malucos, mas também pais levando seus filhos, criança tomando refrigerante, comendo sua carne, jogando sinuca, totó; então essa mistura e essa questão da ideologia que vem fazer com que a torcida cresça.

I: Qual é a bandeira que você mais gosta? Tem alguma?

Dênis: Eu gosto muito aqui do nosso trapo daqui Niterói, que são os 3 escudos, que o Botafogo só teve 3 escudos em toda a História: um com o remo, outro que era Botafogo Futebol Clube no início e depois Botafogo Futebol e Regatas. Eu gosto muito dessa bandeira que a gente tem aqui.

I: E das músicas, você pode falar duas pra mim?

Dênis: Duas músicas... Eu gosto muito da “Fogo, olê, olê, olê”, que é uma música que ela dá um levante no time assim no refrão dela, né? Mas o que eu mais gosto de cantar no Estádio é o hino do Botafogo.

I: Mas canta um pedaço pra mim da “ Fogo, olê, olê, olê”...

Dênis: Não vou cantar não. Tenho vergonha...

I: Pra você, o que significa ser torcedor do Botafogo?

Dênis: Ser torcedor do Botafogo... tem uma frase que inclusive eu coloco no meu orkut, que diz assim: Na verdade você num vira torcedor do Botafogo, né? O Botafogo é que escolhe você. O Botafogo é mais do que um time pra gente, é uma religião mesmo. Ser Botafogo num é fácil não.

I: E o que significa ser torcedor da Loucos?

Dênis: Ser adepto de uma ideologia geralmente de paixão. Quando a gente diz que ama o clube e ama aquela instituição, que você tem que dar apoio a ela incondicionalmente, você traz aquela instituição pruma coisa muito próxima sua... De família; acaba fazendo parte do seu cotidiano como todas as outras coisas. Então essa questão do que significa ser torcedor da Loucos é isso. Conseguir expressar esse amor da forma mais pura possível.

I: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Dênis: Não, acho que se eu num fui claro em alguma coisa você pode ficar à vontade.

I: Não, então muito obrigada.

Dênis: Obrigado a você.

I: Então Adão, fale um pouco sobre sua família, de onde você é, o que você faz...

Adão: Eu sou estudante, de Barra do Piraí, é... fui para São Paulo cedo, morei sete anos em São Paulo, depois morei dois anos em Petrópolis, depois vim para Niterói, né? Estado do Rio de Janeiro, né? Rio de Janeiro.. E quem gosta... E eu to aí até hoje, né?

I: Eu sou de Volta Redonda

Adão: Volta Redonda? É, pertinho de Barra.

I: Quem que gosta de futebol na sua família?

Adão: Era meu pai, falecido, me fez, fez eu botafoguense, eu e meu irmão... Minha mãe é aquela pessoa que não... é Botafogo e não, porque eu e meu irmão somos botafoguense e meu pai também era botafoguense, é isso, todo mundo gosta de futebol em casa. Eu e meu irmão adoramos futebol.

I: E como você tomou conhecimento da torcida?

Adão: A Loucos pelo Botafogo eu tomei conhecimento a partir de um jogo, eu tava, tipo sentado na cadeira amarela, na arquibancada amarela do Maracanã, aí chegou um dia, eu tava junto com um amigo meu, que entrou junto comigo no movimento da Loucos. É... a gente tava um belo dia tava o pessoal lá cantando, vibrando pra caramba e tal e tipo, pô, a música é maneira, né? O pessoal é tranqüilo, tava pulando, cantando, incentivando o time, que era um jogo que o Botafogo tava perdendo de três a dois pelo Santos, quarenta minutos do segundo tempo eles estavam cantando que nem um conjunto assim, a torcida...

Pausa para falar com o porteiro

I: Então: como que você tomou conhecimento da torcida?

Adão: Bom..tava eu e um amigo meu que entrou junto comigo. Sentados na torcida, torcida normal, comum: todo mundo era torcedor. Tava sentado, daqui a pouco, quarenta minutos do segundo tempo, Botafogo e Santos no campeonato Brasileiro, Botafogo tava perdendo de 3x2. A única torcida que tava cantando era a Loucos Pelo Botafogo, estava quieta. Aí eu, olhando e chegou um amigo meu: - Vâmo lá cantar, que num-sei-o-que! Aquele apoio incondicional, que é o da Loucos pelo Botafogo. A gente cantando, todo mundo olhando a gente cantar, né, a Loucos era pequenininha. Aí tamos lá cantando, pulando....Daqui a pouco, 3x3! Aos 45 minutos do segundo tempo: o jogo foi aos 48. E no finalzinho teve um gol de falta no ângulo! 4x3 Botafogo: aí todo mundo: aeeeeee, aeeeeee, num sei o que: me apaixonei pela torcida! Aí o pessoal falando que era tipo barras bravas argentino, só que num tem nada a ver com briga. 90 minutos sem parar de cantar...só que a diferença pra aqui pro Brasil é a seguinte: eles brigam. Só que eles tem aquele negócio de cantar os 90 minutos; coisa que aqui no Brasil num tem. Torcida barra brava é torcida que vai em apoio ao time. E hoje em dia, a Loucos mudou a característica de muitas torcidas: teve aquele *Ninguém cala*, e teve música do Flamengo, teve do Vasco e todos conhecem, e começou essa onda. Que até o pessoal tava falando: “torcida de modinha”. Tem nada a ver torcida de modinha: isso tá até transformando, que o pessoal tá começando a cantar músicas de incentivo, que é o apoio incondicional que a loucos tem. Coisa que as outras tem um apoio, mas é um estilo diferente de torcer que é o de torcida organizada, que já vem de muitos anos. Num cabe aqui falar das torcidas organizadas, que é só da Loucos que eu participo. Como aqui de Niterói, num é que eu seja o líder. Eu sou...eu acompanho, eu sou o mais velho junto com um amigo meu. Quando a gente começou, o pessoal vai se espelhando em mim. Na

Loucos num tem um presidente, um líder. Um cara pode chegar pra mim e dizer pra fazer uma coisa e “Não, vamos sim, pô.” Presidente, um líder é: “Eu falei e pronto”. O cara que ta na frente assim, ele ta aberto aos outros falarem pra ele. Chegou um cara novo e diz que é melhor daquele jeito? “Eu vou, claro.” O negócio de ter líder ou não é “Ah, vamos marcar um micro ônibus.” é o cara mais efetivo, que tem agüentar os palavrões no ouvido...o líder é o cara que num quer dar ouvido pra nada; ele que manda. Hoje na Loucos tem comando, liderança, mas num é presidente. Muita gente fala que “Ah, presidente. Num tem nada a ver.” Loucos num tem presidente, como tem Fúria Jovem, é mais mesmo um comando de 7 ou 8 que mandam e tão ali vivendo a coisa todo dia...

I: E você lembra qual foi seu primeiro jogo como integrante oficial?

Adão: Foi campeonato Brasileiro... Primeiro jogo depois do jogo contra o Santos. Oficial assim... Porque todo jogo que você quiser ir na Loucos, vão ser bem recebidos. Pega intimidade com todo mundo e vai. Eu acho que foi um Botafogo x Corinthians, no Maracanã. Acho que foi até um 2x2.

I: Vocês tem algum tipo de batismo, algum ritual de iniciação?

Adão: Não. Nenhum ritual, que a gente abomina esses negócios. Por exemplo: pra viagem, é coisa até de escola, mas num é aquela coisa de torcida organizada que bate.. A gente chama e vamos dar o chamado molho, que é um tapinha na cabeça. Nada forte, é pra brincar mesmo.. num é a toa que tem criança, e as crianças adoram. Criança, quando tem criança a gente num bate em criança, nem em mulher... é só adulto, homem. E mesmo assim, se o cara falar: - Num quero, ninguém vai bater. Não existe esse negocio de bater: briga é fora do nosso conceito, da nossa ideologia. Sempre foi assim e sempre vai ser. Até o dia em que possa acontecer; se acontecer, eu estou fora.

I: Você já foi de alguma torcida?

Adão: Eu já fiquei um tempinho na Fúria. Fui em duas reuniõezinhas só. Não gostei do clima. Eu ia porque era a única. E eu gostava porque não tinha outro lugar pra ficar cantando, a Fúria canta mais grito de guerra e tal. Hoje em dia tá mudando por causa da Loucos, e quando a gente faz a música é pra torcida inteira do Botafogo cantar. Essa música linda agora, que fala de Garrincha, Didi, Nilton Santos.. Voltando ao assunto: eu fui em duas reuniões, num gostei muito do clima e tal...fui até uma vez; na Ilha do Governador. Nunca mais quis ir, porque é um perrengue, uma coisa horrível. Agora; também não abomino o pessoal que gosta. Acho briga palhaçada, porque esporte é briga. Existe uma diferença entre movimento popular e torcida organizada: cada um tem seu jeito de torcer e pra mim, as duas estão certas. Pra mim, o jeito de torcer da Loucos eu acho melhor; a gente pegou o melhor do Barra Brava e jogou pro movimento, estilo popular, aqui no Brasil. Tem outras: no Sul, que lá que começou, aquela geral do Gremio. Só eles pegaram a parte ruim da Barra Brava argentina e começaram a brigar, devido a integrantes da TJG que entram..sabe como é que é lá no Sul; rola racismos aquele negócio..então a gente pegou o melhor do estilo argentino e também do brasileiro, que a gente ta,bem toca um pouco de samba. Então pegamos o melhor de cada coisa, pra fazer o movimento aqui no Rio.

I: E me fala um pouco da torcida: quando começou, como começou, porque vocês começaram...

Adão: Olha, eu quando entrei, a Loucos acho que já tinha uns 2, 3 meses. Foi um grupo de 5 amigos que ficavam lá cantando e os velhinhos reclamavam “Abaixa aê, para de pular! Vocês são tudo Loucos!” É! A gente é Louco mesmo; por que não Loucos pelo Botafogo? Aí fizeram uma ideologia...eu estava quando já era umas 20, 25 pessoas...foi naquele jogo do Santos que começou a crescer um pouquinho. Foi uma luta pra reconhecerem, ainda falta muito para ser reconhecido. Porque tem gente que fala que a Loucos tem tretaria com a diretoria: nada a ver! A Loucos é sempre passando o chapeuzinho pra gente ir pros jogos. Teve jogo que a gente num pode ir porque num teve dinheiro. A gente precisava de 80 reais pra levar bateria e num tinha. E o pessoal achando que a diretoria favorecia. Já ofereceram? Já. Mas a Loucos num quis. Num era nada considerável não. E o Bebeto num queria ajudar torcida. Viagem é dinheiro do próprio bolso. Pra Fúria num sei, porque num tenho nada a ver com eles. E num tem nada a ver. A gente vai lá na diretoria cobrar, quando a diretoria faz corpo mole. Outra diferença que a gente pode dizer: a gente vai a jogo de juniors, vai a vôlei, basquete, vai apoiar basquete de juniors..tudo que seja Botafogo a gente vai pra apoiar. A gente vai no ginásio e lá a gente canta como no estádio. É o mesmo tratamento. Outra coisa. O comando fala: a gente é o clube inteiro. A instituição. Então aqui a gente num canta nome de jogadores. O comando a bateria num faz. Porque um dia eles tão beijando outro dia. Os caras tão ganhando dinheiro. Já são muito recompensados pra ganhar dinheiro. Eles num são Botafoguenses..é uma opinião minha e do pessoal da maioria.

I: E como vocês são organizados?

Adão: O movimento hoje tá uma bagunça, porque assim: o pessoal chega e: Ah, quer ajudar? – Pô, cara: você pode ajudar de várias maneiras. Você pode ajudar...como assim que você tá falando, que eu num entendi a sua pergunta..

I: Se vocês se dividem, se tem uma liderança única, ou se tem lideranças locais... divisão de tarefas mesmo...

Adão: No estádio é aquele comando que eu sempre falo pra você. Eles que levam tudo. Bateria, vão de van, tem o pessoal das bandeiras, 15 pessoas que vão balançar, mas num é qualquer um não. Que já teve caso de quererem sumir com a bandeira. Que antes tava pra gente, mas era tudo do nosso dinheiro, entendeu? Agora tem os líderes, tem o pessoal da bateria, tem o pessoal das bandeiras, tem o fogueteiro, que ele que compra todos os fogos, pisca-pisca, sinalizador..as coisas são divididas assim..Nós num temos carteirinha e...como posso dizer mais assim? E também tem o pessoal pra cantar, os puxadores ..eu mesmo gosto de puxar; tem eu mais um três. E aquele negócio de localidade. Como Loucos num é torcida organizada, num tem motivo pra isso. A gente tem só uma comunidade pra gente conversar, só isso. A gente pode fazer churrasco entre a gente. E também num temos uniformes; camisa é oficial, do clube. 90 % da gente ou é sócio torcedor, ou sócio proprietário.

I: Vocês fazem alguma reunião?

Adão: No início tinha, mas agora não. Agora tá tudo organizado, certinho, perfeito. Só se alguém morrer, se mudar por trabalho, aí a gente tem que ver. Mas só vão os 9 ou 1º que mais comandam pra se reunir e se organizar. Porque você sabe como é reunião: nunca dá nada. Agora, faz um churrasco. Cada um dá 10 reais, 15..aí vai aquela churrascada que dura o dia todo.como em 90 % das reuniões da Loucos acabam em noitada. Hoje é tudo tranqüilo, num é igual torcida organizada, com iniciação...é isso.

I: E como vocês se comunicam? Que tipo de comunicação vocês usam? Telefone..

Adão: Orkut, telefone, MSN, nextel...aí todo mundo acha. E o que deu no achado é o que ta resolvido. Mas eles se comunicam mesmo pelo telefone, assim...

I: Vocês tem sede, algum espaço físico onde guardam as coisas?

Adão: Não. Guarda na casa de um amigo. Até estamos querendo fundar uma sede. Falamos com a diretoria nova, que vai liberar uma sala dentro do Engenhão, pra todas as torcidas, uma sala com tudo bonitinho: sem custo. Porque a gente ta brigando por todas as torcidas do Botafogo. Porque todo material fica na garagem do prédio dum amigo no Rio... por isso que tem que ter sede, pra estender, limpar..temos 18 bandeirões, mas temos projeto de 30. Vamos fazer um estandarte, com a caricatura dos melhores do Botafogo de todos os tempos. Vamos botar no Engenhão. São 12 metros deitado e 6 metros em pé: um 25 jogadores; ta lá na comunidade o desenho já..sabe quem deu dinheiro? Doador anônimo! O cara é de Mato Grosso: doou 600 reais, se a gente fizesse o estandarte! Num tem outra: vamos fazer! Eu acho que vai ficar pronto no próximo jogo, Boa Vista e Botafogo, eu acho. Grande pra caramba! Nunca feito no Brasil um estandarte desse tamanho. Aqui no Rio, a Loucos é a primeira, como foi o primeiro movimento criado no Rio de Janeiro, começou em Fevereiro de 2006. Ta ficando bom, bonito..

I: E como é a composição da torcida? Tem mulher criança, jovens?

Adão: A maioria é jovem, homens, mas também mulheres..muita criança! As crianças adoram a Loucos! Os pais ficam seguros de levar porque sabem que num tem briga, num tem nada.. as crianças adoram! Mulher também adora ir! Porque sabem que é tranqüilo: jogam serpentina..adoram! tem é claro também as mulheres que ficam na Fúria também: num tem nada a ver! Isso aí ...mas muitas mulheres ficam na Loucos. Muitos senhores adoram a Loucos também! Aqueles que “Vejo Botafogo desde a época do Garrincha”... e o Russão falou “A partir de agora, só vejo jogo na Loucos! Vocês apóiam o jogo todo! Coisa que só eu fazia na minha época! Agora tô vendo vocês aqui e eu estou pasmo! Porque eu reclamava que ninguém cantava! Aqui eu num ia poder fazer nada. Vocês cantam o tempo todo! Até mais alto do que eu...”

I: Vocês usam algum símbolo?

Adão: Não, nada de oficial; no máximo a gente faz o 22, que é número de maluco, louco. Faz quem gosta, mas nado oficial, tem uma camisa do 22, só pra dizer que é louco, como se fosse um número qualquer...

I: E quais são os preparativos antes de ir pro jogo?

Adão: Arrumar bandeira, mexer na bateria, ver quem vai puxar, arrumar a bateria pra ficar tudo certinho...é isso; mandar bandeira pra costureira..é pouca coisa..

I: E no durante? O que vocês ficam fazendo?

Adão: Durante ficamos cantando, pulando, no intervalo a gente faz o “ show do intervalo”, fica ali embaixo, cantando pulando, e isso veio da Barra Brava, fica todo mundo no corredor..mas a polícia tá proibindo, nunca aconteceu nada...eles que querem que num tenha isso e acabou.

I: E depois do jogo? O que vocês fazem?

Adão: A maioria vai pra casa. A gente arruma as coisas, tem alguns também que vão pro bar beber, conversar..num é muito diferente de organizada não..depende também do dia do jogo, se for um sábado, vai pra noitada: depende..

I: E como são as viagens?

Adão: São muito tranquilas: só ir lá e botar o nome e pagar, vai quem quer, num tem nada de batismo...sempre tem os riscos, que são torcidas de outros Estados, é perigoso? É. Tanto que só vai com a gente maior de idade. Menor vai com pai, mãe ou tio. E ainda tem autorização: o pai vai e tem que dar uma autorização, assinada, tudo certinho na mão. Vai todo mundo certinho, na lei. A gente num faz algazarra: chega tranquilo, fica na frente do Estádio...viagem que eu já fiz é perrengue, porque jogo de muita apelação, tem pessoas que acham que você pode ser de organizada, pode vir pra brigar sem você saber porque, como já aconteceu em Minas; Galoucura achou que era Fúria, e os garotos, por pouco se safaram, conseguiram dizer que era Loucos, isso porque a policia chegou lá ainda pra tirar, se não...coitado do pessoal. Mas a gente vai agir;a gente é movimento, num vai provocar. Se xingarem, a gente num vai xingar. Agora, se os caras vierem pra cima brigar, a gente vai ter que defender, porque ninguém é trouxa de levar porrada! Ninguém! Então a gente vai se defender. Ninguém apanha a toa.

I: E como é em outra cidade? Vocês buscam contato?

Adão: Busca contato pra ter proteção...

I: Vocês ficam em sede?

Adão: Das vezes que eu fui a gente num ficou em sede não...tem jogo complicado, com torcida violenta, a Loucos foi e ficou na sede da Mancha, porque achando que a gente é Fúria...como a TJB faz união com a Mancha...depois a Mancha levou até dentro do Estádio.

I: E vocês entram em contato com policia, pede escolta?

Adão: Sim,sim, tem que ter, porque tem que ter uma escolta. Tem que mandar um alvará pra Polícia de São Paulo pra eles já esperarem a gente na estrada, pra dar escolta. Sem isso, nem os valentões iriam. Só de carro...mas nesses casos, tem que ter escolta. Até com escolta nego taca pega, imagina sem!

I: E como é a relação de vocês com a diretoria e com os jogadores?

Adão: Diretoria agora mudou, né. A antiga, começou bem, mas depois começou a...é complicado falar...pra torcida foi horrível. Bebeto de Freitas num deu incentivo. Ingressos caros, localidades ruim pra gente. E botava torcida adversária em lugar bom. Bebeto só fez cagada no final! E nossa relação era horrível! Porque o que a gente pedia os caras num acatavam...pra liberar pra gente pintar o muro, sem custo pra eles, olha que absurdo! Demoraram! Bebeto, pra ele torcida é pessoal sentado engravatadinho, que nem torcida européia. Agora, graças ás Deus ele saiu...porque o cara é um bom administrador, que ele é um cara chato, torcedor ta tudo errado! Tem pré-conceito do caramba! Mas depois descaralhou tudo..no final aí salários atrasados, tudo! Chegou a ficar 5 meses sem salários...agora na nova diretoria, pintaram general Severiano. Os caras emprestaram o rolo, lata de tinta..agora, na época de Bebeto, a gente que teve que comprar rolo, tudo. É isso. E também foi uma briga danada pra baixar ingresso. E o Bebeto também num deixou pintar por dentro...e num é a toa que tá no Atlético Mineiro, se dizendo tão Botafogo...diretoria é complicado. Os jogadores gostavam do

estilo da torcida. Principalmente o Castillo, acostumado com barra. Mas nada muito especial, não...

I: E a relação de vocês com outras torcidas do time?

Adão: Boa. No início tinha uma controvérsia com a Fúria, achando que a gente ia tomar espaço deles, mas nada a ver. Cada tipo de torcedor é um tipo. Isso já responde a pergunta, né..

I: E como você articula as atividades suas com as da torcida?

Adão: Hoje em dia é mais monitorar mesmo: ver se o pessoal num leva pra casa bandeirinha, puxar bateria...

I: E o que você já fez por amor ao Botafogo?

Adão: O que eu fiz? Em 95, Botafogo campeão brasileiro, eu andei o quarteirão da minha rua ajoelhado. E viajar também, porque é uma Loucura: fui pra Curitiba; 12 horas de viagem, micro ônibus lotado. E contra o Corinthians na Copa do Brasil, eu voltei deitado no ônibus, porque num tinha lugar...tá bom, né!

I: Pra você, qual papel de uma torcida organizada?

Adão: Papel? Apoiar o time incondicionalmente, sem brigas.

I: Como você vê a sua torcida hoje?

Adão: Eu vejo uma torcida mais organizada, e mais esperiente, equilibrada, com mais porte, né. E mais tendo o que quer, seguindo perfeitamente uma ideologia..

I: Vocês possuem outra atividade?

Adão: é parada mais carente, ajudar com sangue no Hemorio, doar brinquedo..

O restante da entrevista não ficou registrado no aparelho gravador devido a problemas técnicos. Porém, o restante da entrevista foi relatado em diário de campo. Faltam aproximadamente oito minutos de conversa.